

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**TITO SENA**

**OS RELATÓRIOS KINSEY, MASTERS & JOHNSON, HITE:  
AS SEXUALIDADES ESTATÍSTICAS EM UMA PERSPECTIVA DAS  
CIÊNCIAS HUMANAS.**

**Florianópolis**

**2007**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**

## **TESE DE DOUTORADO**

**Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite:  
As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas.**

Tese de Doutorado apresentada a  
Banca de Avaliação para obtenção do  
Título de Doutor em Ciências Humanas

Área de concentração: Estudos de Gênero – EGE  
Linha de pesquisa: Sexualidade, Saúde e Direitos Reprodutivos - SSDR

Florianópolis: Julho, 2007

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de forma direta e indireta me auxiliaram na realização deste trabalho de pesquisa, presentes, embora ocultos, em muitas formulações destas linhas.

Às pessoas queridas e adoradas que compreenderam minhas ausências e afastamentos.

Aos professores, professoras, do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas e de outros programas por mediarem reflexões. Escolho Selvino Assmann, Hector Leis, Luzinete Simões e Joana Pedro como representantes de uma prática de docência e vitalidade exemplares.

Estou profundamente grato à extraordinária e incomparável Mara Coelho de Souza Lago pelas suas inestimáveis e valiosíssimas orientações. Faço reverência especial à sua paciência, meticulosidade e rigor nas correções e apontamentos. Para mim um exemplo de vigor intelectual e sólida experiência acadêmica. Palavras não conseguem expressar minha eterna adoração.

Igual agradecimento destino a minha co-orientadora, Miriam Pillar Grossi, por suas intervenções, críticas, sugestões e recomendações. Seu brilhantismo, virtuosidade e disposição merecem o maior respeito e admiração.

Rendo homenagem também ao professor Kleber Prado Filho, pelo compartilhamento dos conhecimentos sobre Michel Foucault, desde meu mestrado, e pelo encorajamento e confiança nesta minha trajetória.

Dedico também especial reconhecimento e gratidão à professora Maria Tereza Santos Cunha, por suas contribuições na banca de qualificação e pela forma simpática, atenciosa e prestativa de opinar nas situações solicitadas. De maneira semelhante, não esquecerei jamais das orientações da professora Silvia Arend.

Aos colegas do Doutorado, participantes de debates enriquecedores.

Agradeço a minha querida Olga Zigelli Garcia, pela oportunidade ímpar de nos tornarmos amigos ao longo do curso e desfrutarmos de momentos de humor, imprescindíveis para balancear com os momentos de contrariedades.

A todos estes, e outros não identificados nominalmente, para evitar esquecimentos injustos.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
RÉSUMÉ.....	viii
 <b>INTRODUÇÃO.....</b>	 <b>01</b>
- Cursos e percursos .....	01
- A escolha dos relatórios.....	04
- A era dos sexólogos.....	07
- Problematizações de pesquisa e organização da tese .....	16
 <b>CAPÍTULO 1 – O MÉTODO E A INTERDISCIPLINARIDADE.....</b>	 <b>20</b>
1.1 – Uma pesquisa numa perspectiva interdisciplinar.....	20
1.2 – Um estudo histórico e documental.....	24
1.3 – As ciências humanas na visão de Michel Foucault.....	29
1.4 – A análise de discurso de Michel Foucault.....	36
1.4.1 – Arqueologia do saber.....	39
1.4.2 – Genealogia do Poder .....	43
1.4.3 – Arqueologia do poder/genealogia do poder .....	45
 <b>CAPÍTULO 2 – OS DISCURSOS E AS SEXUALIDADES CIENTÍFICAS.....</b>	 <b>49</b>
2.1 – Verdade, confissão e ciência sexual .....	49
2.2 – A norma e o normal: normatizar e normalizar.....	63
2.3 – A pesquisa, o feminismo e os estudos de gênero .....	81
2.4 – Gênero como categoria de pensamento .....	94



<b>CAPÍTULO 3 – UM MAPA DISCURSIVO E EXTRADISCURSIVO.....</b>	<b>99</b>
3.1 – Desenvolvimento tecnológico .....	102
3.2 – A indústria cinematográfica .....	105
3.3 – Movimento eugênico, a psicomетria e os testes de QI.....	110
3.4 – Leis e proibições sexuais.....	117
3.5 – Políticas sanitárias, higienistas e “outras políticas populacionais” .....	120
3.6 – Mulheres e a II Guerra Mundial.....	124
3.7 – Demografia – taxa de fecundidade e expectativa de vida.....	130
3.8 – A psiquiatria e os diagnósticos sobre a sexualidade.....	140
3.9 – A estatística e a sexualidade.....	150
3.10 – Uma breve panorâmica dos anos 50, 60 e 70.....	158
 <b>CAPÍTULO 4 – Os relatórios KINSEY .....</b>	 <b>165</b>
4.1 – Conduta Sexual do Homem (1948).....	170
4.2 – Conduta Sexual da Mulher (1953).....	176
4.3 – Síntese dos resultados estatísticos.....	182
4.4 – O que falaram sobre os relatórios Kinsey.....	188
 <b>CAPÍTULO 5 – Os relatórios MASTERS &amp; JOHNSON .....</b>	 <b>199</b>
5.1 – A Resposta Sexual Humana (1966).....	201
5.2 – A Inadequação Sexual Humana (1970).....	207
5.3 – O que falaram sobre os relatórios Masters & Johnson.....	216
 <b>CAPÍTULO 6 – Os relatórios HITE .....</b>	 <b>220</b>
6.1 – O Relatório Hite sobre a Sexualidade Feminina (1976).....	225
6.2 – O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina (1981).....	231
6.3 – O que falaram sobre os relatórios Hite.....	238
 <b>REFLEXÕES DE ACABAMENTO TEXTUAL.....</b>	 <b>243</b>
REFERÊNCIAS e CONSULTAS.....	256
ANEXOS.....	286

## TESE DE DOUTORADO

Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite:  
As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas.

### RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma análise discursiva e extradiscursiva sobre os relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite publicados entre os anos de 1948 e 1981. Procura verificar as condições de produção histórica destes relatórios sobre sexualidade, servindo-se do instrumental teórico e metodológico de Michel Foucault em uma perspectiva interdisciplinar. Estes documentos emergiram num contexto social e histórico, apresentando comportamentos sexuais relatados confidencialmente por homens e mulheres através de enquetes e entrevistas, de modo a terem se integrado às práticas coletivas com status de verdades científicas. A tese se constitui em apontar o disfarce de critérios quantitativos em critérios qualitativos e, por extensão, da prática discursiva comum de confundir descrições com apreciações, estas últimas com julgamento valorativo e normativo. Os relatórios analisados, produzidos nos Estados Unidos e com repercussão mundial, contribuíram para disseminar formas não apenas de um agir sexual, mas de um falar e pensar sobre sexo através da mediação da ciência. Desta maneira, a verdade é tomada não como um conhecimento objetivo ou subjetivo em relação ao pensamento, mas verdade como obrigação de pensar de uma certa maneira em uma certa época e em determinado lugar. O recurso à estatística se revela como uma continuidade histórica do século XX, em busca de legitimidade para formulações científicas na área das ciências humanas, configurando um tipo especial de sujeito: a *persona numerabilis*, uma pessoa, homem ou mulher, que incorpora práticas de normalização, “mediadas” pela média numérica e estatística de uma população: antropometria, psicometria, taxa de fecundidade, expectativa de vida, incidências de doenças, índices comportamentais, percentuais de diagnósticos, etc, passam a fazer parte deste cenário. Neste contexto numérico, os relatórios são exemplos de formas de saber/poder articulados numa engrenagem onde sexualidades estatísticas se convertem em sexualidades prescritivas e estas, em sexualidades verdadeiras, normalizadas.

Palavras-chave: sexualidade, discursos, verdade, normal, gênero.

## DOCTORATE THESIS

The reports Kinsey, Masters & Johnson, Hite:  
The statistical sexualities in a perspective of human sciences.

### ABSTRACT

This work is result of a discursive and extradiscursive analysis on the reports Kinsey, Masters & Johnsons and Hite published between the years of 1948 and 1981. Search to verify the conditions of historical production of these reports on sexuality, serving itself of the theoretical and methodological instrument of Michel Foucault in a interdisciplinary perspective. These documents had emerged in a social and historical context, presenting sexual behaviors confidentially told for men and women through researches and interviews, in order to have integrated themselves to the collective experiences with status of scientific truths. The thesis constitutes itself in pointing the disguise of quantitative criteria in qualitative criteria and, for extension, of the common discursive practical to confuse descriptions with appreciations, these last ones with value and normative judgment. The analyzed reports, produced in the United States and with world-wide repercussion, had contributed to spread forms not only of one to act sexual, but of one to speak and to think on sex through the mediation of science. In this way, the truth is taken not as an objective or subjective knowledge in relation to the thought, but truth as obligation to think in a certain way in a certain time and in determined place. The resource to the statistics discloses itself as a historical continuity of century XX, in search of legitimacy for scientific formularizations in the area of human sciences, configuring a special type of citizen: the *persona numerabilis*, a person, man or woman, who incorporate practical of normalization, "mediated" for the numerical and statistics average of a population: anthropometry, psychometry, fecundity tax, life expectancy, incidences of illnesses, behaviors index, percentile of diagnostic, etc, start to be part of this scene. In this numerical context, the reports are examples of forms to know/power articulated in a gear where statistical sexualities convert themselves into prescriptive sexualities and these, in true sexualities, normalized.

Key-words: sexuality, discourse, truth, normal, gender.

## THÈSE DE DOCTORAT

Les rapports Kinsey, Master & Johnson, Hite : Les sexualités statistiques  
d'après les sciences humaines.

### RÉSUMÉ

Cette étude est le résultat d'une analyse à la fois du discours et du « extra-discours » d'après les rapports de Kinsey, Master & Johnson, Hite publiés entre les années 1948 et 1981. Selon un regard théorique et méthodologique du discours de Michel Foucault, sous une dérivée interdisciplinaire, l'on vérifie les conditions de production historique de ces rapports sur la sexualité. Ces documents sont apparus dans un contexte social et historique et ceux-ci présentent toujours de façon confidentielle plusieurs comportements sexuels racontés par des femmes et des hommes, soit par des interviews, soit par des enquêtes, et puis ces documents se sont intégrés aux pratiques collectives avec du *status* des vérités scientifiques. La thèse vise à mettre en exergue les mutations des critères quantitatifs en critères qualitatifs et aborde la pratique du discours courant tendant à confondre les descriptions aux opinions notions portant un jugement de valeur et normatifs. Les rapports ici analysés se sont déroulés aux États-Unis et ont eu un retentissement mondial favorisant la propagation d'une action sexuelle et aussi a permis d'y penser et d'en parler et ce par le biais de la science. Ainsi, la vérité est considérée non pas en tant que connaissance objective ou subjective par rapport à la pensée mais comme une obligation de penser d'une certaine manière à une époque et dans un endroit déterminé. Le recours à la statistique se révéla comme une suite du cours de l'histoire du XX siècle, enquête de légitimité pour les formulations scientifiques dans le domaine des sciences humaines prenant en compte un individu en particulier: la *persona numerabilis*, c'est-à-dire une personne, homme ou femme, qui assimile des pratiques de normalisation, mesuré par la moyenne numérique et statistiques d'une population : anthropométrie, psychométrie, taux de fécondité, espérance de vie, indices de maladies, indices comportementaux, pourcentages de diagnostics, etc, tous ces éléments faisant partie intégrante du scénario. Dans ce contexte numérique, les rapports sont des exemples de différentes formes de savoir/pouvoir articulés dans un engrenage où les sexualités statistiques se transforment en sexualités prescriptibles et partant en sexualités vraies et normalisées.

MOTS-CLÉS: Sexualité, discours, vérité, normalité, genre.

## INTRODUÇÃO

Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1)Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são nossas relações com esses “jogos de verdade” tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2)Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) quais as relações entre verdade, poder e si mesmo?

Michel Foucault em *Ditos e Escritos V*

## Cursos e Percursos

As primeiras frases de uma tese..... Palavras e parágrafos difíceis de elaborar com decisões irreversíveis. Primeira pessoa do singular, impessoal ou terceira do plural? Um texto pessoal subjetivo ou uma justificativa direta e objetiva? Prolixo ou conciso? Início por traçar um breve histórico da trajetória percorrida: descrever os marcos que balizaram a trajetória, o percurso, as mudanças de rumo, as escolhas e os sentimentos envolvidos.

Mas de onde e quando surge o interesse pela sexualidade? Por que escrever sobre sexualidade?

A curiosidade pessoal pela área da sexualidade foi antecédida por uma atividade prazerosa, na adolescência, de comprar e colecionar publicações em fascículos, lançados como uma febre editorial nos anos 70 e 80, comercializados em pequenas bancas de revistas. Quase toda remuneração de um trabalho como office-boy e os adicionais extras como desenhista técnico em edificações foram consumidos nesta inegável obsessão-compulsão. Foi cativante e deslumbrante, para um garoto franzino, sem jeito para atleta, ler os fascículos da Enciclopédia do Estudante (1974), Medicina e Saúde (1974), Como Funciona (1975), Grandes Personagens da Nossa História (1976), Dicionário Koogan-Larousse (1976), Curso Abril Vestibular (1977) e outros.

Mesmo sendo um apaixonado por leitura desde a infância, tornei-me um obcecado por enciclopédias na adolescência.

Mas o início de uma temporada editorial de lançamentos sobre sexualidade, redirecionou minha área de interesse, e assim passei a adquirir e ler, como jovem curioso, os fascículos de Amar (1977 e 1979), Vida Íntima (1981), Dicionário da Vida Sexual (1981), Nós 2 (1983) e outras enciclopédias sexuais que se sucederam nas décadas de 80 e 90.

Uma situação ambígua se configurava: de um lado um estímulo e fascinação pela matemática, a conclusão do Curso Técnico em Edificações (1977), a graduação em Engenharia Civil (1982), a especialização em Cálculo de Estruturas; e de outro, uma necessidade de descompressão dos números, das equações, através das leituras paralelas na área das ciências humanas, menos compromissadas com a exatidão.

Em 1982, ocorreu o contato e a leitura dos relatórios de Shere Hite, no período inicial de abertura política no Brasil, com o fim da ditadura militar. As narrativas, as confidências e os segredos sexuais de homens e mulheres, ali expostos, eram lidos com muita curiosidade, tendo sido uma das influências, não a única, que me encaminharam para a Psicologia em 1987.

Como psicólogo e educador sexual, em leituras e participações em eventos na área de sexualidade desde a graduação, sempre encontrei referências, médicas e científicas, às conclusões do casal Masters & Johnson, principalmente em clínica terapêutica, área onde possuem uma vasta produção<sup>1</sup>, com mais de 200 publicações.

---

<sup>1</sup> Destacam-se *Manual de Medicina Sexual* original publicado em 1979, *Homossexualidade em Perspectiva* de 1979, *Heterossexualidade* publicado em 1994, e *O Vínculo do Prazer* em 1970.

Desde já manifesto ser um psicólogo avesso a entrevistas e interrogatórios intimistas e intimidadores, preferindo, em pesquisas acadêmicas, vasculhar livros, publicações, revistas, documentos. Converter uma pessoa em objeto de “análise” ou pesquisa tornou-se para mim, um problema epistemológico complexo, principalmente após a leitura de Michel Foucault. Minha interpretação iniciante sobre a atuação do psicólogo clínico foi abalada pelos pressupostos foucaultianos e desde a graduação já me sentia desestabilizado pelas intenções e funções individuais/sociais da profissão, pautada em formas e forças de enquadramento de subjetividades.

Vivo, portanto, como psicólogo clínico voltado para as questões de sexualidade, um paradoxo; mas redimensionei o fazer profissional e aprendi a questionar as práticas terapêuticas legitimadas.

Alfred Kinsey foi sempre uma referência indireta, através de comentadores. Exemplares de seus relatórios no Brasil são raros, de difícil acesso e aquisição, e o meu contato direto com o conteúdo textual completo, somente foi possível com esta tese, através de exaustiva e meticulosa busca em bibliotecas, sebos e endereços eletrônicos. Tornei-me com esta experiência, um garimpeiro: garimpos em sebos e em endereços (sítios) eletrônicos, estes últimos incontáveis, mas que me permitiram realizar uma viagem pelo mundo, navegando ora por avenidas, ora trilhas e atalhos, sem um mapa pré-fixado. Este trabalho arqueológico de prospecção de documentos, poderia ser descrito como uma pesquisa etnográfica de campo, em que a interação com os sujeitos se deu através da mediação com os textos e com os diferentes informantes/instituições que facilitaram o acesso a eles.

## A escolha dos relatórios

Esta tese para o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas originou-se das conclusões dos estudos<sup>2</sup> realizados no Mestrado em Psicologia (2000-2001), linha de pesquisa "Práticas sociais e constituição do sujeito", da dissertação "*Uma análise dos discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90*" e da monografia "*Uma análise de discurso das enciclopédias sexuais das décadas de 80 e 90*" do Curso de Especialização em Educação Sexual (1996-1998) da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Nas enciclopédias e guias sexuais pesquisados na especialização e no mestrado encontrei citações e referências a diversas fontes bibliográficas, sendo três, em especial, insistentemente recorrentes como fundamentação dos textos: os relatórios Kinsey, os relatórios Masters & Johnson e os relatórios Hite. Os títulos originais em inglês destas publicações são: relatórios Kinsey – *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953); relatórios Masters & Johnson – *Human Sexual Response* (1966) e *Human Sexual Inadequacy* (1970); relatórios Hite – *The Hite Report on Female Sexuality* (1976) e *The Hite Report on Male Sexuality* (1981).

Na área de sexualidade, estes autores são marcos fundamentais no século XX. Alfred Kinsey, pelo seu pioneirismo no uso estatístico com grande amostragem em comportamento sexual e pelo inequívoco mérito de colocar o sexo na pauta de discussões. A produção do casal Masters & Johnson, especificamente no campo da prática clínica médica ou psicológica, é

---

<sup>2</sup> Dissertação com orientação da Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago e co-orientação do Profº Drº Kleber Prado Filho e monografia com orientação da Profª Drª Silvia Arend.



comumente utilizada em terapias sexuais para as chamadas disfunções sexuais, tais como tratamento de ejaculação precoce, impotência, disfunções orgásticas. O trabalho de Shere Hite obteve reconhecimento pela sua postura feminista em defesa do prazer sexual e orgástico da mulher.

Os documentos desta pesquisa possuem as seguintes características comuns e peculiares: todos foram elaborados a partir de amostragem norte-americana e através de pesquisadores norte-americanos; os autores afirmam ter utilizado pesquisa estatística sistematizada e representativa; foram traduzidos em várias línguas; seus resultados foram mundialmente popularizados; foram consideradas obras "revolucionárias" sobre a sexualidade; tiveram ressonância e desdobramentos nas áreas das ciências biológicas, ciências da saúde e ciências humanas e, como não poderia deixar de ocorrer, críticas e oposições.

Pode-se afirmar, num primeiro momento, que as polêmicas principais destas obras giraram em torno de algumas descobertas científicas. Os relatórios Kinsey apresentaram várias conclusões, mas destacam-se: – o sexo extraconjugal, os atos homossexuais e o sexo oral são mais comuns que o suposto; – o pico de virilidade masculina se situa em torno de 17 anos, seguido de sucessivo declínio; – o clitóris tem extrema sensibilidade e capacidade reativa ao estímulo tátil.

Os relatórios Masters & Johnson são conhecidos pela apresentação dos ciclos de respostas sexuais, masculina e feminina, e pela descrição pormenorizada das fases de excitação, platô, orgasmo e resolução.

---

O relatório Hite sobre a sexualidade feminina obteve repercussão ao divulgar, através de relatos das próprias mulheres, a extraordinária capacidade orgástica clitoriana e a ênfase na masturbação como fonte de satisfação sexual, fato já levantado por Kinsey, mas muito explorado e valorizado por Hite.

Em termos de procedimentos metodológicos, podemos inicialmente destacar alguns pontos peculiares em cada um dos estudos: Kinsey, com sua insuperável amostragem pesquisada de quase 17.000 (dezessete mil) entrevistados catalogados; Masters & Johnson com seus recursos técnicos de observações laboratoriais, e Hite com sua vasta compilação de experiências íntimas. Do ponto de vista de coleta de dados, em linhas preliminares: Kinsey utilizou entrevista pessoal direta; Masters & Johnson, observações laboratoriais e Hite, questionário escrito anônimo enviado por leitoras de revistas e boletins.

Com relação à repercussão dos relatórios, as revistas *People Magazine* e *CaderBooks*<sup>3</sup>, publicaram a *Bestsellers Lists 1900-1995*, com os dez livros mais lidos anualmente nos EUA durante o século XX, onde constam as seguintes posições do ranking: em 1948 - 4º colocado: relatório Kinsey masculino<sup>4</sup>; em 1953 - 3º colocado: o relatório Kinsey feminino; em 1966 - 2º colocado: *A Resposta Sexual Humana* de Masters & Johnson; em 1976 - 9º colocado: o relatório Hite feminino. O segundo livro de Masters & Johnson, *Inadequação Sexual Humana* (1970) e o segundo de Shere Hite, o relatório masculino (1981), muito embora tenham sido bem vendidos, não estiveram entre as 10 publicações mais lidas (ao ano) pelos norte-americanos.

---

<sup>3</sup> Disponível no <<http://www.caderbooks.com/bestintro>>e acessado em 02.12.2004.

<sup>4</sup> Para a revista Logos Magazine, da Inglaterra, o relatório Kinsey masculino está na lista dos "100 bestbooks of the 20th century". Fonte: disponível no <<http://www.logosmagazine.com.uk>> acessado em 02.12.2004

## A era dos sexólogos

O biólogo zoólogo Alfred Kinsey (1894-1956), o médico ginecologista William Masters (1915-2001), a psicóloga Virgínia Johnson (1925- ) e a historiadora Shere Hite (1942- ) serão as personagens da pesquisa na condição de produtores de saberes sobre a sexualidade.

Mas antes destes autores do século XX serem apresentados formalmente, recuemos à lista de estudiosos da sexualidade e da sexologia, enquanto especialidade surgida no final do século XIX. Podemos citar, como pioneiros<sup>5</sup>, predominantemente da área médica: o inglês Sir Havelock Ellis (1859-1939), os alemães Iwan Bloch (1872-1922), Magnus Hirschfeld (1868-1935) e Albert Moll (1862-1939), os austríacos Richard von Kraft-Ebing (1840-1902) e Sigmund Freud (1856-1939).

Kraft-Ebing foi pioneiro na classificação e sistematização da patologia sexual, tendo publicado em 1886, o livro *Psychopathia Sexualis*, no qual analisa os desvios sexuais, descrevendo categorias dessas patologias.

Iwan Bloch, dermatologista alemão, em 1907 conceituou o termo *Sexualwissenschaft*, traduzido como ciência sexual, sexologia. Publicou em 1912, o *Manual de Completa Sexologia*. Considerava a antropologia<sup>6</sup> e a etnologia como bases da investigação da sexualidade.

<sup>5</sup> Além destes, podemos citar o médico americano James G. Kiernan (1852-1923), o médico francês Auguste Forel (1848-1931), o psiquiatra belga Benedict Morel (1808-1873), o alemão Carl HeirinchUlrichs (1826-1896) e o médico húngaro Heinrich Kaan, autor de *Psychopathia Sexualis*, publicado em 1844, 42 anos anterior à obra homônima de Richard von Kraft-Ebing.

<sup>6</sup> Importante citar os antropólogos do final do século XIX e início do XX: Johan Bachofen (1815-1887), Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward B. Tylor (1832-1917), Arthur Evans (1851-1941), James Frazer (1854-1941), Franz Boas (1858-1942), Marcel Mauss (1872-1950), Radcliffe Brown (1881-1955) e Bronislaw Malinowski (1884-1942). Como nomes do século XX, temos Ralph Linton (1893-1959), Melville Herkovits (1895-1963), Margareth Mead (1901-1978), e Claude Lévi-strauss (1908- ) que realizando pesquisas etnográficas, estudavam as práticas sexuais de populações nativas.

Albert Moll, neurologista alemão, em 1893 publicou *As perversões de instintos genitais*, sendo um dos criadores do adjetivo hetero-sexual<sup>7</sup>. Realizou congressos científicos de sexologia em 1926 e 1930.

Magnus Hirschfeld, psiquiatra alemão, criou a primeira revista dedicada às ciências sexológicas. Foi o primeiro a distinguir travestismo de homossexualidade, em 1910, com seu livro *Die Transvestiten*. Em 1919, fundou o Instituto de Ciência Sexual, em Berlim.

Havelock Ellis, médico inglês, considerado o pai da investigação sexológica moderna, escreveu *Estudos sobre a Psicologia do Sexo*, em 7 volumes escritos entre 1897 e 1928. Freud utilizou-se de termos e expressões introduzidos por Ellis.

Sigmund Freud, psiquiatra e neurologista, muito embora tenha sido contemporâneo dos autores citados, merece um registro especial, pela criação da Psicanálise, consolidando-se como um dos mais respeitados estudiosos da sexualidade e da vida psíquica. Suas *Obras Completas* são textos produzidos no período de 1886 até 1939, ano de sua morte.

O desenvolvimento dos trabalhos destes estudiosos foi interrompido com a ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, em 1933, quando foram rotulados de imorais e pornográficos. Não obstante esta ruptura, as investigações e contribuições destes especialistas no campo das manifestações sexuais “normais e patológicas” são referências, tanto pelo seu

---

<sup>7</sup> Jonathan Katz em *A invenção da heterossexualidade* efetua reflexões importantes sobre o surgimento dos termos hetero-sexual e homo-sexual. Para KATZ(1996) foi o escritor alemão Karl Maria Kertbeny, em 1869, quem inventou os termos homossexual e heterossexual (sem hífen). Para Foucault(1988) é um artigo de 1870, do médico Karl Friedrich Otto Westphal(1833-1890) que serve de data natalícia para a categoria psicológica e médica da homossexualidade. Há, portanto, controvérsias a respeito, e nesta disputa ou confusão das fontes, está também Kraft-Ebing, outro “estrelante” dos nomes hetero-sexual e homo-sexual, em *Psychopathia Sexualis*, de 1886.

valor histórico, como pelas suas classificações de “aberrações e desvios”, sendo objetos de críticas e polêmicas, principalmente no meio científico acadêmico, por se basearem predominantemente na observação de pacientes clínicos, emocionalmente “perturbados”, e não de pessoas comuns, psicologicamente saudáveis.

É neste contexto que adoto como ponto de partida de reflexão, a sexologia, campo teórico e prático com status de ciência entre estudiosos de diversas áreas, sem especificamente formar uma disciplina tradicionalmente acadêmica, transitando em proximidade com Medicina, Psicologia, Antropologia, Biologia, Sociologia, Direito e outros saberes. Não obstante, a sexologia é marcada por duas tendências: uma funcional, mais biológica, portanto médica; e outra antropológica, mais cultural e social. A este respeito, a antropóloga Carole Vance, em seu artigo *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*, afirma que “alguns antropólogos se retiram para a sexologia, talvez mais hospitaleira, mas ela própria também é seriamente limitada como um gueto intelectual de refugiados disciplinares” (VANCE, 1995:09).

Os levantamentos da WAS<sup>8</sup> – *Word Association for Sexology* apontam que no mundo 80% dos psicólogos são também sexólogos e 20% são médicos,

---

<sup>8</sup> A WAS, Associação Mundial de Sexologia, fundada em 1978 é destinada ao intercâmbio internacional e cultural do conhecimento científico e social sobre a sexualidade, reunindo 68 organizações representantes de 32 países de todos os continentes, mantendo vínculos com a OMS e a UNESCO. No XIV Congresso Mundial de Sexologia, promovido pela WAS, em Hong Kong, 1999, foi elaborada a Declaração dos Direitos Sexuais. (fonte: disponível no <[http:// www.worldsexology.org](http://www.worldsexology.org)> acessado em 28.01.2007)

mas no Brasil segundo a SBRASH, Sociedade Brasileira da Sexualidade Humana, os dados se invertem com 58% sendo médicos<sup>9</sup> e 42% psicólogos.

Com relação ao nascimento da sexologia, o historiador francês André Béjin afirma, em artigo no livro *Sexualidades Ocidentais*:

A ciência do sexual, a sexologia, parece ter tido, na verdade, dois nascimentos. O primeiro, na metade do século XIX, ou ainda – para tomar referências simbólicas – entre 1844 e 1886, datas do aparecimento de dois livros, ambos com o mesmo título, *Psychopathias Sexualis*: um deles, pouco conhecido, de Heinrich Kaan, o outro célebre, de Kraft-Ebing. Ao longo dessas quatro décadas se constitui a primeira sexologia (ou, se preferirmos, a “proto-sexologia”), mais preocupada com a nosografia do que com a terapêutica e centralizada principalmente nas doenças venéreas, na psicopatologia da sexualidade (as grandes “aberrações” e suas relações com a “degenerescência”) e no eugenismo. Eu situaria o nascimento da segunda sexologia, isto é, da sexologia atual, nas três décadas que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, digamos entre 1922 e 1948: foi em 1922 que Wilhelm Reich descobriu o que se chama de “verdadeira natureza da potência orgástica”, em 1948 é publicado o primeiro dos dois grandes livros de Kinsey. (BÉJIN, 1987a:210-1)(grifos meus)<sup>10</sup>

Kinsey e Reich, no entendimento de Béjin, inauguraram uma nova fase de estudos sobre a sexualidade. O psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957), dissidente de Freud e marxista, banido da Alemanha por Hitler, exilou-se nos Estados Unidos em 1938, mas a criação e comercialização de seus acumuladores de energia orgônica, acusados e avaliados como fraudulentos

<sup>9</sup> No Brasil, houve uma situação, no mínimo, curiosa em relação aos domínios profissionais: em 1980, o Conselho Federal de Medicina reconheceu a sexologia como especialidade médica, através da resolução 1019/80 e referendada pela resolução 1441 de 12/08/1994. Posteriormente, o mesmo CFM incluiu a sexologia como área de atuação da ginecologia e urologia, segundo resolução 1634/2002.

<sup>10</sup> Deixo antecipadamente alertado o uso freqüente dos negritos nas citações como reforçamento enfático das idéias emitidas pelo autor, sem me ocupar na maioria das vezes em re-interpretações e /ou argumentações explicativas. Os negritos estão, portanto, mobilizando paralelamente elementos fundamentais na linha de raciocínio para ancoragens desta tese.

pela *Food and Drug Administration* levaram-no à prisão<sup>11</sup> e à morte. Já a obra do norte americano Alfred Kinsey obteve reconhecimento instantâneo e seu trabalho influenciou os estudos subseqüentes, tanto de Masters & Johnson, quanto de Hite.

Esquemáticamente, podemos afirmar, face à sucessão histórica, que o discurso de Shere Hite se depositou sobre os de Masters & Johnson e Kinsey; que o discurso de Masters & Johnson se ancorou e depositou-se sobre o de Alfred Kinsey. E de certa maneira, o trabalho de Kinsey se propunha a ser um contraponto aos sexólogos da virada do século XIX. Para muitos autores contemporâneos, estes pesquisadores da ciência sexual do século XX, com suas descobertas, com suas análises e comentários, formataram uma concepção racional da sexualidade definindo padrões de normalidade e anormalidade. As contribuições destes “sexólogos” são reconhecidas por vários autores, e apenas para citar alguns: Robinson(1977), Guerin(1980), Giddens (1993), Guillebaud(1999), Giami (1999), Bozon (2004), Gagnon (2006) produziram referências e análises sobre eles e suas controvertidas obras, principalmente a de Alfred Kinsey.

O historiador Paul Robinson (1941- ), em seu livro de 1976, *Modernização do Sexo*, aponta Havellock Ellis, Alfred Kinsey, William Masters e Virginia Johnson como os pensadores sexuais de maior influência do século XX, depois de Freud.

---

<sup>11</sup> A FDA instaurou um processo contra Reich em 1954, amparando-se em lei federais sobre venda de objetos terapêuticos, na realidade um subterfúgio para a acusação política de comunista. Alemão, morando nos EUA desde 1939, suspeito de espionagem pelo FBI, acabou preso em março de 1957, e falecendo em novembro do mesmo ano.

O escritor francês Daniel Guérin (1904-1988), em *Um ensaio sobre a revolução sexual após Reich e Kinsey*, publicado em 1969, elabora um esboço de uma teoria da sexualidade a partir dos dois autores.

O sociólogo inglês Anthony Giddens (1938- ), em sua conhecida obra *A transformação da intimidade*, de 1992, inclui os três relatórios, Kinsey, Masters & Johnson e Hite, como promotores de ciclos de debates de amplo domínio público, contribuindo para a reflexão sobre as práticas sexuais cotidianas na sociedade ocidental.

Os Relatórios Kinsey, assim como outros que os seguiram, objetivavam analisar o que estava passando em uma área particular da atividade social, como toda pesquisa social busca fazer. Mas quando foram divulgados, também influenciaram, iniciando ciclos de debate, reinvestigação e mais debates. **Estes debates tornaram-se parte de um domínio público amplo, mas também serviram para modificar opiniões de leigos sobre as próprias ações e envolvimento sexuais.** Sem dúvida, o aspecto “científico” de tais investigações ajuda a neutralizar a inquietação moral em relação à adequação das práticas sexuais peculiares. Entretanto, o mais importante é que o avanço de tais pesquisas assinala e contribui para uma aceleração da reflexividade das práticas sexuais habituais, cotidianas. (GIDDENS, 1993:39-40) (grifos meus)

O escritor francês Jean-Claude Guillebaud (1944- ), em *A tirania do Prazer*, de 1998, coloca o relatório Kinsey como o disparador de muitos outros, marco do início da era dos sexólogos, do prazer funcional e do orgasmo obrigatório, considerando-o uma versão liberal e anglo-saxã da utopia proposta por Wilhelm Reich.

No artigo “Cem anos de heterossexualidade”, o psicólogo social Alain Giami destaca o papel dos trabalhos de Kinsey, Masters & Johnson e Hite na evolução das idéias a respeito da sexualidade no século XX. Segundo o pesquisador francês:



À la fin du XIX siècle, les 'pionniers de la sexologie' ont classé l'hétérosexualité comme forme de sexualité visant à l'obtention du plaisir parmi les 'aberrations sexuelles'. À l'autre extrême, Kinsey et Masters et Johnson ont fait de l'hétérosexualité, et de l'activité sexuelle visant à l'obtention de l'orgasme dans le cadre du couple conjugal, le modèle 'normal et naturel' de la sexualité. (...) Au milieu des années 1970, dans le contexte de l'émergence du mouvement féministe et de la revendication de l'autonomie sociale et sexuelle de femmes, les travaux de S. Hite ont poursuivi le mouvement de dissociation des fonctions procréatrices et érotiques de l'activité sexuelle, (...). (GIAMI, 1999:44).

Como historiadores críticos da racionalização da sexualidade ocorrida nos últimos cem anos, Giami faz referências a Michel Foucault, e sua obra *A história da sexualidade – A vontade de saber*, aos sociólogos americanos John Gagnon e William Simon, autores do livro *Sexual Conduct*, publicado em 1973, e a Jonathan Katz, autor de *A invenção da heterossexualidade*, em 1995. Destaca-se destes três historiadores da sexualidade, a conclusão comum de os anos do século XX ter sido cem anos de normalizações, cem anos de enquadramentos, cem anos de progressiva valorização de uma ciência sexual.

O sociólogo Michel Bozon, em *A sociologia da sexualidade*, publicado em 2002, refere-se a Kinsey e Masters&Johnson como representantes da racionalização do prazer, centrados na produção do orgasmo a partir de um deslocamento da preocupação com a normalidade sexual<sup>12</sup>.

Na sexologia contemporânea, que surge em meados do século XX, com Kinsey e, depois com Masters& Johnson, o tema da normalidade sexual, que tanto preocupava os sexólogos do século XIX, passou para segundo plano. Foi a questão do prazer e do orgasmo (principalmente feminino) que se tornou o objeto fundamental, tendo como corolário principal o funcionamento conjugal. (BOZON:2004, 51)

---

<sup>12</sup> Concordaremos em parte com Bozon, mas entendemos que a normalidade, inclusive a sexual, continua sendo preocupação dos estudiosos de vários campos disciplinares e das pessoas de modo geral. Ainda assim a mulher ter ou não orgasmo poderá ser problematizado como questão de normalidade sexual fisiológica em oposição a uma normalidade sexual socialmente estabelecida, quer seja comportamental, cultural ou moral.

O sociólogo americano John Gagnon, no livro de 2006, *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*, reserva a Kinsey méritos especiais, por identificar modificações sexuais na sociedade norte-americana e a Masters & Johnson, por abrirem as portas para os estudos de fisiologia sexual.

O trabalho de Alfred Kinsey mapeou essas mudanças e, por sua vez, **influenciou as atitudes populares, a política pública e os interesses de pesquisa durante as décadas de 1950 e 1960.** (...) O trabalho de William Masters e Virginia Johnson serviu para abrir as portas para os estudos da anatomia e da fisiologia sexuais, aplicando técnicas conhecidas ao estudo do sexual em laboratório.(GAGNON, 2006:66) (grifos meus)

Se a era dos sexólogos teve seu nascimento na segunda metade do século XIX, a era dos inquéritos foi gestada no início do século XX, para se consolidar de sua metade em diante. Na opinião da educadora brasileira Maria José Garcia Werebe<sup>13</sup> (1925-2006), Kinsey foi o autor do mais importante inquérito já feito sobre o comportamento sexual, mas a utilização do procedimento de entrevistas com perguntas não foi por ele inaugurado<sup>14</sup>.

De 1915 a 1947 foram realizados 19 inquéritos nos Estados Unidos, com utilização de questionários, amostras e quadros estatísticos para apresentação dos resultados. Mas o trabalho de Kinsey foi o mais rico no campo, sob vários pontos de vista, não tendo se limitado a estabelecer constatações estatísticas. Procurou analisar a relação entre os diferentes aspectos do comportamento sexual e os fatores susceptíveis de explicá-los. (WEREBE, 1998:13).

Como registros nominais de inquéritos sexuais americanos pré-Kinsey, Wallace&Wallechinski(1975) fornecem: *Uma Pesquisa sobre o Casamento*

<sup>13</sup> Werebe trabalhou no *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS) da França, tendo realizado inúmeras missões e estudos pelo UNESCO, na temática educação sexual.

<sup>14</sup> No seu primeiro relatório, Kinsey descreve através de uma pequena sinopse e um quadro comparativo, os 19 estudos taxionômicos sobre a conduta sexual aos quais se refere Maria Werebe, baseada nele talvez para sua afirmação.

realizada pelo médico George V. Hamilton, em 1929; *Fatores na Vida Sexual de 2.200 mulheres*, da médica Katharine B. Davis, em 1929; e *Mil Casamentos*, do ginecologista Robert Latou Dickinson e Louise Beam, em 1931. Os focos predominantes das perguntas eram os problemas sexuais conjugais.

O citado anteriormente John Gagnon também aponta estes três trabalhos como marcos de mudança do estilo metodológico de pesquisa, com a aplicação de modalidades fixas de indagação com perguntas iguais para todos os sujeitos, uma antecipação do uso da amostragem científica em oposição à anamneses (roteiros sistemáticos para coleta de informações históricas<sup>15</sup>) ou casos clínicos realizados por estudiosos predecessores.

Em plano paralelo, muitos outros sociólogos, psicólogos, psicanalistas e médicos efetuaram comentários elogiosos ou críticas cáusticas aos autores dos relatórios, mas suas opiniões e comentários pontuais serão explicitados em capítulos específicos.

Com base neste quadro os relatórios sobre sexualidade, Kinsey (na década de 50), Masters e Johnson (na década de 60) e Shere Hite (na década de 70), serão considerados as formas de saber participantes da história da sexualidade, no século XX, constituindo-se não a (única) história da (única) sexualidade, mas uma história de sexualidades, ou melhor, em histórias de sexualidades. Em linhas gerais, é em torno de um eixo fundamental, que irão girar as análises desta tese: verificar as condições de produção histórica destes relatórios sobre a sexualidade.

---

<sup>15</sup> A anamnese além da queixa principal e da história da doença atual envolve inquérito sobre doenças anteriores, história pessoal pregressa desde a infância até a idade adulta, história psicosexual, ocupacional, familiar e social.

## Problematizações de pesquisa e organização da tese

O objetivo desta tese é a investigação das características discursivas dos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite. Algumas foram as possibilidades de problemas ou problematizações de pesquisa que nortearam minha investigação: 1 – A existência ou inexistência de relações entre os discursos produzidos e os acontecimentos sociais, políticos e econômicos durante os períodos que precederam suas publicações; 2 – O questionamento dos critérios de validade e veracidade científicas dos resultados apresentados; 3 – A reflexão sobre a capacidade de homogeneização de hábitos, condutas e comportamentos sexuais sem a consideração das diferenças étnicas, nacionais, regionais e de estratificação social; 4 – A questão das relações de gênero, acionada pela dicotomização masculino-feminino presente nos relatórios (edições separadas por conteúdos sobre a sexualidade masculina e sobre a sexualidade feminina).

Estes quatro problemas ou problematizações estabeleceram os eixos pelos quais a tese se desenvolveu. De antemão, esclareço preferir utilizar o termo problematização<sup>16</sup> e não problema<sup>17</sup>, seguindo o conceito de Michel Foucault:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas e não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e

<sup>16</sup> Além desta definição de problematização extraída do Livro *O Dossier – últimas entrevistas*, na entrevista “O cuidado com a verdade” de Foucault com François Ewald, encontram-se reflexões na entrevista “Polêmica, política e problematizações” com Paul Rabinow, publicada no Brasil em 2004 no Volume V – Ditos e Escritos; *Ética, Sexualidade, Política*. Desta última, há também uma primeira tradução (2001) do Professor Selvino Assmann do Departamento de Filosofia e do PPGDICH, da UFSC, membro da banca de qualificação desta tese.

<sup>17</sup> Laville&Dionne(1999) em *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* fornecem uma distinção entre problema e problemática: problemática é o conjunto de fatores ou o quadro no qual se situa a percepção do problema vislumbrando as possibilidades críticas de desvendamento objetivo, e não o próprio problema (este seria apenas a ponta do iceberg).

a constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, de conhecimento científico, da análise política, etc.). (FOUCAULT, 1984a:76)

Entendo assim como problematização, a ação de estabelecer um problema, uma problemática como objeto do pensamento e de questionar seu sentido e seus objetivos. Partindo de Foucault, a pergunta central desta tese é: Num certo contexto social e histórico, como os comportamentos sexuais descritos pelos próprios indivíduos (homens e mulheres) levantados a partir das enquetes, entrevistas e inquéritos dos relatórios, se integram a práticas coletivas, dos outros indivíduos, com status de verdade? Trata-se de verificar a confluência de duas vias em direção a uma única: como se forma a mediação das experiências em relação a si e aos outros e como a verdade sobre sexualidade transita nesta via única.

Pretendo responder a isso analisando os três relatórios, não privilegiando o conteúdo interno ou seus resultados, mas sim verificando as condições de emergência e de permanência como fontes válidas no presente sobre a sexualidade masculina e feminina.

É com tal preocupação que a tese está assim distribuída: no capítulo 1 foram fornecidos os critérios e princípios para a escolha do método e a reflexão sobre a interdisciplinaridade, em quatro tópicos: o que é uma pesquisa numa perspectiva interdisciplinar, o que é um estudo histórico e documental, as ciências humanas na visão de Michel Foucault e como que entendo a proposta de análise de discurso de Michel Foucault. Foi neste canteiro de exploração que foram selecionados os instrumentos de trabalho, partindo de uma visão de ciências humanas compatível com as análises ulteriores.

O segundo capítulo – Os Discursos e as Sexualidades Científicas – está dividido em quatro seções e nele faço meu posicionamento teórico sobre o tema da sexualidade. Na primeira seção estão delineadas algumas bases teóricas sobre a *ciência sexual* partindo das concepções de verdade em Friedrich Nietzsche e do atrelamento triádrico confissão-verdade-ciência sexual em Foucault. Na segunda seção são discutidos os deslocamentos históricos dos conceitos de *norma* e *normal*, os principais alvos críticos desta tese, com incursões em Émile Durkheim, Georges Canguilhem e Michel Foucault. Na terceira seção efetua-se uma correlação entre a pesquisa e os estudos de gênero, com uma breve retrospectiva de autoras(es) fundamentais neste trabalho, como Joan Scott, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Thomas Laqueur e outras aproximações dos estudos feministas às concepções de Foucault. Na última seção deste capítulo, efetua-se um complemento da anterior, buscando aportes em Jane Flax e suas preciosas reflexões sobre gênero como categoria de pensamento.

O capítulo 3 – Um mapa discursivo e extradiscursivo – constitui uma etapa analítica da tese, com a seleção de algumas continuidades e rupturas do século XX, buscando mapear outras envoltórias dos relatórios, tendo os discursos como acontecimentos do século XX<sup>18</sup>. Este mapa se formalizou sob dez temáticas em um recorte temporal do século XX, ou dez articulações possíveis de uma configuração interdiscursiva de expansão analítica: foram analisadas a tecnologia, o cinema, a psicométrica, as proibições sexuais, as

---

<sup>18</sup> Esta tese está repleta de dados biográficos e factuais cujas fontes foram pesquisados muitas vezes em inúmeros sítios eletrônicos, alguns arrolados no final da tese, outros lamentavelmente perdidos nas quebras de linkagens. O suporte das fontes também está em enciclopédias editadas e/ou eletrônicas.

políticas sanitárias, as mulheres, a demografia, a psiquiatria e a estatística (costura final entre os movimentos discursivos e os movimentos extra-discursivos), finalizando com uma panorâmica das décadas de 50, 60 e 70. Estes campos discursivos não deverão ser encarados de forma linear, mas vistos como grandes círculos entrecruzados, cujos limiares estarão dispostos tal como em um espectro luminoso. Em linhas gerais, o mapeamento é constituído por interconexões aparentemente distantes como entre tecnologia-mulheres ou psiquiatria-cinema, e outras muito próximas, como por exemplo mulheres-demografia ou psicometria-psiquiatria. Estes temas são as coordenadas do mapa, entre infinitas possibilidades, eixos auxiliares para percorrer uma trajetória de análise dos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite.

Os capítulos 4, 5 e 6 são destinados às evidências históricas documentais, objetos de pesquisa desta tese, com a descrição dos relatórios de maneira sinóptica, seus conteúdos temáticos, suas principais características do ponto de vista formal, e algumas estatísticas tal como compuseram seus autores, alertando desde já que as características peculiares e os estilos de cada obra exigiram exposições diferenciadas. São também inseridos alguns comentários da época e de contemporâneos sobre os relatórios, com o intuito de fornecer contrapontos críticos da área das ciências humanas.

## CAPÍTULO 1 - O MÉTODO E A INTERDISCIPLINARIDADE

Todos os meus livros, seja *História da Loucura* seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram...pois bem, tanto melhor!

Michel Foucault em entrevista a Roger Pol-Droit

### 1.1. Uma pesquisa numa perspectiva interdisciplinar

As particularidades das ciências humanas e os desafios da interdisciplinaridade colocam o pesquisador desta perspectiva num complexo e emaranhado leque de alternativas metodológicas e problematizações epistemológicas. A sociedade ocidental nos últimos 100 anos expandiu e fragmentou o conhecimento de tal modo que, neste campo epistemológico, parece paradoxal falar em interdisciplinaridade, como se esta pudesse pretensiosamente ser a redentora da re-unificação do conhecimento. As distinções e definições de pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, são objetos de polêmicas no campo acadêmico. Autores como o filósofo austríaco Fritz Wallner, o psicólogo argentino Roberto Follari, o sociólogo Norberto Jacob Etges, além dos brasileiros doutores em educação Ari Paulo Jantsch, Lucídio Bianchetti e Gaudêncio Frigotto, dentre outros, apresentam contribuições significativas para o tema no livro *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*, organizado por Jantsch&Bianchetti(1995). A filósofa portuguesa Olga Pombo,



da Universidade de Lisboa selecionou e organizou um breve glossário terminológico<sup>19</sup> intitulado *Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade* com referências a vários autores internacionais. O sociólogo político Hector Ricardo Leis<sup>20</sup> (2005), também apresenta um anexo bibliográfico extenso sobre o tema no artigo *Sobre o conceito de interdisciplinaridade*, onde recomenda evitar os debates teórico-ideológicos sobre o que é interdisciplinaridade, afirmando ser este conceito, um ponto de cruzamento entre atividades disciplinares e interdisciplinares com lógicas diferentes.

Neste sentido, o Comitê Multidisciplinar da CAPES<sup>21</sup>, criado em 1999, reconhece as dificuldades na formulação dos conceitos, dos princípios básicos e das diretrizes de cursos com metodologias e abordagens com mais de uma disciplina, conforme consta em seu Relatório de Acompanhamento 2003. Não obstante, neste relatório estão apresentados os conceitos de Multidisciplinaridade e Interdisciplinaridade:

Entende-se por multidisciplinar o estudo que agregue diversas áreas ao redor de um ou mais temas, mas no qual cada área preserve sua metodologia e independência, não necessitando do conhecimento das outras áreas para seu desenvolvimento. Entende-se por interdisciplinaridade (ou pesquisa científica e tecnológica interdisciplinar) a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencente à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência ou tecnologia através da transferência de métodos de uma área para outra e gerando novos conhecimentos ou novas disciplinas, podendo fazer surgir um novo profissional com um perfil distinto dos já existentes e com uma formação de base sólida e integradora ao mesmo tempo.(CAPES, Relatório de Acompanhamento 2003: 03) (sublinhado original)

<sup>19</sup> Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt>> acessado em 27.01.06.

<sup>20</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

<sup>21</sup> O PPGDICH – Programa de Pós-Graduação Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas está vinculado e é avaliado pela CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Esta tese, tendo em conta as áreas de conhecimento Filosofia, Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Psicologia, Geografia e História que compõem o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, procurou seguir os seguintes princípios:

1) Reconhecimento das fronteiras das áreas de conhecimento, estabelecido pelas formações disciplinares, mas buscando articulação e diálogo entre elas, numa relação de reciprocidade;

2) Compreensão das restrições e diferenciações entre prática e pesquisa interdisciplinar, seja individual ou conjunta, respeitando, portanto as limitações de uma produção individual;

3) Aplicação de procedimentos metodológicos numa perspectiva interdisciplinar como processo de convergência temática;

4) Pensar interdisciplinaridade como atitude epistemológica<sup>22</sup> e como espaço comum de pluralidade, fatores de coesão entre saberes diferentes;

5) Não se deixar conduzir por tendenciosidade<sup>23</sup> disciplinar de origem, pela formação em Psicologia, supondo abertura de pensamento e transposição da própria linguagem técnica.

Como características básicas desta tese: é uma pesquisa documental cujo tema, sexualidade, é atravessado por múltiplos discursos, com possibilidades de análises biológicas e/ou sanitárias, ou num outro segmento, análises sociais e políticas. O tema sexualidade é exponencialmente desdobrável e os caminhos escolhidos também podem ser domínios da

---

<sup>22</sup> Neste sentido foi de grande utilidade a leitura do manifesto assinado por 20 especialistas de áreas como literatura, filosofia, história, sociologia, estudos legais, física, computação e engenharia, documento resultado de um Congresso sobre Interdisciplinaridade realizado na Universidade de Stanford (EUA) em agosto de 2002, publicado no caderno Mais do Jornal Folha de São Paulo de 24.11.2002.

moralidade e da religião, ou de alternativas filosóficas e éticas, mas fora de coordenadas históricas, fica reducionista. Neste sentido, a leitura do livro *A sexualidade nas ciências humanas*, organizado pela antropóloga Maria Andréa Loyola, ao disponibilizar um leque de valiosos artigos de autoras(es) de várias disciplinas, como Marilena Villela Corrêa (Medicina), Janine Pierret (Sociologia), Joel Birman (Psicanálise), Jurandir Freire Costa (Psicanálise e História), André Rangel Rios (Filosofia), Margareth Rago (História), Alain Giami (Psicologia), Michel Bozon (Demografia) e a própria Maria Andréa Loyola (Antropologia), contribuiu em certo grau, para a escolha pelo Doutorado Interdisciplinar:

Não existe abordagem unitária da sexualidade, nem entre as disciplinas consideradas, nem no interior de cada uma delas, e a pluridisciplinaridade (Giami) – ou a polissemia (Birman) – que caracteriza a sexualidade como objeto de estudo deve ser entendida como uma tentativa de articulação entre abordagens situadas em diferentes níveis. (LOYOLA, 1998:10).

Mesmo considerando serem a área de estudos de gênero e o tema sexualidade fundamentalmente interdisciplinares, estes aspectos, num a priori, não garantem a interdisciplinaridade da pesquisa. É no uso dos instrumentos metodológicos, nos objetivos propostos e no modelo integrado de análise, se é que se pode chamar desta maneira, que se vislumbrará esta perspectiva.

Basicamente, foram estes os motivos principais que me levaram a escolher o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar para realizar o doutoramento.

---

<sup>23</sup> Sobre objetividade e tendenciosidade, sugere-se a leitura do artigo *Objetividade Científica: noção e desdobramentos* do professor Alberto Cupani, do PPGICH.

## 1.2. Um estudo histórico e documental

Um estudo histórico não pode prescindir de métodos, alertas, pressupostos e análises utilizadas pela História, área de conhecimento interdisciplinar das ciências humanas. Questões como o objeto de estudo da história, o papel do historiador, o fato histórico, o documento histórico, a historicização das fontes, a falseabilidade dos fatos, entre outras, são preocupações e cuidados de todo historiador, tarefa esta que não me atrevo a tentar, ciente das incapacidades pela ausência de formação específica, mas que a perspectiva interdisciplinar possibilitou transitar, num contato estimulante para aprofundamento teórico<sup>24</sup>. Fui pretensioso até onde podia: elaborar um “estudo” histórico, sem a audácia de denominar a “pesquisa” de histórica. Mesmo estando atento a esta limitação, fui encorajado por uma passagem do historiador Philippe Ariès (1914-1984):

**Uma pessoa pode tentar elaborar uma história do comportamento, ou seja, uma história psicológica, sem ser ela própria psicóloga ou psicanalista, mantendo-se à distância das teorias, do vocabulário e mesmo dos métodos da psicologia moderna, e ainda assim, interessar esses mesmos psicólogos dentro de sua área. Se um sujeito nasce historiador, ele se torna psicólogo à sua moda, que não é certamente a mesma dos psicólogos modernos, mas se junta a ela e a completa. Nesse momento, o historiador e o psicólogo se encontram, nem sempre ao nível dos métodos que podem ser diferentes, mas ao nível do assunto, da maneira de colocar a questão, ou, como se diz hoje, da problemática. A abordagem inversa, que vai da psicologia à história, também é possível, [...]. Esse itinerário, contudo apresenta alguns perigos [...]. Sem dúvida, a tentação dos psicólogos de fugir para fora de seu mundo a fim de provar suas teorias é grande, e certamente enriquecedora, [...] (ARIES, 1981:13).(grifos meus).**

---

<sup>24</sup> Agradeço em especial a historiadora Professora Doutora Joana Pedro, que junto com minha co-orientadora, Professora Miriam Grossi, foram responsáveis pela disciplina de Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Também merece agradecimentos, a historiadora Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha, com suas contribuições na banca de qualificação e a Profª Drª Silvia Arend, ambas do Curso de História e do Mestrado em História da UDESC.

Foram estas palavras que me impulsionaram ao desafio, com a ressalva de não ter intenção alguma de “provar” uma teoria: quero sim percorrer itinerários históricos, buscando compreender o presente pelo passado. E além de Ariès, outro historiador influente na minha empreitada foi Marc Bloch, quando declara, em *Apologia da História ou O ofício do historiador*: “Os fatos históricos são, por essência, fatos psicológicos” (BLOCH, 2001:157). Deste modo e inspirado por estas referências, optei percorrer as trilhas de Marc Bloch, Jacques Revel, Jacques Le Goff, e Paul Veyne, alguns dos clássicos historiadores do século XX.

É no contexto após o forte positivismo do século XIX e o poder de legitimação exigido pela ciência, que a história, ao ser convidada a provar suas afirmações, tal como qualquer outra área de conhecimento científico, viu-se envolvida em debates sobre ser ou não ser ciência. Neste embate não consensual, temos de um lado, autores como Paul Veyne afirmando não ser a história ciência (Veyne,1982), embora seja rigorosa; de outro lado, historiadores como Marc Bloch, defendendo a história como ciência (Bloch,2001), uma ciência do tempo e das mudanças, uma ciência, entretanto, irreduzível a leis e a estruturas.

Neste campo de reivindicação de uma história experimental científica e na convicção de uma unidade em construção entre a história e as ciências sociais, eixos gerais da Escola dos *Annales*<sup>25</sup>, Jacques Revel descreve as

---

<sup>25</sup> A escola, criada em 1929 com a revista dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, na França, defendia posturas metodológicas com a instituição de ações interdisciplinares e uso de ferramentas das ciências sociais, econômicas e políticas, escapando do isolamento disciplinar. Deste modo, a historiografia deveria voltar-se para o estudo do homem e seu contexto, como a história do cotidiano e das mentalidades. São historiadores fundadores Marc Bloch(1886-1944) e Lucien Febvre(1878-1956) Posteriormente incluíram-se Fernand Braudel(1902-1985), Jacques Le Goff (1924- ), Jacques Revel(1942), Paul Veyne (1930- ), George Duby(1919-1996) e Philippe Áriès(1914-1984). Pode-se afirmar

mudanças nos modelos de investigação histórica, e as reorganizações ocorridas por volta da década de 30 na França (e durante os 30 anos seguintes), principalmente os deslocamentos do referente fundamental, do método para o objeto (o homem):

A unidade do campo coloca, agora, do lado do apreendido objecto diversas práticas científicas, objecto supostamente comum e sobre o qual se funda a possibilidade de uma **investigação colectiva**. O modelo de troca e de **circulação interdisciplinares** deixa assim de ser aqui o de uma normatividade metodológica para se tornar no do empréstimo conceptual ou factual. As práticas científicas já não têm que se alinhar umas com as outras mas sim que capitalizar um fundo comum onde cada um vai buscar provisoriamente o que lhe serve. (REVEL, 1989: 36-7). (grifos meus)

Revel descreve este esquema como uma espécie de “interdisciplinaridade flexível”, mas destaca que esta configuração de saber acaba por desfazer-se durante as décadas de 60 e 70:

O campo da investigação em ciências sociais fragmentou-se então, clivou-se. O homem, figura central do dispositivo precedente, deixa de ser o referente fundador para se tornar o objecto transitório, datado, de um **ajustamento particular do discurso científico**. (REVEL, 1989:37) (grifos meus).

Na continuidade, Revel cita a obra *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*, de Michel Foucault, como emblemática na desconstrução das ciências humanas e como elucidação da colocação do homem no centro da história. Também nesta linha de pensar, Jacques Le Goff, no prefácio do livro *Apologia da História*, de Marc Bloch, apresenta a seguinte definição de história:

---

que Roger Chartier(1945- ), Jacques Rancière (1940- ) e Michael de Certeau(1925-1986) são também tributários dos Annales.

A história é busca, portanto escolha. **Seu objeto não é o passado:** "A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda". Seu objeto é o "homem", ou melhor, "os homens", e mais precisamente **homens no tempo**. (BLOCH apud LE GOFF, 2001:24 ) (grifos meus).

Le Goff prossegue, no capítulo Documento/Monumento do livro *História e Memória*, explorando a transformação do termo documento em algo além (trans ou supradocumental?), mais amplo e denso do que o simples texto escrito ou o mero registro gráfico memorial. Para este autor, a ascensão do documento e o paralelo declínio do monumento desde o século XVII, culminaram com uma espécie de dupla revolução documental (quantitativa e qualitativa), a partir da década de 60 do século XX. Mas acrescenta que, paralela a este triunfo do documental, surgiu, independente desta revolução, a crítica dos documentos; em outras palavras, a concepção de documento/monumento. Para o autor:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, **é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder**. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1992: 545). (grifos meus).

Jacques Le Goff e Jacques Revel fazem reconhecimentos explícitos a Michel Foucault e seu livro metodológico *Arqueologia do Saber*, ao apontar como um dos problemas da história "o questionar do documento", e a nova tarefa do historiador de transformar documentos em monumentos e verificar as condições de sua produção histórica. Esta preocupação pela necessidade de questionamento do documento, não inclui apenas a verificação de sua autenticidade, veracidade e fidedignidade aos fatos. É um encargo, tendo em

conta que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso, conforme coloca LE GOFF (1992):

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. **No limite, não existe um documento-verdade.** Todo documento é mentira. (...) porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro - incluindo, e talvez sobretudo, os falsos - e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. (LE GOFF, 1992: 548).

Ainda como fonte de reflexões para os critérios metodológicos, na preocupação com a multiplicidade de possibilidades de análise documental e na ânsia de esmiuçar os documentos escolhidos como objetos de estudo, encontro alerta em Paul Veyne (defensor de que tudo é história, mas só existem histórias parciais): “É impossível descrever uma totalidade e toda descrição é seletiva; o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode, no máximo, multiplicar as linhas que o atravessam”. (VEYNE, 1982: 29). O reconhecimento feito por estes historiadores a Michel Foucault nos encaminha a incluir algumas de suas considerações sobre a História e as Ciências Humanas.



### 1.3. As ciências humanas na visão de Michel Foucault

O livro *As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas*, tem no seu subtítulo o indicativo mais forte do objetivo da obra, “uma” arqueologia, não “a” arqueologia. Muito embora a publicação do livro tenha ocorrido em 1966, somente três anos após, em 1969, Foucault editou a obra metodológica de suas publicações anteriores. Em *A arqueologia do saber* é apresentado o seu método arqueológico, que em síntese, consiste na descrição de como os saberes se formaram, como os saberes se transformaram, e ao longo do tempo foram se depositando em solos. Talvez se possa dizer, satisfazendo os rotuladores de “escolas”, que o estruturalismo arqueológico (foucaultiano) é descendente, para o que está depositado abaixo, em oposição ao ascendente, construído visivelmente para cima. Estes depósitos, as sobreposições geológicas, as sedimentações, os estratos, têm profundidades diferentes, com a existência de trincas, fraturas, clivagens, sulcos, fissuras e principalmente, lacunas espaciais que permitiriam rupturas e descontinuidades discursivas.

A analogia arqueológica e geológica permite entender por que ao se efetuar um corte, nem sempre os solos se mantêm estáveis, eles são possuidores de uma relativa instabilidade, assim como os discursos.

Apesar de o leitor iniciante entender a obra *As palavras e as coisas* como um livro de história, trata-se na realidade de uma nova forma de investigação histórica, pois inclui a história dos conceitos através de continuidades e de rupturas, na sua formulação. Um conceito-chave para

Foucault é o de *epistémê*<sup>26</sup>, que seria a configuração, a disposição que o saber assume em determinadas épocas e lhe confere uma positividade enquanto saber. Em outras palavras, *epistémê* seria o modo como uma cultura pensa, numa época, de uma determinada maneira.

Por *episteme*, entende-se, na verdade, **o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados.** (...) A *episteme* não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas. (FOUCAULT, 1995a:217)(grifos meus).

Foucault se ocupa dos códigos da cultura ocidental e procura evidenciar uma ordem do discurso válido de cada época, pois para o filósofo francês, o “discurso arma o pensamento”. Por isso a retomada freqüente do conceito de *epistémê* em sua produção intelectual<sup>27</sup>.

Os dez capítulos do livro *As palavras e as Coisas* acompanham três períodos históricos, o Renascimento, a Idade Clássica e a Modernidade, e Foucault os correlaciona com três eras, respectivamente com três *epistémês* (ou configurações da ordem do saber) distintas: A era da semelhança (até o fim do século XVI), a era da representação (século XVII até 2ª metade do século XVIII) e a era da história (fim do século XVIII até nossos dias).

<sup>26</sup> Este conceito de *episteme* foi extraído do livro *Arqueologia do Saber*, mas vamos encontrar noções explicativas reincidentes em *A vontade do saber*, *As palavras e as Coisas* e em várias entrevistas de Michel Foucault, como “Sobre a História da Sexualidade” em *Microfísica do Poder*

<sup>27</sup> Para Judith Revel, em seu livro *Foucault: conceitos essenciais*, Foucault substituiu, passo a passo, a noção de *epistémê* pela noção de dispositivo. O dispositivo contém instituições, estratégias e práticas, toda realidade social não-discursiva, englobando também discursos; já *epistémê* é um dispositivo especificamente discursivo. (Revel, 2005, pp. 39-42).

Na era da semelhança as palavras duplicam os sinais das coisas, as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar; conhecer é adivinhar qual marca se assemelha a outra marca visível deste mundo (similitudes), e saber é decifrar o mundo recoberto de signos. Conhecer e saber se imbricam. Neste pensar ocorre uma interdependência entre linguagem e mundo, e a linguagem não é um sistema arbitrário, faz parte da grande distribuição das similitudes e assinalações. O jogo da semelhança é aplicado a todos os domínios da natureza e deste modo o pensamento é por semelhança.

Na era da representação as palavras e as coisas vão separar-se e a linguagem se retira do mundo dos seres, passando a traduzir o mundo e não mais a fazer parte dele. Instaura-se uma relação mecanicista para a linguagem, uma relação a um conhecimento da ordem. A ordem do discurso. Representar é ordenar, enumerar, categorizar e o centro do saber nos séculos XVII e XVIII é o quadro e o enquadrar. O surgimento do enciclopedismo retrata a ânsia de ordem do mundo através do encadeamento alfabético dos conhecimentos humanos, com recorrência a duas formas de representação: a *máthêsis* como a ciência geral de todas as ordens possíveis das naturezas simples e a *taxinomia* para ordenar as representações complexas.

Neste projeto de uma ciência geral da ordem, Foucault nos coloca a seguinte disposição: a álgebra e as naturezas simples estão para a *máthêsis* assim como os signos e as representações complexas estão para a *taxinomia*; do mesmo modo assim como a *taxinomia* se reporta à *máthêsis*, os signos se reportam à álgebra. Numa outra extremidade da epistémê clássica temos o interrogar sobre a origem dos conhecimentos, a gênese.

A *taxinomia* não se opõe à *máthêsis*: aloja-se nela e dela se distingue; pois ela também é uma ciência da ordem – uma *máthêsis* qualitativa. Entendida, porém, no sentido estrito, **a *máthêsis* é ciência das igualdades, portanto, das atribuições e dos juízos; é a ciência da verdade**; já a *taxinomia* trata das identidades e das diferenças; é a ciência das articulações e das classes; é o saber dos seres. Da mesma forma, a gênese se aloja no interior da *taxinomia*, ou ao menos encontra nela sua possibilidade primeira. (FOUCAULT, 1999a:102)

Neste sistema articulado se fecha o quadro de operação do pensamento. Na *epistémê* clássica, as palavras são o próprio pensamento. A linguagem representa o pensamento, como o pensamento representa a si mesmo: pensamento como representação. Nesta era de uma teoria do verbo, o Falar, o Classificar e o Trocar fazem emergir respectivamente campos de saber empíricos com objetos específicos: a Gramática Geral (estudo dos signos, da ordem verbal para representar), a História Natural (história dos seres vivos) e a Análise das riquezas (o solo, a moeda e o objeto riqueza).

Para Foucault, na era da história, o ser é conhecido por ter uma história. A História vai se desenrolar numa série temporal, não como coleta das sucessões de fatos, mas como lugar de nascimento das empiricidades, repartidas no espaço de saber para eventuais conhecimentos e para ciências possíveis. A busca de uma história "verdadeira" proporciona o domínio das formas puras de conhecimento, a partir da matematização e da formalização, daí o aparecimento do positivismo.

Na configuração moderna dos saberes, novos objetos e novos métodos se instalam: linguagem, vida e trabalho passam a ser preocupação, respectivamente, da Filologia, da Biologia e da Economia Política, mas

importante destacar que os surgimentos destes campos não se dão como substitutivos lineares e diretos da Gramática Geral, da História Natural e da Análise das Riquezas. Há toda uma complexa interpenetração discursiva com uma reconfiguração dos saberes, que incluem transposição de conceitos, modelos e técnicas de formalização. Não obstante, é o nascimento das ciências empíricas - Biologia, Economia e Filologia - com os estudos da vida, do trabalho e da linguagem que tornam o homem, pela primeira vez, objeto de saber. O "humanismo" do Renascimento e o racionalismo dos clássicos não pensavam o homem.

Para Foucault, o homem nasceu para o saber ocidental em fins do século XVIII como um ser empírico-transcendental, ou seja, como vivente, falante e produtivo e enquanto reflexão sobre estas ações: como objeto de conhecimento e como sujeito do conhecimento. Entre a analítica da finitude da existência humana em oposição à metafísica da vida, do trabalho e da linguagem, nascem as ciências humanas.

Assim, as ciências humanas têm seu lugar na ordem do saber ocidental, mas não são propriamente científicas, pois no domínio da epistémê moderna, representado por um espaço volumoso e aberto de três dimensões (o triedro dos saberes), as ciências humanas estão nos interstícios entre os planos formados pelas ciências matemáticas e físicas (dedutivas e formais), pelas ciências empíricas (lingüística, biologia e economia - que são matematizáveis) e pela reflexão filosófica. É nesta condição ambígua de inclusão e exclusão, por sua dificuldade de localização, que as ciências humanas se apresentam em complexa configuração epistemológica. E é a relação constante com as três

dimensões, que tornam as ciências humanas, nas palavras de Foucault (1999a:480-1), perigosas e em perigo: ao emprestarem das ciências matemáticas a formalização e matematização, ao adotarem os modelos das ciências empíricas, e ao tomarem da reflexão filosófica a interrogação sobre o homem, acabam formulando sua instabilidade metodológica.

Muito embora não apresente explicitamente propostas, Foucault levanta re-questionamentos sobre as ciências humanas, como a redefinição de conceitos, e principalmente a tarefa de repensar o pensar sobre o homem e sua relação com a linguagem. Descreve a constituição das ciências humanas, no século XIX, e o surgimento do homem como objeto do conhecimento e sujeito de conhecimento. Nesta nova configuração de saberes, repito, as ciências humanas se encontram numa situação de dificuldade de localização e condição ambígua de inclusão e exclusão no campo das ciências “científicas”.

[...] uma vez que o ser humano se tornou, de ponta a ponta, histórico, **nenhum dos conteúdos analisados pelas ciências humanas pode ficar estável em si mesmo nem escapar ao movimento da História**. E isto por duas razões: porque a psicologia, a sociologia, a filosofia, mesmo quando aplicadas a objetos – isto é, a homens – que lhe são contemporâneos, não visam jamais senão a cortes sincrônicos no interior de uma historicidade que os constitui e os atravessa; porque as formas assumidas sucessivamente pelas ciências humanas, a escolha que elas fazem de seu objeto, os métodos que lhes aplicam são dados pela História, incessantemente levados por ela e modificados a seu gosto. (FOUCAULT, 1999a:513) (grifos meus).

Esta visão de instabilidade das ciências humanas e sua submissão à História são os indicativos do eterno desafio do estudo do homem<sup>28</sup>: sujeito histórico e instável.

Se se levarem em contar os nossos documentos de pesquisa aqui estudados, como os discursos dos relatórios sobre sexualidade se posicionam neste campo discursivo das ciências humanas? Estes relatórios, ao emprestarem das ciências matemáticas, critérios e recursos para estabelecer conclusões, não se configurariam como exemplos relativizados de uma versão reformatada híbrida, ainda assim, uma continuidade, da valorização do enumerar e do enquadrar (Era da Representação) com o objetivar e o subjetivar (Era da História)? São outras questões adicionadas às anteriores para verificação da confirmação da epistémê moderna do século XX, em relação ao campo do conhecimento sobre sexualidade.

Repito, os conceitos-chaves extraídos de *As palavras e as coisas*, fundamentais para instrumentalização desta tese, foram: *epistémê*, um dispositivo especificamente discursivo; *taxionomia*, uma ciência da ordem, da classificação, das diferenças; e *máthêsis*, ciência das igualdades, das atribuições, das verdades. Parto, portanto, do ponto de vista foucaultiano a respeito das ciências humanas, para mobilizar reflexões teóricas preliminares sobre as emergências dos relatórios, buscando também o seu ferramental arqueológico-discursivo como instrumento metodológico-analítico.

---

<sup>28</sup> Foucault, não se desvencilha da categoria “homem”, com a mulher nela subsumida. Para a historiadora Michelle Perrot, “a maioria das feministas censura em Michel Foucault seu androcentrismo, que o torna cego para o *gender*. Algumas acreditam que esse androcentrismo é vicioso e estrutura todo o seu pensamento.[...] Outras, provavelmente a maioria, pensam que esse posicionamento não impede que Michel Foucault tenha dado armas úteis à crítica feminista: o poder, o corpo como alvo e veículo do biopoder, as estratégias de resistência ou as tecnologias de si. Todas aderem à sua crítica do universalismo e um grande número, à crítica do essencialismo.”(PERROT, 2006:64-5).

#### 1.4. A análise de discurso de Michel Foucault

A noção de discurso sob influência dos trabalhos de Foucault tem adquirido um papel relevante nas ciências humanas nas últimas décadas para a compreensão de certos fenômenos históricos e culturais. Por ser um termo polissêmico, a apreensão de sua extensa conceituação vai desde sua identificação popular com discurso-oratória, até a noção teórica da lingüística de Ferdinand Saussure (1857-1913), onde é definido, sucintamente, como formas de apropriação, pelo indivíduo falante, do universo da língua. Os estruturalistas propõem estudar os textos numa abordagem interna, excluindo reflexões exteriores.

A análise de discurso<sup>29</sup>, segundo Helena Brandão, autora de *Introdução à Análise do Discurso*, apresenta duas vertentes: a perspectiva americana<sup>30</sup> que considera a teoria do discurso uma extensão da lingüística, e a perspectiva europeia que trata o discurso como exterioridade da lingüística, ou seja, verifica as condições sócio-históricas de produção do discurso. Nesta última, temos a escola francesa de análise de discurso, onde autores como Michel Pêcheux (1938-1983) e Dominique Maingueneau, apropriaram-se de alguns conceitos de Louis Althusser (1918-1990), principalmente o de ideologia, e de conceitos de Michel Foucault, especialmente o de discurso para a constituição do campo.

Na análise de discurso de M. Pêcheux, vertente atravessada pela Lingüística, pelo Marxismo e pela Psicanálise, o discurso é uma espécie pertencente ao campo ideológico, é o espaço onde emergem significações (da

---

<sup>29</sup> Como contribuições teóricas no campo metodológico na Análise do Discurso, sugere-se as leituras de Guirado(1995), Brandão(1998), Orlandi(1999), Maingueneau(1997,1998), Gregolin(2004) e Sargentini&Navarro-Barbosa(2004).

<sup>30</sup> BRANDÃO(1998) nos aponta como representante principal desta vertente, o norte americano Zellig



ordem da semântica, portanto), interpretações e o processo discursivo é o de produção de sentidos. Opondo-se a esta concepção interpretativa, em Foucault o discurso é o espaço onde saber e poder se articulam em história carregada de rupturas (descontinuidades), mediatizado por políticas gerais de verdade, discurso concebido segundo o princípio de dispersão e não o princípio de unidade.

A produção intelectual de Foucault, segundo olhares de diferentes autores<sup>31</sup>, pode ser dividida em três eixos, correlacionados com as fases de seus escritos: o eixo arqueológico, onde explora as formas ou as arqueologias dos saberes; o eixo genealógico, onde trabalha com as forças ou as genealogias dos poderes; o eixo ético, onde estuda o sujeito (ou os processos de subjetivação) sob uma estética da existência. Embora ocorram sobreposições nestes eixos, estes mesmos comentadores afirmam ser incoerência retratá-los sob esta ótica fásica, e concordam que Foucault realmente complementou o exercício de uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder.

A arqueologia tem a proposta de descrever a constituição das ciências a partir das relações entre os saberes, deve responder como os saberes se formavam e se transformavam, como apareceram. Com a genealogia, a proposta é descrever como os poderes se exercem em diferentes níveis e em pontos diversos da rede social. A tese fundamental é que saber e poder se implicam mutuamente.

---

Harris(1909-1992). Numa direção diferente, na Europa. é o russo Roman Jakobson (1896-1982) e o francês Émile Benveniste(1902-1976) que vão constituir a análise de discurso como enunciação.

<sup>31</sup> Podemos citar: Deleuze (1988), Dreyfus&Rabinow(1995), CasteloBranco&Portocarrero(1998), Queiroz(1999,2004), Araújo(2000), Goldman(1998), Maia(1998), Pinho (1998), Machado(1981), CasteloBranco& Neves(1998) e Prado Filho(1998).

O pensamento de Foucault tem forte inspiração em Nietzsche, principalmente no tocante à tarefa do filósofo não ser apenas a busca da verdade absoluta e definitiva, ou busca das verdades relativas: é tarefa sim, fazer um diagnóstico dos processos, das forças e dos movimentos da história que possibilitem uma ontologia histórica de nós mesmos. O filósofo-historiador deve, por mais paradoxal que seja, fazer uma história do presente: e não se trata de uma análise de períodos, de épocas, trata-se de uma história de problemas, de problematizações<sup>32</sup>, história de experiências, de como o ser se constitui e como o ser é pensado. Como proceder, assim descreve Márcio Goldman(1998):

Quais os meios mobilizados para as análises: **partir das questões do presente, das lutas contemporâneas, selecionar um "bom" objeto e então dissolvê-lo**, eis como se faz. Partir das grandes evidências, das coisas mais "naturais", e proceder à sua desmontagem, ao esclarecimento de seu caráter de *constructos* históricos, à descoberta de suas condições históricas de possibilidade. (GOLDMAN, 1998:91) (grifos meus)

Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite apresentam uma distinção da ordem de gênero, sexualidade feminina e sexualidade masculina, com naturalizações sendo reafirmadas ou positivadas, produzindo um tipo de homem e um tipo de mulher. Esta seria, por exemplo, uma questão do presente a ser problematizada, mobilizada, dissolvida e analisada discursivamente.

---

<sup>32</sup> Conceito já exposto no início da tese, mas repetimos, problematização compreendida como a ação de tornar algo um problema, ou nas palavras de Foucault: “[...] da ordem da “problematização”: ou seja, da elaboração de um domínio de fatos, práticas e pensamentos que me parecem colocar problemas para a política” (FOUCAULT, 2004a:228).

### 1.4.1. Arqueologia do saber

Na perspectiva de Michel Foucault, o discurso é um acontecimento histórico e os documentos, as fontes históricas, tornam-se monumentos, superando seu caráter bi-dimensional, transformando-se em elementos tri-dimensionais. Foucault vasculha solos documentais, depositados em profundidade, à procura de práticas. Em outras palavras, enquanto a arqueologia, ciência tradicional, elabora documentos a partir dos objetos e monumentos mudos, a arqueologia de Foucault pratica uma inversão: "Ela não trata o discurso como documento (...) ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento" (FOUCAULT,1995a:159). Esta característica metodológica é singular, pois torna a espessura de um documento infinitamente maior que uma simples e fina materialidade inerte, e maior que um mero registro para memorização de fatos: o próprio discurso do documento é factual. O método foucaultiano, a análise arqueológica dos discursos, pormenorizadamente descrita no livro *A Arqueologia do Saber*, estabelece que:

A análise arqueológica individualiza e descreve formações discursivas, isto é, deve **compará-las**, opô-las umas às outras na simultaneidade em que se apresentam, **distinguí-las** das que não têm o mesmo calendário, **relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolvem** e lhes servem de elemento geral. (FOUCAULT,1995a:180).(grifos meus)

Os enunciados<sup>33</sup> para análise não são selecionados em função de frequências ou constantes lingüísticas, pelo contrário, "as palavras, frases e proposições retidas no corpus devem ser escolhidas em torno dos focos difusos de poder (e de resistência) acionados por este ou aquele problema" (DELEUZE, 1988:28). No caso desta tese, os focos difusos de poder, foram os discursos científicos sobre a sexualidade masculina e feminina e as relações de gênero.

Os relatórios sobre sexualidade aqui estudados, quando de suas publicações (Kinsey: 1948 e 1953; Masters&Johnson: 1966 e 1970 e Shere Hite: 1976 e 1981), obtiveram repercussões contraditórias: desde elogios e aceitações irrestritas, passando por parciais objeções e até rejeições no meio científico; apresentaram novas descobertas, descreveram comportamentos sexuais de homens e mulheres, relataram intimidades e privacidades, divulgaram segredos, medos e receios, criaram e recriaram termos e conceitos científicos que, com a popularização, envolveram possibilidades reais de interpretações equivocadas, cristalizações e banalizações. Conceitos, noções, definições e descrições sexuais foram esmiuçadas ao longo das décadas de 50, 60 e 70 do século XX, com o suporte qualificável da ciência. Como estes conceitos formulados sob certas condições históricas de emergência foram divulgados e no presente continuam com certa validade, tornando-se de alguma forma, permanentes? Como conceitos atribuídos externamente

---

<sup>33</sup> Para Foucault, enunciados não são apenas frases de uma construção gramatical: enunciado é a unidade elementar de um discurso situada num sistema de coordenadas: "uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial são enunciados; [...] uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; [...] **um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados**; quanto às frases de que podem estar acompanhados, elas são sua interpretação ou comentário". (FOUCAULT, 1995a:93). (grifos meus).

passaram a encontrar uma concordância subjetiva, sem a experiência vivencial? Mas lembremos, os relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite foram avolumados, tornaram-se acontecimentos a partir dos relatos de experiências de homens e mulheres que foram coletados e compilados. Estas questões norteadoras de pesquisa remetem a uma pergunta-chave: é a experiência do outro (ontem) que definirá a minha (hoje)?

Sobre um destes pontos problemáticos, os conceitos científicos, Foucault (1995b) deixa claro o risco de confusões e distorções que assumimos ao extrapolar os limites conceituais: "temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Necessitamos de uma consciência histórica da situação presente" (FOUCAULT, 1995b:232). Neste sentido, faz alusão explícita a Georges Canguilhem, tomando-o para suas análises sobre a importância de detectar-se os deslocamentos e transformações dos conceitos e a preocupação em saber como um conceito qualquer assume status e função de conceito científico.

[...] a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, **mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso**, a de meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração. (FOUCAULT, 1995a:05) (grifos meus)

A análise de discurso foucaultiana procura verificar o reconhecimento efetivo dos saberes, não apenas em seu critério de cientificidade, mas também e primeiramente, em seu critério histórico, com a descrição e definição das condições de emergência histórica de determinado discurso e das possibilidades de existência enunciativa. Depreende-se daí a análise

arqueológica ser uma análise histórica, não uma análise gramatical, ou uma análise estrutural, ou uma análise interpretativa. Reitera-se, o método arqueológico é serial, e em vez de analisar a estrutura interna de uma teoria, pratica uma análise comparativa multiplicadora, num domínio de pluralidade articulatória, fazendo surgir assim uma configuração interdiscursiva, ou rede de positivities<sup>34</sup>, pois as formações discursivas podem ter entre si um certo número de relações descritíveis, externas e internas.

[...] o horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois **uma** ciência, **uma** racionalidade, **uma** mentalidade, **uma** cultura; (...) o que esta quer libertar é, inicialmente - mantidas a especificidade e a distância das diversas formações discursivas - o jogo das analogias e das diferenças, tais como aparecem no nível das regras de formação. (FOUCAULT, 1995a:183-4).

Tomando-se como princípio básico que analisar discursos, a partir de Foucault, é descrever sistemas de dispersão num domínio de pluralidade articulatória, pode-se facilmente verificar que esta análise arqueológica de discurso tem características interdisciplinares.

Não é de se estranhar Foucault ter buscado na Arqueologia, uma ciência que estuda o passado a partir de vestígios materiais, atuando em parceria com outras áreas de conhecimento (como antropologia, história, sociologia, geologia, geografia, paleontologia, química, botânica e biologia), com pouquíssimos cursos de graduações<sup>35</sup> pelo mundo, a metáfora metodológica

<sup>34</sup> Positividade tem o sentido do reconhecimento do saber como efetivo, submetido unicamente ao critério histórico (e não ao critério da cientificidade ou ao critério da racionalidade), o poder é positivo no sentido de produtividade. Nas palavras de Foucault: "A positividade de um discurso [...] caracteriza-lhe a unidade através do tempo e muito além das obras individuais, dos livros e dos textos. [...] a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um a priori histórico"(FOUCAULT, 1995a:145-146).

<sup>35</sup> Atualmente o Brasil conta com três cursos de graduação em Arqueologia, todos recém criados: na Universidade Católica de Goiás (desde 2006), Universidade Federal de Sergipe (desde 2007) e Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco (desde 2004). (fonte: [www.educacaosuperior.inep.gov.br](http://www.educacaosuperior.inep.gov.br)). Entre 1976 e 2001, o único curso existente de graduação em Arqueologia era na Universidade Estácio de Sá, do RJ. Há também alguns cursos de Pós-graduação, como por exemplo: na USP em São Paulo, UFP em Recife, PUCRGS em Porto Alegre, UFMG em Belo Horizonte e UFRJ no Rio de Janeiro. Vale registrar

para criticar diretamente a Sexologia<sup>36</sup> (e os sexólogos), uma ciência sexual sem graduação acadêmica específica, constituída também por áreas de conhecimento como medicina, biologia, psicologia, antropologia e sociologia. E mais do que isto, podemos especular até que ponto as escolhas de Foucault por estas ciências que não têm demarcações rígidas, foram intencionais, inserindo-as num campo de múltiplos saberes, mais do que num único campo disciplinar, indicando seu desprezo pelas fronteiras disciplinares.

#### 1.4.2. Genealogia do poder

A genealogia é um estudo das práticas sociais. É uma análise histórica, mas um “tipo de análise” e de “história” que não efetua uma procura de “origem”, e sim uma procura de “proveniência” (*Herkunft*), assim explicada:

[...] a análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular lugares e recantos da sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos. **A proveniência permite também reencontrar sob os aspectos únicos de um caráter ou de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram**” (FOUCAULT, 1998c: 20-1). (grifos meus)

Esta tese, em particular, ao buscar coerência teórica, metodológica e categorial, encontra na frase “Enfim, a proveniência diz respeito ao corpo” (NIETZSCHE apud FOUCAULT, 1998c:22) um condutor para o desenvolvimento metodológico dos trabalhos, principalmente pela sua presença implícita na categoria gênero:

---

que poucos países do mundo têm graduação em Arqueologia.(fonte:[www.comciencia.br](http://www.comciencia.br), acessado em 17.01.2006).

<sup>36</sup> No Brasil não há nenhuma graduação em Sexologia. Há duas pós-graduações lato sensu, no RJ, na Universidade Cândido Mendes e na Universidade Gama Filho, e nesta última, o único Mestrado em Sexologia, Clínica e Educacional, da América do Sul.

O corpo - e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: **sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos**, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. **A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história** e a história arruinando o corpo. (FOUCAULT, 1998c: 22).(grifos meus)

A genealogia, considerada por Foucault uma atividade de pesquisa meticulosa, paciente e documentária, exige a minúcia do saber e um grande número de materiais acumulados para a construção dos "monumentos" a partir dos "documentos", opondo-se à pesquisa da "origem". Uma das tarefas do genealogista seguidor da perspectiva foucaultiana, em seu movimento pendular de análise e recuo em arco temporal, é verificar como o corpo foi sendo objeto de produções, ao longo da história. Conforme nos aponta a filósofa lingüista Inês Lacerda Araújo (2000), em sua leitura de Foucault:

A genealogia é uma analítica interpretadora que, sem a pretensão metafísica ou epistemológica, visa abordar na história e historicamente as forças, dispositivos, aparelhos, instituições que produzem efeitos, principalmente sobre os corpos, as populações, as doenças, a sexualidade, a governabilidade, as ciências humanas, o direito, a medicina, as instituições pedagógicas e disciplinares. (ARAÚJO, 2000:95)

Mas ressalta-se que esta “analítica interpretadora” não pode ser confundida com os postulados da hermenêutica. Foucault<sup>37</sup>, com suas

---

<sup>37</sup> Este seu entendimento e posicionamento como postura metodológica é um dos pontos mais vulneráveis na produção de Foucault, na concepção de Rabinow & Dreyfus (1995).



influências nietzschianas, comenta no artigo de 1967, *Nietzsche, Freud e Marx*, que a interpretação nunca pode se concluir, “nada há de absolutamente primeiro a interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação” (FOUCAULT, 2000b:47). As verdades inquestionáveis, os conceitos cristalizados, os valores eternos, são interpretações predominantes e impostas por estratégias de poder-saber. O genealogista, assim, procura descrever como as ligações entre verdade e poder emergiram, como as verdades se sustentam, e como se constroem historicamente vontade de saber e vontade de poder.

#### 1.4.3. Arqueologia do saber /Genealogia do poder

Reconhecendo um forte didatismo nas descrições das especificidades dos métodos arqueológico e genealógico, verifica-se, no entanto, no conjunto da produção foucaultiana, o inter-relacionamento de ambos. Não há, efetivamente, pré e pós-arqueologia e nem pré ou pós-genealogia.

Cabe ao arqueogenealogista interpretar ou fazer a história do presente, mostrando que transformações históricas foram as responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e **dotados de uma subjetividade pela invenção de uma ciência sobre o sexo**. (ARAÚJO, 2000:96). (grifos meus)

A presente tese envolveu a tarefa de analisar os discursos contidos nos relatórios sobre sexualidade, privilegiando as categorias gênero e corpo, utilizando-se de recortes de séries enunciativas, verificando os arranjos e as condições históricas, e efetuando um mapeamento correlacional dos discursos, já que estes são, em última análise, referenciais das práticas. Neste sentido, a descrição das características dos discursos dos relatórios, procurará efetuar o

mapeamento de rupturas<sup>38</sup> ou transformações ocorridas, a genealogia dos poderes correlacionados com os saberes<sup>39</sup>, a descrição de continuidades, a verificação de suas utilizações contemporâneas e as contradições<sup>40</sup> dos discursos sobre corpo e sobre gênero nestes documentos.

Desta maneira, a análise de discurso de Michel Foucault nos fornece instrumentos para diagnosticar um discurso histórico, mas a maneira peculiar como o analista mobiliza o ferramental é deixada livre, até porque Foucault também desejava que seus livros servissem a usos não definidos por ele:

**Todos os meus livros**, seja *História da Loucura* seja outro **podem ser pequenas caixas de ferramentas**. Se as pessoas querem mesmo abrí-las, servirem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, **para produzir um curto circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder**, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram...pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT,2006a:52) (grifos meus)

Pode-se escolher Foucault como possibilidade teórica ou possibilidade metodológica e enfatiza-se o termo possibilidade, pois mesmo o uso livre das ferramentas arqueológicas e genealógicas como método, pode ser considerado uma ousadia. No meu entender, só o próprio Foucault conseguiu manejar estes instrumentos. Ainda assim, como ele admite, sua análise enunciativa histórica

<sup>38</sup> "Ruptura é o nome dado às transformações que se referem ao regime geral de uma ou várias formações discursivas" (FOUCAULT,1995a:200). Para PORTOCARRERO(2000), talvez descontinuidade, "consista na idéia de acontecimento radical, do fato de que, em alguns anos, às vezes uma cultura deixa de pensar como havia feito até então, e pensa uma outra coisa e de uma outra maneira"(p.52).

<sup>39</sup> Convém apresentar algumas citações de Foucault, no tocante a suas considerações sobre ciência e saber: "A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber". (FOUCAULT,1995a:206)

"O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas" (Op.cit.,p.208).

"As ciências - pouco importa, no momento, a diferença entre os discursos que têm presunção ou status de cientificidade e os que apresentam realmente seus critérios formais - aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo" (Op.cit.,p.208).

<sup>40</sup> Em oposição à descrição dos consensos discursivos, para Foucault, "a arqueologia descreve os diferentes espaços de dissensão" (Op.cit.,p.175)

das ciências humanas, pretensamente anti-interpretativa, é “uma tese difícil de sustentar” (FOUCAULT, 1995a: 126-7).

Foucault em 1969 já projetava *A História da Sexualidade*, publicada em 1976, pois sugeriu em seu livro metodológico *A Arqueologia do Saber*, as possibilidades de análises arqueológicas diferentes: seja no sentido da epistêmê, descrevendo como se formaram figuras epistemológicas como a biologia ou psicologia da sexualidade, por quais rupturas instauraram-se discursos científicos de uma época, como o de Freud (analisado em *História da Sexualidade* – volume I); ou no sentido de uma ética (empreendimento dos volumes II e III):

Tal arqueologia, se bem sucedida em sua tarefa, **mostraria como as proibições, as exclusões, os limites, as valorizações, as liberdades, as transgressões da sexualidade, todas as suas manifestações, verbais ou não, estão ligadas a uma prática discursiva determinada.** Ela faria aparecer, não certamente como verdade última da sexualidade, mas como uma das dimensões segundo as quais pode ser descrita, uma certa “maneira de falar”; e essa maneira de falar mostraria como ela está inserida, não em discursos científicos, mas em um sistema de proibições e de valores.(FOUCAULT, 1995a: 219). (grifos meus)

Por opção pessoal, nesta pesquisa procurei contemplar estas duas orientações, no sentido de uma *epistémé* e de uma ética e interrogo, neste duplo empreendimento: os relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite, foram rupturas discursivas científicas no século XX, ou continuidades de uma mesma *scientia sexualis*? E, ou numa outra direção: os conteúdos dos relatórios não são científicos, são apenas reflexos de um sistema de proibições e valores?

Estando atento à ressalva que é muito difícil desvincular teoria e método servindo-se de Foucault, talvez me permitam dizer sob constestação, que este

trabalho, se compõe de duas teses, uma principal, a analítica; e uma secundária, a metodológica na qual, procurei aproveitar as possibilidades do método como ferramenta. Pressupondo que delimitar fronteiras de pesquisa não é o mesmo que recortar, pois recortar é eliminar, é deixar algo fora, os vetores foram: recortar no método, e delimitar na análise. Pode-se conciliar, neste plano de trabalho, a seguinte afirmação de Foucault:

**Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição.** Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros. **Um pirotécnico é, inicialmente um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O que vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas.** Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto. Uma vez tudo isto bem delimitado, resta o experimental, o tatear. Envia-se informes de reconhecimento, alocam-se vigias, mandam-se fazer relatórios. Define-se, em seguida, a tática que será empregada. Seria o ardil? O cerco? Seria a tocaia ou bem o ataque direto? **O método, finalmente, nada mais é que esta estratégia.** (FOUCAULT, 2006b:69-70) (grifos meus)

É mediante esta noção de método como estratégia que, ao montar o canteiro de obras para esta tese, escolhi as ferramentas foucaultianas para escavar os solos estratificados das “ciências sexuais”, removendo as camadas depositadas historicamente por diferentes saberes e compactadas por poderes, tomando como base os relatórios/acontecimentos Kinsey, Masters&Johnson e Hite.

## CAPÍTULO 2 – OS DISCURSOS E AS SEXUALIDADES CIENTÍFICAS

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessam-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros.

Michel Foucault, em *História da Sexualidade I*

### 2.1. Verdade, confissão e ciência sexual

A questão da verdade sempre atravessou a produção do conhecimento, ou a procura da certeza absoluta do conhecimento produzido. A discussão é milenar e muito embora tenha raízes filosóficas e religiosas, não há campo do conhecimento científico contemporâneo, não há produção que não inclua o critério de veracidade enquanto comprovação de suas afirmações<sup>41</sup>. Podemos dizer que toda a filosofia e as ciências apóiam-se em alguma noção de verdade, o que de início nos remete à definição ou ao conceito de verdade: o que é a verdade? Como algo passa a ser tomado como verdadeiro? Como se processa o conhecimento da verdade? São indagações complexas e as respostas são complexas.

Muitos pensadores tematizaram especificamente a verdade: Platão (427ac-347ac.) situa a oposição *verdade* (episteme) e *opinião* (doxa) a partir dos conflitos humanos, defende a antinomia saber e poder, e considera ser

---

<sup>41</sup> Os discursos pós-estruturalistas e pós-modernos procuram desconstruir a noção de verdade absoluta.

para poucos (os sábios) o domínio da verdade; Immanuel Kant (1724-1804) defende a existência de uma verdade científica válida; Hanna Arendt (1906-1975) concebe os conceitos de verdade filosófica e verdade factual que, correlacionadas à opinião, formam uma tríade ou instâncias de reconhecimento de limites da verdade.

O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) rejeita a idéia platônica de verdade, principalmente a clássica correspondência entre o conhecimento de um objeto e o objeto propriamente dito, ou, em outras palavras, o princípio do conhecimento (do ponto de vista do sujeito) e o princípio da cognoscibilidade (do ponto de vista do objeto). Para Platão o filósofo-político procura a verdade para se desiludir (tema da Alegoria da Caverna).

No texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, de 1873, Nietzsche afirma que a verdade enquanto descoberta de uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, em conjunto com a legislação da linguagem, fez surgirem as leis da verdade:

**O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas**, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: **as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas** que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (NIETZSCHE, 1999a:57) (grifos meus)

A crítica nietzschiana à noção de verdade sustenta-se na afirmação de que é impossível a correspondência entre a linguagem e o mundo real, precisamente porque como as palavras adquirem a dimensão de conceito, o

autor desconsidera as diferenças singulares entre as coisas, sendo a verdade um signo de reconhecimento, convencional e arbitrário. Dependendo dos critérios adotados, a caracterização de uma enunciação poderá ser verdadeira ou falsa.

**Toda palavra torna-se logo conceito** justamente quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única à qual deve seu surgimento, mas **ao mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos**, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. **Todo conceito nasce por igualação do não igual.** (NIETZSCHE, 1999a:56) (grifos meus).

No livro *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche é categórico: “não há fatos eternos: assim como não há verdades absolutas” (NIETZSCHE, 1999b:71) e esta é uma marca recorrente em toda sua produção intelectual, atingindo especificamente a ciência e os métodos científicos e a necessidade explícita, o impulso, o dever, o conhecer, em direção ao verdadeiro. Diz Nietzsche no texto *A Gaia Ciência*:

Como se vê, a ciência também se funda sobre uma crença, não há ciência ‘sem pressuposição’. **A questão de saber se a verdade é necessária** não deve apenas ter encontrado previamente sua resposta afirmativa, esta resposta deve ainda afirmá-la de tal maneira que ela **exprima o princípio, a crença, a convicção que “nada é tão necessário quanto a verdade e que em relação a ela, todo o resto tem apenas importância secundária”**.(NIETZSCHE,1996:47)(grifos meus).

O filósofo brasileiro Roberto Machado, no livro *Nietzsche e a Verdade*, explora justamente os textos em que o filósofo alemão formula uma recusa de uma teoria do conhecimento, problematizando a ciência, questionando a verdade. O binômio ciência – verdade (ponto central da reflexão nietzschiana) é colocado sob suspeita e criticado, porque a ciência não está isenta de juízos

de valor, sendo valorada pela moral. Machado destaca que o elemento-chave da argumentação é o conceito de vontade de verdade, enquanto manifestação de vontade de potência<sup>42</sup> (outro conceito-chave de Nietzsche):

**A vontade de verdade**, que **é a crença** de que nada é mais necessário do que o verdadeiro, de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade é um valor superior – **crença que funda a ciência** e constitui a essência da moral e da metafísica – é a expressão de uma vontade negativa de potência. (MACHADO, 1999:12).

Michel Foucault, fortemente influenciado por Nietzsche, ancora-se numa vontade de verdade essencialmente vinculada ao desejo e ao poder. Defende ainda, a concepção de verdade atrelada a formas de saberes (discursos) e forças de poder, ou seja, a verdade está para o discurso tal como está para o poder:

Por ‘verdade’, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o **funcionamento dos enunciados. A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder**, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade. (FOUCAULT, 1998a:14) (grifos meus).

A produção dos discursos verdadeiros é apontada por Foucault, como um dos problemas fundamentais do Ocidente, pois constantemente o que é dito saber verdadeiro, com um poder verdadeiro, é tido como tal até um novo dizer verdadeiro. Estes desenlaces ocorrem em uma ciência que está sustentada em critérios de lógicas de testabilidades, sejam eles de verificações confirmacionistas, como na lógica indutiva de Rudolf Carnap (1891-1970) ou de refutações de falseabilidades, como na lógica dedutiva de Karl Popper (1902-

---

<sup>42</sup> Elizabeth Förster Nietzsche, irmã de Nietzsche, a partir dos apontamentos deixados pelo filósofo, reuniu fragmentos póstumos numa obra intitulada “Vontade de Potência”. Fonte: FolhaMais de 06.08.2000.



1994). Mas não podemos esquecer que certas verdades foram verdades de uma época. Exemplo clássico é o fato de que até o século XVII, considerava-se que a Terra era plana e o Sol girava em torno da Terra. Os astrônomos Nicolau Copérnico (1473-1543) e Galileu Galilei (1564-1642), com o heliocentrismo, questionaram o milenar geocentrismo de Ptolomeu e Aristóteles.

Neste pensar, se por um lado, na Idade Média as verdades míticas se cristalizavam por mais tempo por conta de interesses religiosos, políticos e econômicos, atualmente as verdades científicas se tornam transitórias por conta da própria ciência, que as valida, convalida, revalida e invalida quando necessário. Versões de verdades possibilitam conversões de verdades.

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha 'ao compasso da verdade' – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo, poderes específicos. A produção de **discursos 'verdadeiros'** (e que, além disso, **mudam incessantemente**) é um dos problemas fundamentais do ocidente. **A história da 'verdade' – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita.** (FOUCAULT, 1998b:231) (grifos meus).

Para Foucault a sociedade ocidental é atravessada por vontade de saber, vontade de verdade (nos saberes), vontade de poder (nas verdades).

Por isto, defende:

A hipótese que gostaria de propor é que, **no fundo, há duas histórias da verdade. A primeira é uma espécie de história interna da verdade**, a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz na ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber – **e por conseguinte, podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade.** (FOUCAULT, 1996a:11).(grifos meus).

Esta citação, pronunciada em uma das cinco conferências realizadas na PUC do Rio de Janeiro, em maio de 1973, talvez resuma o pensamento de Michel Foucault sobre os jogos da verdade presentes na sociedade ocidental e explique o fato de sua obra constituir-se numa tentativa de elaborar uma história das relações que o pensamento mantém com a verdade, ou melhor, uma história do pensamento. Não é por acaso que Foucault se autodenomine um historiador do pensamento e, ao ser nomeado em 1970 para o *Collège de France* tenha criado a cadeira de História dos Sistemas de Pensamento.

Mediante esta relação entre pensamento e verdade em Foucault, François Ewald fornece uma contribuição extremamente valiosa para as reflexões sobre esta tese:

Nunca há senão sistemas de pensamento particulares aos quais são indexados tipos de verdades que constroem os sujeitos e seus comportamentos. A idéia de uma história da verdade não seria significar que estamos condenados ao erro. Pelo contrário, vivemos de qualquer maneira no elemento da verdade. **E a verdade não é sem efeito. Ela é produtora de regimes de identidade que são ao mesmo tempo princípios de exclusão.** No próprio movimento em que a verdade unifica, ela separa. Michel Foucault permite compreender como, em toda pretensão ao universal, há a recusa, a constituição de certas particularidades, como então todo universal é particular, como ele não pode ter aí saber absoluto. Porém o mesmo gesto indica-nos que não estamos condenados à particularidade dos regimes de verdade que nos oprimem. O fim de um mundo não é o fim do mundo (EWALD, 1984: 96).  
(grifos meus)

Insiste-se: Michel Foucault não diz que não há verdade, considera sim que certas verdades são compromissadas, válidas em certos territórios e por certo tempo, qualificadas, principalmente aquelas enunciadas como científicas.

Neste sentido, é oportuno re-apresentar<sup>43</sup> o seu conceito de epistémê:

Eu definiria épistémè como o dispositivo estratégico que permite escolher, entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poderá dizer, é falso, é verdadeiro. É o **dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável**. (FOUCAULT, 1998c: 247) (grifos meus).

Importante acrescentar que “numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma épistémè que define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 1999a: 230). A epistémê<sup>44</sup> constitui o conjunto de pressupostos e tendências que delimitam os limites da experiência do pensamento de uma época<sup>45</sup>, a extensão de seu conhecimento e, logo, a extensão da noção de verdade. Cada época define sua configuração de verdade e falsidade contida nos saberes, assim há perspectivas de verdade, modelos de verdade, e não verdade absoluta.

Neste raciocínio, os discursos sobre sexualidade são verdades construídas historicamente tendo, portanto, coordenadas espaço-temporais. Ao tomar a civilização ocidental como referência, Foucault cita-a como a única a praticar uma *scientia sexualis* ou, em outras palavras, só ela desenvolveu a verdade do sexo, só ela atribuiu-se tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, a partir do século XIX.

<sup>43</sup> Confrontar este com o conceito exposto no tópico *As ciências humanas na visão de Michel Foucault*.

<sup>44</sup> A noção de *Epistémè* se aproxima e se diferencia das noções de: Paradigma, de Thomas Kuhn (1922-1996), o conjunto de práticas válidas, suposições teóricas gerais, leis e técnicas, para aplicação e adoção por uma comunidade científica específica; *Zeitegeist*, de Wolfgang Goethe (1749-1832), o espírito de um tempo, as opiniões triunfantes num dado momento da história, que definem o pensamento das pessoas que vivem sob as mesmas circunstâncias sem que elas próprias se dêem conta disso; e de *Weltanschauung*, uma visão de mundo comum a todos os homens de uma época.

<sup>45</sup> No meu entendimento, quando Foucault fala em *experiência de pensamento de uma época*, descola o pensamento de uma interioridade, submetendo-o à ordem da historicidade.

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e prazer, de lei ou de interdição, mas também de **verdade e falsidade**, que a **verdade do sexo** tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que **o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade**. (FOUCAULT, 1988:56)

Na confluência destas linhas extraídas do primeiro volume da *História da Sexualidade - A Vontade de saber*, Foucault retrata a sociedade burguesa, capitalista, industrial, emergente no ocidente no século XVIII, caracterizada por colocar o sexo em discurso, discurso esse acerca do sexo produzido num regime de poder/saber/prazer. Tal regime, chamado por ele de dispositivo da sexualidade, busca instaurar a verdade sobre o sexo, verdade entendida como construtora da norma<sup>46</sup>. Para Foucault, o dispositivo da sexualidade possui a função de "proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global". (FOUCAULT, 1988:101).

Foucault afirma existirem historicamente dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo: de um lado as sociedades orientais que utilizam-se da *ars erótica* (arte erótica) para extrair a *verdade do prazer*, como prática sexual e experiência, sem leis absolutas; e de outro, as sociedades ocidentais, que praticam uma *scientia sexualis* (ciência sexual), que se desenvolveu para dizer dessa *verdade do sexo*, procedimentos que se ordenam, em uma forma confessanda de poder-saber. Essa forma confessanda de poder-saber é uma transposição da confissão cristã com

---

<sup>46</sup> Neste mesmo capítulo, no tópico 2.2 – *A norma e o normal: normatizar e normalizar* está elaborada uma reflexão sobre a construção da norma e sua relação com a verdade.

reformulações históricas manifestadas modernamente através de técnicas de exame, técnicas psicanalíticas e psicológicas e técnicas de inquirição.

Em *A vontade de saber*, Foucault elabora uma arqueologia da psicanálise, questionando a “hipótese repressiva” apregoada por Freud. Em nossa sociedade ocidental burguesa, capitalista, industrial, com tanta prolixidade e efervescência sexuais, na forma escrita e verbalizada, como se pode falar em “repressão sexual”? Pelo contrário, nossa sociedade ocidental caracterizou-se por colocar o sexo em discurso e o discurso psicanalítico, assim como de todas as ciências “Psi” são exemplos destes discursos verdadeiros.

Foucault anuncia e denuncia o discurso freudiano, supostamente radical e inovador, como estando inscrito no campo das ciências sexuais constituídas ao longo do século XIX, cujos discursos sexológicos incitaram, proliferaram e produziram um falar sobre sexo permanente e ilimitado:

**Deve-se, portanto, considerar**, não o limiar de uma nova racionalidade, que **a descoberta de Freud** ou de outro tenha marcado, mas a formação progressiva (e também as transformações) desse ‘**jogo da verdade e do sexo**’, que o século XIX nos legou, e do qual nada prova, mesmo que o tenhamos modificado, estarmos liberados. Desconhecimentos, subterfúgios, esquivas só foram possíveis e só tiveram efeitos baseados nessa estranha empresa: **dizer a verdade do sexo**. (FOUCAULT, 1988: 56) (grifos meus).

Na argumentação de Foucault, a estrutura edipiana universal defendida por Freud, a interdição do incesto sob forma de categoria de *lei* e a libertação do desejo aprisionado, não teriam qualquer razão de ser, simplesmente porque não existiria a repressão nesta sociedade moderna discursivamente prolixa, ou

seja, no lugar de repressão sexual – produção da sexualidade, a verdade no sexo.

A procura da verdade no sexo é obtida através de inúmeros e diversos mecanismos, incluindo, por exemplo, a confissão. O deslocamento da confissão religiosa cristã a um projeto de discurso científico, atravessou o século XIX até sua consolidação, sendo um marco histórico na constituição da *scientia sexualis* ocidental. A medicalização da confissão e seu uso com nova formatação na psicanálise, a intensa solicitação de conselhos a “especialistas do sexo”, conhecedores da verdade, fez de nossa sociedade uma sociedade confessanda (tendo o sexo como matéria privilegiada), que procura ansiosamente pela verdade (inclusive a verdade interior). Foucault assim estabelece a relação entre verdade e confissão, ou entre verdade e exame de consciência:

**A obrigação da confissão** nos é, agora, imposta a partir de pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; **parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não ‘demanda’ nada mais que revelar-se (...).** “(FOUCAULT, 1988:59-60) (grifos meus)

Depreende-se de suas formulações desdobramentos múltiplos: do confessional cristão<sup>47</sup> para as salas de inquérito, para os consultórios médicos, para os consultórios de psicanalistas e psicólogos, enfim para quaisquer outras salas convertidas em salas de confidências, confessa-se para o padre, para o pastor, para a mãe, para o amigo e quando não tiver mais

---

<sup>47</sup> Em uma de minhas garimpagens em sebos, encontrei uma “pérola” bem ilustrativa: o livro *Sexo no Confessionário* de Norberto Valentini e Clara di Meglio, original em italiano de 1973 e edição em português de 1974. O livro conforme os autores, “traduzido em todos os países do mundo” e “um sucesso

ninguém a confessar, confessa-se para si mesmo, fazendo um exame de consciência.

[...] a confissão passou a ser, no ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. **Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda.** A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessam-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, **confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros.** Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; (FOUCAULT, 1988:59) (grifos meus)

É com esta insistência que Foucault rebela-se contra a confissão como método de produção de verdade e a considera como uma estratégia do poder, estando interessado especialmente no papel da ciência e sua relação com a confissão. O sujeito moderno não é mudo, ele deve falar. Deve falar de sexo, valorizando-o como segredo. A colocação do movimento da confissão, especialmente a confissão sexual, numa relação de poder, ocorreu no século XIX, quando o indivíduo era persuadido a confessar-se para outras autoridades, leia-se, médicos, psiquiatras e juízes.

E assim o sexo constituiu-se como problema de verdade. A vida em aspectos afetivo-sexuais é colocada sob foco, sob exame, tendo o ritual da confissão sexual como estratégia de poder-saber-prazer. Colocação do sexo

---

editorial”, apresenta a transcrição de mais de 600 fitas gravadas entre confessor e penitente, em várias igrejas e catedrais da Itália.

em discurso. Verdade sobre o sexo. Dispositivo da sexualidade<sup>48</sup>. Confissão: “matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988:62).

Para Foucault, temos que fazer uma história da confissão ou uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. Segundo ele (p.67), a sexualidade é o correlato de uma prática discursiva, a *scientia sexualis*, desenvolvida lentamente. Reitero, uma ciência com a função de produzir verdade.

**No ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica, lá onde foi preciso encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamentos (técnicas de escuta, postulado de causalidade, regra de interpretação, imperativo de medicalização), a sexualidade foi definida como sendo, ‘por natureza’, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização, um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra oculta, que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. (FOUCAULT, 1988:67). (grifos meus)**

Neste sentido, os relatórios sobre sexualidade, enquanto formas discursivas de saber, através de questionários, enquetes, entrevistas, narrativas e outras técnicas de observação, descreveram comportamentos íntimos sexuais, relataram privacidades, expuseram medos, receios, taras e desvios, em suma: apresentaram novas possibilidades de descobertas e explicações sexológicas. Os depoimentos, os relatos, as descrições minuciosas

---

<sup>48</sup> Dispositivo: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. [...] entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.” (FOUCAULT, 1998d:244). Confrontar com nota 27, página 30.



sobre o corpo, reações físicas, zonas erógenas, preferências sexuais, segredos, os desejos e as fantasias sexuais, insistentemente citadas e referenciadas, são mentiras ou são verdades? São verdades produzidas historicamente, a partir das contribuições de diversas ciências, com inúmeros “especialistas” a legitimarem as informações distribuídas e divulgadas através de várias formas discursivas. O instrumento da confissão sexual produziu uma forma de sexualidade verdadeira, através dos livros científicos: os relatórios.

Numa fala dirigida especificamente aos psicólogos, terapeutas sexuais, sexólogos e psicanalistas, e a quaisquer, segundo ele, “locadores de orelhas”, Foucault (1988) se posiciona de maneira extremamente crítica:

**Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado (não sem algum tremor) por seu dever de verdade,** a irrupção de fantasias secretas, cujo direito de murmurar para quem sabe ouvi-las se paga tão caro, em suma, o formidável ‘prazer na análise’ (no sentido mais amplo deste último termo) que o Ocidente desde há vários séculos fomentou sabiamente, tudo isso forma como que fragmentos errantes de uma arte erótica, veiculados em surdina pela confissão e a ciência do sexo. (FOUCAULT, 1988:70). (grifos meus)

Mas é na ânsia de respostas verdadeiras, que emerge a insistente pergunta: “Sou normal”? “Sou anormal”? O que é normal para quem pergunta? Será que bastaria ouvir de um “especialista” a resposta “você não é anormal!” ou ouvir “isto não é doença!”? As estranhezas ou as discrepâncias de comportamento sexual são colocadas em relação a mim ou em relação aos outros? Somos o que o outro confirma que somos? Somos o que o outro afirma que somos? A diferença entre afirmação e confirmação não é apenas de ordem

semântica. Eu sou o diferente, ou os outros? Em resumo: quem é o normal?

Como algo é considerado anormal?

Partindo-se de uma lógica antagônica de normalidade-anormalidade e de saúde-doença, efetua-se uma correlação cruzada entre normal/saúde e anormal/doença. O deslocamento do conceito de norma e normal do biológico para o social, e a emergência do conceito da doença mental na psiquiatria, foram decisivos para a instauração de verdades nos corpos, produzindo subjetividades.

Neste sentido, Prado Filho (1998) promove uma reflexão pertinente a este posicionamento, ao afirmar:

**A norma é o artifício que individualiza, ao mesmo tempo que torna comparável** – princípio de comunicação entre individualidades comparáveis – medida comum que se institui na pura referência, sem nenhuma exterioridade, de um grupo em relação a si próprio e permite relacionar indivíduos entre si e estes relativamente a uma população que os engloba. **A norma é ainda da ordem da visibilidade** – remete a uma “objetividade de superfície”, articulando observação e registro, tornando visíveis os desvios e as diferenças. O olhar normativo não busca penetrar as interioridades e o que perde em profundidade ganha na exterioridade. (PRADO FILHO: 1998, 150).(grifos meus)

É este duplo mecanismo de individualização comparativa e de visibilidade diferencial que caracteriza as relações entre a norma e a normalidade, entre o saber e o poder, entre a arqueologia e a genealogia.

## 2.2. A norma e o normal: normatizar e normalizar

Uma das reflexões milenares é o pensar e o repensar constantes sobre as intra-relações de uma sociedade com os seus seres diferentes. Para refletirmos sobre este diferente, um outro, encontraremos pressupostos, concepções e raízes epistemológicas em várias designações, mas duas em especial são alvo de nosso interesse: o normal e o patológico, ou em seus antônimos, o anormal e o saudável.

Etimologicamente, norma deriva do latim *norma*, princípio, preceito, regra, e normal de *normalis*, que está em conformidade com a norma, regular, comum. Mas norma também significa esquadro, ângulo normal, ângulo de 90°, e por extensão, quando algo está no esquadro, diz-se que está normal, perpendicular, ortogonal, co-rreto. Pode-se entender porque quando algo é dito torto, está fora do esquadro, não é normal. A partir destas definições podemos aceitar, num primeiro momento, que normatizar é prescrever normas, condutas, regras, preceitos, regulamentos, instruções normativas, enquanto normalizar significa tornar algo “normal”, ou seja, de acordo com estas regras.

Normatização e normalização, entretanto, apresentaram incorporações históricas, com deslocamentos e re-conceitualizações de várias áreas. Em matemática, em física, em química, em fisiologia, em antropologia, em sociologia, em psicologia, norma e normal possuem versões próprias, algumas próximas, outras distantes. Esta discussão não é simples e é antiga, mas atendo-nos ao período das formações discursivas disciplinares, ou ao século XIX, encontramos em um dos fundadores da sociologia, o francês Émile

Durkheim (1858-1917)<sup>49</sup>, as referências iniciais sobre o tema de nosso vetor de fundamentação, com as proposições de Georges Canguilhem e Michel Foucault.

Para Durkheim, um determinista social influenciado pelo Evolucionismo, a sociedade molda as ações das pessoas e as recompensa, na medida que desempenham seus papéis sociais. Se tentam contrariar a sociedade, esta aciona controles e coerções. Em seu livro de 1895, *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim reserva o capítulo terceiro às “Regras relativas à distinção entre o normal e o patológico”:

Chamaremos normais aos fatos que apresentam as formas mais gerais e daremos aos outros o nome de mórbidos ou de patológicos. Se convencionarmos chamar de tipo médio ao ser esquemático que resultaria da reunião num todo, numa espécie de individualidade abstrata, **das características mais freqüentes na espécie com as suas formas mais freqüentes, poder-se-á dizer que o tipo normal se confunde com o tipo médio, e que qualquer desvio em relação a este padrão da saúde é um fenômeno mórbido** (DURKHEIM, 2003:74). (grifos meus)

Observa-se em Durkheim, além de uma presença direta do critério positivista de Auguste Comte (1789-1857), uma correlação associativa entre o padrão de freqüência, média e normalidade e a definição de seu oposto, o desviante, o anormal, o mórbido, o patológico. Ao comparar o estudo dos sociólogos com o dos fisiologistas que estudam as funções do organismo médio, Durkheim define que “um ato social não pode, pois, ser considerado normal para uma espécie social determinada senão em relação a uma fase, igualmente determinada, do seu desenvolvimento” (DURKHEIM, 2003:75). Esta

---

<sup>49</sup> O sociólogo Durkheim foi tio do antropólogo Marcel Mauss, tendo este trabalhado e recebido suas influências.

citação é também mencionada por Michel Foucault, em *Maladie Mentale et Psychologie* (Doença Mental e Psicologia), para elaborar análises sobre as concepções estatísticas e evolucionistas, e apontar suas implicações antropológicas. Referindo-se também à antropóloga norteamericana Ruth Benedict (1887-1948), autora de *Padrões de Cultura* (1934) segundo a qual cada cultura formará uma imagem virtual da doença, delineada por padrões de exclusão ou aceitação (e até privilégio), Foucault se contrapõe às duas análises à de Durkheim e à de Benedict, por entender que ambas apresentam uma visão negativa de doença.

**É deixar de lado, sem dúvida, o que há de positivo e de real na doença, tal como se apresenta numa sociedade.** Há, de fato, doenças que são reconhecidas como tais, e que têm, no interior de um grupo, status e função; o patológico não é mais então, em relação ao tipo cultural, um simples desvio; é um dos elementos e uma das manifestações deste tipo. Deixemos de lado o caso célebre dos Berdache, entre os Dakota da América do Norte, estes homossexuais têm um status religioso de sacerdotes e mágicos, um papel econômico de artesãos e criadores, ligados à particularidades de sua conduta sexual. **Mas nada indica que haja a seu respeito, no grupo, uma consciência clara da doença. Pelo contrário, encontra-se esta consciência ligada a instituições sociais muito precisas.** (FOUCAULT, 1994a:73). (grifos meus)

Vemos aqui Foucault antecipar suas incisivas formulações ulteriores, principalmente em *História da Sexualidade – a vontade de saber*, onde o lento processo de “psiquiatrização do prazer perverso” ocorrido na sociedade ocidental a partir do século XIX, resultou numa catalogação de inúmeros desvios sexuais, incluindo nestes grupos, entre outros, a homossexualidade como categoria psicológica, psiquiátrica e médica, vista como desordem mental e/ou doença até 1973, quando retirada do DSM, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, da American Psychiatric Association (APA).

Foucault, no livro de 1962, *Maladie Mentale et Psychologie*, modificado do seu pioneiro *Maladie Mentale et Personnalité* publicado em 1954, apresenta sua tese da constituição histórica da doença mental, da relação entre um homem louco e um homem verdadeiro, da “emergência nas formas de saber de um *homo psychologicus*, encarregado de deter a verdade interior” (FOUCAULT, 1994a:98) e da impossibilidade da psicologia dominar a loucura. Apesar de pouco explorado pelos comentadores de sua obra, nas linhas deste texto, identificam-se as inquietações e as futuras empreitadas foucaultianas, já influenciado pelo médico e filósofo francês Georges Canguilhem, seu orientador de doutoramento, responsável principalmente pelo seu questionamento das bases do conhecimento psicológico e por seu posterior afastamento dos terrenos exclusivos e disciplinares da psicologia.

Georges Canguilhem (1904-1995), em sua obra *O Normal e o Patológico* (1966) explora rigorosamente a história destes conceitos médicos (normal e patológico), desenvolvidos na fisiologia e biologia no decorrer dos séculos XX e XIX. No século XIX, a medicina era considerada como ciência das doenças e a fisiologia como ciência da vida, mas com os trabalhos do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878), principalmente sua *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* (1865), a medicina passou a desenvolver uma abordagem quantitativa entre o normal (saúde) e o patológico (doença). Para Canguilhem, os fenômenos patológicos são idênticos aos fenômenos normais correspondentes, salvo pelas variações quantitativas, de modo que a explosão de diagnósticos na medicina se constituiu às expensas de um processo, adotado ao longo do século XIX, de patologização do normal. Em seu trabalho

(originalmente sua tese de doutorado de 1943), inicia reflexões epistemológicas com a afirmação-tese a partir da qual desenrola sua argumentação histórica e filosófica.

Essa evolução resultou na formação de uma teoria das relações entre normal e patológico, segundo a qual os fenômenos patológicos nos organismos vivos nada mais são que **variações quantitativas**, para mais ou para menos, dos fenômenos fisiológicos correspondentes. Semanticamente, o patológico é designado a partir do normal, não tanto como *a* ou *dis*, mas como *hiper* ou *hipo*. **Essa teoria não defende absolutamente a tese de que saúde e doença sejam opostos qualitativos**, forças em luta, (...). A convicção de poder restaurar cientificamente o normal é tal, que acaba por anular o patológico.(CANGUILHEM, 1995:22) (grifos meus)

Ao longo do seu texto, promove um constante e provocante exercício de ambigüidade, centrado na distorção conceitual promovida pela medicina, principalmente entre o normal e o patológico, entre a doença e a anomalia. A doença seria mera perturbação do equilíbrio do corpo, ou é também esforço da natureza agindo sobre o homem para obter novo equilíbrio? Isto conduz a duas concepções terapêuticas, a interventora (técnica médica) e a espontânea (cura por si próprio). Continuando neste raciocínio, partindo dos dois sentidos da palavra, “é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte da espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável” (CANGUILHEM, 1995:95), efetua-se uma colagem associativa ao incluir um valor de julgamento onde a perfeição é o ideal, a partir do comum. Na medicina, por exemplo, o estado normal é o estado habitual e ao mesmo tempo o estado ideal.

É certo que, em medicina, o estado normal do corpo, é o estado que se deseja restabelecer. Mas será que se deve considerá-lo normal porque é visado como fim a ser atingido pela terapêutica, ou, pelo contrário, será que a terapêutica o visa justamente porque ele é considerado como normal pelo interessado, isto é, pelo doente? Afirmamos que a segunda é a verdadeira. Achamos que a medicina existe como arte de vida porque **o vivente humano considera, ele próprio como patológicos – e devendo portanto serem evitados ou corrigidos – certos estados ou comportamentos que, em relação à polaridade dinâmica da vida, são apreendidos sob forma de valores negativos**. Achamos que, desta forma, o vivente humano prolonga, de modo mais ou menos lúcido, um efeito espontâneo, próprio da vida, para lutar contra aquilo que se constitui um obstáculo **à sua manutenção e a seu desenvolvimento tomados como normas**”. (CANGUILHEM, 1995:96).

Canguilhem assim nos possibilita uma compreensão da ânsia dos enquadramentos e desejo ou necessidade de normalidade sentida por pessoas em dúvida sobre sua condição ou estado a partir de normatividades<sup>50</sup>. Outro conceito do autor de fundamental importância para entendimento das influências de enquetes e inquéritos comportamentais na produção de subjetividades, é o de anomalia. A palavra anomalia também tem dubiedade etimológica: anomalia vem do grego *an-omalos*, desigualdade, irregularidade, e pode derivar de *a-nomos*, anomia, estado caracterizado pela ausência de leis (nomos=lei), de regras, de normas. A proximidade do grego nomos (lei) e da norma latina, por situações históricas, ocasionaram uma sobreposição conceitual. Para Canguilhem, entretanto ocorreu um engano, um erro de etimologia que gerou uma confusão,

---

<sup>50</sup> Detecta-se neste aspecto a forte influência de Canguilhem em Foucault.



Assim, com todo o rigor semântico, **anomalia designa um fato, é um termo descritivo, ao passo que anormal implica referência a um valor, é um termo apreciativo, normativo**, mas a troca de processos gramaticais corretos acarretou uma colusão dos sentidos respectivos de anomalia e de anormal. **Anormal tornou-se um conceito descritivo e anomalia tornou-se um conceito normativo.** (CANGUILHEM, 1995:101) (grifos meus)

Esta inversão conceitual contribuiu por definir critérios médicos para o estabelecimento de diagnósticos pautados em anomalias e anormalidades. Não apenas diagnósticos, mas descrições de variações individuais, de tal modo que as anomalias passaram a ser classificadas hierarquicamente conforme sua complexidade, de leves até graves. Os estudos teratológicos, preocupações do século XIX, eram estudos das monstruosidades, anomalias muito complexas, envolvendo malformações orgânicas.

Na esteira destas confusões, anormalidade e anomalia consistem em se afastar, por comparação, da grande maioria dos indivíduos de uma espécie, ou seja, um desvio estatístico. Neste raciocínio, conclui-se que anomalia não é da esfera da patologia, do estudo das doenças, sendo *pathos*, em grego, sentimento de sofrimento. O patológico é o que provoca sofrimento no indivíduo e anormal é aquilo que se desvia consideravelmente da média estatística. Entretanto, diversidade não é doença. Um gênio excepcional ou filhos sêxtuplos são raríssimos, mas não são fenômenos patológicos (mórbidos), ou seja, o anormal não é patológico. Esta última afirmação, entretanto é negada, pois o anormal e as anomalias se tornaram patológicas.

Sem dúvida há uma maneira de considerar o patológico como normal, definindo o normal e o anormal pela frequência estatística relativa. Em certo sentido, pode-se dizer que uma saúde perfeita contínua é um fato anormal. Mas é que existem dois sentidos da palavra saúde. A saúde considerada de modo absoluto é um conceito normativo que define um tipo ideal de estrutura e de comportamento orgânicos; neste sentido é um pleonismo falar em perfeita saúde, pois a saúde é o bem orgânico. A saúde adjetivada é um conceito descritivo que define uma certa disposição e reação de um organismo individual em relação às doenças possíveis. **Os dois conceitos, descritivo qualificado e normativo absoluto são tão distintos que mesmo o homem do povo diz que seu vizinho tem má saúde ou que ele não tem saúde, considerando como equivalentes a presença de um fato e a ausência de um valor.** Quando se diz que a saúde continuamente perfeita é anormal, expressa-se o fato da experiência do ser vivo, incluir, de fato, a doença. (CANGUILHEM, 1995:106-7) (grifos meus).

Neste jogo de vocábulos e transposições conceituais, Canguilhem prossegue afirmando que a anomalia pode se transformar em doença, formulando uma equação entre anormal, anomalia e doença. A medicina passa a considerar, tanto doença quanto anomalia (de caráter descritivo), como conceitos normativos, ao aplicar julgamento de valor a estes estados.

De maneira similar, em Foucault, um conjunto de termos nucleados em torno da palavra norma, são recorrentes: normalidade, normalização, normatização e outros correlatos tais como, poder normativo, sanção normalizadora, disciplina, vigilância hierárquica, etc. Estes aparecem com tal intensidade, que seu amigo e assistente durante vários anos no *Collège de France*, o filósofo François Ewald, em *Foucault: a Norma e o Direito*, reserva a segunda parte de seu livro para descrever este aspecto da produção foucaultiana: a instituição de uma ordem normativa, característica das relações de poder e saber. A partir de suas análises, EWALD (2000) conclui:

O que é uma norma? Um princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum, que se institui na pura referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo, sem exterioridade, sem verticalidade. (EWALD, 2000:86)

Ewald prossegue, expondo sobre a aplicação do cálculo das probabilidades às ciências humanas, e o quanto isto representa, para o estatístico, uma retirada das significações dos fatos. Melhor dizendo, o sentido se coloca pela pura factualidade e o número faz sentido por si mesmo, onde o mundo se reduz a uma mera acumulação de dados amontoados.

Precisamente por este tipo de pensamento, a realidade de um facto cresce com a multiplicidade das suas ocorrências. A massa, o número, fazem a existência. Inversamente, um acontecimento singular, excepcional, contará tanto menos quanto a sua freqüência é, em princípio nula. **O cálculo das probabilidades funciona como uma astúcia da razão: se as causas são desconhecidas, bem devem traduzir-se pelos seus efeitos. (...) Os factos são ordenados por categorias.** Possuem nomes: nascimento, morte, acidente, suicídio, avaliação. Mas de acordo com um uso rigorosamente nominalista da categoria. Porque a categoria se encontra inteiramente dispersa nos factos que agrupa, nas pequenas unidades discretas que vêm dispor-se nela. (EWALD, 2000:92) (grifos meus)

Quase uma constante explícita, ou pelo menos, como pano de fundo para suas formulações, Foucault de uma maneira ou outra, retoma o papel da norma e da disciplina na produção real de um indivíduo, e sempre a partir de campos atravessados por “desviantes” destas normas: a loucura dos loucos nos hospícios dos psiquiatras, a criminalidade dos delinqüentes nas prisões dos juízes, as doenças dos doentes nos hospitais dos médicos, a sexualidade dos pervertidos sexuais nos consultórios dos sexólogos. Mas pode-se afirmar que é em *Vigiar e Punir* e em *História da Sexualidade I* que está presente, em

especial, o modo de funcionamento das normas modernas: a normalização, como técnica, como prática, como saber e como discurso.

Referindo-se à relação entre disciplina e punição nas escolas, nas oficinas e nos quartéis, no Capítulo II – Os recursos do bom adestramento, de *Vigiar e Punir*, publicado em 1975, Foucault afirma que o castigo disciplinar, surgido nos séculos XVII e XVIII, tem a função de reduzir os desvios e repartir os grupos em classificações hierarquizadas com uma divisão extremada em “honoríficas” e “vergonhosas”.

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função desta regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. **Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos.** Fazer funcionar, através desta medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. **Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal** (a “classe vergonhosa” da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. **Em uma palavra, ela normaliza.** (FOUCAULT, 1987: 152-3) (grifos meus)

Em *História da Sexualidade*, escrito um ano após *Vigiar e Punir*, Foucault reafirma seu posicionamento, desta vez, incluindo a sexualidade como instância científica, alvo de estratégias de relações de poder-saber agrupadas em quatro grandes blocos ou quatro alinhamentos, a partir do século XVIII: histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer

perverso, cada uma compondo técnicas disciplinares com procedimentos reguladores. O sexo passou a ser foco de disputa política macrofísica e microfísica.

De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; **dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes**, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo; mas, **também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas**, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. (FOUCAULT, 1988:136 -7).

Neste aspecto, sustento-me em Foucault para apontar a emergência de um tipo específico de discurso sobre a sexualidade, discursos das sexualidades baseados em estatísticas, nesta tese representados pelos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite.

O uso das ferramentas estatísticas nas ciências humanas é polêmico, mas a partir das considerações anteriores, o que se pretende nesta argumentação é apontar o disfarce de critérios quantitativos em critérios qualitativos e, por extensão, da prática discursiva comum de confundir descrições com apreciações, estas últimas com julgamentos valorativo e normativo. Fecha-se um círculo: as frequências (estatísticas) definem as normalidades (axiológicas) e estas se sustentam nas frequências.

Em meu entendimento, a questão não é apenas do extrapolamento de limites estatísticos, com seus cálculos de curva de distribuição normal, média ( $\mu$ ) e desvio padrão ( $\sigma$ ), para as ciências humanas. Os matemáticos Pierre

Simon Laplace (1749-1827) e o alemão Johan Karl Gauss (1777-1855) ao elaborarem a curva Laplace-Gauss, não podem ser acusados de terem inventado o conceito estigmatizante de desviante, aquilo que desvia do desvio-padrão, foge da curva normal, o anormal. Parece jogo de palavras, mas o próprio conceito de desvio-padrão sofreu um desvio fora do padrão, ao ser transposto para as ciências humanas.

Mais uma vez, me fundamento em Michel Foucault, com seu alerta sobre a perigosa interface das ciências humanas com os outros espaços de saber que constituem o triedro dos saberes, conforme discutido no livro *As palavras e as Coisas – uma arqueologia das ciências humanas*, e exposto resumidamente nesta tese.

Tanto a normatização, enquanto formas de saber, quanto a normalização, enquanto forças do poder, são fixações enquadradoras de corpos, cujos processos se consolidaram no século XIX mas que permanecem como continuidades, no século XX.

Podemos relacionar diversos estudiosos do enquadramento, no final do século XIX: Francis Galton (1822-1911), fundador do movimento eugênico, pai da biometria (medidas biológicas) e precursor da psicometria através de inquérito pioneiro sobre formação de imagens mentais; o psiquiatra Benedict Morel (1808-1873) com a Teoria da Degenerescência, colocando a criminalidade e a doença mental em termos de racismo biológico (étnico); Cesare Lombroso (1835-1909), criminologista italiano com seus biotipos criminais de raça e hereditariedade e sua teoria antropométrica do criminoso nato (Obra: *O homem criminoso*, 1876) e na área da sexualidade, Richard von

Kraft-Ebing (1840-1902), pioneiro na classificação e sistematização dos desvios sexuais, com seu livro *Psychopathia Sexualis* (1886).

Todos estes estudiosos, de uma maneira ou outra foram influenciados por três personagens do século XIX: pelo naturalista Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), um dos primeiros defensores<sup>51</sup> da teoria de evolução das espécies animais, através da transmissão de caracteres adquiridos<sup>52</sup> (pelo uso ou desuso) aos descendentes; por Gregor Mendel (1822-1884), com as leis de transmissão dos caracteres genéticos e hereditários; e por Charles Darwin (1809-1882), com a teoria de evolução por adaptação às mudanças do ambiente, pela seleção e sobrevivência dos mais aptos. No caso de Darwin, seu procedimento de classificação de espécies<sup>53</sup> foi deturpado ao ser deslocado para outras espécies: as espécies humanas (darwinismo social), que passaram a ser rotuladas de degeneradas, pervertidas ou desequilibradas psiquicamente, em oposição aos normais, os desviantes (da curva normal).

Neste período, final do século XIX, iniciou-se a proliferação desenfreada de quadros patológicos e mentais: maníacos, pervertidos, paranóicos, psicopatas, dementes, histéricas, esquizofrênicos, delinquentes, etc. O enquadramento atinge seu ápice de esquadrinhamento (matemático), de extrapolação (matemático) e de normalidade (matemática). Triunfo não apenas dos números e das medidas, mas da estatística, como legitimadora dos padrões de normalidades populacionais.

---

<sup>51</sup> Um dos primeiros, mas não o primeiro: a herança dos caracteres adquiridos já havia sido mencionada pelo médico Pierre Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759) no século XVIII, antes mesmo de Lamarck ter nascido. (Fonte: Scientific American História, vol. 6 – 2006 – Os grandes erros da ciência, p.46).

<sup>52</sup> Para Lamarck, o pescoço das girafas aumentou de tamanho pelo esforço delas (uso) em alcançar as folhas de árvores altas e as toupeiras perderam a visão devido ao fato de viverem sob a terra (desuso).

<sup>53</sup> Entretanto, a primeira sistematização dos seres vivos em espécies é creditada ao naturalista sueco Karl Von Linneu (1707-1778). É de sua autoria o vocábulo *homo sapiens* (homem e sábio).

Retornando a *Vontade de saber*, Foucault denuncia o nascimento de um tipo de sexualidade no século XVIII que, confirmado por esta tese, formou-se gradativamente como discurso ao longo do século XIX paralelo ao discurso médico, mas afirmou-se na razão e estabilizou-se como regularidade no século XX.

Mas, por volta do século XVIII, nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, **através de pesquisas quantitativas ou causais**. Levar “em conta” o sexo, **formular sobre ele um discurso que não o da moral, mas da racionalidade**, eis uma necessidade suficientemente nova para, no início, surpreender-se consigo mesma e procurar desculpar-se. (FOUCAULT; 1988:26). (grifos meus)

Referindo-se à prática de classificação, o autor prossegue na descrição de como os psiquiatras entomologizaram as espécies dos perversos e degenerados, principalmente sexuais, em nomes estranhos e heréticos como os zooerastas de Kraft-Ebing (e outros tantos). Foucault (1988:44) cita ainda os automonossexualistas, os mixoscopófilos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos, etc. Por outro lado refere-se ao surgimento da Psicanálise como uma descontinuidade nesta prática taxionômica e como a única opositora ao tripé perversão-hereditariedade-degenerescência:

E a posição singular da psicanálise no fim do século XIX não seria bem compreendida se desconhecêssemos **a ruptura que operou relativamente ao grande sistema da degenerescência**: ela retomou o projeto de uma tecnologia médica própria do instinto sexual, mas procurou liberá-la de suas correlações com a hereditariedade e, portanto, com todos os racismos e os eugenismos. (FOUCAULT, 1988:113). (grifos meus).



Ao final do livro *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, por ele próprio considerado uma arqueologia da psicanálise (p.122), Foucault volta a reverenciar a psicanálise e a sua posição referida a uma conjuntura histórica precisa, envolvendo oposição ao nazismo, ao fascismo, enfim a qualquer forma de racismo. Este é só um dos exemplos de como os discursos da sexualidade estão de uma maneira ou outra(s) ligados a discursos políticos.

É uma **honra política para a psicanálise** – ou pelo menos para o que pôde haver nela de mais coerente – **ter suspeitado (e isto desde o seu nascimento, ou seja, a partir de sua linha de ruptura com a neuropsiquiatria da degenerescência)** do que poderia haver de irreparavelmente proliferante nesses mecanismos de poder que pretendiam controlar e gerir o quotidiano da sexualidade: daí o esforço freudiano (sem dúvida por reação ao grande crescimento ao racismo que lhe foi contemporâneo) para dar à sexualidade a lei como princípio, (...) (FOUCAULT, 1988, 140-1) (grifos meus).

A interlocução entre Foucault e a psicanálise não é objeto deste trabalho, mas é oportuno fazer referências pelo menos nominais a alguns destes estudos, como Joel Birman (2000), John Rajchman (1993), Renato Mezan (1985), Márcio Mariguela (1995), Marlene Guirado (1995), Elisabeth Roudinesco (1995), entre outros. Valho-me, porém das idéias de Freud contidas em seu clássico texto de 1905, *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* no qual fornece sua visão de normalidade e perversão em sexualidade, especificamente no ensaio *As aberrações sexuais* onde faz inclusive alusões pontuais a Kraft-Ebing, Moll, Bloch, Ellis e Hirschfeld e outros:

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à excitação temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga a saciação da fome). **Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões.** (FREUD, 1997:28). (grifos meus)

Em seu esmero em explicar seus conceitos, Freud chama de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, distinguindo de alvo sexual, constituído pela ação para a qual é impelida a pulsão, afirmando que há um grande número de desvios em ambos os casos. Para ele, se por um lado, há fatores que ligam as perversões à vida sexual normal, por outro algumas perversões e transgressões afastam-se tanto do normal que não podem deixar de serem declaradas patológicas, como a necrofilia (atração por cadáveres) ou a coprofilia (atração por fezes).

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhes um lugar ao lado dele. **Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso**, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão **imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão**. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é uma variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos. (FREUD, 1997:39)

Nesta passagem, Freud faz alusão intencional à existência de um *continuum* de práticas sexuais difíceis de serem rotuladas, efetivamente, como desviantes ou anormais.

Mantendo a linha do raciocínio nesta crítica ao normalizar e normatizar, e aos veredictos dos diagnósticos e suas permanentes marcas, uma excelente reflexão nos apresenta o sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), no clássico livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, publicado em 1963 nos EUA. Goffman(1988) menciona três tipos de estigmas: as deformidades físicas, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, e os estigmas tribais de raça, nação e religião.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. **Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem**, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso e nem desonroso”. (...) O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a de desacreditável. (GOFFMAN, 1988:13-4) (grifos meus)

As contribuições de Goffman são significativas para alinhar nossas inferências, quando estas implicam em distinções sobre os conceitos de normalização e normatização, principalmente no tocante à percepção que um indivíduo tem de si e as ações daí derivadas, quanto à visibilidade do estigma. Ao abordar como cada um concede a sua imagem e como pretende mantê-la para os outros, diferencia normalização de normificação.

As pessoas que têm um estigma aceito fornecem um modelo de “normalização” que mostra até que ponto podem chegar os normais quando tratam uma pessoa estigmatizada como se ela fosse um igual. **(A normalização deve ser diferenciada da normificação**, ou seja, o esforço, por parte de um indivíduo estigmatizado, em se apresentar como uma pessoa comum, ainda que não esconda necessariamente o seu defeito). (GOFFMAN, 1988:40). (grifos meus).

Goffman trabalha um tipo especial de normas, aquelas referentes à identidade, da ordem psicológica, e estas normas de identidade engendram tanto desvio como conformidade, gerando desta maneira manipulações do estigma, num processo de possível controle da informação que o indivíduo transmite sobre si em alinhamentos intragrupais e exogrupais, permitindo voluntariamente exigir ou não uma aceitação. Sustenta que a manipulação do estigma é uma característica da sociedade, quer seja uma diferença importante ou uma diferença insignificante, e neste processo, o estigmatizado e o normal têm uma espécie de caracterização mental padrão. É neste contexto individual e social que o sociólogo canadense defende a pessoa estigmatizada ser chamada de desviante normal, uma unidade eu-outro, normal-estigmatizado: “Mesmo quando um indivíduo tem sentimentos e crenças bastante anormais, é provável que ele tenha preocupações normais e utilize estratégias bem normais ao tentar esconder essas anormalidades de outras pessoas [...]” (GOFFMAN, 1988, 142).

Esta afirmação de Goffman auxilia uma tentativa de compreensão deste complexo funcionamento psicossocial, cultural e histórico dos sentimentos atributivos e relacionais de normalidade e anormalidade, seja pelo próprio indivíduo ou pelo grupo pertencente.

Neste âmbito, as elaborações de Canguilhem, Ewald, Foucault, Freud e Goffman foram imprescindíveis para a articulação das argumentações teóricas desta tese: os discursos sobre sexualidade (os relatórios) apoiados na lógica estatístico-matemática, são dispositivos de quantificação e qualificação de práticas sexuais constitutivos de uma métrica de normalidade e anormalidade.

### 2.3. A pesquisa, o feminismo, e os estudos de Gênero

Os estudos contemporâneos de gênero têm uma história, do ponto de vista social, político e conceitual. O feminismo como movimento social, emergiu no Ocidente no século XIX<sup>54</sup>, principalmente a partir de reivindicações das chamadas sufragistas. Podemos destacar as lutas pelo direito das mulheres ao voto, na virada deste século<sup>55</sup> como um marco, e o primeiro país a concedê-lo foi Nova Zelândia em 1893. No Reino Unido o voto feminino é conquistado em 1918, na Alemanha em 1919, nos EUA em 1920, na França em 1944, mas em países como a Suíça (1971) e Liechtenstein (1976), no entanto, este direito foi concedido há menos de 35 anos. No Brasil, o voto feminino em caráter nacional foi aprovado em 1934.

Na década de 30, obteve repercussão o estudo comparativo de culturas, da antropóloga norte-americana Margareth Mead, introduzindo o termo *papéis sexuais*<sup>56</sup> para mostrar que comportamentos masculinos e femininos eram construídos e podiam variar de uma cultura para outra.

Apesar de Simone de Beauvoir publicar *Le deuxième sexe* (O segundo Sexo) em 1949, foi na década de 60, principalmente após o movimento estudantil de 1968 na França, que o feminismo retomou suas forças contestatórias, sociais e políticas, sendo clássicas as obras, *A Mística*

<sup>54</sup> Em termos de produção específica a partir do Iluminismo, anterior à Revolução Francesa (1789), podemos destacar o tratado *Sobre a igualdade dos dois sexos*, publicado em 1673, pelo filósofo francês François Poulain de La Barre (1647-1723). No século XVIII, são nomes feministas: a escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) que em 1792 escreve *A vindication of the rights of woman* (Vindicação dos direitos das mulheres) e Hannah More (1745-1833) autora de *Structures on the modern system of female education*, (Críticas ao Sistema Moderno de Educação Feminina), em 1799, conforme nos aponta Christopher Lasch (1999).

<sup>55</sup> Outros países: Austrália-1902, Finlândia-1906, Noruega-1913, Canadá-1918, Áustria-1919, Polônia-1919, Suécia-1921, Equador-1929, China-1949, Índia-1950, Paraguai-1961.

<sup>56</sup> A este respeito caberia um estudo comparativo entre a teoria dos papéis sexuais de Margareth Mead, a técnica de desempenho de papéis sociais do psiquiatra Jacob-Levy Moreno (1896-1974) e a teoria dos scripts sexuais de John Gagnon e William Simom.

*Feminina*(1963) de Betty Friedan, *Políticas Sexuais*(1970) de Kate Millet, *A Mulher Eunuco*(1970) de Germaine Greer, *A Dialética do Sexo*(1970) de Shulamith Firestone, e *Psicanálise e Feminismo* (1974) de Juliet Mitchell. No decorrer da década de 70, inicia-se a discussão conceitual sobre gênero, nos campos teóricos e de militância política. No livro *A família em desordem*, a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco afirma que a maior parte dos trabalhos americanos sobre gênero e sexo teve como ponto de partida, o livro de Simone de Beauvoir.

Quando Simone de Beauvoir publicou *O Segundo Sexo*, em junho de 1949, ignorava que seu livro ia estar na origem, via um longo desvio pelo continente americano, de uma nova maneira de formular a questão da diferença dos sexos. Ignorava isso de tal forma que em 1968 descobriu esse feminismo de gênero e do sexo do qual havia sido, com esse livro inaugural, a primeira grande inspiradora (ROUDINESCO, 2003: 140)

Em seu livro, de 2002, Roudinesco examina os modelos de família ocidental e problematiza o desejo dos homossexuais de se normalizar, manifestado pelas reivindicações por direitos de heterossexuais. Roudinesco tributa a Michel Foucault o mérito de ser um dos raros filósofos a reconhecer Freud como um dos responsáveis pela ruptura com as teorias da hereditariedade-degenerescência.

Embora a categoria gênero não tenha sido diretamente tematizada por Foucault, seus escritos tiveram ressonância, com desencadeamento progressivo de pesquisas e leituras, principalmente a partir do artigo publicado em 1986<sup>57</sup>, da norte-americana Joan Wallach Scott, *Gênero, uma categoria útil*

---

<sup>57</sup> Segundo Corrêa(1996) o texto original de Scott é de 1979 e a primeira tradução em português é de 1993 publicada pela SOS Corpo-Gênero e Cidadania. Não obstante, houve uma versão portuguesa de

*de análise histórica*. Ancorada em Foucault, Scott se posiciona contrária à utilização de uma perspectiva de oposição binária universal antitética (masculino/feminino) da diferença sexual: "Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual" (SCOTT, 1995:84). A historiadora, especialista no movimento operário francês do século XIX, e na história do feminismo na França, afirma que a preocupação em considerar gênero uma categoria analítica só emergiu no final do século XX, e a trajetória do conceito de gênero passou por sucessivas reavaliações, rupturas e continuidades, tendo, portanto, como qualquer categoria, sua história.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de **relações sociais** baseadas nas **diferenças percebidas** entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às **relações de poder**. (SCOTT, 1995:86) (grifos meus)

Os grifos na citação destacam os nexos com a perspectiva foucaultiana, pois Scott, além de ampliar o conceito, inserindo-o, seja como categoria social (e por isso passível de análise pela história) ou como categoria discursiva no campo das diferenças entre os sexos, refere-se diretamente à questão mais explorada pelas feministas em Foucault: as relações de poder.

No pensamento do filósofo francês, a problematização das diferenças e desigualdades dos sexos é pluri-discursivamente estabelecida, e esta pluralidade discursiva se opõe à polarização do pensamento e à lógica binária.

A polaridade fixa é, pois, impossível dentro do raciocínio de Foucault. A análise se processa dentro de uma dinâmica (histórica) de poder, não de uma estática de poder (meramente estruturado). Considerando que os conceitos de hegemonia, sujeição, dominação, assimetria e hierarquia, referem-se a relações de poder, a apropriação e aproveitamento de sua teoria aos estudos de gênero, remete, no mínimo, a reconceitualizações e leituras múltiplas. A concepção de poder no pensamento foucaultiano é instigante, pois este é trabalhado fora das concepções clássicas: "O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns são dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (FOUCAULT, 1988: 89).

Scott (1995), propôs o gênero como uma primeira forma de dar significado às relações de poder, onde ações históricas afirmaram-se e reafirmaram-se, objetivando-se numa política sobre as mulheres onde a diferença sexual foi concebida em termos de sua dominação e controle. A historiadora aponta para uma possibilidade de mudança iniciada em muitos lugares, para o rompimento da auto-reprodução do essencialismo dual masculino/feminino, posto que estes antagonismos não são características inerentes da espécie humana, mas constructos históricos subjetivos, ou ficcionais.

Finalmente, é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado, por algo como o conceito de poder em Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em 'campos de forças' sociais. (SCOTT, 1995: 86).



Nesta linha de raciocínio, efetuar uma leitura foucaultiana da categoria gênero, é destacar a construção dos discursos sobre o masculino e o feminino, as assimetrias e desigualdades nos blocos de correlações de forças, em oscilações de micro e macropoderes nas relações entre homens e mulheres. Nesta concepção, o discurso sobre gênero é atravessado e conectado por inúmeros discursos, tais como os discursos feministas, discursos sobre maternidade e paternidade, discursos sobre a sexualidade, sobre a família, etc., alguns agrupados proximalmente, outros distanciados, mas nenhum deles isolado, unificado.

Podemos afirmar, portanto, que não temos “um” discurso sobre gênero, mas discursos sobre gênero (múltiplos), açambarcando inclusive contradições, ambigüidades e incertezas, tal como em quaisquer outros discursos, já que todos são construídos histórica e culturalmente (estando em contínua transformação). Desta forma, considerando que os discursos sobre gênero são carregados de pluralizações desencadeadoras, suas aparentes dispersões e pulverizações fragmentárias, levam-nos a apreciá-los convergentemente de forma política, histórica e cultural, principalmente porque seu campo (espaço-temporal) envolve diferenciações, antagonizações, hierarquizações e exclusões.

Os estudos de gênero também privilegiam a concepção foucaultiana de que cada época e cada cultura têm sua versão particular do que é considerado desigual nas relações entre os sexos, opondo-se assim à universalização trans-histórica das assimetrias de gênero.

Para a antropóloga Sônia Corrêa, em artigo publicado no livro *Sexualidades Brasileiras*:

**Foucault, em seus vários trabalhos, desmonta as representações fixas sobre a sexualidade** demonstrando que cada época, cada cultura e até mesmo cada sub-cultura produz dispositivos específicos no que diz respeito ao exercício das práticas sexuais, às formas institucionais de controle destas práticas e à própria organização social da sexualidade.(CORRÊA, 1996:152).(grifos meus).

As teorias feministas, as teorias sobre gênero e as teorias construcionistas sobre sexualidade, passaram a ter em Foucault uma referência teórica importante, pelo seu questionamento do discurso universalizante da história convencional. Este pensar permitiu desfazer noções de identidade única, a-históricas e essencialistas de "mulher" e "homem", para mostrar homens e mulheres, sujeitos produzidos em relações de poder/saber histórico-culturais.

O campo interdisciplinar dos estudos de gênero amplia a possibilidade de diálogos com outras categorias, potencializando a utilização de variadas abordagens teóricas, mas é significativa a recorrência a Michel Foucault. Quanto a possíveis objeções acadêmicas sobre esta multiplicidade discursiva interpenetrada em termos teóricos explicativos ou interpretativos, que dificultaria a reivindicação de um território específico para os estudos de gênero e sua ênfase no combate à desigualdade hierárquica homem/mulher, é oportuno citar Chantal Mouffe:

Na verdade, é em relação à **crítica do essencialismo** que podemos estabelecer uma convergência entre as mais diversas correntes de pensamento e encontrar similitudes no trabalho de autores tão diferentes como Derrida, Wittgenstein, Heidegger, Dewey, Gadamer, Lacan, Foucault, Freud e outros. Isto é muito importante, porque significa que uma tal

crítica pode assumir muitas formas diferentes e, se quisermos escrutinar a sua relevância para a política feminista, temos de nos envolver em todas as suas modalidades e implicações e não afastá-las rapidamente com fundamento em alguma de suas versões. (MOUFFE, 1996:102) (grifos meus)

A autora, defensora de abordagens anti-essencialistas e de um projeto democrático radical, o qual inclui uma política feminista, argumenta que o essencialismo "é inelutavelmente deficiente quando se trata da construção de uma alternativa democrática, cujo objectivo é a articulação das lutas a diferentes formas de opressão". (MOUFFE, 1996:103).

Judith Butler, em artigo intitulado "*Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault*", apresenta uma comparação sintética entre as elaborações deste(a)s autore(a)s, que embora sejam divergentes em outros pontos, convergiram em entender gênero como prescrição e tarefa, como norma que as mulheres lutam para encarnar. Expõe que a teoria de Simone de Beauvoir (1908-1986) sobre a natureza ambígua da identidade de gênero e sua formulação como um projeto – "não se nasce, mas torna-se mulher" – foi modificada por Monique Wittig (1935-2003) no artigo "Não se nasce mulher", no qual advoga ser a distinção de sexo, "homem/mulher", criação política.

Butler afirma que as duas autoras têm em comum o argumento de que o gênero torna-se o lugar dos significados culturais sobre as diferenças sexuais biológicas, estas tidas como naturais. Nestes termos, a noção de sexualidade como ferramenta de poder é tomada emprestada de Foucault, por Butler:

A teoria de Wittig encontra apoio no primeiro volume de *A história da sexualidade* de Foucault, que sustenta improváveis mas significativas consequências para a teoria feminista. No que **Foucault procura subverter a configuração binária de força**, o modelo jurídico de opressor e oprimido, ele oferece

algumas estratégias para a subversão da hierarquia de gênero. Para Foucault, a organização binária de forças, inclusive aquela baseada estritamente em polaridades de gênero, é efetuada por uma multiplicação de formas de poder produtivas e estratégicas. (BUTLER,1987:149).

Nesta linha de combate ao esquema binário hierarquizante e à naturalização dos papéis sociais em torno da diferença biológica, Tânia Swain faz referências também às reflexões de Foucault, sobre o ordenamento dos corpos em modelos centrados no sexo. Mas alerta que leituras superficiais, parciais e críticas de Foucault podem restringir sua adoção pelo debate feminista.

Certas reflexões de Foucault cruzaram-se e alimentaram, em muitos casos, as teorias feministas na medida que, justamente, desvelam no histórico-social quadros de disciplinaridade, formas de adensamento político sobre os corpos, que produzem, em suas diversas tecnologias, padrões de funcionamento e utilidade. (...) Entretanto, no caso do feminismo, uma leitura menos atenta pode ater-se apenas aos grandes traços esboçados por Foucault que contemplam episodicamente a **questão do corpo e do sexo da mulher**, e ver, nestas generalizações, um obstáculo para a decodificação das táticas e estratégias que investem os **corpos femininos**. (SWAIN, 2000:139).(grifos meus)

Em Foucault, os corpos de homens e mulheres, são historicamente alvos de inscrições discursivas, transpassados pela física e microfísica dos poderes, são objetos de disciplinarização. Nas palavras de Susan Bordo:

Através da busca de um ideal de feminilidade evanescente, homogeneizante, sempre em mutação — (...) — **os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de 'corpos dóceis'**: aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao 'aperfeiçoamento'. Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário — princípios organizadores centrais do tempo e espaço nos dias de muitas mulheres — somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação. (BORDO,1997:20) (grifos meus)

O próprio Foucault, em "Sujeito e Poder", um de seus últimos artigos, inclui a questão de gênero num rol de outras relações de lutas que têm em comum atacar, não tanto uma instituição de poder, ou grupo, ou elite ou classe, mas antes, atacar uma forma de poder:

Para começar, tomemos uma série de oposições que se desenvolveram nos últimos anos: **oposição ao poder dos homens sobre as mulheres**, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, **da medicina sobre a população, da administração sobre os modos de vida das pessoas**. Não basta afirmar que estas são lutas antiautoritárias; devemos tentar definir mais precisamente o que elas têm em comum.(FOUCAULT, 1995b:234)(grifo meu).

No mesmo texto, relaciona seis características que aproximam em muito estes embates: 1) são lutas transversais (não são restritas a um país); 2) são lutas contra os efeitos de poder enquanto tal; 3) são lutas imediatas, por criticarem as instâncias de poder mais próximas e não esperarem encontrar soluções num futuro longínquo; 4) são lutas que questionam o governo da individualização; 5) são lutas contra a maneira pela qual o saber circula e funciona através de suas relações com o poder; e 6) estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós?

Outro texto de Michel Foucault bastante utilizado nos estudos de gênero é o prefácio de *"Herculine Barbin: O Diário de um hermafrodita"*, onde o filósofo-historiador discute o drama e o trágico final suicida do protagonista da história ocorrida nos meados do século XIX, que após uma vivência feminina tem que, por decisão médico-jurídica, trocar legalmente de sexo. O texto é citado por alguns autores como o sociólogo Jeffrey Weeks (1999) e a psicanalista Débora Britzmann (1999), para ilustrar debates sobre a identidade (sexual e de gênero) e discutir o estabelecimento dos padrões de normalidade

e anormalidade, através de discursos que emergiam como ciência no século XIX, e as novas configurações de poder correlacionadas a estes discursos. A respeito destas construções (discursivas) de sexualidade, Foucault afirma:

Do ponto de vista médico (...) trata-se, antes, de decifrar **qual o verdadeiro sexo** que se esconde sob aparências confusas. (...)Do ponto de vista do direito, isso implica evidentemente o **desaparecimento da livre escolha**. Não cabe mais ao indivíduo decidir o sexo a que deseja pertencer jurídica ou socialmente; cabe ao perito dizer que sexo a natureza escolheu, e que conseqüentemente a sociedade exigirá que ele mantenha. (FOUCAULT,1982:2-3).(grifos meus)

O mesmo texto também é trabalhado por Didier Eribon (autor de uma das biografias de Foucault), no capítulo intitulado "Precisamos de um verdadeiro sexo?", do livro *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Para Eribon, a questão abordada pelo pensador, mais do que uma reflexão sobre hermafroditismo e identidade sexual, é uma reflexão sobre a invenção da categoria "homossexualidade" e o processo de sua re-apropriação discursiva, ocorrida a partir do século XIX.

Se o interesse de Foucault pela questão do hermafroditismo se inscreve no âmbito do seu trabalho sobre a história da sexualidade, ele também está ligado a uma **reflexão sobre a identidade sexual**....(...) e pode-se dizer que o projeto teórico de Foucault está, **nesse ponto**, estreitamente ligado a um **projeto político (de política sexual)**, visando desfazer as evidências que organizam os modos de pensar e de agir. (ERIBON,1996:165-6). (grifos meus)

Para Judith Butler (2003) em seu livro *Problemas de Gênero*, o prefácio de Herculine Barbin é uma oportunidade de ler um Foucault propondo a sexualidade como um sistema histórico aberto e complexo de discurso e poder:

Ao editar e publicar os diários de Herculine, Foucault está claramente tentando mostrar como um corpo hermafrodita ou intersexuado denuncia e refuta implicitamente as estratégias reguladoras da categorização sexual. (...) Segundo esse modelo foucaultiano de política sexual emancipatória, a derrubada do “sexo” resulta na liberação da multiplicidade sexual primária. (BUTLER, 2003:143)

Butler<sup>58</sup> também argumenta que o sexo, assim como o gênero, é materializado através de práticas discursivas, de normas regulatórias que nunca são finalizadas, pois permanecem num processo constante de reafirmação.

Numa outra ótica, recorrendo a algumas teses de Michel Foucault, o historiador Thomas Laqueur, em livro intitulado originalmente na edição americana<sup>59</sup> de 1992, *"Making Sex – Body and gender from the greeks to Freud"*, trabalha com as complexidades históricas que atravessam o corpo, explora as práticas médicas ao longo dos últimos dois mil anos e descreve que até os fins do século XVIII, prevalecia um modelo de isomorfismo sexual, no qual a mulher não existia como categoria ontológica distinta, e o homem era a única referência.

O modelo de sexo único tomava o corpo feminino como o inverso semelhante do masculino, e o discurso dominante interpretava os corpos masculinos e femininos de forma hierárquica e vertical. Laqueur(2001), propõe em seu livro:

---

<sup>58</sup> Judith Butler, uma das teóricas dos estudos “queer”, pensa a identidade em termos de performance. O que está em jogo nesta perspectiva teórica, subversora do discurso e não da prática, é o questionamento de qualquer tipo de rotulação de identidades sexuais ou de gênero, sob ponto de vista de se fixar algo que não se deve, ou não pode ser fixado. Outros nomes da *queer studies* são Eve Sedgwick, Gayle Rubin, Jonathan Goldberg, Michael Warner, David Halperin, Leo Bersani, além do historiador John Boswel, um de seus iniciadores na década de 80.

<sup>59</sup> O título na edição francesa de 1992 é *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre em occident*. Na edição espanhola de 1994 é *"La construcción del sexo: cuerpo y genero desde los griegos hasta Freud"*. Na edição brasileira de 2001, o título é *"Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud"*. Atentar e refletir sobre as alterações das traduções: fabricar, construir e inventar.

Eu não tenho interesse em negar a realidade do sexo ou do dimorfismo sexual como um processo evolutivo. Porém desejo mostrar, com base em evidência histórica, que **quase tudo que se queira dizer sobre sexo** - de qualquer forma que o sexo seja compreendido - **já contém em si uma reivindicação sobre o gênero**. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder. (LAQUEUR, 2001:23). (grifos meus)

Segundo Laqueur, antes do século XVIII o sexo era uma categoria sociológica e ontológica, pois o modelo de sexo único "colava" biologia com política de sexo. No final do século XVIII, com os avanços da "ciência" (e do biopoder<sup>60</sup> conforme exposto por Foucault em *A vontade de saber*) , surge um novo modelo de dimorfismo sexual, de divergência biológica, cuja anatomia e fisiologia passaram a substituir e a sustentar outra hierarquia de representação da mulher, em relação ao homem. Esta re-interpretação dos corpos está profundamente marcada nos estudos de gênero pelo poder político e esta troca epistemológica é o resultado de desenvolvimentos mais amplos, tais como o surgimento de novos espaços públicos, as concepções de matrimônio como contrato, a possibilidade de trocas sociais abertas pela Revolução Francesa, o feminismo subsequente, o conservadorismo pós-revolucionário, a reestruturação da divisão sexual do trabalho, o crescimento de uma economia de livre mercado, o nascimento das classes, dentre outros acontecimentos múltiplos.

Guacira Lopes Louro, uma das muitas brasileiras seguidoras da perspectiva foucaultiana, insiste na crítica ao investimento e produção da sexualidade "normal".

---

<sup>60</sup> Em breves linhas, biopoder é a tecnologia centrada na administração dos corpos e na gestão calculista da vida, no controle das populações. Pode-se dizer que a demografia é um exemplo.



A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, **a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina e feminina “normal” e duradoura.** Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual. (LOURO, 1999:26) (grifos meus).

A apropriação de Foucault pelos estudos de gênero, centraliza-se, portanto, na analítica de poder apresentada pelo pensador francês. Homens e mulheres estão mergulhados de tal forma em relações de poder, que seus assujeitamentos são tomados muitas vezes como naturais: são naturalizadas a força masculina e a correlata fraqueza feminina, a maternidade feminina e a exacerbada sexualidade masculina, a racionalidade do homem e a emotividade da mulher. São naturalizadas a violência masculina e a passividade feminina, bem como a circulação em espaços públicos pelos homens em oposição aos espaços domésticos destinados às mulheres. A crítica à naturalização como agente do obscurecimento da historicidade, é uma das ferramentas do feminismo e dos estudos de gênero para a superação da desigualdade entre homens e mulheres.

As inscrições, visíveis e invisíveis, das relações poder/saber são linhas para releituras e reescritas da história dos corpos. Não temos o corpo biológico, natural, da criança, do idoso, do louco, do preso, do homossexual: temos o corpo-história-criança, corpo-história-idoso, corpo-história-louco, corpo-história-homossexual. Assim também, homens e mulheres (e seus corpos), são detentores de uma história, ou melhor, de um mosaico ou caleidoscópio de histórias, protagonizadas por vários masculinos e vários femininos, em culturas diferenciadas e em épocas diferentes.

## 2.4. Gênero como categoria de pensamento

As discussões teóricas sobre as transformações dos conceitos, as interfaces que os estudos de gênero fazem com os estudos feministas e estudos sobre a mulher, caracterizam-nos como atravessados por produções de várias proveniências: desde a sexualidade, saúde, direitos reprodutivos, movimentos sociais, literatura, com pesquisas de diversas áreas de conhecimento e disciplinas. Gênero é um recorte, de vários recortes. Conforme minha orientadora Mara Lago: “A interdisciplinaridade é intrínseca aos estudos de gênero”<sup>61</sup>.

As polêmicas sobre a dicotomia natureza/cultura<sup>62</sup> atravessada pelas relações de gênero, a redefinição do biológico tendo gênero uma referência corporal, os anti-essencialismos, os determinismos e a constituição da identidade/subjetividade, a oposição igualdade/diferença, e as propostas de desconstrução da categoria sexo ou da categoria dual gênero/sexo<sup>63</sup>, possibilitam um leque de alternativas da utilização de gênero não apenas como uma categoria de análise, uma categoria empírica, mas paradoxalmente como categoria cultural e categoria universal, categoria histórica e trans-histórica, categoria social e psicológica, ou resumindo, uma categoria fluida.

Neste sentido, são leituras fundamentais os artigos “Interpretando o gênero” de Linda Nicholson (2000), “Corpos Reconfigurados” de Elizabeth Grosz (2000), “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista” de

---

<sup>61</sup> Frase emitida em 18/03/2004 na defesa de tese de Marlene Tamanini e retomada em 19/07/2006 no Simpósio da SBPC – Transversalidades do Gênero

<sup>62</sup> No interior desta dicotomia, outras partições antagônicas são possíveis de exploração, como por exemplo, a oposição naturalXartificial, naturalXproduzido, e até a naturezaXnatureza humana.

<sup>63</sup> Me baseio em Carole Vance ao afirmar que sexo causa gênero e o gênero causa o sexo, ou seja, “O gênero e a sexualidade estão inextricavelmente unidos” (VANCE, 1995:20).

Sandra Harding (1993), “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo” de Judith Butler (1998), “As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea” de Michèle Barret (1999), “A política da diferença ontológica” de Rosi Braidotti(1997), “Estudos sobre mulheres ou de gênero? Afinal o que fazemos?” de Miriam Grossi (1999), “Gênero, um novo paradigma?” de Lia Zanotta Machado (1998), “O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo” de Cláudia de Lima Costa (1998), entre outros. Mas um dos pontos comuns nesta arena de debates refere-se à questão de os discursos contemporâneos sobre gênero serem, em sua maioria, desconstrutivistas. E o que isto significa?

O artigo de Jane Flax, "*Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista*" apresenta os fundamentos desconstrutivistas do pós modernismo e sua relação com a problemática e teorização feminista. Considera a teoria feminista como um tipo de filosofia pós-moderna, partindo de questões metateóricas, da própria teorização da teoria, do próprio pensar sobre o pensar. Cita como fontes do pós-modernismo: Friedrich Nietzsche (1844-1900), Jacques Derrida (1930-2004), Michel Foucault (1926-1984), Jacques Lacan (1901-1981), Richard Rorty (1931- ), Paul Feyerabend (1924-1994), Ludwig Wittgenstein (1889-1951), Julia Kristeva(1941- ) e Jean-François Lyotard (1924 - 1998 ). De acordo com FLAX(1991):

Os discursos pós-modernos são todos "desconstrutivos", já que **buscam nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, conhecimento, poder, o eu e a linguagem**, que são geralmente aceitas e servem de legitimação para a cultura ocidental contemporânea, e nos torna cépticos em relação a tais crenças. (FLAX, 1991:221). (grifos meus)

Flax enumera como principais crenças colocadas em dúvida, em questionamento, pelos filósofos pós-modernos no seu entender (e também pelas teóricas feministas): 1) A existência de um eu estável e coerente; 2) A possibilidade da razão fornecer um fundamento objetivo, seguro e universal para o conhecimento; 3) O conhecimento adquirido pela razão será sempre verdadeiro; 4) A própria razão tem qualidades transcendentais e universais; 5) A primazia da razão sobre a verdade e a autoridade; 6) A superação dos conflitos entre verdade, conhecimento e poder; 7) A ciência como paradigma para todo conhecimento verdadeiro; 8) A linguagem ser de certo modo transparente, ou seja, haver uma correspondência entre "palavra" e "coisa", tal como entre a verdade e o real, sem intermediação de construções lingüísticas ou sociais.

Estas crenças são colocadas sob suspeitas e diversas questões que envolvem gênero são problematizadas, tais como: o que é gênero? Qual sua relação com as diferenças sexuais anatômicas? Como as relações de gênero são constituídas e mantidas? Qual a ligação entre formas de dominação masculina e relações de gênero? Há alguma coisa caracteristicamente masculina ou feminina nos modos de pensar as relações sociais? São indagações fundamentais, segundo Flax, para compreender a transformação ocorrida na teoria social, mais especificamente, no avanço isolado da teoria feminista ao ter problematizado a existência de relações de gênero. De acordo com FLAX (1991):

O estudo das relações de gênero acarreta pelo menos dois níveis de análise: o do **gênero como uma construção ou categoria do pensamento** que nos ajuda a entender histórias e mundos sociais particulares; e o do **gênero como uma relação social** que entra em todas as outras atividades e

relações sociais e parcialmente as constitui. (FLAX, 1991:229-30). (grifos meus).

Flax cita a obra de Michel Foucault (entre outros) como contribuição para sensibilização quanto às interconexões entre conhecimento e poder, e o perigo da teoria feminista ter a pretensão de revelar a Verdade (absoluta) do todo de uma vez por todas, simultaneamente considerando que somos socialmente e historicamente constituídos. E neste sentido, Flax reafirma o nível metateórico no qual as filosofias pós-modernas podem contribuir para um auto-entendimento da teorização:

Assim, para que as relações de gênero sejam úteis como categoria de análise social, devemos ser tão autocríticos e socialmente engajados quanto possível sobre tais relações e **os modos como as pensamos**. Senão, corremos o risco de reproduzir as próprias relações sociais que estamos tentando entender. Devemos ser capazes **de investigar barreiras tanto sociais quanto filosóficas para a compreensão das relações de gênero**. (FLAX:1991,236).(grifos meus).

Ao considerar como uma das barreiras para a compreensão das relações de gênero o relacionamento entre gênero e sexo (e a embutida oposição natureza/cultura), Flax nos alerta para a tentação dos reducionismos conceituais e reducionismos teóricos que atravessam a temática. Como consequência, o discurso de gênero é um discurso desconstrutivista, um discurso histórico, e o texto de Flax contribui para inserir gênero como categoria de pensamento, além de ser uma categoria de análise social. Tornou-se este, um eixo norteador para a elaboração desta tese, deixando alertado porém que Michel Foucault foi herdeiro da desconstrução nietzschiana e não do desconstrutivismo, enquanto escola.

Além de Jane Flax, tomaremos como referências<sup>64</sup> as estudiosas que compartilham com a abordagem teórica foucaultiana: as historiadoras Joan Scott, Michéle Barret, Teresa de Lauretis (1938- ), Donna Haraway (1944- ), as filósofas Judith Butler (1956- ), Susan Bordo (1947- ), Sandra Harding (1935 - ), Rosi Braidotti (1954- ) e Chantall Mouffe (1943- ); a antropóloga Carole Vance, a psicanalista Deborah Britzman dentre autoras internacionais, além das historiadoras brasileiras Margareth Rago, Tânia Navarro Swain e Guacira Lopes Louro. Em maior ou menor grau, percebe-se nestas autoras, dependendo dos lugares de onde falam, as categorias gênero, raça, classe, sexo e geração, atravessados pela política, pela economia e pela cultura, seguindo um modelo múltiplo de análise.

Mas a intenção deste tópico, centrado mais em Flax, foi situar a amarração teórica entre a autora e Michel Foucault, um historiador dos sistemas de pensamento. A lógica binária é um operador do pensamento e é esta lógica que sustenta os discursos triplamente atravessados por relações sociais de poder: dicotomizados, opostos e hierarquizados.

Encerro este capítulo com um trecho no qual Foucault mobiliza outros elementos para reflexão através do estatuto das descontinuidades:

Que quer dizer, de um modo geral, não mais poder pensar um pensamento? E inaugurar um pensamento novo? O descontínuo – o fato de que em alguns anos, por vezes uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo – dá acesso, sem dúvida, a uma erosão que vem de fora, a esse espaço que, para o pensamento, está do outro lado, mas onde, contudo, ele não cessou de pensar desde a origem. **Em última análise, o problema que se formula é o das relações do pensamento com a cultura[...].** (FOUCAULT:1999a, 69).(grifos meus).

---

<sup>64</sup> Os títulos consultados destas autoras estão arrolados nas referências bibliográficas.

### CAPÍTULO 3 – UM MAPA DISCURSIVO E EXTRADISCURSIVO

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.

Michel Foucault em *A vontade de Saber*

Neste capítulo, em consonância com o procedimento metodológico de Foucault, será realizada a individualização e descrição de práticas discursivas e não discursivas, verificando as condições de possibilidades de emergência dos relatórios e as co-existências, sucessões, transformações independentes ou correlativas, entre eles. Nestas trilhas históricas algumas pontuações preliminares são necessárias: os relatórios Kinsey foram publicados em 1948 e 1953, mas exigiram uma pesquisa de 15 anos, iniciada em 1938, portanto atravessando a década de 40; os relatórios Masters&Johnson foram editados em 1966 e 1970, mas envolveram 11 anos de estudos, entre 1954 e 1965; e por último os relatórios Hite, cujas publicações foram de 1976 e 1981, tomaram de 4 a 7 anos de levantamento, iniciado em 1972. Os períodos de análise são muito mais dilatados do que se pressupõe inicialmente e não estão limitados aos decênios recortados. Mas, em linhas gerais, Kinsey elaborou seu estudo durante e no pós-guerra; M&J, no pós-guerra e guerra fria; e Hite vivenciou a segunda onda do feminismo. A equipe de Kinsey era comandada por homens; M&J formavam um casal de pesquisadores, homem médico e mulher psicóloga; e Hite, uma única mulher foi responsável pelas publicações. Kinsey se ocupou privilegiadamente de números comportamentais; M&J elaboraram

um texto fisiológico e técnico-terapêutico; Hite foi uma transcritora fiel dos depoimentos que obteve.

Com base nesta análise sucinta, o que se deseja é catalisar um movimento para a exterioridade dos documentos, traçando um possível mapa discursivo e extradiscursivo, selecionado entre muitos outros que poderiam ser vinculados à emergência dos relatórios no século XX. Há acontecimentos cujas relações foram estabelecidas numa referência externa, ou seja, em movimento de fora para dentro dos relatórios, enquanto outros seguiram o sentido inverso, ou seja, subdiscursos, temas paralelos internos e suas correlações com o extradiscursivo, resultando em aproximações oscilantes em campo múltiplo, num movimento constante de inserção e afastamento das produções analisadas.

As descrições das continuidades e das discontinuidades sempre estarão privilegiando a categoria gênero, ressaltando que estas regularidades e rupturas serão atrevidamente apontadas, por serem acontecimentos que abalaram o solo, mas não necessariamente alteraram o modo de pensar de uma cultura, pois esta tarefa, sabe-se, é muito difícil de se realizar num curto intervalo de tempo, sem um distanciamento histórico considerável.

A análise se configura como um mapeamento correlacional dos discursos, constituído das articulações entre as diversas formações discursivas. Para ilustrar as conexões entre os temas, vou me valer de um artifício lingüístico de compactação em um único parágrafo:

O desenvolvimento tecnológico científico do século XX obteve repercussões em uma gama enorme de setores, como o industrial gráfico, as



comunicações, bens de consumo, o automobilístico, dentre outros. O automóvel, por exemplo, virou sonho de aquisição, símbolo de potência, e um espaço exíguo e útil para liberdades sexuais, chegando a possibilitar uma inusitada junção externa entre cinema e sexo, através dos drive-in's, onde exibiam-se filmes com monstros (para a garota se agarrar aos braços do jovem). A eugenia, antes ciência, se disfarçou de medo da miscigenação étnica, e esta passou a ser combatida com políticas sanitárias e leis discriminatórias, culminando com um conflito mundial. Na Segunda Guerra Mundial as mulheres participaram ativamente, mas com o término, foram convocadas para o retorno a um lar fecundante, onde a família re-arranjada seria cuidada e examinada por médicos e psiquiatras com seus diagnósticos sustentados em investigação científica, estatisticamente comprovada.

Este alinhavo meramente ilustrativo é um dos inúmeros possíveis na teia discursiva e extradiscursiva que compõem o cenário dos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite, numa espécie de articulação aberta a muitas outras. As temáticas não foram previamente selecionadas, surgiram da contextualização e emergência dos próprios relatórios sobre sexualidade e como parte de uma história do presente.

Nesta perspectiva, a tecnologia, o cinema, a psicometria, as leis e proibições sexuais, as políticas higienistas, as mulheres do pós-guerra, a demografia, a psiquiatria e a estatística foram solos escavados num sítio arqueológico limitado, com um aprofundamento vertical ou expansão horizontal estabelecidos dentro das possibilidades. É portanto um mapa possível, não o único, mas foi o utilizado e mobilizado nesta trajetória.

### 3.1. Desenvolvimento tecnológico

As sociedades modernas são, concretamente, sociedades industriais, predominantemente tecnológicas, tendo a ciência e a razão como fundamentos objetivos, verdadeiros, e universais. O final do século XIX e o começo do XX foram marcados por intensas transformações alavancadas pela modernidade. A partir de 1880, durante a Segunda Revolução Industrial (1860-1900), benefícios como eletricidade, petróleo, indústria química e siderúrgica, o automóvel e as telecomunicações, foram sendo incorporados ao cotidiano das pessoas. As fábricas<sup>65</sup>, de todo e qualquer tipo de produto, passaram a ocupar o cenário urbano de pequenas e grandes cidades. As aglomerações nestes espaços, como afirma Foucault (1987) em *Vigiar e Punir*, exigiram medidas de controle das atividades, de tempo, de espaço e de movimentos.

Em 1911, o engenheiro americano Frederick Winslow Taylor (1856-1915), publica *Princípios de Administração Científica*, quando conclui a racionalização do trabalho operário<sup>66</sup>. Em 1913 – O industrial americano Henry Ford (1863-1947) introduz a linha de montagem dos Ford modelo T, em Detroit, iniciando a produção em massa de automóveis baratos. Em 1930, o engenheiro turco Henri Fayol (1841-1925) publica a *Administração Industrial e Geral* com uma abordagem de indústria fundada em modelos anatômicos.

---

<sup>65</sup> As mulheres começaram a trabalhar em fábricas em meados do século XIX e sua exploração tem registros históricos fatais, como a morte de 129 mulheres tecelãs, pela força policial em 08 de março de 1857, numa fábrica têxtil de Nova York, onde reivindicavam redução de jornada de trabalho de 14 para 10 horas. Por este episódio, foi instituído o 08 de março como Dia Internacional da Mulher, pela ONU em 1975.

<sup>66</sup> O filme “Tempos Modernos” de Charlie Chaplin (1889-1977) é uma crítica direta ao taylorismo, ao processo de desumanização e à sociedade industrial de vigilância. O filme, feito em 1936, retrata o período pós-1929 da depressão econômica financeira norte-americana, e a conseqüente geração de uma população de 17 milhões de desempregados para uma população total de 125 milhões de americanos.

Fayol e Taylor foram responsáveis pela introdução do método científico na administração das empresas, numa espécie de furor disciplinar organizativo.

Nesta época se consolida o triunfo dos métodos científicos, da matemática aplicada na produção em termos numéricos, da quantificação. E neste apogeu do número, em 1910-1913, Bertrand Russel (1872-1970) e Alfred North Whitehead (1861-1947) escrevem *Os Princípios da Matemática*, formalizando todo o conhecimento em princípios lógicos.

Mas a explosão tecnológica do século XX é tão impressionante quanto à explosão demográfica. As invenções da televisão em 1925 e sua popularização na década de 30, e o desenvolvimento do computador (1946), a partir da década de 40, são marcos pontuais, se comparados com uma extensa comercialização de produtos eletrodomésticos nas décadas de 50, 60 e 70, tais como rádio, toca-discos (eletrola ou vitrola), toca-fitas, ventilador, condicionador de ar. O espaço doméstico estava sendo preenchido com inovações de conforto e lazer (óbvio que para quem poderia pagar).

Para as mulheres foram reservadas algumas invenções facilitadoras do trabalho doméstico como o aspirador de pó, enceradeira e máquina de costura, mas nos espaços da cozinha e da área de serviço localizaram-se os maiores investimentos: liquidificador, ferro elétrico, fogão a gás, batedeira, torradeira, máquina de lavar roupa, máquina de lavar pratos, secadoras, etc.

No pós-guerra, a fixação doméstica da mulher foi sustentada pelas inovações tecnológicas, pois a mulher do lar tinha à sua disposição uma parafernália de eletrodomésticos que aliviaram seu serviço braçal, feito com uma brisa refrescante do ventilador e com música embalante ao fundo. A

ativista feminista Betty Fridan, no seu clássico livro *A Mística Feminina*, denuncia as inúmeras estratégias de confinamento doméstico sutilmente impostas às mulheres, excluindo-as da esfera pública.

Os decoradores planejavam cozinhas com murais de mosaico e quadros originais, pois a cozinha transformara-se no centro da vida feminina. Costurar em casa tornou-se uma indústria milionária. A maioria das mulheres só saía para fazer compras, levar as crianças de um local para outro, ou comparecer a compromissos sociais com o marido. (...) Tinha a liberdade de escolher automóveis, roupas, utensílios, supermercados e possuía tudo o que a mulher jamais sonhou. (FRIEDAN, 1971:19)

Pode-se afirmar, desta maneira, que a primeira metade do século XX foi, indubitavelmente, rica em invenções popularizadas, mas uma em especial, surpreendeu pelo despertar de um desejo de posse inimaginável: o automóvel, usado não apenas como locomoção, tornou-se símbolo de status, poder e independência. Por vezes utilizados como cama, chegaram a modificar os comportamentos sexuais, pois práticas foram possíveis em seu interior<sup>67</sup> e locais de estacionamento especiais surgiram nos EUA, os drive-in, para conjugar duas atividades muito interligadas, comer e transar.

Na esteira das vantagens tecnológicas, os nossos pesquisadores se beneficiaram de recursos e instrumentos, sem os quais não poderiam chegar a determinadas conclusões. O uso de filmagens pela equipe de Kinsey e de micro-câmeras em Masters & Johnson, são exemplos típicos.

O século XX produziu também uma indústria de acessórios eróticos incorporados e popularizados paulatinamente na vida sexual das pessoas fossem casadas, solteiras, acompanhadas ou solitárias.

---

<sup>67</sup> Kinsey constatou que 41% das mulheres com experiência de coito pré-conjugal, praticaram-no em um automóvel estacionado ou em movimento. “Os dados mostram que a importância do carro duplicou neste particular nos trinta anos abrangidos pelo material de estudo”. (KINSEY et al, 1954:312)

### 3.2. A indústria cinematográfica

As artes, sempre acompanharam, seja de formas subversivas ou de formas ilustrativas, certas descobertas e estudos científicos. Merece registro a arte cinematográfica, emergente no início do século XX, que viria a servir para disseminação de formas de pensar, agir e ser de uma época. A invenção do cinetoscópio, primeira câmara de filmar, em 1894, por Thomas Alva Edison (1847-1931) e o primeiro sistema de projeção em 1895, pelos irmãos franceses Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948), possibilitaram o surgimento da arte-indústria cinematográfica.

As produções iniciais foram baseadas em literatura, resultado de adaptações. Como co-lateralidade expansiva de discursos, a literatura se apropriou de discursos científicos sobre seres degenerados e abomináveis, por sua vez transportados para o cinema. Deste processo surgiram filmes como: O Médico e o Monstro (Dr. Jekyll and Mr. Hide) escrito em 1886 pelo inglês Robert Louis Stevenson (1850-1894) com versões cinematográficas em 1920, 1932 e 1941; A Ilha do Dr. Moreau, escrito em 1896, pelo inglês Herbert Georg Wells<sup>68</sup> (1866-1946), seguidor de Charles Darwin, com filme em 1933; Dr. Frankenstein ou Prometeu Moderno, da escritora Mary Shelley (1797-1851), escrito em 1818 e filmado em 1910, 1931; e Drácula de Bram Stokem (1847-1912), livro editado em 1897 e com filmes em 1920 e 1931. Os filmes com criaturas híbridas, vítimas de alterações genéticas, vampiros, seres com

---

<sup>68</sup> H.G. Wells também escreveu em 1898, *Guerra dos Mundos*, uma ficção científica com o ataque de alienígenas à Terra, cuja versão radiofônica de 1938, por Orson Welles (1915-1985), ficou famosa pelo pânico causado em algumas cidades americanas. O fenômeno gerou o programa de Defesa Civil dos EUA, além de ter sido o precursor dos estudos sobre o poder da imprensa, e objeto do primeiro estudo acadêmico sobre histeria em massa. Orson Welles também protagonizou o clássico filme *Cidadão Kane*, em 1940.

aberrações e deformações, se tornaram então uma categoria com público cativo nos assentos das salas de exibição, e todos estes filmes citados, não surpreendentemente, receberam novas versões na década de 90.

Como conexão discursiva, convém lembrar que o livro *Psychopathia Sexualis* com extensa categorização de desvios, foi publicado em 1886 por Richard Von Kraft-Ebing. Para Elaine Showalter, historiadora inglesa, especialista em literatura feminina, autora de *Anarquia Sexual: sexo e cultura no fim de siècle*<sup>69</sup>, o tema central de *O Médico e o Monstro* era a vida dupla dos homens, seja nas relações esposa-prostituta ou nas relações hetero-homossexuais. Afirma que o final do período vitoriano foi riquíssimo em produção de duplos literários e duplos sexuais, influenciados também pela teoria da bissexualidade de Freud.

O homossexualismo era também um tópico de considerável interesse científico e jurídico em 1886. Em janeiro, exatamente quando Stevenson publicou seu romance, a Emenda Labouchère, que declarava crimes os atos homossexuais, entrava em vigor; e a *Psychopathia Sexualis* de Kraft-Ebing apresentava alguns dos primeiros estudos de casos de homossexualismo masculino.(SHOWALTER, 1993: 146)

Para Showalter, a imagem da mulher no final do século XIX e início do XX era a mulher encoberta, citando como exemplo a “escandalosa” pintura de Gustave Courbet, *A Origem do Mundo*<sup>70</sup>, também de 1886, constituída de uma mulher deitada com a genitália exposta. A pintura era exibida por trás de um véu. Véu este, aliás, sete véus, também presentes na princesa judia *Salomé*, de Oscar Wilde (publicação de 1892), uma personagem mundana da literatura,

<sup>69</sup> Neste livro da Coleção Gênero Plural, Elaine Showalter efetua uma confrontação entre os problemas e as metáforas do final do século XIX e as do final do século XX, tendo como fonte de sua análise, representações no cinema, nas artes e nas literaturas inglesa e americana.

<sup>70</sup> Segundo Showalter, o quadro acabou pertencendo a Jacques Lacan.

representada em pinturas e em peças teatrais, tendo uma versão do cinema mudo em 1922 e outra versão deturpada, épico-bíblica, em 1953.

Contemporaneamente, a retomada desta mulher misteriosa, ícone da sexualidade feminina, tendo uma performática e sensual dança dos sete véus (ou do ventre) com striptease, como técnica de encantamento do homem, ilustra as possibilidades de re-emergências históricas, com novos cruzamentos de práticas e colagens (extra)discursivas.

Nos contextos dos relatórios Kinsey, Marilyn Monroe se torna diva do cinema, eterna sex symbol, com os filmes *Os Homens Preferem as Loiras* (1953), *O Pecado Mora ao Lado* (1955), *Nunca Fui Santa* (1956) e *Quanto Mais Quente Melhor* (1959). Burt Lancaster e Deborah Kerr (um casal de adúlteros) causam furor em 1953 por conta do célebre beijo na praia em trajes sumários, no filme *A Um Passo da Eternidade*. Consagrada como a maior indústria cinematográfica do mundo, Hollywood continua a enfatizar seus heróis<sup>71</sup> e ao lado deles novos mitos vão surgindo: *Um Bonde Chamado Desejo*<sup>72</sup> (1951) de Tennessee Williams retratando ninfomania, traições e estupro, crises conjugais como em *Gata em Teto de Zinco Quente* (1958) com Elizabeth Taylor e Paul Newman. De um lado, a mulher passa a ser utilizada para atrair público cinematográfico através da representação de um poder de atração, sedução e dominação e, por outro, um ideal de moça pura e bem comportada como os desempenhados por papéis de Doris Day e Grace Kelly.

---

<sup>71</sup> Personagens masculinos rebeldes de Marlon Brando, em *O selvagem* (1953) e James Dean, em *Juventude Transviada* (1955) (título original: *Rebel without a cause*, Rebeldes sem causa) tornaram-se símbolos da juventude do pós-guerra.

<sup>72</sup> No Brasil, foi divulgado com o inadequado título *Uma Rua Chamada Pecado*.

A este respeito é pertinente a análise de Betty Friedan, ao incluir na lógica prescritiva familiar da mística feminina, a utilização de certas imagens cinematográficas de mulher, seja recatada ou avassaladora, na tela, e a exposição de sua imagem real e verdadeira em revistas femininas:

A única “profissional” sempre bem-vinda às páginas das revistas femininas era a atriz. Mas sua imagem sofria também notável transformação: de indivíduo complexo, com temperamento ardente, dimensão interior e uma particular inclinação de espírito passava a ser objeto sexual, uma recém-casada com cara de bebê, ou uma ativa dona de casa. É só comparar Greta Garbo, Marlene Dietrich, Bette Davis, Rosalind Russel, Katherine Hepburn com Marilyn Monroe, Debbie Reynolds, Brigitte Bardot e “I love Lucy”. Ao escrever a respeito de uma atriz para qualquer revista feminina falava-se de seu papel como dona-de-casa. (FRIEDAN, 1971:49).

Na Europa, após a reconstrução pós-guerra, a sensualidade das mulheres também passou a ser explorada com força total nas produções, principalmente francesas. Marcos cinematográficos com forte apelo sexual são Brigitte Bardot em *E Deus Criou a Mulher* (1956), Jane Fonda em *Barbarella* (1968), Catherine Deneuve em *Os Guarda-chuvas do Amor* (1964), *Repulsa ao Sexo* (1965) e *A Bela da Tarde* (1967).

No final da década de 50 e início de 60, inicia-se a Nouvelle Vague, um movimento contestatório do cinema francês com a valorização de um erotismo insinuante, enredo amoral, montagens inesperadas, fugindo de temas do circuito comercial. A atriz Jeanne Moreau atuando em *Os Amantes* (1958) e *Trinta Anos Esta Noite* (1963) de Louis Malle, em *Uma Mulher Para Dois* (1961) de François Truffaut, e em *Uma Mulher é Uma Mulher* (1966) de Jean Luc Godard, foi a estrela marco do movimento.



O cinema se tornou no decorrer dos anos 50 e 60, uma das grandes paixões e fonte de entretenimento, principalmente as produções americanas, francesas e italianas. Mas sem dúvida, a atração pela cultura americana foi (e é ainda) bastante forte no Brasil, conforme nos aponta o estudo documental<sup>73</sup> de 1996, *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*, da historiadora Carla Bassanezzi:

A influência cultural norte-americana tem no cinema e na música suas principais portas de entrada. **O prestígio dos Estados Unidos aumenta ao mesmo tempo em que decresce a influência européia e a valorização de antigas tradições e formalismos.** O *american way of life* torna-se modelo invejável de muitos grupos das classes médias brasileiras. E as estrelas de Hollywood inspiram comportamentos e valores, especialmente na juventude. Além disso, **posições político-econômicas tomadas pelo Brasil de acordo com interesses norte-americanos** propiciam a crescente interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos brasileiros. (BASSANEZI, 1996:50). (grifos meus)

Nesta passagem de Bassanezi verificamos a inter-conexão entre os acontecimentos discursivos e extradiscursivos de um país (EUA) sendo transportados para outro (Brasil) numa espécie de migração de poder, disfarçado de cultura, tendo como pano de fundo a política e a economia. Sem entrar em questões teóricas específicas, o capitalismo do pós-guerra se baseia no estímulo ao consumismo desenfreado e à descartabilidade, cujas estratégias envolvem não apenas a comercialização de produtos, mas de um estilo de viver, de parecer ser e de ter<sup>74</sup>.

<sup>73</sup> Podem ser inseridos no mesmo estilo de pesquisa documental, o livro de 1999 da historiadora Maria Tereza Santos Cunha, *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*, e a tese de Roselane Neckel, *Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 – 1979)*, para o Doutorado em História da PUC/SP em 2004. Esta última reserva um capítulo de sua tese às influências de Kinsey, Masters&Johnson e Shere Hite nas suas revistas pesquisadas.

<sup>74</sup> Elaboraões pertinentes encontraremos em Erich Fromm(1987), Jean Baudrillard(1995), Guy Debord(1997), Pierre Bourdieu(1997), entre outros.

### 3.3. Movimento eugênico, a psicometria e os testes de QI

As ciências humanas, entre o século XIX e XX, seguindo os pressupostos de cientificidade da época, passaram a se apropriar dos mesmos recursos e critérios em princípios lógicos-matemáticos. As ciências biológicas, com a biometria (as medidas biológicas), a antropometria (as medidas do homem), e a frenologia (estudo das dimensões e formas do crânio e sua relação com as funções intelectuais), ao elaborarem saberes e discursos métricos, contribuíram para a transposição da prática da medição para os aspectos psicológicos, ou seja, fizeram emergir a psicometria, ramo da psicologia consagrado à elaboração e utilização de testes e medições psicológicas.

O inglês Francis Galton (1822-1911), antropólogo, matemático<sup>75</sup>, e estatístico, fundador do movimento eugênico e precursor da psicometria, escreve em 1869, *Genius Hereditary* (Gênio e Hereditariedade) e em 1883, *Inquiries into Human Faculty* (Investigação da Faculdade Humana). Foi influenciado fortemente por seu primo, Charles Darwin (1809-1882), que publicou em 1859, *Origem das Espécies*, junto com Alfred Russel Wallace (1823-1913), estabelecendo a teoria evolucionista de seleção natural. Darwin publicou também *The Descent of Man* (A descendência do homem), em 1871, e seus partidários começaram a aplicar seus argumentos para as raças e classes de homens. De acordo com a feminista australiana Germaine Greer (1987):

---

<sup>75</sup> Em matemática, foi idealizador da *Curva de Galton*, em forma de ogiva, representando a distribuição das notas de um teste (por exemplo) em função das classificações como procedimento para obter escala de referência de um grupo (padronização). Não confundir com a *Curva de Gauss*, de Laplace-Gauss, em forma de sino, representando a distribuição normal dos valores, a ser exposta no tópico sobre estatística.

Assim como a religião proporcionara a justificativa para a opressão e extermínio de grupos alienígenos durante o período anterior à expansão européia, a nova religião da ciência foi espoliada como prova para justificar o antagonismo racial e de classe, embora não se pudesse encontrar na obra de Darwin qualquer justificativa para tratar o homem como um gênero contendo várias espécies de ordens superiores e inferiores. (GREER, 1987:282)

Com a aplicação tendenciosa dos princípios de Darwin à sociedade, surgia o darwinismo social<sup>76</sup>, e a partir deste, outras deturpações defendendo a repressão aos inferiores e a procriação apenas dos melhores. Galton após iniciar as suas investigações sobre a herança humana criou em 1905 a palavra eugenia (boa geração), cuja definição estampou-se por anos na capa da revista *Eugenics Review*, da Sociedade de Educação Eugênica Americana<sup>77</sup>: “A eugenia é o estudo dos instrumentos sob o controle social que podem melhorar ou piorar as qualidades raciais das gerações futuras, quer física ou mentalmente” (GALTON apud GREER, 1987:286).

Numa linha acadêmica, em 1890, o psicólogo James McKeen Cattell (1860-1944) realizava “testes mentais” com estudantes universitários ingleses, publicando o livro *Mental Tests*. No mesmo ano, o antropólogo alemão Franz Boas (1858-1942) trabalhava com tipos de medidas antropológicas de crianças em idade escolar nos EUA, tendo escrito o livro *Crescimento das Crianças* entre 1896 e 1904. Boas foi um dos pioneiros a questionar a validade dos testes de QI que apoiavam diferenças raciais, pois segundo ele as diferenças

<sup>76</sup> No darwinismo social, as sociedades se modificam e se desenvolvem num mesmo sentido com transformações sempre na passagem de um estágio inferior para outro superior, tal como nas espécies de seres vivos. Incluem-se representantes os organicistas Albert Schäffle(1831-1903), Herbert Spencer (1820-1903) e Alfred Espinas (1844-1922).

<sup>77</sup> A Sociedade Americana de Eugenia foi fundada em 1905, indo até o início da dec. de 40, com este nome. No Brasil, a Sociedade Eugênica de São Paulo foi fundada em 1918 e fechada em 1920. O primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia ocorreu em 1929, ano de fundação do Instituto Brasileiro de Eugenia.

entre grupos humanos são resultado de diferenças históricas e psicossociais<sup>78</sup>. Estas iniciativas fizeram com que em 1895, a *American Psychological Association* nomeasse uma comissão para estudar testes mentais. Esta preocupação com a psicometria não era exclusividade americana, pois no continente europeu, em 1905, o psicólogo e fisiologista, Alfred Binet (1857-1911), junto com Theodore Simon (1873-1961), publicam o primeiro teste de inteligência de medição de níveis mentais para diagnosticar deficiências mentais nas escolas francesas. Em 1912, o alemão William Stern (1871-1938), introduz na psicologia a noção de inteligência relativa e cria o termo *quociente mental* para representar o nível mental, determinado pela divisão entre a idade mental (medida pelos testes) e a idade cronológica. Em 1916, Lewis Terman (1877-1956) da Universidade de Stanford, na Califórnia, realiza revisões da escala de Binet/Simon, rebatiza o quociente mental de Stern para *quociente intelectual (QI)*, multiplicando a fórmula do QI por 100, montando a escala Stanford/Binet. A classificação proposta por Lewis Terman em 1916 é a seguinte:

QI acima de 140:	Genialidade
120-140:	Inteligência muito superior
110-120:	Inteligência superior
90-110:	Inteligência normal (ou média)
80-90:	Embotamento
70-80:	Limítrofe
50-70:	Cretino
20-50:	Imbecil
QI abaixo de 20:	Idiota

Na década de 40, o psicólogo David Wechsler (1896-1981), autor de inúmeras pesquisas sobre desenvolvimento e avaliação de inteligência, efetua

---

<sup>78</sup> Fonte: [www.observatório.unesco.org.br](http://www.observatório.unesco.org.br). Boas publicou em 1931 um texto clássico a respeito: *Raça e Progresso*, defendendo raça como sinônimo de cultura.

um aprimoramento no sistema de padronização, considerando a inteligência “normal” como um dado estatístico e não absoluto, através da distribuição normal cumulativa, estabelecendo desta maneira uma série de escalas de apreciação<sup>79</sup>. Uma mudança na nomenclatura das classificações de Terman, também foi promovida por Wechsler:

QI acima de 127:	Superdotação
120-127:	Inteligência superior
110-120:	Inteligência acima da média
90-110:	Inteligência média
80-90:	Embotamento ligeiro
65-80:	Limítrofe
50-65:	Debilidade ligeira
35-50:	Debilidade moderada
20-35:	Debilidade severa
QI abaixo de 20:	Debilidade profunda

A disseminação dos testes de inteligência ao longo do século XX, sua popularização e o uso vulgarizado e indiscriminado<sup>80</sup> passaram a ditar uma forma de enquadramento discursivo com força de diagnóstico profissional, social, e discriminatório. O uso das escalas passou a segregar os negros e latinos pela métrica do QI, justificando as turmas escolares serem divididas em salas especiais, separando-os de um lado os brancos, de outro, negros e latinos, na primeira metade do século XX. O estudo de Fátima Oliveira, intitulado *Saúde da População Brasileira: Brasil ano 2001*, para a Organização Pan-Americana de Saúde, contribui consideravelmente para a compreensão da

<sup>79</sup> Em 1939 publica a *Wechslet Bellevue Scale*; em 1949, a *Wechsler Inventory Scale for Children* (WISC) aplicada para crianças de 6 a 16 anos; em 1955, a *Wechsler Adult Inventory Scale* (WAIS) para maiores de 16 anos; e em 1972, a *Wechsler Preschool and Primary School Scale of Intelligence* (WPPSI) para crianças em idade pré-escolar. Depois surgiram revisões: em 1981 a WAIS-R e em 1997, a WAIS-III; em 1974 a WISC-R e em 1989, 1991 e 1997 a WISC-III

<sup>80</sup> No tocante aos testes psicológicos em geral, no Brasil o Conselho Federal de Psicologia, com a resolução CFP n° 002/2003 estabeleceu os requisitos mínimos para caracterização dos testes psicológicos em condições científicas de uso. O SATEPSI – Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos fornece a relação de 87 testes aprovados e 59 desaprovados, para avaliação de inteligência,

trajetória sobre o preconceito aos negros a partir dos testes de QI, referindo-se nominalmente à escala de Terman:

Em 1916, uma equipe da Universidade de Stanford, dirigida por Lewis Terman criou a Escala Stanford Binet, **um instrumento que “comprovava” que negros, mexicanos e indo-espanhóis eram portadores de Qi baixo por causas raciais.** Esses senhores deduziram que a educação não poderia superar esse defeito e aconselhavam que a crianças dessas “raças” deveriam ser confinadas em salas de aula especiais e adestradas para trabalho não intelectual. Eram “burras”, porém treináveis para trabalhos braçais. (OLIVEIRA, 2003:65) (grifos meus)

Num outro recorte histórico (do presente), em 1994 um exemplo clássico desta permanência discursiva, foi o polêmico livro *The Bell Curve*, a Curva do Sino (em alusão ao desenho da curva normal), do psicólogo Richard Heirrstein e do sociólogo Charles Murray da Universidade de Harvard, sustentando a “histórica” tese de QI inferior racial dos negros, reativando o debate entre raça-hereditariedade-inteligência<sup>81</sup>. Verifica-se assim uma co-existência de discursos científicos de um lado tentando justificar as diferenças hierarquizadas através da psicometria e estatística; e de outro, discursos políticos e sociais que procuram romper com os enquadramentos.

Prosseguindo nesta incursão histórica sobre esta formação discursiva, a psicometria e as avaliações dos testes de QI ou de capacidade mental, constata-se sua utilização inicial pelos eugenistas, como justificativa para “supervisionar” a reprodução de seres inferiores (supervisionar enfatizado no

---

personalidade, sociabilidade, atenção, ansiedade, funções mentais/profissionais, interesses, capacidades, etc.

<sup>81</sup> Em março de 2006, foi publicado na revista *Intelligence*, o estudo intitulado *Temperature, skin color per income, and QI: An international perspective*, dos americanos Donald Templer e Hiroko Arikawa, correlacionando o QI médio de 129 nações à renda per capita, à cor da pele e às temperaturas no verão e no inverno. Concluíram que as pessoas de clima mais frio tendem a possuir um QI mais alto do que aquelas de climas mais quentes. (fonte: Revista Psique Ciência&Vida. Ano I nº 5. Editora Escala). As conclusões coincidem com o trabalho desenvolvido pelo psicólogo alemão Hans Jurgen Eysenck em *The Inequality of man*, de 1973 (versão portuguesa, *A desigualdade do homem*, 1976).

sentido de não limitar). O geneticista francês Albert Jacquard (1929 - ), diretor do INED, *Institut National d'Etudes Démographiques* (Instituto Nacional de Estudos Demográficos) de Paris, e autor do livro *Elogio da Diferença*, ao fazer referências explícitas ao geneticista, psiquiatra e demógrafo francês Jean Sutter<sup>82</sup>, denuncia medidas concretas tomadas, sobretudo de esterilizações<sup>83</sup> de indivíduos portadores de defeitos considerados transmissíveis.

Em sua análise mais detalhada desse problema J.Sutter precisa as legislações promulgadas em certos Estados visavam os “perversos sexuais”, em outros os “criminosos habituais” ou os sífilíticos. Entre 1907 e 1949, foram praticadas 50.000 esterilizações em 33 Estados, das quais cerca de metade em “fracos de espírito”. Outras medidas visavam à supressão de casamentos entre raças, negra e branca, obviamente, mas também branca e amarela. Somente em 1967 é que essas leis foram declaradas anticonstitucionais. (JACQUARD, 1988: 151).

Jacquard continua sua análise, apontando para uma decisão importante direcionada à imigração, com a criação de uma comissão nacional encarregada de estudar o risco de deterioração do patrimônio genético dos EUA, em virtude do afluxo de indivíduos oriundos de populações inferiores.

O professor Brigham, psicólogo, conselheiro dessa comissão, observa num relatório oficial: **“O declínio da inteligência é ocasionado pela imigração dos Negros e das raças alpinas e mediterrâneas”**. Solicita que “a imigração seja não somente restritiva, mas também altamente seletiva”, e **preconiza “medidas ditadas pela ciência e não pela política”**. (JACQUARD, 1988:151). (grifos meus)

<sup>82</sup> Jean Sutter é autor de *L'Eugénique*, de 1950, sem edição portuguesa.

<sup>83</sup> Em conformidade com estas informações, Werebe(1998) nos aponta que “Nos Estados Unidos, segundo o Dr. Philip Reilly (História da Esterilização Involuntária nos Estados Unidos, publicada pela Universidade John Hopkins, de Baltimore), mais de 60 mil esterilizações forçadas foram praticadas em hospitais públicos americanos entre 1907 e 1960, visando a eliminar os ‘indesejáveis’(retardados mentais, alcoólatras, criminosos violentos, delinquentes sexuais, ‘degenerados’ ou simplesmente membros de grupos étnicos vistos como uma ameaça para a supremacia da raça branca) (WEREBE, 1998:125).

Jacquard cita então o Immigration Act, de 1924, que limitou severamente a imigração dos países do sul e do leste da Europa, revogado pelo Congresso norte-americano somente em 1962. Medidas como limitações da entrada de estrangeiros, barreiras à miscigenação proibindo ou restringindo casamentos, além de práticas de esterilização compulsória, fizeram parte de políticas públicas americanas objetivando uma limpeza racial nas primeiras décadas do século XX. Esta eugenia negativa, cujo objetivo era impedir a reprodução dos supostamente inferiores foi uma variante da eugenia positiva de Galton, que estimulava o cruzamento dos seres mais talentosos.

O movimento eugênico americano desenvolveu-se sob o comando de Charles Benedict Davenport (1866-1944), apoiado financeiramente por instituições como Carnegie Institution, pela Fundação Rockefeller e uma gama de acadêmicos, políticos e intelectuais. A polêmica é tema do recém publicado livro *A guerra contra os fracos – a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior* em 2004, do jornalista historiador Edwin Black, coordenador de uma equipe de mais de cinquenta pesquisadores de 50.000 documentos, que conclui ter Adolf Hitler copiado de eugenistas americanos a política de eliminação de “raças inferiores” e criação de uma super-raça nórdica<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> Fonte: Revista Veja edição de 21/01/2004, p.108-9 e Revista Istoé, edição de 24/03/2004, p.106.



### 3.4. Leis e proibições sexuais

O sistema de tribunais nos Estados Unidos é formado por muitas instituições autônomas constituídas por tribunais estaduais e federais, além de supremas cortes estaduais com autoridade final para interpretar as questões legais estaduais. O funcionamento desta estrutura em forma de pirâmide é complexa, mas há a Suprema Corte dos Estados Unidos, árbitro final de leis federais e constitucionais. No tocante à legislação criminal, esta é estabelecida e decidida pelos legislativos estaduais (para cada Estado) e pelo Congresso (para o governo federal). Dois terços dos 50 Estados americanos, adotaram, no todo ou em parte, o *Model Penal Code (MPC)*, Código Penal Modelo, trabalho mais influente da legislação básica criminal, delineado nos anos 50 e 60, pelo Instituto de Direito Norte-Americano.

Para compreender a repercussão dos relatórios Kinsey, é necessário estar informado que no início do século XX, na maioria dos estados dos Estados Unidos, sexo extra-conjugal, sexo oral, mesmo no casamento, e homossexualidade, eram crimes previstos em lei. Daí o furor e a repercussão da sua publicação. O American Law Institute, o Instituto de Direito Americano, ao publicar seu *Model Penal Code*, em 1955, faz referências aos relatórios Kinsey, recomendando a exclusão da homossexualidade e do sexo anal, de modo consensual entre adultos, do rol das práticas sexuais proibidas por lei. Posteriormente, muitos estados americanos adotam o modelo de código penal legalizando estas práticas<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Fonte <http://www.pbs.org/wgbh/amex/kinsey> acessado em 24/11/2005.

O *Electronic Journal of Human Sexuality*, Vol 7 de dezembro de 2004, no artigo *Dr. Kinsey's Sex Revolution*, de autoria de Jon Knowles, diretor da Planned Parenthood Federation of American, confirma este impacto significativo da obra de Kinsey:

In this way, Kinsey had a mighty impact on the formation of the highly influential American Law Institute's Model Penal Code of 1955, **wich called for the descriminalization of various kinds of private, consensual sex play**. This was a turning point in sexual law. A decade later, privacy became the cornerstone of the U.S. Supreme Court decision in *Griswold v. Connecticut*, which granted married couples the right to use contraceptives. In 1967, privacy was cited by the court in it's declaration the interracial marriage was constitutionally valid. In 1972, the court declared that had a right to use birth control. A year later, on the heels of *Eisenstad v. Baird*, privacy was again cited in *Roe v. Wade* – ending nearly a century of unsafe abortion in the U.S. – and most recently, last year, *Lawrence v. Texas*, privacy was winning argument to overthrow same-sex sodomy laws nationwide. **Kinsey validation of human sexuality has taken us a long, long way.** (KNOWLES, 2004: 02) (grifos meus).

Este trecho sintetiza em uma brevíssima trajetória, as conquistas de descriminalizações ensejadas pelas pesquisas, no longo caminho entre 1955 e 2003, tais como uso de contraceptivos, casamento interracial, controle de natalidade, aborto e sodomia.

Não podemos esquecer, nesta linha de descriminalizações alavancadas pelos relatórios Kinsey, as práticas de homossexualidade. De acordo com Martin Hoffman, autor de *Sexo Equívoco*, a escala HH foi determinante para este processo.

Em 1955, a American Law Institute e, em 1957, o English Committee on Homosexual Offenses and Prostitution (conhecido como o Wolfenden Committee, por causa de seu presidente, Sir John Wolfenden), concluíram que o comportamento homossexual entre adultos, na vida privada, deveria ser eliminado da jurisdição do direito criminal. (HOFFMANN, 1976:81).

O sociólogo John Gagnon, em sua coletânea de artigos *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*, confirma este impacto dos relatórios Kinsey, inegavelmente favorecido pela cobertura dos meios de comunicação de massa. Foram os reponsáveis pela difusão de transcrições e interpretações de partes e dos números dos livros, transformando-os em objetos de debates rotineiros nos espaços públicos e privados. Esta popularização, segundo Gagnon, proporcionou um aumento gradativo do caráter público das condutas sexuais dos norte-americanos, tanto as consideradas imorais quanto as ilegais.

Foi no âmbito da legislação e dos costumes que a pesquisa exerceu seu maior impacto. Se os dados de Kinsey estavam corretos – e os poucos estudos subsequêntes tenderam a confirmar muitos dos resultados –, isso significava que havia uma grave incongruência entre a lei e a conduta sexual. Os relatórios indicavam que muitos aspectos comportamentais considerados criminosos ou desviantes eram praticados, na verdade, por segmentos bastante amplos da população.(...) **A visão de que todas essas condutas deviam ser consideradas criminosas, ou vistas como uma perversão do desenvolvimento sexual normal, foi submetida a um duro golpe crítico**, estabelecendo-se uma continuidade maior entre o que era visto antes como “pervertido” e como “normal”. (GAGNON, 2006:95). (grifos meus)

Detecta-se com esta análise e neste campo discursivo, o jurídico, um cruzamento entre as esferas discursivas e extra-discursivas: os discursos podem promover transformações extradiscursivas e vice-versa, mesmo em domínios aparentemente resistentes e herméticos, nos limites entre o legal e ilegal e entre o normal e o anormal.

### **3.5. As políticas sanitárias, higienistas e “outras políticas populacionais”**

Com o crescimento populacional, políticas higienistas foram intensificadas no início do século XX. Era comum morrer por doenças como meningite, pneumonia, tétano, bronquite, difteria, febre tifóide, tuberculose e gangrena. O problema das infecções bacterianas tornou-se dramático durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) com a contaminação e condenação à morte da maioria dos feridos em combate. As doenças venéreas, como sífilis, também causavam mortalidade e outras menos fatais, como gonorréia, viraram verdadeiras epidemias.

A descoberta incidental da penicilina em 1928, pelo bacteriologista escocês Alexandre Fleming (1881-1955), representou uma transformação no tratamento destas doenças. Mas somente após 10 anos, com o financiamento das pesquisas pelo Instituto Rockefeller, é que passou a ser produzida em 1938 com o nome de antibiótico<sup>86</sup>. Seu uso em larga escala durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi decisivo para a salvação de muitas vítimas e combatentes, de pequenas e grandes infecções.

Com a possibilidade de tratamento eficaz de algumas das doenças venéreas, houve, por outro lado, uma intensificação das relações sexuais extraconjugais, pois mesmo com o perigo real de contaminação, havia a certeza de uma cura.

---

<sup>86</sup> Os pesquisadores Ernst Chaim(1906-1979) e Howard Florey(1898-1968) da Universidade de Oxford foram responsáveis pela versão injetável da penicilina em 1940, o que lhes rendeu, junto com Fleming, o Prêmio Nobel de Medicina em 1945.

A pesquisa de Kinsey, iniciada em 1938 (paralela à de Fleming), foi produzida num período em que as doenças venéreas eram um tormento para os médicos e, com esta ênfase higienista, a educação sexual e as práticas sexuais eram trabalhadas com campanhas impactantes e amedrontadoras. Quando da publicação do Relatório Masculino, em 1948, a penicilina já estava sendo utilizada em larga escala, mas nenhuma referência direta é associada, mesmo sob forma de especulação, entre os costumes sexuais e esta descoberta, fundamental para alterações comportamentais.

Em 1946, a criação da OMS, Organização Mundial de Saúde, na ONU, encarregada dos assuntos médicos e sanitários, manteve a orientação higienista, principalmente nos assuntos relacionados à sexualidade.

Neste território de pesquisas nas áreas sanitárias, higienistas, educacionais e sociais, é oportuno falarmos da Fundação Rockefeller, criada em 1913, por John Rockefeller,(1839-1937), organização norteamericana atuante em prol do denominado bem-estar social. Participa com subvenções financeiras em centros de pesquisa e ensino por muitos países, tendo como pressuposto básico o estudo das condições e das forças que afetam as atitudes humanas. Suas contribuições, atualmente, são para as áreas da saúde pública, educação, arte, cultura e agricultura.

A Fundação atuou como um dos principais financiadores das pesquisas realizadas por Kinsey, tendo destinado ao Instituto Kinsey, US\$ 100.000 (cem mil dólares) ao ano, durante 12 anos, entre 1942 e 1954. Em 1952, o presidente da Fundação Rockefeller, Dean Rusk<sup>87</sup> manifesta publicamente as divisões internas da Fundação quanto às pesquisas de Kinsey. A Fundação,

após pressões, opta em 1954, pelo cancelamento do financiamento, supostamente pelas acusações tendenciosas indicativas de simpatias e conexões de Alfred Kinsey ao comunismo, feitas principalmente pelo senador republicano Joseph MacCarthy (1908-1957) e pelo Reece Committee, comitê comandado por Brazilia Carrol Reece (1889-1961), congressista republicano, responsável pelas investigações.

Neste sentido, como ruptura política coincidente com este acontecimento inesperado para os planos de Kinsey, foi o retorno dos republicanos ao governo americano, com o general da Segunda Guerra, Dwight David Eisenhower, em 1953<sup>88</sup>, após 20 anos do poder dos democratas.

Uma análise superficial permite afirmar que os governos democratas sempre foram mais abertos às questões voltadas para a sexualidade. Kinsey realizou e divulgou suas pesquisas durante um período democrata: primeiro com o presidente Franklin Delano Roosevelt, entre 1933 e 1945, seguido de Harry Trumann, entre 1945 e 1953. Acabou sendo vítima do retorno do conservadorismo, da recém instalada guerra fria, e no pós-guerra, do receio de um enfraquecimento do poderio norte-americano que fora consolidado através da II Guerra Mundial.

O macarthismo, movimento iniciado em 1951 foi caracterizado pela perseguição a pessoas acusadas de simpatizantes do comunismo e de realizarem atividades antiamericanas, resultando em “caças às bruxas” no meio científico, intelectual e sindical no país, chegando inclusive ao meio universitário. A “caça” somente foi amenizada através do retorno dos

---

<sup>87</sup> Dean Rusk vem a se tornar Secretário de Estado dos governos Kennedy e Johnson.

democratas, dez anos após, em 1961, com o presidente John Fitzgerald Kennedy.

Neste contexto, não é mera coincidência e acaso que todos os três relatórios tenham sido publicados durante governos democratas. Os relatórios de Masters & Johnson só foram publicados em 1966 e 1970, o primeiro durante o mandato democrata de Lyndon Johnson<sup>89</sup> e o segundo, no início do mandato de Richard Nixon. Os relatórios de Shere Hite (1976 e 1981) foram divulgados nos limites da presidência de James Earl Carter Jr. (Jimmy Carter) que governou entre 1977 e 1980.

A publicação dos Relatórios Hite servirá, para o caso particular desta pesquisa, como marco histórico de uma virada discursiva, a partir de uma grande ruptura extradiscursiva ocorrida no século XX: o surgimento da AIDS<sup>90</sup>, Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida. A epidemia reorientou todos os discursos sobre a sexualidade que incorporaram o discurso emergente e um reagrupamento se instaurou mudando não apenas as órbitas, mas o centro gravitacional discursivo.

Como descontinuidade extradiscursiva, as políticas populacionais, sociais e econômicas foram reconfiguradas, tendo a AIDS relocado significativamente as verbas de pesquisa institucional, em prevenção educacional e em saúde pública.

---

<sup>88</sup> Eisenhower, no mesmo ano de 1953, através da Executive Order 10450, excluía os homossexuais e outras “perversões sexuais” de emprego federal. (fonte [www.profam.org](http://www.profam.org))

<sup>89</sup> Após o assassinato de Kennedy, Lyndon Baines Johnson governou entre 1963 e 1968, sendo sucedido em 1969 pelo republicano Richard Nixon.

<sup>90</sup> Os primeiros casos descobertos e definidos como AIDS foram em 1977 e 1980, nos EUA, Haiti e África Central. Mas somente em 1982 se classificou a nova síndrome de AIDS nos EUA, até então denominada temporariamente doenças dos 5H - homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos (usuários de heroína injetável) e hookers (profissionais do sexo em inglês). Fonte: [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br).

### 3.6. Mulheres e a II Guerra Mundial

A II Guerra Mundial foi um dos acontecimentos extradiscursivos inegavelmente transformador do século XX, tendo feito 50 milhões de mortos (metade dos quais europeus), 40 milhões de feridos, além de colocar o homem diante da possibilidade instantânea de autodestruição e aniquilamento total, com a produção da bomba atômica. A guerra, iniciada em setembro de 1939, estendeu-se por todos os continentes, com exceção das Américas do Norte e do Sul. Os Estados Unidos só entraram no conflito em 7 de dezembro de 1941, após o ataque à base de Pearl Harbour no Hawai, e neste episódio, uma mulher, a pacifista Jeannette Rankin (1880-1973) foi a única congressista contrária à guerra, o que a levou em 1943, encerrar sua carreira política iniciada em 1917, como a primeira mulher no Congresso dos Estados Unidos.

A participação ativa da mulher na II guerra não foi exclusividade americana, mas na condição de país não territorialmente invadido, a contribuição feminina foi mais debatida e não se restringiu à retaguarda do conflito. A presença da mulher nas Forças Armadas teve campanha pública iniciada em 1942 e coube à parlamentar Edith Nourse Rogers (1881-1960), que havia servido na Cruz Vermelha na França durante a Primeira Guerra Mundial, a apresentação do projeto de lei para criação da WAAC – *Women's Army Auxiliary Corps*.

Em 1943, foi criado o Corpo Feminino do Exército - *Women's Army Corps* (WAC<sup>91</sup>), com prestação de serviços também ultramarinhos, e recriada a WAVES - *Women Accepted for Volunteer Emergency Service* (mulheres



aceitas para o serviço voluntário de emergência), como corpos de reservas femininas (*Women's Reserve*) da Guarda Costeira, da Marinha e dos Fuzileiros Navais, com estatuto militar. As mulheres atuavam como radioperadoras, secretárias, laboratoristas, fotógrafas, mecânicas, datilógrafas, tesoureiras, motoristas, aeromoças, enfermeiras, médicas e engenheiras. Além desta participação, em 1943 mais de 300.000 mulheres trabalhavam na indústria militar de fabricação de aviões. Mas esta situação de aparente valorização profissional foi temporária, pois se em 1945 havia mais de 6.000.000 (seis milhões) de mulheres engajadas como força de trabalho, com o fim do conflito, a maioria esmagadora foi demitida, principalmente aquelas que ocupavam empregos e funções tradicionalmente masculinos<sup>92</sup>. Mesmo as ocupantes de cargos nas forças armadas foram desligadas por força de uma lei de 1943, que determinava o recrutamento somente pela duração da guerra e mais 6 meses.

Segundo Raymond Caire, autor francês de *A Mulher Militar*, estudioso da participação feminina nas forças armadas do mundo:

Pelo fim da guerra, a partir de 1945, o desgosto das WACs com o serviço militar tornou-se grande e, por isso, foram até registrados casos de indisciplina. O Exército americano adotou uma política de evitar transferências, o que provocou mal-estar quando as atividades abrandaram. **Oitenta mil WACs foram desmobilizadas muito rapidamente, mas 20 mil permaneceram nas funções quando a dispensa foi desacelerada.** Só em 1946, quando a desmobilização atingiu todos os homens (salvo os da ativa), é que restaram WACs voluntárias. Os efeitos da legislação que criara o WAC expiraram em junho de 1948. (CAIRE, 2002:95) (grifos meus)

---

<sup>91</sup> O congresso aprovou, em 1942, a criação da WAAC, uma corporação auxiliar e civil, transformada em WAC em 1943, uma corporação militar.

<sup>92</sup> Fonte: [www.britannica.com/women/timeline](http://www.britannica.com/women/timeline)

O mesmo autor fornece dados de avaliação geral: as mulheres tiveram a mesma taxa de acidentes e hospitalização que os homens, causaram menos problemas no plano psicológico e se mostraram mais disciplinadas que seus colegas masculinos. As taxas de gravidez foram insignificantes.

A guerra foi um marco decisivo para alterações nas relações intra-familiares, no significado de maternidade e paternidade e nas relações amorosas de modo geral, conforme atesta Contardo Calligaris:

[...] a Segunda Guerra dera o golpe final na família tradicional. Não só pela mobilidade geográfica e social (homens projetados por todos os cantos, mulheres trabalhando na indústria, etc.) mas ainda mais pelo modo como a guerra romanceou as separações que produziu. Os casais que se (re)uniram depois da catástrofe para povoar o mundo de “baby boomers” imaginaram se unir como nunca sob o signo do amor. (CALLIGARIS, 1998:14)

A historiadora Elizabeth Roudinesco, no livro *A família em desordem*, elabora uma trajetória da família principalmente no século XX e, embora reconheça a participação discreta da mulher na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em serviços na retaguarda, aponta a mudança ocorrida 20 anos após.

A Segunda Guerra Mundial arrastou as mulheres no combate. Desta vez, não se contentaram mais em ver os homens morrerem ou em substituí-los na retaguarda das batalhas. Na Resistência ou incorporadas, resignadas ou mudas, engajaram-se pela escrita, pela ação ou pelo silêncio de uma falsa resignação. Foi assim que deram prova de uma determinação que, até então, havia sido apanágio do homem. (ROUDINESCO, 2003:138)

Continuando sua análise sobre transformações no pós-guerra, Roudinesco nos traz contribuições valiosas para o entendimento de uma revalorização familiar, da maternidade e da criação dos filhos, acontecimentos

ocorridos até a década de 60. Posteriormente, há uma inversão nas exigências femininas sobre prazer e reprodução, nas configurações familiares e seus rearranjos e na gradativa utilização e substituição das técnicas contraceptivas.

Foi logo depois da Segunda Guerra Mundial que as técnicas de regulação dos nascimentos substituíram progressivamente o *coitus interruptus* e o uso dos preservativos masculinos. Seja com a ajuda do planejamento familiar ou recorrendo às diferentes técnicas destinadas a impedir a fecundação – dispositivos intra-uterinos, pílula e aborto – , as mulheres conquistaram, ao preço de lutas difíceis, direitos e poderes que lhes permitiram não apenas reduzir a dominação masculina, mas inverter seu curso. Seus corpos se modificaram juntamente com seus gostos e suas aspirações. (ROUDINESCO, 2003:150-1).

Outra contribuição pertinente vem da historiadora Michelle Perrot, em *Mulheres Públicas* que descreve, através de cinco temas: imagens, lugares, palavras, frentes de luta e resistências, as divisões históricas das diferenças entre os sexos masculino e feminino, nas esferas públicas e privadas, desde o século XIX. Efetua sua exposição vinculando a participação limitada das mulheres nos espaços públicos, às ordens medievais mais representativas: a religiosa, a política e a militar. Mesmo com as inovações técnicas e industriais do século XIX e início do XX, não houve uma subversão dos papéis masculino e feminino nas sociedades ocidentais. No tocante a experiência das duas guerras mundiais, assim se posiciona:

Quando a guerra acabou, auxiliares e substitutas devolveram o lugar e voltaram àquele lar que lhes pintavam como um ideal e um dever urgente. **Longe de serem instrumentos de emancipação, as guerras, profundamente conservadoras, recolocam cada sexo em seu lugar, reiterando as representações mais tradicionais da diferença dos sexos.** Para não falar do desastre das violações, não mais exceções, mas quase armas de guerra, a partir do primeiro conflito mundial. Instrumentalizado, o corpo das mulheres é então assimilado ao patrimônio. O privado dissolve-se no público. (PERROT, 1998: 97). (grifos meus)

Pode-se conciliar ainda, em plano semelhante, as afirmações de Betty Friedan. Quando a guerra acabou, concomitantemente à volta das mulheres ao lar e dos homens aos seus países, novas formas de relações homem-mulher se estabeleceram, e as formas de relação público-doméstico foram devidamente reposicionadas.

Quando terminou a guerra, os ex-combatentes preencheram empregos e vagas em universidades e colégios, durante tanto tempo ocupado quase exclusivamente por mulheres. Houve um curto período de séria competição, e o reaparecimento de vários preconceitos antifemininos nas profissões liberais e nos negócios criou dificuldades para a jovem que quisesse continuar ou progredir no emprego. Isto levou inúmeras a voltar correndo para o abrigo do casamento e do lar. **Uma sutil discriminação contra a mulher, para não mencionar as diferenças salariais, vigora tacitamente até hoje**, e seus efeitos são quase tão arrasadores e difíceis de combater quanto a flagrante oposição enfrentada pelas feministas (FRIEDAN, 1971:162).

Vale dizer que Betty Friedan publicou *The Feminine Mystique* em 1963, e sua indignação permanece atual, mesmo com as iniciativas tomadas no pós-guerra, como a criação da ONU, Organização das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945, com o intuito de manter a paz e segurança coletiva mediante a cooperação internacional, tendo uma das datas relevantes positivas de sua história a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro de 1948. No tocante às formulações sobre gênero, foi decisiva a participação da Comissão da Condição Jurídica e Social da Mulher, instalada na ONU em 1947. Segundo o sociólogo sueco Goran Therborn, autor de *Sexo e Poder: a família no Mundo, 1900-2000*, “A Declaração dos Direitos Humanos da ONU não recebeu implementação legislativa, mas sua proclamação da igualdade de gênero forneceu a base para importantes esforços posteriores da

organização com respeito aos direitos das mulheres e das crianças.” (THERBORN,2006:442).

Como contradição discursiva, nos Estados Unidos a legislação da igualdade e gênero ainda seguiria uma longa trajetória, desde a sua primeira introdução no Congresso Americano em 1923, a aprovação pelo Senado em 1950 e 1953, e pelo Congresso em 1972, posteriormente ainda seguindo um processo de ratificação parcial dos Estados.

Uma das evidências deste pós-guerra, portanto, foi a configuração de uma nova divisão entre um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino, desta vez com uma representação de família típica americana bem-sucedida economicamente. Foi neste contexto que a sexualidade do casal foi pesquisada pelo casal Masters & Johnson, um médico e uma psicóloga, um homem e uma mulher. Se Kinsey abalou a heterossexualidade com a sua escala em graus de classificação H-H (heterossexualidade-homossexualidade), o casal Masters & Johnson a revitalizou com toda força. Era preciso manter a mulher em casa; uma mulher em casa, casada; uma mulher em casa, casada e com filhos; mas se para ter filhos basta apenas copular, para o casal pós-guerra era necessário também copular prazerosamente, e a isto se propôs o “casal” de especialistas e terapeutas William e Virgínia.

Numa leitura foucaultiana, o discurso da terapia sexual (re)inaugurado por M&J, e as intervenções corretivas das “disfunções”, compõem processos de normalização sustentados por uma fisiologia e medicina clínica do sexo.

### 3.7. Demografia – taxa de fecundidade e expectativa de vida

O rápido crescimento da população é um fenômeno recente. Estima-se que há 2000 anos o mundo tinha aproximadamente 300 milhões de pessoas. Demorou 1800 anos para que a população chegasse a 1 bilhão em 1804. Entre 1800 e 1900, a população praticamente dobrou, alcançando a cifra de 2 bilhões em 1927<sup>93</sup>. Entre 1945 e 1965, um fenômeno compensatório do otimismo pós-guerra, denominado “baby-boom”, com nascimentos essencialmente franceses e americanos, fez com que a população mundial atingisse 3 bilhões em 1960. A partir daí temos, em 1974 – 4 bilhões, em 1987 – 5 bilhões e em 1999 – 6 bilhões. Mas essa tendência começa a ser revertida e segundo a projeção<sup>94</sup> da ONU, a população tenderá a se estabilizar em torno de 10 bilhões em 2075. O crescimento ocorrido no século XX demonstra que a taxa de fecundidade alta até a década de 60, foi a principal responsável pela triplicação nos últimos 100 anos. Depois da década de 60, apesar de oscilações, manteve-se a curva de ascendência geral mundial, mesmo com a diminuição da taxa de fecundidade nos países ricos.

A preocupação com este crescimento remonta ao século XIX, quando o pastor inglês Thomas Roberth Malthus (1766-1834), publicou em 1798, *An Essay on the Principle of Population* (Ensaio sobre o Princípio da População), no qual alertava para o perigo que crescimento populacional representava para o futuro das nações. Sua tese é bem conhecida: a população tendendo a crescer em progressão geométrica, irá sempre pressionar a produção de

---

<sup>93</sup> Fontes: Almanaque abril, Enciclopédia Compacta IstoÉ/Guinees, Atlas da História do Mundo Folha de São Paulo/The Times, dados capturados de [www.ined.fr](http://www.ined.fr), endereço do *Institut National d'Etudes Démographiques* da França e de [www.un.org/esa/population](http://www.un.org/esa/population) das Nações Unidas.

alimentos, que crescerá em ritmo aritmético, tornando a pobreza e a miséria para sempre inevitáveis. Não admitindo em hipótese alguma a contracepção, defendia a limitação dos nascimentos por meio da castidade e postergação do casamento partindo do princípio que não haveria comida para todos. Em um artigo de 1824, MALTHUS(1994) é categórico:

A coibição moral, no tocante ao presente tema, pode ser definida como abstinência do casamento, seja por algum tempo ou de forma permanente, a partir de considerações prudentes, com a observância de uma conduta estritamente moral em relação ao sexo nesse intervalo. É este é o único modo de manter a população no mesmo nível dos meios de subsistência, que é perfeitamente compatível com a virtude e a felicidade. Todos os outros controles, sejam de tipo preventivo ou positivo, embora possam variar enormemente em grau, reduzem-se a alguma forma de vício ou miséria.(MALTHUS, 1994:198)

Estavam iniciadas as polêmicas e as contestações sobre as relações entre crescimento demográfico, desenvolvimento econômico e planejamento familiar. Uma política neomalthusiana de controle da natalidade concebida como solução para o problema da pobreza e do subdesenvolvimento, é assim comentado pela educadora, pesquisadora Maria José Garcia Werebe, no livro *Sexualidade, Política e Educação*:

Convém assinalar que os problemas demográficos, em particular a aceleração do ritmo de crescimento da população do Terceiro Mundo, passaram a preocupar inicialmente não os governos dos países desta região, mas antes os governos das nações mais desenvolvidas, a começar pelos Estados Unidos. Desenvolveu-se a partir desta preocupação uma ideologia neomalthusiana. (WEREBE, 1998:97).

---

<sup>94</sup> Fonte: Folha de São Paulo de 12/10/1999.

Para Werebe, muito embora as políticas de regulação populacional tenham variado no tempo, e de acordo com os países, as iniciativas nos países ricos, até a metade do século XX, eram de entidades privadas:

Essas associações, inicialmente reprimidas pelos poderes públicos, foram aos poucos sendo toleradas. Porém até o fim da Segunda Grande Guerra, em nenhum país os governos incentivaram a regulação dos nascimentos.[...] Mas os programas visando a planificação familiar foram raros em quase todos os países antes de 1960[...] (WEREBE, 1998:111)

O controle da natalidade, após a segunda Guerra Mundial, encontrou-se em campos discursivos e extra-discursivos extremamente controversos, com embates pró-natalistas e anti-natalistas, atravessados por discursos religiosos, dos quais os governos não desejavam endossar nenhuma das partes, pelo menos oficialmente, e na dúvida mantiveram legislação contra a anticoncepção. Para o sociólogo Goran Therborn foi nestes terrenos minados que alguns demógrafos americanos, filantropos protestantes e economistas desenvolvimentistas, passaram a usar as pesquisas científicas, subsidiadas, por exemplo, pela Fundação Rockefeller, para montar uma rede global de necessidade para um controle da natalidade.

O cenário internacional havia sido frustrante por muito tempo para os anti-natalistas. Os representantes católicos nos órgãos da ONU começaram forte luta, bem sucedida por muito tempo contra qualquer apoio ao controle da natalidade. [...] A trajetória da formação da opinião política internacional pode ser traçada observando-se as Conferências Mundiais de população do Pós-Guerra, de Roma em 1954 ao Cairo em 1994. (THERBORN, 2006:398)

Em nossa análise (nada original), pressupondo a lei (discursiva) de Malthus, os países ricos não estavam preocupados com o seu crescimento populacional, mas gradativamente instalou-se uma preocupação com o inchaço



populacional dos países pobres. Percebe-se aqui uma inversão extradiscursiva a partir de um mesmo problema. Internamente, oficialmente, não havia manifestação a favor do controle dos nascimentos, mas seriam as instituições não oficiais que teriam a função de lançar propostas para obtenção de justificativas para ações externas de políticas mundiais. A proclamação do planejamento familiar como um direito das mães e dos pais, proferida em 1969, na Conferência das Nações Unidas, foi consequência da possibilidade real e efetiva de controle dos nascimentos.

O controle da concepção de filhos foi, portanto, outro acontecimento extradiscursivo correlacionado com as hipóteses discursivas do acréscimo populacional. O aparente declínio da maternidade provocado pela segunda onda do feminismo e pela pílula precisa ser relativizado, pois ocorreu em determinados contextos geográficos, culturais e econômicos em contraste discrepante com outros. Em termos absolutos, nenhum século foi tão fecundo quanto o XX.

A utilização de métodos anticoncepcionais é milenar, mas no século XX, incluiu as próprias mulheres no processo, de forma política reivindicatória. A pílula representa um dos marcos da ciência e da evolução social, porque permitiu aos casais o planejamento familiar e às mulheres o direito de ser a responsável pela decisão da maternidade. Entretanto, uma constatação reforça um visível processo de feminização dos métodos anticoncepcionais descobertos ou inventados nos últimos 150 anos: o capuz cervical (1838), o diafragma (1882), o método Ogino-Knauss (1928 e 1930) e o DIU – dispositivo

intra-uterino (1929), tem o corpo da mulher como alvo de intervenção regulatória de fecundidade, mas também (auto)controle.

O desenvolvimento, entre os anos de 1951 e 1956, da pílula anticoncepcional pelos médicos americanos Gregory Goodwin Pincus(1903-1967), biólogo e fisiologista, e por John Rock (1890-1984), foi incentivada pela enfermeira, parteira, feminista e ativista social Margareth Higgins Sanger (1879-1966). Sanger introduziu, em 1914, o termo *Birth Control* - controle do nascimento - com aparição pela primeira vez na revista mensal *The Woman Rebel* (A mulher rebelde, por ela editada)<sup>95</sup>. Em 1916 abriu a primeira clínica de planejamento familiar dos Estados Unidos, chegando a ser presa. Em 1920 publicou o livro *O que toda menina deve saber*, com orientações sobre sexualidade e gravidez. Em 1921 fundou a *American Birth Control Clinical League*, convertida em 1940 em PPF – *The Planned Parenthood Federation of American*<sup>96</sup>. Detecta-se nesta mudança de denominação das entidades, no intervalo de 20 anos, uma distinção não apenas semântica: se de um lado controle de natalidade traduz uma atitude drástica e coercitiva e planejamento familiar um trabalho educativo de fornecimento de meios contraceptivos, por outro isto envolveu debates de saúde pública. A aparente oposição entre os “controlistas” e os “planejadores”, já fazia germinar uma preocupação com a política demográfica<sup>97</sup>.

<sup>95</sup> Fonte: “História da formação da problemática do aborto” disponível em <[http:// aborto.com.br/história](http://aborto.com.br/história)>, acessado e capturado em 21.01.2006.

<sup>96</sup> A PPF americana foi a gestora da IPPF – Internacional Planning Patenthood Federation (Federação Internacional de Planejamento Familiar), hoje presente em 142 países. Foi fundada em 1952, com recursos da Fundação Rockefeller e é a mais poderosa organização privada de planejamento familiar. Tem como uma de suas afiliadas a brasileira BENFAM – Sociedade do Bem Estar Familiar.

<sup>97</sup> Foucault em *A História da Sexualidade – I*, destina o cap. V – “Direito de morte e poder sobre a vida” – a estes e outros procedimentos de regulações populacionais: “[...] deveríamos falar de ‘biopolíticas’ para designar o que se faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana [...]” (FOUCAULT, 1988:134).

Neste contexto, a pesquisa de Pincus, iniciada em 1951, com o financiamento da bióloga, sufragista e pioneira dos direitos da mulher, Katharine Dexter McCormick (1875-1967), uma rica herdeira industrial, conseguiu o aperfeiçoamento da pílula, sob forma de contraceptivo oral combinado <sup>98</sup>(progestogênio e estrogênio), em 1956. A comercialização do primeiro anticonceptivo oral, o ENOVID, pelo Laboratório SEARLE, ocorreu em larga escala no mercado em 1961, depois de obter em dezembro de 1960, a liberação pela FDA – *Food and Drug Administration*. Foi testado durante 4 anos em 6.000 mulheres de Porto Rico e Haiti, para verificação dos resultados de suspensão da ovulação e efeitos colaterais. A primeira geração de pílulas apresentava uma dosagem de 150 microgramas de etinilestradiol, a segunda geração 50 microgramas e atualmente encontra-se pílulas com dosagem entre 15 e 30 microgramas.

Na rede discursiva envolvendo a anticoncepção, outro discurso se entrecruza de forma mais contraditória: o discurso sobre o aborto. Alvo de dissensos em vários campos discursivos, principalmente por questões religiosas e jurídicas, os movimentos pela liberação das mulheres após a segunda guerra colocaram a questão sob um novo olhar, considerando-a como um direito das mulheres sobre seu próprio corpo e sua própria vida.

A historiadora Joana Maria Pedro, em seu livro *Práticas Proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*, aborda a questão, trazendo narrativas históricas pessoais juntamente com a descrição de usos e abusos da temática na mídia impressa brasileira e em processos judiciais. A

---

<sup>98</sup> Foi entretanto o químico Carl Djerassi (1923- ) quem sintetizou em laboratório, em 1951, a substância noretisterona, o primeiro progestogênio que poderia ser usado oralmente. Fonte: [www.sabbatini.com](http://www.sabbatini.com)

autora, recorrendo muitas vezes à Foucault, registra que “a presença, cada vez mais efetiva, do ‘conhecimento médico’, atestando a existência ou não do aborto, é a grande novidade que se percebe a partir de 1950”. (PEDRO,2003: 51).

Em 1955, o aborto terapêutico foi autorizado na França, mas a IVG – interrupção voluntária da gravidez, somente foi votada em 1975 (Lei Veil). Nos Estados Unidos, em janeiro de 1973, a Suprema Corte decidiu permitir a realização do aborto, com o consentimento da mulher, nos primeiros três meses de gestação. As legislações, apesar de diferenciadas em relação aos países, sofreram flexibilizações após a década de 50 e 60. Em alguns países nórdicos como a Dinamarca e Suécia que já permitiam o aborto desde 1939, embora sob restrições de ameaça à vida da mãe, ampliaram sua possibilidade em 1956 e 1963, respectivamente. Na Inglaterra, o aborto até as 28 primeiras semanas de gestação e com ameaça de vida da mãe, passou a ser permitido em 1967. No Brasil, o aborto só é permitido legalmente em dois casos, quando a vida da gestante está ameaçada ou nos casos de estupro.

Outra descontinuidade extradiscursiva do século XX, foi a evolução da expectativa de vida e fatores associados, tais como diminuição da mortalidade em todas as faixas etárias, melhorias nas condições de saneamento básico, higiene, saúde, educação, qualidade de vida em geral e desenvolvimento na medicina preventiva e curativa. Em 1900, a longevidade provável era de 45 anos nos países ricos; hoje é de 75 anos. Nos países pobres, em 1900 estima-se que era 33 anos para chegar aos 65 anos em 2000<sup>99</sup>, ou seja, ocorreu uma globalização da velhice, muito embora existam países com expectativa igual ao

período da virada do século XIX para XX<sup>100</sup>. A OMS – Organização Mundial da Saúde, define velho demográfico ou idoso, as pessoas com mais de 65 anos em nações ricas e mais de 60 anos, em nações pobres.

É digno de registro que há um diferencial na esperança de vida de quase 8 anos a mais da mulher sobre o homem. Segundo dados do IBGE, no Brasil em 1940 a expectativa era de 47,1 anos para mulheres e 42,7 para os homens. No ano 2000, mulheres 71,7 anos e homens 64,1 anos. Mas salienta-se que esta é a expectativa média para um país como um todo, havendo números para diferentes sub-conjuntos baseados em regiões, raça, educação, prática religiosa e classe social.

Este ponto de análise, o aumento de expectativa de vida geral, é de importância fundamental, pois todos os relatórios fazem referências a intervalos de idade, seja utilizando o termo homem idoso, mulher idosa, resposta sexual geriátrica, mulheres velhas e homens velhos, sem estabelecer e definir concepções de época destes períodos de vida. Obviamente re-conceitualizar adolescência ou velhice numericamente, considerando as alterações na expectativa de vida, que foram substanciais, da ordem adicional de 30 anos neste processo de senescência mundial, só seria possível numa comparação secular. Ainda assim este ganho nas expectativas de vida não ocorreu de forma simultânea nos países, pois como se verificou, resulta de variáveis sanitárias, sociais, econômicas e educacionais.

---

<sup>99</sup> Fonte: Caderno Especial Folha de São Paulo Ano 2000 n° 1 – “Quais serão os limites do corpo?”

<sup>100</sup> Serra Leoa, na costa oeste africana, é o país que apresenta, atualmente, a menor taxa de expectativa de vida no mundo, 37,6 anos, devido a maior taxa de mortalidade infantil, 169 a cada 1000 crianças nascidas vivas.

No clássico livro *História Social da Criança e da Família*, Philippe Áries descreve as transformações ocorridas nas relações entre as idades da vida e as funções biológicas, as funções sociais e os períodos históricos, apontando que a juventude era a idade privilegiada no século XVII, a infância privilegiada no século XIX, e a adolescência no século XX. Áries(1981)<sup>101</sup> examina as representações e os sentimentos de infância, as noções de juventude, e os sentimentos e as imagens de família desde o século XV.

Por outro lado, não podemos esquecer que o aumento de esperança de vida ao nascer no século XX, pode ter contribuído para uma possibilidade discursiva de dilatação do período atributivo das denominações, mas isto não é tão fácil de se detectar, uma vez que as transições de um período para outro não apresentam limites nítidos e imóveis extra-discursivamente, pois entram em discordância com conceitos de época e de cultura. Explico: o prolongamento da adolescência<sup>102</sup> pode ser considerado de perspectivas etária, biológica, psicológica ou social. A OMS define a adolescência, categoria biológica e psicológica, como uma fase entre 10 e 20 anos; no Brasil, o Estatuto da Criança e Adolescente considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade incompletos; a juventude é uma categoria sociológica compreendida entre 18 e 24 anos, mas a UNESCO – Organização das Nações

---

<sup>101</sup> A edição original francesa é *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancient Régime*, de 1973, sendo uma versão baseada num texto de 1960 acrescido de um prefácio.

<sup>102</sup> No final dos anos 90 surgiu o neologismo adultescência para expressar a permanência dos valores adolescentes na vida adulta. "Adultescente: pessoa imbuída de cultura jovem, mas com idade suficiente para não o ser. Geralmente entre os 35 e 45 anos, os adultescentes não conseguem aceitar o fato de estarem deixando de ser jovens". Verbete extraído de *Um glossário para os anos 90* de David Rowan. (fonte: Folhade SãoPaulo CadernoMais! Adultescência, de 20.09.98. Outro termo cunhado mais recentemente foi o *kidults*, fusão em inglês das palavras criança e adulto, ou o adulto infantilizado que questiona as noções de maturidade e autonomia na sociedade contemporânea. Ainda há a fase de mediascência, *middlescence*, um comportamento de resistência a chegada da meia-idade. Os mediascentes estão uma geração à frente dos adultescentes. (fonte: Folha de São Paulo CadernoMais! A Síndrome dos Kidults, 25.07.2004).

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e a OMS, consideram jovem, pessoas entre 15 e 30 anos (parte adolescente e parte adulto). A questão não é apenas de contradições das fronteiras etárias fixadas discursivamente, mas como as condições sociais, familiares, profissionais e afetivas vão interagir e influenciar no próprio conceito que jovens, adultos ou velhos têm de si, enfim na sua autodefinição, uma vez que a idade cronológica não é o melhor parâmetro para definir quaisquer destes grupos. Com esta ressalva, uma comparação entre os dados de Kinsey, de Masters & Johnson e Hite, muito embora possível, torna-se prejudicada e parcial, para não dizer anacrônica, tendo como argumento o fato de os conceitos (e as vivências) de adolescência, maturidade e velhice serem impossíveis de compartilhamento, no mínimo, entre épocas, entre culturas e entre indivíduos.

Há que se acrescentar um olhar crítico sobre a demografia, esta ciência seguidora de um modelo positivista e de reprodução biológica, conforme apresenta Ana Maria Goldani no artigo *Demografia e feminismos: os desafios da incorporação de uma perspectiva de gênero*:

A categoria gênero não poderia ser representada como uma variável em uma equação, e isto significa não-quantificação. [...] um caminho possível seria repensar os indicadores, ou seja, incorporar na mensuração das variáveis tradicionais uma preocupação feminista de gênero. (GOLDANI, 1997:80).

Apesar das práticas estatísticas da demografia, a autora sugere ainda, ser a análise dos resultados, a etapa para inclusão dos debates sobre as relações de poder e a redefinição de conceitos padronizados.

Identificou-se neste tópico, portanto, o sexo e a procriação como alvos de biopolíticas e as estatísticas como suporte destes procedimentos reguladores populacionais, conforme aponta Michel Foucault.

### 3.8. A psiquiatria e os diagnósticos sobre a sexualidade

A psiquiatria, especialidade da medicina, tem suas bases em classificações e em critérios de diagnóstico de disfunções comportamentais, psicológicas e biológicas do indivíduo, estabelecidos em comparações com os padrões de normalidade<sup>103</sup> de uma sociedade e de uma época.

Uma ruptura discursiva no século XIX consolidou a dicotomização cartesiana corpo-mente, ao configurar-se o conceito de doença mental. Passaram a existir as doenças do corpo e as doenças da mente e a medicina psiquiátrica atuaria nestas últimas, embora no senso comum fossem chamadas de “doenças dos nervos”. Mas uma longa jornada e um feixe de inúmeras relações constituíram esta complexa formação conceitual, que em nível pré-conceitual cruzou-se com os conceitos de loucura, insanidade, desrazão, delírio e alienação. Vários são os autores que se referem a esta história da psiquiatria e antipsiquiatria, entre os quais destaco: Thomas Stephen Szasz (1920 - ), em *A Fabricação da Loucura* (1970) , Michel Foucault, em *A História da Loucura* (1961) e *O Poder Psiquiátrico* (1973-4), Erving Goffmann em *Manicômios, prisões e conventos* (1961) , Ronald David Laing (1927-1989) em *A Política da Experiência* (1967), David G. Cooper (1931-1986) em *Psiquiatria e Antipsiquiatria* (1967), Franco Basaglia (1924-1980) em *Instituição Negada* (1968), Roy Porter (1946-2002) com *História Social da Loucura* (1987).

---

<sup>103</sup> Estas reflexões estão muito imbricadas com a desenvolvidas no capítulo 2 – Os discursos e as sexualidades científicas no tópico 2.2 – A norma e o normal – normatizar e normalizar.



Mas o interesse deste tópico está na psiquiatria e seus diagnósticos sobre a sexualidade e, neste sentido, é fundamental a referência ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM<sup>104</sup>, já em sua quarta versão, cujo título por si só, nos fornece concepções que esta tese procura discutir: como aceitar um manual de diagnóstico? Como recorrer à estatística para legitimar a conduta humana? Como sustentar o dualismo cartesiano corpo-mente na forma eufemística de transtorno mental, quando se sabe que na prática extradiscursiva os psiquiatras mantêm a concepção de doença mental? Mas esta não é uma exclusividade dos psiquiatras, pois muitos psicólogos também preferem o reducionismo clássico dos diagnósticos do DSM (permitam-me esta afirmação sem comprovação, porque é o que percebo como psicólogo ao transitar por campos profissionais muito próximos e até justapostos).

A forte ligação dos sistemas de classificação psiquiátrica com a estatística é explicitamente manifestada pelos autores do DSM-IV, empreendimento conjunto elaborado por mais de 1.000 consultores e mais de 60 entidades profissionais, coordenado pela *American Psychiatric Association*<sup>105</sup>. Nos últimos 160 anos o número de descrições de categorias diagnósticas passou de uma (isto mesmo, uma categoria) em 1840, para 292 categorias em 1994.

---

<sup>104</sup> Atualmente a OMS oficializa através de parâmetros e critérios “eminentemente técnicos e científicos” dois sistemas de diagnóstico DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – versão IV (DSM-IV) e o CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – versão 10 (CID-10). Ambos são reconhecidos e utilizados mundialmente como referência diagnóstica com intenção de aplicabilidade a diferentes culturas.

<sup>105</sup> A APA, *American Psychiatric Association* foi fundada em 1844 e reúne hoje mais de 36.500 médicos especialistas no diagnóstico e tratamento de doenças mentais.

Nos Estados Unidos, o impulso inicial para o desenvolvimento de uma classificação dos transtornos mentais foi dado pela **necessidade de coletar informações estatísticas**. Poder-se-ia considerar como sendo a primeira tentativa de coletar informações sobre doença mental o registro de uma categoria, a saber, a de “idiotismo/insanidade”, no censo de 1840. No censo de 1880 foram identificadas sete categorias de doença mental – mania, melancolia, monomania, paresia, demência, dipsomania e epilepsia. (DSM-IV,2002:22)

O DSM-I, primeiro manual oficial da APA, surgiu em 1952 com 106 diagnósticos psiquiátricos; o DSM-II em 1968 apresentava 185 diagnósticos, o DSM-III, publicado em 1980, continha 265 diagnósticos e sua revisão em 1987, estendeu-se para 297 diagnósticos<sup>106</sup>. O DSM-IV foi editado em 1994 e fornece 365 categorias de diagnósticos e sua versão atual em texto revisado em 2000 é o DSM-IV-TR<sup>107</sup>. Este aumento desmesurado do número de transtornos é explorado no artigo “Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea”, em que a psicóloga e antropóloga Jane Araújo Russo aponta a mudança terminológica radical como o resultado de um movimento de re-biologização das desordens mentais e distanciamento de leituras psico-sociológicas (Russo, 2004). Para a autora esta reconversão etiológica ocorre no criterioso e ateórico manual DSM-III de 1980, mas é meu entendimento que na década de 50 (e mesmo antes), outros campos discursivos e extradiscursivos já mobilizavam esta ruptura discursiva, conforme pode ser comprovado através do uso da estatística legitimadora presente desde o primeiro manual DSM-I.

<sup>106</sup> Não obtive acesso às edições anteriores do DSM-IV, e as informações aqui expostas foram encontradas e estão disponíveis no endereço eletrônico <<http://www.dsmivtr.org>>.

<sup>107</sup> Observa-se que entre o DSM-I e o DSM-II temos um intervalo de 16 anos (1952-1968) e entre o DSM-II e DSM-III, temos 12 anos (1968-1980). Desde então os intervalos, considerando as revisões, diminuíram: entre o DSM-III e o DSM-III-R (1980-1987) foram 7 anos, entre DSM-III-R e o DSM IV(1987-1994) foram 7 anos e por último entre o DSM-IV e o DSM-IV-TR(1994-2000) passaram-se 6 anos. Já está no prelo o DSM-V, iniciado em 1999 com previsão para edição em 2009.

Pode-se considerar, sem entrar em maiores detalhes, a Segunda Guerra como o evento que induziu e acelerou as pesquisas neste campo, seja pelas condições dos combatentes, de choque psicológico, ou de seus efeitos no pós-guerra<sup>108</sup>. O aumento do número de internações psiquiátricas, paralelo ao surgimento de novos quadros de “doenças”, levou a APA a reavaliar as nomenclaturas dos transtornos mentais existentes e a redimensionar o campo teórico, terapêutico e assistencial da psiquiatria:

Uma nomenclatura muito mais completa foi desenvolvida posteriormente pelo Exército norte-americano (e modificada pela Administração dos Veteranos), com a finalidade de melhor contemplar os quadros apresentados em ambulatório por combatentes e veteranos da Segunda Guerra Mundial (p.ex., transtornos psicofisiológicos, de personalidade e agudos). (DSM-IV, 2002:23)

Neste contexto ocorreu o lançamento do DSM-I em 1952, e não por acaso, também coincidiu com a introdução dos tranquilizantes<sup>109</sup> na prática psiquiátrica, inaugurando a era do método químico para tratamento (ou controle?) dos pacientes psiquiátricos. Como consequência, um novo campo discursivo se configurou e se fortaleceu ao longo das décadas subseqüentes, a Psicofarmacologia<sup>110</sup>, o estudo dos medicamentos específicos para tratamento das doenças mentais. O psiquiatra John Cade (1912-1980) já efetuava tratamento da mania com lítio, em 1949; os efeitos antipsicóticos da clorpromazina foram descobertos em 1952 por Jean Delay (1917- ) e Pierre

<sup>108</sup> Sobre os estudos desenvolvidos pela Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise no período pré e pós-guerra, buscou-se suportes históricos em Schultz&Schultz(1999), Cabral&Nick(2001), Morel(1997), Sillamy(1998) e Dorsch(1978), entre outros.

<sup>109</sup> Na mesma linha estão os neurolépticos, medicamentos cujo efeito é reduzir os sintomas psicóticos, como a agitação, o delírio e as alucinações. Os psiquiatras clínicos Nathan Kline, Roland Kuhn, e Donald Klein também são nomes representativos dos estudos e surgimento da psicofarmacologia.

<sup>110</sup> Sobre a história da Psicofarmacologia encontrou-se dados na Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.21, nº1, São Paulo, jan./março 1999, especificamente no artigo “Avanços em Psicofarmacologia –

Deniker (1907-1987); os primeiros ansiolíticos foram o meprobamato (1954) e o clordiazepóxido (1957), seguidos pelos benzodiazepínicos; e os antidepressivos foram introduzidos por David Crane, em 1956 e Nathan Kline, em 1958, na forma de iproniazida.

A descoberta na década de 50 dos efeitos do lítio, dos antipsicóticos, dos antidepressivos e sua disseminação, modificaram os métodos de tratamento e representaram uma ruptura em relação aos hospícios do século XVIII<sup>111</sup> e as práticas correlatas de internamento, isolamento e acorrentamento, ou em relação aos tratamentos de eletrochoque<sup>112</sup> ou as lobotomias<sup>113</sup> do início do século XIX.

Entretanto, a expansão da medicação nos espaços institucionais e nos consultórios particulares, co-existem presentemente como prática extradiscursiva e a indústria farmacêutica (sem que esta constatação signifique sua demonização) obteve novos tipos de consumidores, se não o portador de depressão<sup>114</sup>, o portador de ansiedade<sup>115</sup>, ou o ambíguo portador do transtorno afetivo bi-polar<sup>116</sup> (ex-PMD: psicose maníaco-depressiva), duplo consumidor pendular destes medicamentos. O impacto da introdução dos psicofármacos

---

mecanismos de ação de psicofármacos hoje”, de Clarice Gorestein e Cristoforo Scavone (disponível em <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>, acessado e baixado em 08.02.2007).

<sup>111</sup> O médico francês Philippe Pinel (1745-1826) foi um dos responsáveis pela humanização no tratamento da “loucura”, abolindo sangrias, purgações e correntes, adotando terapias de diálogo, ocupacionais e morais, não rompendo entretanto com as práticas de internamento.

<sup>112</sup> A eletroconvulsoterapia, nome técnico do eletrochoque foi desenvolvida pelos italianos Ugo Cerletti (1877-1963) e Lucio Bini (1908-1964), em 1938.

<sup>113</sup> A lobotomia ou leucotomia frontal foi introduzida pelo médico português Egas Moniz (1874-1955) em 1935, e consistia numa intervenção cirúrgica no cérebro, onde eram seccionadas os feixes de fibras nervosas entre as regiões frontais e o tálamo, suprimindo a agitação crônica e a obsessão. Moniz, pela técnica, chegou a ganhar em 1949, o Nobel de Medicina e Fisiologia. Após 20 anos esta prática caiu em desuso.

<sup>114</sup> Para estes há os anti-depressivos inibidores seletivos recaptadores de serotonina, as drogas da família do Prozac: fluoxetina, sertralina, paroxetina e fluvoxamina. Fontes sobre o ação dos medicamentos psiquiátricos encontrou-se em Cordoli (1997), Bertolote (1997), e Pontes (1998), entre outros.

<sup>115</sup> Os medicamentos contra a ansiedade, conhecidos como ansiolíticos, com poder sedativo/hipnótico, incluem os benzodiazepínicos e os barbitúricos.

pôde (e pode) ser medido na redução considerável na admissão hospitalar e/ou na permanência de pacientes psiquiátricos nas instituições de saúde.

Como mais um exemplo da interconexão entre os campos discursivos e os extradiscursivos, o congresso americano promulgou em 1952, a *Immigration and Nationality Act*, conhecida como a Lei McCarran-Walter, que entre outras determinações, impedia que estrangeiros com personalidade psicopática fossem admitidos nos EUA. Assim, numa forma de apropriação discursiva, e através de uma manobra artificial contra outros comportamentos, “os imigrantes homossexuais são imediatamente classificados como ‘personalidades psicopáticas’, e, se entraram no país depois da promulgação da lei, são deportados” (SZASZ, 1984:360).

Um outro fato relevante associado à sexualidade envolveu o campo da psiquiatria, quando em 1973, a homossexualidade foi retirada da lista de nomes de desordens mentais do DSM-II<sup>117</sup>, resultado de extensas lutas pelos direitos dos homossexuais durante a década de 60<sup>118</sup>. Este é um exemplo típico de uma ruptura histórica discursiva, posterior ao fenômeno extradiscursivo de movimentos reivindicatórios, demarcando um alinhamento temporal de derivação, cuja rede discursiva está, ainda, sendo tecida nos discursos de vários campos disciplinares nas áreas das ciências humanas, com contradições e dissensões em outros campos, como, por exemplo, no religioso e mesmo na medicina.

---

<sup>116</sup> São prescritos pelos psiquiatras aos bi-polares, os estabilizadores de humor olanzapina, risperidona e a quetiapina.

<sup>117</sup> A palestra “Homossexualidade na Psiquiatria” da psicóloga e antropóloga, Jane Araújo Russo, Profª de Antropologia Social da PPGAS/UFRJ, assistida em 08 de março de 2005 na UFSC, trouxe contribuições importantes para exploração deste tópico.

O *Document Reference* nº 730008 da APA, de dezembro de 1973, aprovou a retirada da categoria 302.0 – Distúrbio de Orientação Sexual-Homossexualidade da seção Desvios Sexuais, conforme o médico relator Robert Spitzer<sup>119</sup>:

The proponents of the view that **homosexuality is a normal variant of human sexuality** argue for the elimination of any reference to homosexuality in manual of psychiatric disorders because it is scientifically incorrect, encourages an adversary relationship between psychiatric and the homosexual community, and is **misused by some people outside of our profession who wish to deny civil rights to homosexuals**. (APA Document Reference nº 730008,1973:01). (grifos meus)

A decisão, além de apontar a inexistência de bases científicas para sustentar a homossexualidade como desordem sexual, sendo uma variante normal da sexualidade humana, visou também acabar com a apropriação indevida da psiquiatria por outras pessoas, para justificar a negação dos direitos dos homossexuais. Mas a decisão não foi amistosamente aceita, e conforme Robert Epstein, psicólogo da Universidade da Califórnia,

Pouco depois de os dirigentes da APA votarem a favor da alteração, 37% dos psiquiatras consultados sobre o tema disseram ser contrários a mudança. **Alguns chegaram a acusar a APA de ‘sacrificar princípios científicos em nome dos direitos civis’**. A situação não era muito diferente entre os psicólogos. Até os anos 90, a maioria desses profissionais

<sup>118</sup> Momento histórico na transformação de pensamento de que a orientação sexual não era patologia, foi a batida policial no *Stonewall In*, um bar gay em *Greenwich Village*, Nova York, em 27/06/1969, sendo o evento-alavanca do movimento pelos direitos dos homossexuais nos EUA.

<sup>119</sup> O psiquiatra Robert Spitzer da Universidade de Columbia, num Congresso de Psicologia em 1972, após assistir um protesto gay e conversar com os manifestantes, sensibilizou-se com a situação de injustiça social, prometendo negociar com a instituição APA, que já estava em processo de revisão do DSM-II (1968). Tendo sido o relator da recomendação de uma comissão para a eliminação do termo “homossexualidade”, a resolução foi aprovada numa votação de 13 a 0 com duas abstenções. Numa guinada à direita, em 2003, Spitzer conduziu uma pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Estado de Nova York, demonstrando certa eficácia das “terapias reparatórias” ou de “reorientação sexual”, com as promessas de conversão de alguns homossexuais para heterossexuais. Numa mudança instantânea de coordenada espacial, também em 2003, o deputado e pastor evangélico Edino Fonseca apresentou o polêmico projeto de lei no Estado do Rio de Janeiro, prevendo a criação de um programa de apoio a recuperação de homossexuais, financiado com verbas públicas. A proposta foi derrubada na Assembléia Legislativa do Rio, mas antes chegou a ser aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça. (fonte: Revista Mente&Cérebro, nº165).

argumentava que a homossexualidade era um distúrbio psíquico. Até a penúltima edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-9), de 1985, essa orientação era formalmente considerada patologia. (EPSTEIN, 2006:42-3) (grifos meus)

Atualmente o DSM-IV-TR, na seção Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero, contém as Disfunções Sexuais, as Parafilias e os Transtornos da Identidade de Gênero, totalizando 32 diagnósticos. As disfunções sexuais “caracterizam-se por uma perturbação no desejo sexual e alterações fisiopsicológicas que caracterizam o ciclo de resposta sexual, causando sofrimento acentuado e dificuldade interpessoal” (DSM-IV-TR, 2002:511). É importantíssimo destacar que, para os autores, as fases do ciclo de resposta sexual são as definidas basicamente pelo casal Masters&Johnson, com a inclusão da fase do desejo, promovida pela psiquiatra Helen Singer Kaplan <sup>120</sup>, além das fases de excitação, orgasmo e resolução.

O DSM-IV inclui na categoria Transtornos Sexuais, os diagnósticos de transtornos de desejo sexual, transtornos da excitação sexual, transtornos do orgasmo, transtornos sexuais dolorosos, disfunção sexual devida a uma condição médica geral, disfunção sexual induzida por substância e disfunção sexual sem outra especificação.

As parafilias “são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento clinicamente

---

<sup>120</sup> Na área de transtornos sexuais, uma das consultoras do DSM-IV foi a psiquiatra norte-americana Helen Singer Kaplan (1929- ), defensora das técnicas de tratamento de Masters&Johnson e autora de diversos livros sobre terapia sexual. Kaplan(1977,1983,1984 e1999) elabora uma pequena variação em relação ao ciclo de resposta sexual: em M&J as fases são excitação, platô, orgasmo e resolução; em Kaplan, as fases são desejo, excitação, orgasmo e resolução. Se na década de 70, Kaplan defendia um modelo trifásico de sexualidade humana (desejo, excitação e orgasmo), na década de 90, retoma a fase de resolução do modelo de Masters&Johnson, incorporando a fase de platô à de excitação.

significativo(....)” (DSM-IV-TR,2002:511). Estão enunciados como parafilias: exibicionismo, fetichismo, frotteurismo, pedofilia, masoquismo sexual, sadismo sexual, travestismo fetichista, voyeurismo e parafilia sem outra especificação<sup>121</sup>. O termo parafilias substituiu a nomenclatura desvios sexuais das versões anteriores do DSM-IV e esta foi mais uma alteração terminológica envolvendo as doenças sexuais/mentais nas suas outras diversas formas: aberrações sexuais, distúrbios sexuais, desordens sexuais, perturbações sexuais e transtornos sexuais com o adjetivo mentais acoplado implicitamente, co-definidor da lógica antagônica corpo-mente. Em acepção estrita parafilias designa toda busca regular de prazer sexual ou de uma excitação genital dirigida a um objeto, alvo ou modo de satisfação pouco habitual.

Os transtornos da Identidade de gênero “caracterizam-se por uma forte identificação sexual com o gênero oposto, acompanhado por desconforto persistente com o próprio sexo atribuído” (DSM-IV, 2002:511). O transtorno se refere à percepção que um indivíduo tem de si mesmo como homem e como mulher, sendo distinguido da orientação sexual, atribuída no DSM, como atração erótica por homens, mulheres ou ambos.

Vale enfatizar que os veredictos dos diagnósticos, temporários ou permanentes, fazem parte de mecanismos potencialmente estigmatizadores, formulados a partir de recursos estatísticos com poder de legitimidade semelhantes aos buscados e utilizados pelos autores dos relatórios sobre sexualidade.

---

<sup>121</sup> O psicólogo, sexólogo e terapeuta sexual brasileiro Oswaldo Martins Rodrigues Júnior, no seu livro *Objetos do desejo: das variações sexuais, perversões e desvios*, descreve, além das relacionadas no DSM-IV, pelo menos outras 210 parafilias, numa nomenclatura profusa em afixos (prefixos e sufixos) e radicais gregos e latinos, de práticas sexuais das mais bizarras até as mais repugnantes e abjetas. Mas



A publicação do DSM-I (1952) foi posterior à edição do relatório Kinsey masculino, mas esta pesquisa não encontrou nada que estabelecesse algum tipo de relação, comentário, refutação ou citação alusiva ao relatório. O campo da medicina sexual pareceu ignorar os trabalhos de Kinsey, mas veio a reconhecer os estudos de Masters & Johnson em 1966 e 1970, principalmente as conclusões sobre o ciclo de resposta sexual humana, presente nos textos a partir do DSM-II (1968).

O que se desejou neste tópico, foi correlacionar o campo da psiquiatria, historicamente em disputa com a psicologia e a psicanálise (quanto à forma de terapêutica), como uma prática enquadradora classificatória (taxionômica), fundamentada em características e critérios diagnósticos de perturbações ou transtornos sexuais verificados empiricamente através de recenseamento em hospitais psiquiátricos, estudos de associações médicas, práticas clínicas e pesquisas. Mas, mesmo que seus autores afirmem ambigualmente o contrário (DSM-IV:2002:22), a base ainda é uma classificação estatística, salientando neste sentido que os vários sistemas de classificação dos transtornos mentais nos contextos clínicos, de pesquisas ou de estatística presentes no DSM-IV, sofreram reanálise de dados e testagem de campo pela Fundação John D. e Catherine MacArthur.

---

um primor mesmo está na *Enciclopédia de las Aberraciones: manual de psiquiatria*, edição de 1959, publicada por Edward Podolsky, com 650 páginas em verbetes.

### 3.9. A estatística e a sexualidade

A etimologia da palavra estatística pode partir da expressão em latim *statisticum collegium* – palestra sobre os assuntos do estado, para posteriormente derivar-se em três raízes: a palavra em latim *status* – estado ou situação; a palavra em italiano *statista* – homem de estado, estadista ou político; e as palavras alemãs *Staat* – Estado, e *statistik*, designando a análise de dados sobre o Estado. Foi o economista alemão Gottfried Achenwall (1719 - 1772), no século XVIII, quem introduziu, em 1746, a palavra estatística nos domínios demográficos e econômicos, com a produção e sistematização de tabelas descritivas de uma situação, sem, entretanto, realizar um tratamento efetivamente matemático, estatístico-probabilístico. Ainda no século XVIII, o matemático, filósofo, professor, enciclopedista e político revolucionário francês Jean Marie Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794), publicou livros de probabilidades e cálculo integral que o destacaram como um dos pioneiros da matemática social.

No século XIX, coube ao belga matemático e físico, Lambert Adolphe Jacques Quételet<sup>122</sup> (1796 -1874) lançar a teoria e o conceito de homem médio, embasada na noção de probabilidade e de distribuição normal. Desta maneira, os esquemas probabilísticos da *Teoria de Análise das Probabilidades* de Pierre Simon Laplace (1749-1827) foram estendidos ao método estatístico, fazendo surgir então sua noção atual: estatística é a análise das observações em população pertencente a um mesmo conjunto, para pôr em evidência certas

---

<sup>122</sup> Quételet em 1834 fundou a *Statistical Society of London* e em 1853, organizou o primeiro Congresso Internacional de Estatística em Bruxelas. As informações sobre a história da estatística foram encontradas entre outras fontes, no texto “Breve História da Estatística” de José Maria Pompeu Memória, disponível em <http://www.embrapa.org.br>, acessado e capturado em 22.01.2007.

propriedades, apresentadas em resultados numéricos enquadrados com uma margem de erro associada a uma certa probabilidade. A estatística divide-se em estatística descritiva, onde procedimentos são usados para organizar e apresentar dados de forma conveniente e comunicativa; e inferência estatística, onde procedimentos são empregados para chegar a grandes conclusões ou inferências sobre populações, com base em dados amostrais (Barros, Fischer & Associados, 2005:01).

O tratamento estatístico<sup>123</sup> envolve o entrelaçamento de algumas etapas básicas: escolha da amostragem, coleta de dados, mensuração, tabulação, cálculos, descrição e resumo dos resultados, interpretação dos dados e/ou resultados amostrais. A teorização probabilística é efetuada quando se deseja uma predição e a inferência estatística é desta forma utilizada para uma estimação. Inicialmente o conceito de probabilidade era de caráter freqüentista, ou seja, a probabilidade de um acontecimento era associada á freqüência com que ele se repetia quando observadas (empirismo) em um grande número de experiências. Atualmente a probabilidade, chamada de esperança matemática, será a medida da possibilidade de obter um certo resultado.

A análise das variáveis quantitativas é feita com as medidas de tendência central ou de posição, caracterizadas pelos parâmetros: média aritmética, mediana, moda de dados agrupados e não agrupados, quartis, decis e percentis. As medidas de dispersão ou de variabilidade são caracterizadas pelos parâmetros: desvio médio, variância, desvio-padrão, coeficiente de variação e amplitude nodal. Os dados e resultados são expostos através de

---

<sup>123</sup> Sobre tratamento estatístico, utilizou-se fontes de Barbetta(1998), Barros&Fischer Associados(2005), Dancey&Reidy (2006), Moreira (2004), Vieira (1991), Wada&Vieira(1987), Dorsch(1978), entre outros.

representação tabular ou em gráficos (barras, histogramas), além de curvas de frequência (acumulada, simétrica e assimétrica). Na famosa curva de Gauss, a distribuição é do tipo simétrica em torno da média, resultante num desenho em forma de sino (ver anexo 17).

É a partir dos resultados estatísticos que se efetua a técnica das inferências, ou seja, estendem-se os resultados e os conhecimentos adquiridos pela observação da amostra para toda a população, com uma certa margem de erro. Este procedimento, a inferência, talvez seja o ponto mais controvertido da estatística, a pretensão de extrapolar as frequências e as conclusões de uma amostra para toda a população, mesmo as classificações sendo num único recorte temporal (sincrônica).

O incremento populacional do século XIX e início do XX pode ser considerado como uma ruptura das mais significativas para a emergência destas novas formações discursivas e para o desenvolvimento das ciências, sejam exatas, humanas, econômicas e políticas. Foi neste contexto que a formação discursiva *demografia*<sup>124</sup> emergiu fazendo parte da “fusão” da ciência matemática com os estudos populacionais, tendo nos personagens Laplace (1749-1827), contemporâneo de Malthus (1766-1834), e Quételet (1796-1874) vindo logo depois, como alguns dos agentes desta costura.

Em continuidade, pode-se fixar na confluência entre a vertente probabilística da matemática e a vertente da demografia como o estudo da população, a emergência da bio-estatística moderna, e seus braços discursivos derivados, como a econometria e a geo-estatística. Estes desdobramentos

---

<sup>124</sup> A demografia tem por objeto o estudo quantitativo das populações, através de medições de natalidade, mortalidade, fecundidade, nupcialidade, divórcios, expectativa de vida, idades, etc.

ilustram as condições de multiplicações discursivas em correlação com os fenômenos extradiscursivos.

A estatística obteve influências de uma corrente social, representada por Adolphe Quételet com seus estudos públicos de estimativas de nascimentos e população na primeira metade do século XIX, e de uma corrente biológica, representada por Francis Galton e seus estudos eugenistas na segunda metade do mesmo século. De acordo com Germaine GREER (1987):

Não se deve esquecer que os eugenistas foram os pioneiros do estudo das populações: **foram os primeiros a analisar a sociedade humana do ponto de vista numérico**, completando o processo de reificação e controle que começara com a aplicação da matemática a outros aspectos do mundo físico. **Os eugenistas foram os primeiros a converterem os seres humanos em gráficos de dispersão:(....)** O Comitê de Investigação da População, pioneiro da ciência matemática da demografia, foi criado pelo Conselho da Sociedade Eugênica em 1936. (GREER, 1987:305). (grifos meus)

Francis Galton foi o responsável pelas bases da estatística como ciência aplicada e, em 1907, fundou a Sociedade Britânica de Eugenia, que durante alguns anos, abrigou o Instituto de Estatística, desenvolvendo questionários e métodos de pesquisa para coleta de dados, censos escolares, estudos sobre gêmeos, sobre ancestralidade, inteligência e diferenças individuais. A partir de Galton tudo passou a ser medido, com o objetivo de estabelecer uma ordem de hierarquia biométrica e antropométrica de classificação humana (p.e, cor da pele).

Não obstante, se considerássemos uma abordagem atual, nos surpreenderíamos com este fato de que a sistematização rigorosa do estudo das populações foi desenvolvida pelos eugenistas, confirmando uma

confluência multivetorial de produções discursivas, com aproximações de formações anteriormente dispersas e incompatíveis, seguindo um jogo estratégico entrecruzado, carregado de contradições como defende Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*.

Mantida a curva verticalizada de ascensão populacional como fenômeno extradiscursivo, o século XX deu continuidade à era dos dados estatísticos. Para HACKING(1988),

"Grandes telarañas de burocracia crean modos infinitos para contar y clasificar a la gente. Nacimiento, muerte, enfermedad, suicidio, fertilidad: **éstos inauguran la era moderna, la era de los datos estadísticos**. Hay una avalancha de números a comienzos del siglo XIX". (HACKING, 1988:43)(grifos meus)

Num artigo no jornal La Prensa<sup>125</sup>, intitulado *Norteamericanos obsesionados com los datos estadísticos*, o economista Robert Samuelson<sup>126</sup>, partindo do exame de dois livros, *Middletown*<sup>127</sup> (Cidade Média), um bestseller da década de 20, e do recente *The First Measured Century* (O Primeiro Século Medido)<sup>128</sup>, procura argumentar a respeito desta influência dos números sobre o cotidiano das pessoas, especialmente as norteamericanas, ilustrando uma relação de reciprocidade entre os acontecimentos discursivos e extradiscursivos.

Nosotros, los norteamericanos, constantemente nos comparamos con nosotros mismos. Regularmente calibramos el progreso de la nación, y sus problemas, con indicadores supuestamente objetivos del bienestar general. **Somos una sociedad obsesionada com los datos estadísticos**. El espíritu de las estadísticas – aunque a menudo ridiculizado –

<sup>125</sup> Artigo de 26.12.2000 baixado de <http://archive.laprensa.com.sv> em 15.12.2004.

<sup>126</sup> O economista Robert Samuelson é também editor da revista Newsweek, e colunista político e econômico do Jornal WashingtonPost desde 1994.

<sup>127</sup> O livro *Middletown: a study in modern american culture* de autoria de Robert Staughton Lynd e Helen Merreh Lynd é um estudo de antropologia social.

<sup>128</sup> O livro *The First Measured Century* é de Ben Wattenberg e foi utilizado como fonte de algumas informações estatísticas.

lentamente há tomado posesión de nosotros en los últimos cien años. (SAMUELSON, 2005) (grifos meus)

Samuelson explora também a relação entre política e números, urbanização e cifras, família e percentuais e não esquece, obviamente, o relatório Kinsey, outro exemplo destas correlações estatísticas:

En nuestra era, las estadísticas aún modifican la percepción popular Y el discurso nacional. **Antes del primer Kinsey de 1948 (llamado así por su autor, Alfred Kinsey) titulado “La conducta Sexual del Hombre”, el sexo era un tópico prácticamente prohibido para la investigación y la discusión pública.** Después de la publicidad masiva de este informe, los tabúes disminuyeron. Se realizaron otras investigaciones, y la reticencia para hablar sobre el sexo se convirtió, con el tiempo, en la reticencia para hablar casi de cualquier otra cosa que no fuero sexo.(SAMUELSON, 2005) (grifos meus).

Kinsey, como um entomólogo classificador, teve a originalidade de aplicar a estatística, já conhecida e reconhecida, em pesquisas na área da sexualidade. Os debates que daí sucederam, favoráveis ou desfavoráveis, são um magnífico exemplo da relação de reciprocidade entre os acontecimentos discursivos e extradiscursivos: discursos transformando comportamentos e comportamentos transformando discursos, tendo como pano de fundo a classificação ou a auto-classificação induzida.

A taxionomia (ciência da classificação), especialmente da botânica e da zoologia, consolidada pela biologia naturalista darwinista, estendeu suas aplicações para outros campos das ciências e, ao se unir com a matemática, passou a servir ao propósito estratégico de quaisquer ciências para confirmar, alterar, romper ou manter algum enquadramento. Neste sentido, os gráficos e tabelas com seus percentuais representando principalmente frequências,

incidências e resultados de pesquisas, funcionam arqueologicamente como enunciados, para Foucault.

Uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados; (...) uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; (...) **um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados**; quanto às frases que podem estar acompanhados, elas são sua interpretação ou comentário.(FOUCAULT,1995a:93) (grifos meus)

O critério básico de verificabilidade confirmacionista ou de falseabilidade baseado em equações matemáticas, e a transposição destes recursos para as ciências humanas, são duramente atacados por Foucault:

A matemática foi seguramente modelo para a maioria dos discursos científicos em seu esforço de alcançar o rigor formal e a demonstratividade; mas para o historiador que interroga o devir efetivo das ciências, ela é um mau exemplo - um exemplo que não se poderia, de forma alguma, generalizar." (FOUCAULT,1995a:214)

Apesar de considerar a matemática uma ciência única, o alerta de Foucault é para o risco de homogeneizar todas as formas singulares de historicidade, além de estabelecer limites rígidos e fixos.

[...] o recurso às matemáticas, sob uma forma ou outra, sempre foi a maneira mais simples de emprestar ao saber positivo sobre o homem um estilo, uma forma, uma justificação científica." (FOUCAULT,1999a:485)

A estatística, gradativamente, transformada em uma aritmética política, é posteriormente apropriada pela demografia, como recurso quantificador para



calcular parâmetros e índices populacionais. Esta díade pessoa(s)-número(s)<sup>129</sup> será o objeto científico da demografia-estatística.

A adoção de tabelas, gráficos com percentuais, levantamentos estatísticos e de dados matemáticos, foi uma constante em todos os relatórios, sendo uma continuidade discursiva, fruto evidentemente de uma tradição científicista de nossa sociedade que busca, nestas estatísticas, confirmações ou negações para as práticas da população. Como consequência, sustentam os padrões de normalidade e produzem normatizações, sejam de posturas, atrações, condutas, costumes, comportamentos e desejos, através de um “verniz” científico.

---

<sup>129</sup> Díade que será retomada de modo especial nas Reflexões de Acabamento Textual.

### 3.10. Uma breve panorâmica das décadas de 50, 60 e 70

A última coordenada escolhida foi situar os períodos decenais dos respectivos contextos de publicação, através de uma breve panorâmica dos anos 50, dos anos 60 e dos anos 70, com balizamentos históricos ultra-sumários e alguns retratos de acontecimentos sociais, políticos e econômicos.

Partiremos da urbanização, um dos fenômenos consequência do pós-guerra, configurado através do surgimento de novas grandes metrópoles. Os EUA, paralelo à reconstrução dos países europeus, viviam uma produção e um consumo desenfreado, um otimismo embalado ao som do ritmo agitado do rock-n-roll de Elvis Presley e as imagens cinematográficas de rebeldia de James Dean e Marlon Brandon. A comunicação de massa através da radiodifusão e da televisão, expandia-se pelo planeta, empurradas pelo crescimento da publicidade e pelos programas de entretenimento. Os Estados Unidos, com sua situação de prosperidade material e a rádio-tele-difusão instantânea de um *american way of life*, passam a ser ponto de referência no Ocidente.

Em 1951, é aprovada pela OIT, Organização Internacional do Trabalho, a convenção de igualdade de remuneração entre trabalho masculino e trabalho feminino para a mesma função. Uma nova luta por direitos civis no pós-guerra, preparava e ensaiava as mobilizações dos anos 60. Como episódio ilustrativo, em dezembro de 1955, a trabalhadora doméstica negra Rosa McAuley Parks (1913-2005) no ato de recusar-se a ceder seu lugar no ônibus a um branco, motivou uma onda de protestos contra as leis de segregação racial.

Em 1954 foi realizada a Primeira Conferência Mundial da População, em Roma, organizada conjuntamente pela recém criada ONU e a IUSSP – União Internacional para o Estudo Científico da População.

Mas os anos 50 foram de fortalecimento da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, configurando-se dois blocos antagônicos de forças políticas e econômicas, rivalizando durante anos de disputa em terra e no espaço, numa corrida armamentista movida a espionagem e sustentada por acordos pós-guerra que dividiram a Europa, a Ásia e parte da África.

Em 1950 começa a Guerra da Coreia encerrada em 1953, com nova divisão geográfica entre os comunistas (norte) e capitalistas (sul). A morte de Josef Stalin em 1953 e a posse de Nikita Krushev, na Rússia, não impediram o acirramento da intolerância entre os regimes “comunistas-totalitários” e “capitalistas-democráticos”, auto-representados pelos dois enormes países federados. Nos estertores da década de 60, Fidel Castro e Ernesto Che-Guevara protagonizaram em Cuba, em janeiro de 1959, uma revolução do comunismo latino-americano, trazendo a Guerra Fria e Moscow para bem próximo dos limites territoriais norte-americanos.

Num contexto geral, o período compreendido entre 1945 e 1960 ficou conhecido como os “anos dourados” tanto nos Estados Unidos como na Europa e no Brasil, mas eventos extra-discursivos (sociais, econômicos e militares) no início da década de 60 abalaram esta visão pseudo-pacífica.

A década de 60 foi repleta de mudanças sociais e comportamentais, mas caracterizada também por uma desconfiança frente ao otimismo dos anos 50. As guerras regionais se intensificaram: Guerra do Vietnã (1960-1975),

Guerras entre China-União Soviética(1960), China-Índia(1961), Índia-Paquistão (1965) e Guerra árabe-israelense(1967). A maioria das colônias da África libertou-se de países europeus controladores desde o movimento imperialista do século XIX.

O aumento dos arsenais nucleares em todo o mundo acirrava um jogo perigoso e implantava o medo de um conflito iminente, pois a segunda guerra havia se encerrado há pouco tempo. A Guerra Fria mantinha a tensão política mundial, concretizada pela construção do muro de Berlim em 1961 pelos alemães orientais.

John Fitzgerald Kennedy (presidente dos EUA eleito em 1960) protagonizou, junto com Fidel Castro e Nikita Krushev, um dos momentos mais tensos da América, com a crise dos mísseis da Baía dos Porcos em Cuba, no ano de 1962. Após este episódio, juntamente com o assassinato de Kennedy em 1963, e sua substituição por Lyndon Johnson, o governo americano passou a monitorar todos os governos da América Latina, impedindo qualquer tentativa de avanço comunista.

No Brasil, uma das conseqüências óbvias deste período foi o Golpe Militar de abril de 1964, apoiado pelos Estados Unidos e relativamente tolerado pela população de classe média em geral, justamente pelo instalado medo mundial de um possível novo conflito internacional e pelo medo de um golpe de esquerda comunista.

Como toda guerra impulsiona algum desenvolvimento tecnológico, a Guerra Fria acelerou o rápido desenvolvimento de satélites de comunicação e as transmissões ao vivo e em tempo real pela televisão. As imagens da Guerra

do Vietnã, primeiro evento com cobertura via satélite, mobilizaram a opinião pública americana contra o conflito, principalmente a partir do movimento hippie, cantando insistentemente o refrão “paz e amor”, amor este significando também liberdade sexual. Na música, a banda inglesa *The Beatles* (Os Besouros) passa a influenciar o comportamento juvenil, tornando-se conhecida mundialmente, consolidando a força expansiva e renovada do Rock, símbolo da rebeldia a partir dos anos 50.

Neste contexto, a invenção e comercialização da pílula contraceptiva passou a ser associada a uma proposta libertária, dissociando sexo de reprodução, prazer de reprodução (igualmente para a mulher), fazendo emergir discursos conservadores, principalmente religiosos. Como continuidade discursiva, mantém-se até hoje, a condenação pela Igreja Católica, da pílula anticoncepcional e do preservativo, posição mantida pelo Concílio Vaticano II (1962).

Ainda em clima polêmico, realiza-se em 1965 a Segunda Conferência Mundial da População em Belgrado, na Iugoslávia, e seus debates envolvem a preocupação com o crescimento populacional já atingindo 3,5 bilhões e possibilidades de adoção de medidas de controle da natalidade.

Em 1964, a estilista Mary Quant lança a minissaia, peça do vestuário feminino que combinaria com o espírito de sensualidade da juventude dos anos 60. A partir daí ocorre uma exposição gradativa do corpo da mulher que, iniciado com o uso de biquíni nas praias durante a década de 50, avançou para uma forma de objetualização do corpo feminino, exigido modelamente perfeito.

No terreno de acontecimentos públicos e políticos, o ano de 1968 é um ponto de referência histórico, ano mundial das rebeliões na Europa e nas Américas, situação comprovadora da evolução das telecomunicações e seu altíssimo grau de intercâmbio informativo. O movimento estudantil dos franceses em maio e seus desdobramentos mundiais representaram fortes transformações educacionais-universitárias, culturais e sociais, atrelados a lutas pacifistas populares. As relações entre os sexos, entre as gerações, entre as etnias, entre o público e o privado, entre paz e guerra foram ressignificadas, pois cada país teve a sua peculiaridade reivindicatória. Se nos EUA, os movimentos como os dos hippies ou em manifestações como em Woodstock eram para protestar contra o envolvimento militar em países asiáticos, no Brasil o alvo das manifestações era a ditadura militar, como a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, organizada pela UNE, em 26 de junho de 1968.

Mas os jovens em todos os continentes manifestaram-se contra a Guerra do Vietnã, contra o preconceito discriminatório aos negros, o preconceito contra as mulheres, exigindo igualdade.

Nesta corrente de movimentos, o pastor pacifista Martin Luther King (Prêmio Nobel da Paz de 1964) nos anos 60 era referência central no combate contra a segregação racial, até seu assassinato em abril de 1968.

Na década de 70, os dois maiores rivais políticos e econômicos, EUA e União Soviética, continuavam sua disputa particular pelo poderio militar. Em todo o mundo, a guerrilha continuava sendo uma estratégia regional de oposição a algum tipo de regime de governo, mas novas táticas de terrorismo foram inauguradas, como seqüestro e/ou explosão de aviões, realizados pela

Frente Popular para Libertação da Palestina em setembro de 1970, e o massacre de 11 atletas israelenses realizado por árabes nas Olimpíadas de Munique em 1972. O conflito árabe-israelense continuava (e continua) sem soluções. Mas as guerras passaram a ter cada vez mais platéia, via televisão, a tal ponto que o impacto inicial cedeu lugar, posteriormente, a uma banalização da violência e mortandade. Em 1975 termina a guerra do Vietnã, um ano após a renúncia de Richard Nixon pelo escandaloso caso de espionagem política conhecido como *Watergate*, episódio impulsionador de uma crescente valorização do papel da imprensa na(s) sociedade(s).

A tecnologia teve um salto considerável nos anos 70, desde o surgimento popular de jogos de videogames em 1972, combinação perfeita com o aumento de violência nas ruas, até o lançamento dos softwares para computadores comerciais e pessoais em 1975, por Bill Gates e Paul Allen, da Microsoft. Nos anos seguintes, os microcomputadores se popularizaram.

O Oriente Médio recebeu um foco mundial privilegiado a partir desta década, além da histórica polarização árabe-israelense: através das nações árabes integrantes da OPEP, Organização dos Países Exportadores do Petróleo, ao tomarem uma decisão unilateral, em 1973, de reduzir a produção do petróleo e interromperem sua venda aos EUA e Europa Ocidental, com a subsequente alta dos preços, geraram uma crise econômica sem precedentes em todo o mundo. Com a revolução islâmica no Irã, liderada pelo Aiatolá Khomeine em 1979, um novo choque fez agravar a situação.

Em 1973, a Suprema Corte dos Estados Unidos derruba leis que proibiam o aborto. Em 1974 é realizada, em Bucareste, na Romênia, a Terceira

Conferência Mundial da População<sup>130</sup>, onde foi proclamado o direito das famílias e pessoas decidirem o tamanho da prole e o intervalo gestacional. Na ocasião, a população mundial chegava a 4,0 bilhões de habitantes.

Em 1975, as Nações Unidas instauram o Ano Internacional da Mulher e organizam a Conferência do México, Primeira Conferência Mundial sobre a Mulher<sup>131</sup> que proclama a Década das Nações Unidas para a Mulher.

---

<sup>130</sup> Até o final do século XX foram realizadas a quarta Conferência no México em 1984 e a quinta em 1994, na cidade do Cairo, Egito. Nos intervalos de 40 anos entre a primeira e a quinta, a população pulou de 2,5 bilhões para os quase 6,0 bilhões (um incremento superior a 100%)

<sup>131</sup> Até o final do século XX foram realizadas em 1980, a Segunda Conferência Mundial da Mulher, em Copenhague (Dinamarca); em 1985, a Terceira Conferência Mundial da Mulher, em Nairobi (Quênia); e em 1995, a Quarta Conferência Mundial da Mulher, em Pequim (China).



## CAPÍTULO 4 – OS RELATÓRIOS KINSEY

Vejamos o Relatório Kinsey, onde toda a atividade sexual é tratada estatisticamente e como um dado exterior. Seus autores não observaram realmente de fora nenhum dos inumeráveis fatos que eles relatam. Os fatos foram observados *de dentro* por aqueles que o vivenciaram. Eles foram obtidos por intermédio de confissões, relatos, em que os pretensos observadores confiaram.(...) Antes do Relatório, a vida sexual tinha a verdade clara e distinta de coisa, mas num grau muito inferior. Ora, essa verdade é agora, se não muito clara, bastante clara. É enfim possível falar, como se fala de coisas, do comportamento sexual: em um certo grau, é essa a novidade que os Relatórios introduzem...

Georges Bataille, em *O erotismo* (1957)

O biólogo Alfred Charles Kinsey (1894-1956) elaborou um estudo entre 1938 e 1953, envolvendo a significativa participação de 11.240 indivíduos (5.300 homens e 5.940 mulheres) resultando na publicação de dois livros<sup>132</sup>: *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, PA: W.B. Saunders<sup>133</sup>) em 1948 nos Estados Unidos e Inglaterra, e no mesmo ano, em francês pela Éditions du Pavois; e *Sexual Behavior in the Human Female* (Philadelphia, PA: W.B Saunders) em 1953, editado no ano seguinte na França pela Éditions Amiot-Dumont. Muito embora os relatórios sejam tributados a Kinsey, a pesquisa teve a co-autoria de mais três colaboradores: Wardell Baxter Pomeroy (1913-2001), psicólogo da prisão do Estado de Indiana, Clyde E. Martin (1918-1989), estatístico da Universidade de Indiana e Paul H. Gebhard

<sup>132</sup> Popularizados como “The Kinsey Reports”, o masculino teve explosão publicitária fazendo a venda rapidamente atingir 500.000 cópias ao preço de US\$ 6,50; o feminino foi um pouco menos vendido, por conta da divulgação dos resultados pelos jornais e revistas. Fonte: [www.writing.uppenn.edu](http://www.writing.uppenn.edu).

<sup>133</sup> A WB Saunders Company, é uma editora norteamericana fundada em 1888, com títulos na área médica da saúde. Atualmente faz parte do grupo editorial Elsevier.

(1917- ) antropólogo da Universidade de Harvard (ausente no relatório masculino)<sup>134</sup>.

No Brasil, só houve a publicação de *A Conduta Sexual da Mulher*, em 1954 (um ano após EUA), pela editora Atheneu, tendo sido reeditado em 1967. Causou-me estranheza o livro *Sexual Behavior in the Human Male* não ter tradução e edição brasileira<sup>135</sup>, apesar de ter se localizado uma edição portuguesa de *O Comportamento Sexual do Homem*, publicado em 1972, pela Editora Meridiano (Lisboa), sendo exemplar único na Biblioteca Nacional de Portugal. Para esta pesquisa<sup>136</sup> consegui uma versão fotocopiada, em espanhol, *Conducta Sexual del Varon*<sup>137</sup>, publicada pela Editorial Interamericana, no México, em 1949. A procura na internet também localizou uma edição Argentina, de 1967, de *La Conducta Sexual del Hombre*, pela editorial Siglo Veinte. Contudo apesar destas variações nas traduções, não passam despercebidos, os títulos originais em tradução literal serem *O Comportamento Sexual do Macho Humano* e *O comportamento Sexual da Fêmea Humana*.

Kinsey, antes de dedicar-se à sexualidade, era professor de Zoologia, sendo especialista em vespas na área da entomologia (estudo dos insetos). Formou-se em Biologia em Harvard, em 1919. Em 1938 foi convidado pela Universidade de Indiana, onde lecionava, para coordenar um curso sobre casamento e aspectos biológicos da sexualidade. Além de ter encontrado

<sup>134</sup> Ano de ingressos na equipe de Kinsey: Martin em 1941, Pomeroy em 1943, e Gebhard em 1946.

<sup>135</sup> A confirmação desta informação foi obtida através de uma minuciosa e exaustiva busca na internet nas principais bibliotecas de universidades, editoras e alguns sebos do Brasil e da resposta datada de 25.07.2006 a uma consulta via correio eletrônico à Editora Atheneu ([sal@atheneu.com.br](mailto:sal@atheneu.com.br)).

<sup>136</sup> Através de intensa procura na internet, encontrei exemplares únicos do relatório Kinsey masculino, em inglês, disponíveis nas seguintes universidades brasileiras: UFRJ, UFPR UFBA, UnB, PUCRS, PUCPR. A versão em francês foi localizada apenas na UFRJ.

pouca bibliografia em comportamento sexual humano, considerou precários os materiais disponíveis, com pouca validade científica e baseados mais em especulação do que na objetividade dos fatos e na averiguação estatística. Começou, então, a coletar histórias sexuais, chegando a atingir para a publicação dos dois livros, após 15 anos de estudos (1938 a 1953), a extraordinária cifra de 16.392 pessoas<sup>138</sup>, sendo 8.603 homens e 7.789 mulheres. Em 1947, um ano antes da publicação do relatório masculino, Kinsey fundou o *Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction*, existente até hoje.

A principal característica dos relatórios Kinsey foi a obtenção de informações trabalhadas estatisticamente. De acordo com dados no site do Instituto Kinsey ([www.kinseyinstitute.org](http://www.kinseyinstitute.org)), entre 1938 e 1963, ano de encerramento do projeto original<sup>139</sup>, haviam sido registradas 18.216 entrevistas. O método de coleta de dados de Kinsey foi entrevista pessoal, presencial, realizada frente a frente, sendo os dados registrados mantidos confidenciais através de codificação. Os interrogatórios duravam entre uma hora e duas horas, dependendo da disposição do informante e do número de questões, que não eram fixas, variando entre o mínimo de 300 até 500 ou mais perguntas.

---

<sup>137</sup> Esta obra rara foi encontrada, pela web, na biblioteca do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Agradeço ao doutorando Eduardo Saraiva pelo favor de foto-copiá-la.

<sup>138</sup> A diferença entre esta cifra de 16.392 pessoas e as 11.240 citadas anteriormente (p.08), são por conta do fato de nem todas as pessoas catalogadas e entrevistadas terem sido incluídas no aproveitamento conclusivo dos resultados publicados nestes dois relatórios. No entanto, seriam incluídos em alguns dos outros seis volumes planejados por Kinsey cuja estimativa envolveria 100.000 histórias: Fatores sexuais na adaptação matrimonial, Aspectos legais da conduta sexual, O equilíbrio heterossexual-homossexual, A adaptação sexual nos estabelecimentos penais, Prostituição, Educação sexual, e Outros problemas especiais.

<sup>139</sup> Paul H. Gebhard, colaborador de Kinsey e Alan B. Johnson publicaram posteriormente *The Kinsey Data: Marginal tabulations of the 1938-1963: interviews conducted by the Institute for Sex Research*.

Os dados forneceram uma base estatística para o estudo de assuntos como masturbação, homossexualidade, sexo pré-conjugal e a natureza do orgasmo feminino, entre os norte-americanos e norte-americanas brancas. Quanto à não inclusão de negro(a)s e outras etnias<sup>140</sup> na conclusão dos estudos, muito embora presentes no levantamento geral, Kinsey apresenta como justificativa a pouca representatividade, em relação ao número total de participantes entrevistados.

Las generalizaciones que figuran en este volumen se limitan a los grupos de quienes disponemos de un material más o menos adecuado o a los grupos más reducidos que caen dentro de las tendencias establecidas para la serie total de datos. Pero todavía no puede generalizarse en muchos elementos importantes de la población. (...) No podemos exponer informes análogos de negros, pues el grupo típico de éstos no es aún suficiente para deducir de él análisis comparables a los efectuados en los grupos de varones blancos. (KINSEY et al, 1949: 06).

Neste sentido, tendo realizado a maior pesquisa sexual em termos quantitativos, Kinsey, se por um lado, reconhece limitações no seu estudo, por outro afirma ter atingido uma grande variedade de indivíduos:

A amostra incluía mulheres e homens, pessoas de todas as idades, desde a mais moça até a mais velha, pessoas com uma diversidade de antecedentes educacionais que iam desde o analfabeto e dos de poucas letras até os grupos profissionais melhor habilitados; pessoas que pertenciam a uma variedade de profissões, grupos rurais e urbanos; pessoas pertencentes a vários grupos religiosos; pessoas representando vários graus

<sup>140</sup> A história dos Estados Unidos é marcada por um processo de migração e diversidade étnica, mas este fluxo contínuo começou a sofrer restrições quando em 1924, foi sancionada a Lei Johnson-Reed de Imigração (*Johnson Reed Immigration Act*). Esta lei influenciou a entrada de pessoas até 1965, quando foram revistas as limitações, mas não impediu a chegada em massa de refugiados europeus em 1943 por conta da II Guerra Mundial. Segundo Stanfield(1999) a fusão entre raças e etnias teve início no pós-guerra e aconteceu nos subúrbios. (fonte: disponível em <<http://usinfo.state.gov>> acessado e baixado em 26.01.2006). Ao longo do século XX, as miscigenações étnicas se configuraram demograficamente com intercâmbio cultural e mesclagem de hábitos. Sem entrar em detalhes sobre a procedência dos imigrantes americanos, uma constatação é que religião, cultura, comida, arte, língua, destes grupos diferenciados, foram sendo incorporadas lentamente às tradições genuinamente norte-americanas, se é que estas existiram.

de observância e inobservância àqueles grupos religiosos e pessoas que tinham vivido em várias partes dos Estados Unidos. **A amostra, ainda é, sob vários aspectos, inadequada, mas, conseguimos obter uma variedade de indivíduos do que nos foi possível obter em estudos anteriores**". (KINSEY et al, 1954:07-8). (grifos meus).

Kinsey tinha uma preocupação tão grande com a representatividade de sua amostra que reservou 150 páginas do primeiro livro (total de 804 páginas) e 115 páginas do segundo livro (total de 842 páginas) para descrever o histórico da coleta e fontes de informações, o método, a constituição da amostra, a rigorosa análise estatística, o objetivo científico e a validade dos dados, além de ter tido consultores em estatística para a tabulação das informações. Se não bastasse, Kinsey utilizou as normas estatísticas do censo de 1940 para o primeiro relatório (masculino) e as normas do censo de 1950 para o segundo (feminino). Muito embora tenha tomado estes cuidados, o Conselho de Pesquisa Nacional americana contratou a ASA<sup>141</sup>, Associação de Estatística Americana para investigar o trabalho do ponto de vista estatístico, que, após dois anos (1950-1952) examinando os resultados, confirmou o método de amostragens utilizado, conhecido como Gallup Poll, criado pelo estatístico americano George Horace Gallup(1901-1984)<sup>142</sup>.

<sup>141</sup> Fonte: Artigo "What was The Kinsey Report" de John Greene. Disponível em <<http://www.jackinworld.com/library/articles>> acessado e baixado em 06.02.05; "Timeline: Alfred Kinsey's Life, and Sex Research and Social Policies in America" disponível em <http://www.pbs.org/amex/kinsey> acessado e baixado em 24.11.2005.

<sup>142</sup> Gallup foi o fundador do Instituto Americano de Opinião Pública, em 1935, posteriormente tornando-se as Organizações Gallup, responsáveis até hoje por pesquisas de audiência, preferências de mercado, intenções de voto, etc. Informações adicionais são encontradas em [www.gallup.com](http://www.gallup.com), [www.education.gallup.com](http://www.education.gallup.com), e [www.university.gallup.com](http://www.university.gallup.com).

## 4.1. A Conduta Sexual do Homem (1948)

O primeiro relatório Kinsey, *Sexual Behavior in the Human Male*, A Conduta Sexual do Homem, foi publicado em 1948 após 10 anos de entrevistas pessoais. A obra está dividida em três partes e 23 capítulos, com o seguinte índice geral (traduzido da versão em espanhol):

Primeira parte: História e método

1. Introdução histórica
2. Entrevistas
3. Problemas estatísticos
4. Validade dos dados

Segunda parte: Fatores que afetam os atos sexuais

5. Desenvolvimento e atividades sexuais precoces
6. Total de atos sexuais
7. Idade e relações sexuais
8. Matrimônio e relações sexuais
9. Adolescência e atos sexuais
10. Classe social e comércio sexual
11. Estabilidade das normas sexuais
12. O meio rural e urbano e os atos sexuais
13. Formação religiosa e atos sexuais

Terceira parte: Causas do orgasmo

14. Masturbação
15. Poluções noturnas
16. Carícias heterossexuais
17. Relações pré-matrimoniais
18. Relações matrimoniais
19. Relações extramatrimoniais
20. Comércio sexual com prostitutas
21. Contatos homossexuais
22. Contatos com animais
23. Tabulação de dados clínicos

Na primeira parte de seu relatório, Kinsey e seus colaboradores expõem em 140 páginas, as bases e as análises estatísticas de seu trabalho, incluindo os cuidados com as entrevistas, os recursos técnicos, as amostragens, a natureza, as subdivisões e a validade dos dados.

No capítulo 1, Introdução Histórica, aponta seu projeto<sup>143</sup> de elaborar mais oito volumes: Conduta Sexual da Mulher (elaborado), Fatores sexuais na adaptação matrimonial, Aspectos legais da conduta sexual, O equilíbrio heterossexual-homossexual, A adaptação sexual nos estabelecimentos penais, Prostituição, Educação Sexual e Outros problemas especiais. Para este empreendimento total estimava ser necessário um total de 100.000 entrevistas.

Kinsey deixa textualmente explícito seu descompromisso com julgamentos de ordem moral, religiosa, cultural, ou rotulações e categorias psiquiátricas, tais como pessoas sexualmente equilibradas, neuróticas, psicóticas ou psicopáticas.

En este estudio figuran toda clase de personas y todos los aspectos de la sexualidad humana. Al seleccionar las historias o detalles que figuran en éstas **no hemos tenido prejuicio alguno sobre lo que es raro o común, sobre lo que es moral o de importancia social ni sobre que es normal o anormal.** Tales limitaciones hubiesen impedido la determinación de los hechos. (...) **Esta obra es, en primer lugar, un informe acerca de lo que hace la gente, sin plantear la cuestión de lo que debería hacer ni de cómo es la gente que lo hace.** Es la historia de la conducta sexual del varón americano tal como la hemos observado nosotros. **No es un estudio, como aquéllos a que estamos habituados, sobre el varón o la conducta normales ni sobre los varones o la conducta anormales.** Se trata de una investigación libre de trabas sobre todos los tipos de actividad sexual observada entre toda clase de varones. (KINSEY et alli, 1949: 07) (grifos meus)

Por considerar a conduta sexual humana uma unidade, compreendida em seus diversos aspectos, Kinsey reforça a conexão e o envolvimento de seu estudo com disciplinas tais como antropologia, biologia, psicologia, medicina,

---

<sup>143</sup> Lembrando que o projeto foi abortado basicamente por dois motivos: o cancelamento do financiamento da Fundação Rockefeller, em 1954, originado pelas suspeitas de simpatias de Kinsey ao comunismo, além de sua própria morte em 1956.

ciências sociais, direito e etologia. Por outro lado manifesta como uma das dificuldades encontradas, as críticas intensas recebidas por colegas científicos.

Algunos psicólogos sostienen que la conducta sexual encierra una serie de problemas fundamentalmente psicológicos y que un biólogo no está calificado para hacer su estudio. Ciertos sociólogos opinan que los problemas son, en su mayor parte, sociales y que ni un biólogo ni un psicólogo son personas idóneas para llevar a cabo un estudio sobre el sexo. Varios psicoanalistas pensaban que la conducta sexual sólo podía ser adecuadamente estudiada por una persona de su especialidad. **Un grupo de médicos argüía que la redacción de historias constituye una práctica clínica y que todos estos estudios deberían ser realizados por clínicos dentro de las clínicas.** (KINSEY, 1949:11) (grifos meus)

Estas opiniões configuram a tendência disciplinar e os reducionismos predominantes nos campos de investigação científica no século XX. Foram com estes mesmos princípios, que Masters & Johnson, no campo da fisiologia sexual e Shere Hite, no campo da história, procuraram, a partir dos estudos de Kinsey, preencher suas prováveis lacunas. Por outro lado, estão arrolados nominalmente no livro, os principais grupos colaboradores, constituídos de 26 instituições médicas e psiquiátricas, 528 colégios e universidades, 17 instituições penais e jurídicas e 37 organizações civis e sociais.

Kinsey utilizou o método taxionômico<sup>144</sup> como técnica de investigação, e apresenta distinções entre sua aplicação em biologia e em ciências sociais, reconhecendo os problemas de generalizações deduzidas da observação e classificação de um grupo de indivíduos, quando estendidas para toda a população, principalmente tratando-se de “um animal tão variável como o homem” (KINSEY, 1949:17). Mas para reduzir os erros, Kinsey utilizou a

---

<sup>144</sup> Kinsey descreve, em linhas gerais, o método taxionômico, como a medição, descrição e classificação das variações em séries ou categorias de indivíduos considerados como representativos de uma espécie (KINSEY, 1949, p.16-20)..



estatística como procedimento complementar, defendendo-a como requisito fundamental para o estudo de qualquer espécie, incluída a humana. Tomando como referência o ano de publicação do livro, 1948, Kinsey se coloca como um defensor da transposição para a ciência, dos recursos da economia, do comércio e de pesquisas de opinião pública:

En los últimos doce años se han hecho estudios económicos, investigaciones agrícolas, encuestas sobre la opinión pública y un grupo de investigadores efectuó su trabajo en las oficinas del censo (McNemar, 1940, 1946; Gallup y Rae, 1940; Blankenship, 1943; Gallup, 1944; Cantril, 1944) señalando cómo deben analizarse las agrupaciones humanas antes de poder llegar a conocer un sector amplio de la población. A pesar de que las técnicas utilizadas para conocer la opinión pública no han aprovechado la experiencia taxonómica de los biólogos son, sin embargo, ilustrativas de los métodos taxonómicos. (KINSEY, 1949:18).

Referindo-se aos estudos científicos publicados anteriormente sobre sexualidade, Kinsey diz ter encontrado em levantamento entre 1915 e 1948, apenas 19 estudos norte-americanos sobre a conduta sexual realizados pelo método taxionômico. Destina algumas páginas para caracterizações e rápidas comparações destes estudos e analisa as limitações da validade de suas conclusões. Ainda assim, reconhece a existência de um material manuscrito, surpreendentemente grande:

Sobre la mayor parte de las funciones fisiológicas del animal humano se encuentran datos en los tratados científicos y en artículos de revistas publicadas por fisiólogos. **Em contraste, los datos sobre el sexo están diseminados** en obras de historia, literatura, arte, ciencia, ciencias sociales, filosofía, religión y otras que, aunque científicamente medianas, proporcionan importantes **datos sobre el erotismo. Estos últimos, bien conocidos de arqueólogos y antropólogos,** pueden tener un valor considerable para la interpretación de la cultura humana. (KINSEY, 1949:20). (grifos meus)

Kinsey faz citação e reconhecimento a pesquisadores estrangeiros, precursores da área da sexualidade, e às milhares de histórias individuais de textos de psiquiatria e psicologia. Mas aponta também restrições quanto à descrição sistemática da pesquisa, excetuando deste seu parecer o trabalho de Magnus Hirschfeld (1868-1935), fundador do Instituto de Ciência Sexual de Berlim, em 1919.

Se citan casos en las obras de Havelock Ellis, Freud, Stekel, Hirschfeld, Kraft-Ebing, Mantegazza, Marcuse, Moll, Bloch, Rohleder, Henry (1941) y otros muchos. (...) Pero ninguno de estos autores, a pesar de su aguda penetración en el sentido de ciertas cosas, **ha debido un conocimiento preciso y ni siquiera aproximado de la sexualidad del pueblo medio**. Nunca supieron lo que era común y lo que era raro, porque sus datos procedían de gentes de muy diversa condición y **generalmente poco representativas** que acudían a sus clínicas (Freud, Hirschfeld, y otros), de personas con las que sostenían correspondencia (Ellis) o de un número limitado de personas a las que entrevistaron detalladamente (como el estudio de Henry). (KINSEY, 1949: 32) (grifos meus)

Os relatórios portam um estilo textual seco e impessoal e, se por um lado, não contemplam o leitor com nenhuma foto ou ilustração erótica, por outro abusam de gráficos e tabelas estatísticas. Para o masculino, são 162 tabelas numéricas (quadros) e 173 gráficos de percentuais; para o feminino, Kinsey foi mais parcimonioso, fornecendo 13 tabelas numéricas (quadros) e 155 gráficos (ver anexos 1, 2, 3 e 4).

A segunda e terceira partes do relatório masculino são destinadas a uma detalhada e densa descrição dos resultados estatísticos, com comentários sempre embasados nas cifras de frequências indicadas nos quadros e figuras. Verifica-se também que Kinsey e sua equipe se esmeraram em manter as

temáticas semelhantes nos dois relatórios, exceção feita ao comércio sexual com prostitutas presente apenas no relatório masculino.

Kinsey destina o último capítulo aos clínicos, psicólogos, psiquiatras, conselheiros matrimoniais, padres e outras pessoas que dirigem a conduta humana, em dimensão prescritiva.

**Com frecuencia es importante saber hasta qué punto la sexualidad de um sujeto se desvía de las normas del grupo en el seno del cual se ha educado o vive.** Los conflictos personales dependen más a menudo del grado em que el individuo se desvía de las pautas de su grupo social, que de su negativa a someterse a los códigos sociales y legales. Muchos clínicos consideran que cualquier modificación de la conducta debe limitarse a adaptar al sujeto a las normas de su grupo, sin imponerle las que un medio social superior considera social o moralmente deseables. Cada vez es mayor el número de clínicos que han podido comprobar que, cuando se intenta readaptar la conducta a normas extrañas al individuo, pueden producirse conflictos todavía mayores. **Muchas personas que sufren a causa de ciertos aspectos de su vida sexual, pueden aliviarse fácilmente cuando conocen la del resto de la población y comprueban que ésta no se diferencia fundamentalmente de la propia.** (KINSEY et all, 1949:601) (grifos meus)

Esta passagem talvez sintetize a intenção principal de Kinsey: mesmo não sendo da área clínica, esperava com sua ampla descrição das variações dos comportamentos sexuais dos norte-americanos pudesse informar que o que os indivíduos consideravam conduta anormal não era “tão anormal” quanto o indivíduo supunha. Como consequência, os clínicos (psiquiatras, psicoanalistas e psicólogos)<sup>145</sup> deveriam levar em conta até que ponto seus interesses em modificar o comportamento individual não significariam modificar o comportamento de todo um grupo.

---

<sup>145</sup> A este respeito nos coloca Kinsey: “Naturalmente, hay, además, miles de historias sexuales individuales em las revistas y textos de psiquiatria y de psicología y en otros centenares de volúmenes. Se citan casos en las obras de Havelock Ellis, Freud, Stekel, Hirschfeld, Kraft-Ebing, Mantegazza, Moll, Bloch, Rohleder, Henry(1941) y outros muchos”. (KINSEY, 1949:32)

## 4.2. A Conduta Sexual da Mulher (1953)

O segundo relatório Kinsey, *Sexual Behavior in the Human Female*, A Conduta Sexual da Mulher, foi publicado cinco anos após o relatório masculino. A obra está dividida em três partes e 19 capítulos com o seguinte índice geral (versão em português):

### Parte I: Histórico e método

1. Objetivo do estudo
2. A amostra e sua análise estatística
3. Fontes dos dados

### Parte II: Tipos de atividade sexual nas mulheres

4. Desenvolvimento sexual na pré-adolescência
5. Masturbação
6. Sonhos sexuais noturnos
7. Carícias pré-conjugais
8. Coito pré-conjugal
9. Coito conjugal
10. Coito extra-conjugal
11. Reações e contactos homossexuais
12. Contacto com animais
13. Expansão sexual total

### Parte III: Comparações entre sexo feminino e masculino

14. Anatomia da reação sexual e do orgasmo
15. Fisiologia da reação sexual e do orgasmo
16. Fatores psicológicos na reação sexual
17. Mecanismos nervosos da reação sexual
18. Fatores hormonais da reação sexual
19. Bibliografia e índice

Na parte I de seu relatório, Kinsey e seus colaboradores expõem em 114 páginas, o objetivo do estudo, as bases e as análises estatísticas de seu trabalho, as fontes dos dados e validade dos dados, repetindo as preocupações contidas no relatório masculino. Com relação ao objetivo científico de aumentar o conhecimento na área da sexualidade, está mais uma vez caracterizado o interesse em estudar os parâmetros de normalidade social.

[...] vimos, recentemente, **distinções mal estabelecidas entre o que é normal e o que é anormal conduzirem a formulações de leis de psicopatologia sexual que não são reais**, não podem ser impostas e são incapazes de fornecer a proteção que a organização social foi levada a crer que elas pudessem fornecer. Não pode haver prática médica sadia ou bom planejamento de leis sexuais antes de compreendermos mais adequadamente as origens do comportamento sexual humano. [...] (KINSEY et al, 1954:05). (grifos meus)

Ainda neste campo de controle social da conduta, Kinsey, um defensor da honestidade científica (termos seus), acredita que o conhecimento verdadeiro dos fatores biológicos, psicológicos e sociais das atividades sexuais é o caminho para o ajustamento entre a natureza sexual do homem e as exigências sociais. Ao se referir às limitações impostas pelos códigos sexuais judaicos e cristãos, manifesta sua contrariedade com as criminalizações de atos cotidianos como masturbação, contatos buco-genitais, contatos homossexuais e outras práticas ilícitas que contrariam a função procriadora do sexo.

Tão elevadas proporções de mulheres e homens de nossa população exercem atividades sexuais proibidas pela lei da maioria dos Estados da União, que não é concebível que as atuais leis pudessem ser administradas de qualquer maneira que, ainda remotamente implicasse em imposição sistemática e completa. (KINSEY et al, 1954:22).

A parte II do relatório se ocupa dos tipos de atividade sexual das mulheres, com capítulos sobre o desenvolvimento sexual da pré-adolescência, as práticas masturbatórias, relações sexuais (conjugais, pré-conjugais e extra-conjugais), sonhos sexuais, contatos homossexuais e contatos com animais. Os temas são abordados seguindo praticamente a mesma divisão das seções, em que são distribuídos em tópicos como definição, origens mamíferas e

humanas primitivas, relação com a idade e estado civil, relação com o nível de instrução, relação com a crença religiosa, relação com o ambiente rural e urbano, técnicas, etc. Ao final de cada capítulo, Kinsey elabora um quadro resumo com comparações entre os sexos.

As descobertas sobre a masturbação (cap.5), por exemplo, foram confirmadas posteriormente, tanto por Masters & Johnson como por Shere Hite.

Em todos os tipos de atividade sexual, a masturbação é, contudo, aquele em que a mulher atinge com mais frequência o orgasmo. Até no coito conjugal a mulher comum não atinge o orgasmo em grande número de contactos, observando-se isto na maioria das carícias que pratica antes do casamento; atinge porém o orgasmo em 95 por cento ou mais de suas práticas masturbatórias.(KINSEY et al, 1954:149).

Alguns assuntos recebem também, além das leituras estatísticas, um tratamento transdisciplinar onde são acrescentadas informações densamente referenciadas em autores de diferentes áreas disciplinares, sobre as origens históricas, dados antropológicos, aspectos fisiológicos, psicológicos, morais, legais e sociais. Estes procedimentos, enriquecidos com revisão de literatura, encontram-se nos capítulos sobre coito pré-conjugal (cap.08), coito extra-conjugal (cap.10), contatos homossexuais (cap.11) e contatos com animais (cap.12).

Kinsey é um ferrenho crítico às legislações norte-americanas, produtos de códigos religiosos que ele considerava como descompassadas em relação às mudanças de comportamento sexual do pós-guerra. Pode-se afirmar sem erro que as repercussões e o impacto da divulgação de seus relatórios, advieram predominantemente destes aspectos legais em dissonância com as

práticas cotidianas. Na época (anos 40), segundo ele próprio informa, em quase todos os Estados Unidos o coito era proibido aos menores de 18 anos, quer fossem homens ou mulheres, e em 70% dos Estados, o coito pré-conjugal era condenado como ilícito.

Não há aspecto algum da lei sexual americana que surpreenda tanto o visitante de outros países quanto essa tentativa legal de estabelecer penas para a atividade pré-conjugal, na qual os participantes estavam de acordo e em que não houve emprego da força. Como já observamos, não existe praticamente civilização alguma, em qualquer parte do mundo, em que todos os coitos não conjugais, mesmo entre adultos, sejam considerados crimes. Certamente a maioria da juventude americana não considera assim, independentemente de como o encare do ponto de vista moral. (KINSEY et al, 1954:330).

No tocante ao orgasmo feminino, Kinsey trata o assunto de uma maneira especial, e verificou em seus inquéritos que de 70 a 77% das mulheres atingem orgasmo em seus coitos conjugais, índices estes questionados na década de 70 por Shere Hite. Não obstante, relativiza a sua importância para as mulheres:

Nunca é demais salientar que o orgasmo não pode ser tomado como critério único para determinar o grau de satisfação que a mulher pode obter de sua atividade sexual. Pode ser encontrado grande prazer na excitação sexual que não prossegue até o orgasmo e nos aspectos sociais de uma relação sexual. Quer atinja ou não o orgasmo, muitas mulheres ficam satisfeitas ao saber que seus maridos ou outro parceiro sexual tiveram prazer com o contacto e compreender que contribuíram para o prazer do homem. Temos histórias de muitas pessoas casadas durante muitos anos, no curso dos quais a esposa nunca reagiu até obter o orgasmo, mas o casamento foi mantido em virtude da alta qualidade de ajustamento no lar. (KINSEY et al, 1954:367-8).

Mas esta aparente avaliação de conformação feminina é logo após rechaçada pelo próprio Kinsey, ao apresentar dados indicativos da insatisfação

freqüente das mulheres no casamento pela ausência de orgasmo, poder ser fonte inclusive de dissolução da união conjugal.

No entanto, nossos dados confirmam o que muitos clínicos têm observado regularmente, isto é, que a impossibilidade persistente da mulher em alcançar o orgasmo no coito conjugal e mesmo de reagir com certa freqüência, pode provocar considerável dano ao casamento. Se o coito não trazer a satisfação e relaxamento fisiológicos que a mulher poderia obter por intermédio de uma atividade concluída e se a mulher ficar desapontada em virtude de sua incapacidade de fazer o que pensa deveria fazer, pode desenvolver-se nela um complexo de inferioridade que, além disso, diminui suas possibilidades de vir a ter relações satisfatórias. (KINSEY et al, 1954:368).

O capítulo 11 de *A Conduta Sexual da Mulher* aborda as reações e os contatos homossexuais das mulheres e tal como demonstrado nos capítulos sobre coito pre-conjugal e extra-conjugal, Kinsey fornece um espectro de considerações fisiológicas, psicológicas, antropológicas, técnicas, morais e legais. Aqui também encontramos uma extensa argumentação contra a proibição da prática da homossexualidade, pois todos os Estados norte-americanos impunham, na época, penas contra alguns ou todos os tipos de contatos empregados nas relações homossexuais.

A parte III do relatório é reservada às comparações entre o sexo feminino e masculino, incluindo anatomia, a fisiologia, a endocrinologia e a psicologia das reações sexuais. Kinsey, por exemplo, afirma que “o orgasmo na mulher se assemelha ao orgasmo do homem em suas minúcias fisiológicas, exceto que ocorre sem ejaculação” (KINSEY et al, 1954:605). Não obstante faz a ressalva de a mulher e o homem diferirem em suas capacidades de reagir aos estímulos psicosexuais.



Neste campo discursivo onde se elaboraram os relatórios, as estatísticas de Alfred Kinsey e seus colaboradores foram ferramentas para justificar as oposições aos padrões de normalidade e legalidade vigentes no meio norte-americano no pós-guerra. E encontramos um longo parágrafo que ilustra sua concepção de sexualidade, constituída de uma infinidade de práticas e preferências:

O individuo pode vir a preferir certos tipos de indivíduos como parceiros sexuais; pode preferir pessoas altas ou baixas; pode preferir louras ou morenas, parceiros sexuais novos ou mais velhos ou de sua própria idade; pode apresentar incapacidade de reagir a todos os parceiros sexuais, com exceção de um único, ou uma preferência por vários na experiência sexual; pode preferir um padrão de conduta heterossexual ou homossexual; pode preferir a masturbação ao invés de procurar contactos sócio-sexuais; pode preferir grande soma de carícias antes do coito ou o coito imediato sem atividade preliminar; pode encontrar satisfação ou se ofender com o emprego de certas técnicas genitais, orais ou anais; pode desejar uma variedade de posições no coito ou o emprego mais ou menos exclusivo de uma única posição; pode escolher um animal de fazenda ao invés de um parceiro humano para suas relações sexuais. Todas essas escolhas e reações a determinados estímulos parecem ser bastante razoáveis e mais ou menos inevitáveis à pessoa interessada, embora algumas pareçam ser incompreensíveis, não naturais e anormais ao indivíduo que não foi adaptado pelo mesmo tipo de experiência. (KINSEY et all, 1954:616-7)

Para finalizar, o relatório feminino é muito mais econômico em apresentação de figuras (155) e quadros(13) tendo ilustrações de desenhos dos órgãos sexuais da mulher (ver anexo 7) e do homem (ver anexo 8), recurso não utilizado no anterior. Talvez por isso a linguagem e o estilo do texto como um todo esteja mais fluente e didático, sem as inúmeras interrupções explicativas das frequências determinadas.

### 4.3. Síntese dos resultados estatísticos

Apresentamos a seguir algumas das principais conclusões dos relatórios Kinsey, sem enveredarmos em interpretações ou opiniões sobre os percentuais freqüenciais. No sentido de correlacionar os resultados, forneceremos, em forma comparativa, os percentuais masculino e feminino. Importante destacar que as tabelas e os quadros apresentam uma divisão etária em intervalos de 5 anos, iniciados em sua maioria na idade de 15 anos, a partir da qual as faixas etárias formam seqüenciais agrupadas (16-20, 21-25, 26-30, 31-35 anos e assim sucessivamente – conferir no anexo 2)<sup>146</sup>.

#### Idade<sup>147</sup> da primeira relação sexual (coito)<sup>148</sup>

- Homens: 20,9 % - 16 anos	mulheres: 6,0 % - 16 anos
10,7 % - 17 anos	4,9 % - 17 anos
11,5 % - 18 anos	9,1 % - 18 anos
10,8 % - 19 anos	11,2 % - 19 anos

#### Duração do coito até o orgasmo

- Homens: 17,6 % - ejaculação antes de 2 min após penetração
- 47,6 % - menos de 5 min em coitos do primeiro casamento
- 22,9 % - 10 min. ou mais
- Mulheres: 22,8 % - clímax antes de 2 min após da penetração
- 52,6 % - menos de 5 min em coitos do primeiro casamento
- 19,0 % - 10 min. ou mais

<sup>146</sup> Algumas tabelas tinham o início em 5 anos de idade, como por exemplo, as que classificavam a masturbação (anexo 4), outras apresentavam o intervalo de um ano (anexo 3). Para algumas freqüências aqui expostas, o intervalo foi por mim selecionado. Os termos, entretanto, são os utilizados nos relatórios.

<sup>147</sup> Quanto à divisão etária, os relatórios apresentam faixas variáveis no tocante a pré-adolescência e adolescência: algumas tabelas atribuíam como pré-adolescência, o período compreendido entre 5 e 13 anos; o início da adolescência entre 11 e 14 anos; e a adolescência entre 15 e 20 anos.

<sup>148</sup> Kinsey, entretanto, faz a seguinte distinção: “ [...] o termo *coito*, como é empregado no presente volume, refere-se à união da genitália feminina com a genitália masculina. O termo *relações*, quando usado sem um adjetivo que o modifique, é freqüentemente considerado como um sinônimo de coito, mas pode ser também empregado com um adjetivo que o modifique, como nas locuções, relações orais ou anais, para referir a união da genitália de um indivíduo com uma parte não genital do corpo de outro indivíduo.” (KINSEY, 1954:283)

### Frequência do coito

- Homens: 3,3 vezes por semana da adolescência até os 30 anos  
2,3 vezes por semana na idade de 30 anos até 85 anos
- Mulheres: 2,8 vezes por semana ao fim da adolescência  
2,2 vezes por semana na idade de 30 anos  
1,0 vez por semana na idade de 50 anos

### Fantasias

- Homens: 84 % - se excitam pensando em atividades sexuais com mulheres  
89 % - usaram fantasias sexuais ao se masturbarem
- Mulheres: 31% - não se excitaram por fantasias sexuais com homens  
69% - reportaram fantasias sexuais com homens  
64% - usam fantasias como auxílio na masturbação

### Posições de coito

- Homens: 70 % - usam somente a posição com homem por cima  
35 % - de universitários usaram a posição com a mulher por cima
- Mulheres: 100 % - usaram posição homem por cima em coito marital  
45 % - usaram a mulher por cima  
31 % - usaram ambas posições  
15% - usaram entrada vaginal posterior  
9% - em posição sentada  
4% - em posição parada

### Sexo antes do casamento

- Homens: 67% a 98% - disseram ter praticado sexo antes do casamento  
(variação: nível sócio-econômico)
- Mulheres: 50% - relataram ter praticado sexo antes do casamento

### Sexo extramarital

- Homens: 50 % - disseram ter praticado sexo fora do casamento
- Mulheres: 26% - relataram ter praticado sexo extramarital

### Masturbação

- Homens: 92 % - disseram que se masturbaram
- Mulheres: 62% - disseram que se masturbaram  
45% - com a masturbação alcançaram o orgasmo em 3 min.

### Técnicas masturbatórias

- Homens: - Kinsey não apresenta dados conclusivos
- Mulheres: 86% - manipulação clitoriana e labial  
20% - inserção vaginal  
11% - estimulação de pêlos  
10% - pressão de músculos (aperto)  
5% - tensão muscular (puxar)  
2% - fantasias  
11% - outras técnicas

### Fontes de orgasmo

- Homens: 68,2 % - masturbação  
13,1 % - emissões noturnas  
12,5 % - coito  
4,3 % - contatos homossexuais
- Mulheres: 40% - masturbação  
27% - coito  
24% - carícias premaritais  
5% - sonhos noturnos  
3% - contatos homossexuais  
1% - outras fontes

### Orgasmos múltiplos

- Homens: 15 a 20% dos homens na adolescência e até os 30 anos informaram ser capazes de orgasmos múltiplos. Após os 30 anos ocorre a perda desta capacidade.
- Mulheres: 14% das mulheres informaram ter obtido orgasmos múltiplos

### Sexo oral

- Homens: 10,0 % praticaram cunnilingus antes do matrimônio  
48,9 % praticaram cunnilingus no matrimônio
- Mulheres: 19,1 % praticaram fellatio antes do matrimônio  
45,5 % praticaram fellatio após matrimônio

### Sonhos sexuais

- Homens: quase 100 % afirmaram ter sonhos sexuais  
83% dos homens informam terem emissões noturnas com ou sem sonhos sexuais
- Mulheres: Até a idade de 45 anos, 37% das mulheres haviam experimentado um sonho sexual com orgasmo.

### Duração das preliminares

- Homens: 18,7 % - 3 a 7 minutos  
19,5 % - 8 a 12 minutos  
19,1 % - 13 a 17 minutos
- Mulheres: 20,7 % - 3 a 7 minutos  
21,2 % - 8 a 12 minutos  
13,8 % - 13 a 17 minutos

### Homossexualidade

- Homens: 37 % relataram ter tido alguma experiência homossexual  
10 % entre 16 e 55 anos são predominantemente homossexual.
- Mulheres: 13 % relataram ter experiências homossexuais

### Bissexualidade

- Homens: 45 % haviam tido práticas tanto homossexuais como heterossexuais ou reagido positivamente a pessoas de ambos os sexos.  
11,6 % dos homens de 20 a 35 anos se definem bissexuais
- Mulheres: 6 a 14% das mulheres, de 20 a 35 anos, tiveram alguma experiência homossexual.  
7% de solteiras e 4% de mulheres casadas com idade entre 20 a 35 anos se definem como bissexuais.
- Poucas mulheres relataram ter história unicamente homossexual.

### Iluminação no coito

- Homens: 40 % preferem ter atividades sexuais com alguma luz
- Mulheres: 19 % preferem ter atividades sexuais com alguma luz

### Outros

- Homens: 11 % relata ter praticado sexo anal dentro do matrimônio  
69 % tiveram pelo menos uma experiência com prostituta
- Mulheres: 10 % relataram nunca ter atingido orgasmo em suas relações maritais

Além destes resultados estatísticos, a equipe de Kinsey diz que, quando a resposta masculina está no auge, entre 13 e 19 anos, a maioria das mulheres está em sua menor resposta e quando as mulheres estão no auge, entre 30 e 40 anos, o homem está em declínio acentuado; acrescenta-se a isto o fato de

as práticas de excitação não serem necessariamente as mesmas entre homens e mulheres.

Em relação às mulheres, Kinsey é categórico: afirma ser uma impossibilidade física e fisiológica, para quase todas as mulheres, a tese psicanalítica de ser o estímulo e o orgasmo vaginal, fontes naturais e únicas de satisfação de uma mulher psiquicamente madura.

Uma elaboração de Kinsey e seus colaboradores, discutida nos dois relatórios e muito explorada para reflexões sobre a polaridade hetero/homo, é a escala de avaliação heterossexual-homossexual, escala H-H, composta a partir do comportamento, reações e fantasias, com variações de 0 à 6:

- Grau 0: exclusivamente heterossexual;
- Grau 1: predominantemente heterossexual, mas com experiências homossexuais esporádicas, quer de atos, emoções ou fantasias;
- Grau 2: predominantemente heterossexual, mas com considerável atividade homossexual;
- Grau 3: atividades homossexuais e heterossexuais mais ou menos equivalentes em frequência;
- Grau 4: predominantemente homossexual, mas considerável atividade heterossexual;
- Grau 5: predominantemente homossexual, mas com alguma atividade heterossexual esporádica;
- Grau 6: exclusivamente homossexual. (A posição de um indivíduo na escala, em geral, não é constante no tempo).

Esta escala, formulada através de dados estatísticos, mesmo que aberta à inúmeras análises, interpretada como um continuum, zona de indefinição, flexibilização da oposição homo-hetero, etc., diagramaticamente é apresentada como classificatória (ver anexo 5), mantendo portanto um esquema enquadrador.

#### 4.4. O que falaram sobre os relatórios Kinsey

Os trabalhos de Kinsey receberam críticas das mais diversas, pelos seus procedimentos metodológicos ou por suas conclusões, no meio científico acadêmico, dos profissionais clínicos e de instâncias religiosas. No meio médico, a crítica<sup>149</sup> mais enfática veio dos psicanalistas de modo geral e, em especial, do famoso psiquiatra Karl Menninger(1893-1990).

As oposições conservadoras vieram de várias correntes religiosas<sup>150</sup>, uma delas lideradas pelo reverendo Billy Graham<sup>151</sup>, mas o golpe fatal foi dado pelo Macarthismo<sup>152</sup>, com a acusação de comunista feita a Kinsey, o que levou a Fundação Rockefeller a suspender em 1954 (dois anos antes de sua morte) o financiamento de US\$ 100.000 ao ano, repassado desde 1942 ao Instituto Kinsey da Universidade de Indiana.

Ainda hoje, mais de 50 anos após os lançamentos dos relatórios Kinsey, ondas conservadoras não economizam críticas ferozes ao seu trabalho, acusando-o de acabar com o núcleo familiar ocidental.

A polêmica foi reacendida por conta do lançamento da cinebiografia<sup>153</sup>, “Kinsey”, em novembro de 2004 nos EUA. Lideram as críticas atuais grupos

<sup>149</sup> Fonte: New York Times, August 26,1956: “Dr Kinsey is dead; Sex Researcher, 62”. Disponível em <<http://www.writing.upenn.edu>> acessado e baixado em 24.11.2005.

<sup>150</sup> Fonte: Artigo de dezembro de 2004 “The Joy of Sexology “ de Christina Larson, editora-chefe do *The Washington Montly*. Disponível em <<http://www.washingtonmontly.com>> acessado e baixado em 28.11.06.

<sup>151</sup> William Franklin Graham, Jr (1918- ), conhecido como Billy Graham, é reverendo da Igreja Evangélica Luterana, e assessor religioso e conselheiro espiritual de George W. Bush (presidente dos EUA) ocupando este cargo toda vez que um republicano assume a presidência. É o pioneiro do tele-evangelismo, tendo um programa no ar desde o início da década de 50.

<sup>152</sup> O Macarthismo, movimento iniciado em 1951 pelo senador americano republicano Joseph McCarthy (1908-1957) prolongou-se até 1961.

<sup>153</sup> Como biografias de Kinsey podemos citar: Wardell B. Pomeroy: Dr. Kinsey e o Instituto para a pesquisa do sexo (1972), Cormelia V. Cristenson: *Kinsey: a biography* (1971); Jonathan Gathorne-Hardy: *Alfred Kinsey. Sex the measure of all things. A biography* (1998) James Howard Jones: *Kinsey: A public/private life* (1998). O livro de Thomas Coraghessan Boyle, *The Inner Circle* (2004), híbrido de ficção e fato, também trata da vida de Kinsey.



conservadores<sup>154</sup>, tais como o ONG Generation Life e a pesquisadora independente Dra. Judith Reismann, além de grupos religiosos<sup>155</sup>.

O etnólogo e psicanalista francês Georges Devereux (1908-1987) um dos principais fundadores da etnopsiquiatria<sup>156</sup>, em sua crítica à Kinsey ressalta os aspectos defeituosos e deformadores dos resultados:

Os dados fornecidos pelos informantes são utilizados quase sem levar em conta a modelagem cultural das respostas, das deformações inconscientes, dos esquecimentos (recalcamento) e das lembranças-tela; as auto-avaliações são, muitas vezes, tratadas como diagnósticos válidos. (...) Admite-se de bom grado que os relatórios Kinsey aliviaram provisoriamente de suas angústias e de seus sentimentos de culpa aqueles dentre seus leitores que se julgavam anormais por simples ignorância do fato de que a maioria de seus semelhantes se comportavam mais ou menos como eles. Essa constatação não é, porém, um resultado científico no sentido estrito. É simplesmente um dado relativo ao impacto sobre o público da tese implícita de Kinsey, segundo a qual a média estatística constitui necessariamente o "normal". **Erro desastroso, já que uma grande parte do comportamento sexual do homem, a julgar por algumas normas objetivamente válidas que possuímos, é manifestamente anormal.** (DEVEREUX apud ANATRELLA, 1992:81)<sup>157</sup>(grifos meus).

O psicanalista, psiquiatra social e padre Tony Anatrella<sup>158</sup>, autor de *O Sexo Esquecido*, muito embora reconheça a riqueza dos relatórios para ilustrar os fatos, as informações e a ampla gama de comportamento sexual do americano na primeira metade do século XX, recorre a Devereux para

<sup>154</sup> Fonte: Folha de São Paulo de 19.12.2004

<sup>155</sup> Fontes: [www.judithreismann.org](http://www.judithreismann.org), [www.theage.com.au](http://www.theage.com.au), [www.ifeminist.com](http://www.ifeminist.com).

<sup>156</sup> A etnopsiquiatria é uma prática terapêutica fundada por Georges Devereux, baseada na dupla compreensão de conceitos como psiquiatria (o normal e o patológico) e a etnologia (as categorias universais da cultura), utilizando-se também de conceitos como inconsciente étnico e desculturação.

<sup>157</sup> Anatrella retira esta citação do livro de Georges Devereux, *Etthnopsychanalyse complémentariste*, Paris, Flammarion, 1972, segundo nota.

<sup>158</sup> Anatrella é consultor especial do Vaticano e ficou conhecido no ano de 2005 por manifestar-se ostensivamente contra a homossexualidade: "A homossexualidade é uma forma de imaturidade profunda" (JBoonline em 30/11/2005). Outra frase sua: "A teoria do gênero causará mais estragos do que os provocados pela ideologia marxista" (notícias uol.com.br em 07.06.2005).

sustentar suas fortes críticas a Kinsey e a qualquer tipo de estudo semelhante, incluindo objeções metodológicas, psicológicas e até sociais.

De que nos serve saber como se passam as relações sexuais das pessoas, sua frequência, as posições ou os instrumentos utilizados, as imagens estimulantes, a mudança ou não de parceiros, os pontos físicos do prazer solitário ou a dois, se num estudo circunstanciado não se leva em conta o que já conhecemos histórica e psicologicamente sobre a sexualidade? **Para que acumular essas informações que não poderão sequer constituir um saber? Deseja-se realmente saber?** (...) A maioria das informações que recebemos das pessoas que aceitam dar o seu depoimento é mais um discurso sobre a sua sexualidade do que a própria realidade de sua experiência. **Elas não dizem a verdade, mas o que mais se aproxima de seu ideal e do que, a seu ver, convém dizer.**(...) **O método, bem como o conteúdo dos relatórios Kinsey são dos mais contestáveis..**(ANATRELLA, 1992:80-1)(grifos meus)

No campo da antropologia, Edgar Gregersen (1919-1991), autor de *Práticas Sexuais – A história da sexualidade humana*, aponta algumas críticas, mas destaca:

**Margareth Mead, por exemplo, foi extremamente crítica com o segundo volume**, e descreveu o primeiro como “puritano”. Mas, o que quer que isso signifique, não é nada comparado com o que Pomeroy chamou de sua **“chocante” proclamação de que a venda de O Comportamento Sexual da Mulher deveria ser restrita** porque “a súbita remoção de uma reticência previamente garantida deixou muitos jovens singularmente indefesos, justamente naquelas áreas onde seu desejo de conformação era protegido por uma falta de conhecimento da extensão da não conformidade”. Ela foi apoiada nesta opinião por um grupo virtualmente internacional de clérigos cristãos de várias denominações, bem como por alguns rabinos. (GREGERSEN, 1983:33) (grifos meus)

O Jornal *The New York Times* de 31 de março de 1948, na matéria intitulada *Speakears Assail Kinsey on Report*, reproduz alguns ataques ao primeiro relatório Kinsey, o masculino, publicado em janeiro de 1948. Na reportagem, Margareth Mead critica Kinsey por perpetuar a atitude puritana

prevalente na nação e por ter tematizado o sexo como um ato impessoal e sem-sentido:

Dr. [Margareth ] Mead criticized Dr. Kinsey for handling the subject of sex “as an impersonal, meaningless act”, and for perpetuating the puritan attitude prevalent in this nation. She called this attitude “extraordinarily destructive of interpsychic and interpersonal relationships...”(*THE NEY YORK TIMES*, March 31, 1948)

No outro lado do continente norte-americano, sem entrar em julgamentos de valor moral, Simone de Beauvoir, inclui no seu clássico livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949 na França, uma breve referência, embora isolada e pontual, aos resultados de Kinsey no tocante ao prazer feminino, especialmente o vaginal:

O prazer é então atingido por contrações da superfície interna da vagina; se terminam por um orgasmo preciso e definitivo, é ponto que se discute ainda. Os dados da anatomia são muito vagos. “A anatomia e a clínica provam abundantemente que a maior parte do interior da vagina não é inervada”, diz entre outros o relatório de Kinsey”. [...] Na obstante, está fora de dúvida que o prazer vaginal existe; e a masturbação vaginal – nas mulheres adultas – é mais comum do que diz Kinsey. (BEAUVOIR, 1980:110-1)

Numa linha dura de enfrentamento, o sociólogo norte-americano, de origem russa, Pitirim Sorokin (1889-1968), em 1954 escreve um artigo tornado livro em 1956, intitulado *The Americam Sex Revolution* (A Revolução Sexual Americana). Escrevendo no auge da guerra-fria, Sorokin, estudioso do fenômeno da mobilidade social fala em desintegração familiar, promiscuidade proliferante, crescente vício sexual, e uma invasão da temática sexual na pintura, na escultura, na música, na imprensa, na publicidade e no cinema, ocorrida na primeira metade do século XX. Descreve os efeitos da sexualização da cultura americana e do excesso sexual sobre os indivíduos e

os efeitos sociais e culturais da anarquia sexual, apontando o sexo como a causa da decadência das sociedades. Após um breve inventário das principais mudanças dos comportamentos sexuais, fornece uma proposta de uma nova ordem sexual, através da reconstrução do amor, do casamento e da família. O sociólogo Sorokin não poupa críticas à Antropologia, à Psicologia, à Psicanálise, e à própria Sociologia, pela obsessão sexual das temáticas das pesquisas. Suas acusações nominais, entretanto, são pouquíssimas, se restringindo a Freud e a Kinsey.

Esta popularidade extraordinária do freudismo é uma prova extremamente convincente da sexualização das disciplinas psico-sociais americanas. Não é fácil imaginar uma teoria mais degradante do que as fantasmagorias pan-sexuais de Freud, que dificilmente teriam qualquer possibilidade de aceitação séria entre supostos eruditos se a Psicologia, a Psiquiatria, a Sociologia, a Educação e a Antropologia não tivessem, de certo modo, sido infectados por uma crescente obsessão sexual. (SOROKIN, 1961:44)

Sua preocupação com o *homo sexualis*, repleto de libidos genitais, anais, orais e cutâneas, sem códigos morais e religiosos, é estendida ao que chamou de “ideologias sexológicas não-freudianas”, e a filosofias hedonistas. Sorokin inclui, neste grupo, as teorias documentadas com centenas de tabelas e diagramas científicos, referindo-se especificamente aos resultados de Kinsey.

**Em obras recentes, como os volumes do Dr. Kinsey, não é fornecida prova alguma da validade de suas estatísticas.** Os autores não submeteram seus entrevistados a um exame minucioso de qualquer espécie nem tampouco utilizaram uma amostra suficientemente ampla de pessoas para validar suas conclusões. À luz dos conhecimentos médicos atuais, suas afirmações, especialmente com relação a inofensividade do excesso, são falazes. A massa de provas existente indica claramente que a atividade sexual excessiva, especialmente quando é ilícita, tem efeitos pronunciadamente deletérios. (SOROKIN, 1961:58) (grifos meus)

A ativista feminista Betty Friedan, voraz denunciadora da falta de identidade feminina da mulher pós-guerra e de sua fixação doméstica/maternal, reserva o capítulo XI – “Em busca do sexo” do clássico *Feminine Mystique*, publicado em 1963, para destacar algumas conclusões dos relatórios Kinsey, principalmente os problemas sexuais das norte-americanas, sua frustrante incapacidade para o orgasmo, seu crescente apetite sexual em relação ao marido e suas fantasias sexuais. Em contrapartida, Friedan aponta que entre 1950 e 1960, os meios de comunicação, sejam revistas, filmes ou teatro, exploraram maciçamente detalhes do ato sexual, utilizando recursos com o intuito de escandalizar ou excitar.

Ao mesmo tempo, via-se a sexualidade humana reduzida aos seus mais estritos limites fisiológicos, paralelamente em inúmeros estudos sociológicos dos subúrbios e **nos relatórios Kinsey. Estes, publicados em 1948 e 1953, consideravam a sexualidade como um jogo em busca de status, onde o objetivo era o maior número possível de válvulas de escape – orgasmos** obtidos por meio de masturbação, ejaculação noturna durante o sono, relações com animais e em diversas posições com o sexo oposto, pré, extra, ou após o casamento. O que registraram os pesquisadores de Kinsey foi que tanto os romances, revistas, peças e novelas constituíam os sintomas da crescente despersonalização, imaturidade, ausência de alegria e de sentido em nosso excesso de preocupação sexual. (FRIEDAN, 1971, 226-7). (grifos meus)

Nesta passagem transparece uma certa ambigüidade da autora. Ao mesmo tempo em que critica Kinsey, Friedan também faz um reconhecimento aos seus registros, no sentido de que constata a crescente despersonalização do sexo, presente também em outros campos discursivos (como literatura, produções cinematográficas e teatrais).

Efetuando um salto temporal, em 1998, 50 anos após a publicação do Relatório Masculino, o historiador James Jones, após um trabalho de 25 anos,

publicou uma biografia sobre Kinsey; *A Public/Private Life*. Para Jones, apesar de alguns aspectos obscuros de sua vida, Kinsey foi:

Um pioneiro, um explorador que abriu trilhas depois seguidas por outros. Foi ele quem convenceu a maioria dos norte-americanos de que o comportamento sexual humano podia e deveria ser estudado cientificamente e, mais importante, que **os dados científicos deveriam ajudar a informar as pessoas para discutirem políticas sociais apropriadas.** (JONES apud SILVA, 1998;12). (grifos meus)

Jones por outro lado, questiona a isenção das pesquisas e afirma que Kinsey deixou os vieses pessoais influírem na sua atividade científica, referindo-se às suas múltiplas preferências sexuais, incluindo a homossexualidade, o voyeurismo, o exibicionismo e o sado-masoquismo. Fica-nos a dúvida se o biógrafo, nesta sua avaliação, não está refletindo o seu próprio moralismo ou o moralismo de parte da população norte-americana.

Ainda no campo da crítica, Jones levanta sérias restrições à maneira como Kinsey escolhia os participantes, no caso o fato de ter utilizado o método de amostragens não aleatórias, em outras palavras, ter utilizado pessoas dispostas a falar de sexo, enquanto a maioria não se permitia a falar do assunto. Kinsey defendeu obstinadamente que para o estudo da sexualidade humana o método de amostragens aleatórias não funciona, por isso ouviu simplesmente quem queria falar, o que inversamente pode e pôde levar a outro fator de comprometimento, a fragilidade da representatividade da amostragem: e os que não falaram? Esta controversa pergunta, objeto de dissenso, pode aceitar até uma única resposta simplória, pueril: por que falar? Porque queriam! E por que não falar? Porque não queriam! Mas o que está em jogo é o falar sobre sexo, o desejo de falar, o desejo de ouvir. Numa evocação à Foucault, a

prazerosa extorsão dissimulada no segredo sexual prazerosamente dito, mas não necessariamente feito.

Recentemente (2006), o sociólogo John Gagnon, publicou uma coletânea de ensaios intitulada *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*, juntando seus principais artigos desde 1970 sobre assuntos diversos, como sua teoria dos roteiros sexuais culturais (desenvolvida junto a William Simon), a homossexualidade masculina e feminina, e as pesquisas dos estudos sociais frente à emergência da AIDS. Em uma boa parte de seus ensaios elabora uma retrospectiva das principais pesquisas sobre as práticas sexuais, incluindo as de Kinsey e Masters & Johnson. Para Gagnon, os relatórios Kinsey foram como um espelho onde a sociedade norte-americana podia ver seu reflexo sexual, mesmo distorcido, mapeado por mudanças. Em um dos ensaios, *Reconsiderações: os relatórios Kinsey (1978)*, assim se manifesta:

Kinsey acreditava firmemente dispor do método correto, fosse em termos de amostragem, fosse em termos de entrevistas; e, usando o método correto, acreditava ter feito as perguntas certas à natureza. Como consequência, a natureza lhe dera as respostas certas. Tais respostas mostravam que os arranjos sociais concebidos pelos moralistas contrariavam a realidade da natureza sexual. **Kinsey concluiu que os valores culturais que se opunham às realidades biológicas eram erros sociais.** A disputa entre as exigências de uma cultura e as da natureza sexual imperiosa foi tão vívida nesse autor quanto fora em Freud – mas Kinsey tomou o partido da natureza. (GAGNON,2006:155). (grifos meus).

Contudo, Gagnon explica ser este reducionismo biológico de Kinsey, baseado em dados e índices, uma justificativa com finalidade ideológica e moral dos padrões de condutas reprovados socialmente. Afirma também que as reações às pesquisas foram variadas nos diferentes setores da sociedade e

na comunidade científica a maioria concentrou-se em duas categorias: de um lado nos defeitos de amostragem e nas generalizações; e de outro, na limitação da perspectiva física e fisiológica, despreocupando-se dos fatores psicológicos e sociológicos. Gagnon, não deixa, entretanto, de admitir ter sido o maior empreendimento sobre comportamento sexual de uma população humana.

Não se fez nenhum estudo detalhado do impacto das pesquisas de Kinsey e do alcance de suas conseqüências, mas há aspectos que podem ao menos ser considerados em caráter provisório. Logo depois da publicação do primeiro volume, houve uma reação intensa e nacional da mídia, mediante a qual **os “Relatórios Kinsey” tornaram-se os livros científicos mais conhecidos da época**. No estilo usual da mídia, os livros foram transformados em ícones. Resultados e idéias foram retirados do contexto do trabalho completo e receberam novos significados e uma nova força na imprensa nacional. **Os itens cruciais da mídia eram as percentagens e freqüências das próprias formas diferentes de atividade sexual [...]**. (GAGNON, 2006:93). (grifos meus).

É importante destacar desta passagem, primeiro a exploração do dispositivo sexual freqüencial pelos meios de comunicação e segundo, a ausência de estudos detalhados sobre o impacto das pesquisas de Kinsey, o que não significa obviamente, não ter tido nenhum tipo de trabalho a respeito. Ao contrário, o sociólogo Erdman Ballach Palmore, da *Duke University*, em um artigo de 1952, *Published Reactions to the Kinsey Report* apresentou um levantamento de reações favoráveis ou desfavoráveis ao relatório masculino:

Since the publishing of the so-called Kinsey Report in January, 1948, (31) a flood of articles, books and conferences have praised or condemned various aspects of the report. There have been 58 magazines articles, 19 newspapers articles, and 4 books published dealing with the Kinsey Report, plus 4 conferences which discussed the implications of the report. These make a total of 124 published reactions [...]. (PALMORE, 1952:165).



Neste campo de reações pós-Kinsey, encontramos também um livro editado por Donald Porter Geddes em 1954, *An Analysis of the kinsey Reports on Sexual Behavior in the Human Male and Female*, sintetizando alguns pensamentos críticos da época, através de dezesseis “autoridades” avaliadoras americanas, entre psiquiatras, sociólogos, antropólogos, educadores sexuais e professores universitários. Sem negarem o mérito do trabalho, a maioria das reações é contrária aos procedimentos metodológicos, às questões teóricas e aos desdobramentos morais, familiares e educacionais provocados pelos relatórios.

A despeito das críticas, sob determinado prisma elas apontam o quanto os discursos dos relatórios Kinsey mobilizaram, ao longo do século, a produção de novos discursos, pois de uma maneira ou outra, novos depósitos discursivos contribuíram para o espessamento de suas emergências.

Para exemplificar outros caminhos discursivos influenciados diretamente pelos relatórios, Hugh Hefner (1926- ) credita a Kinsey a idealização de sua revista *Playboy*, lançada em dezembro de 1953. Em uma entrevista<sup>159</sup> assim se manifestou sobre a revolução sexual dos anos 60:

Well I think that I was very influenced by the, I think to some extent the sexual revolution part two, that came after worl war two, began really for me with Kinsey, and the research that he did in the books the he published, which were very unpopular, **in particular the second book, was scandalous because it involved women**, but it made a tremendous impact for me. The first book came out when I was in university in Illinois and I wrote an editorial about it at the time, and then mentioned it, **mentioned the second book in my introduction to first issue of Playboy**. (HEFNER, 1999:03). (grifos meus)

<sup>159</sup> Fonte: disponível em <<http://gwu.edu/~nsarchiv/coldwar>> acessado e baixado em 28.11.2006. Endereço da George Washington University.

Para Hefner, criador da mais conhecida revista masculina do mundo (editada em 22 países), o relatório feminino scandalizou mais porque envolveu mulheres, mas por outro lado a sua revista também scandalizou pela forma como expôs a nudez da mulher, transformando-a em objeto. Neste sentido o feminismo passou a ser um de seus adversários e esta oposição pode ser ilustrada num episódio<sup>160</sup> ocorrido em 1963, quando a jornalista militante Glória Steinem (1934- ), se infiltrou disfarçadamente vestida de “coelhinha” (garçonete) no Hugh Hefner’ Play Boy Club sem ser reconhecida, vindo a escrever o artigo “Was a Playboy bunny?” denunciando as condições de exploração das moças.

Em dezembro de 1971, Gloria Steinem, juntamente com Forsling Harris e Patricia Carbine lançaram a revista feminista *Ms.*, abreviatura da contração de *miss* (senhorita, solteira) e *mistress/mrs.* (senhora, casada), editada até 1989, quando deixou de ser comercializada.

Verifica-se, portanto, nesta breve série de emergências discursivas, *Kinsey Reports* produzindo *Playboy*, *Playboy* produzindo *Ms.*, e outras cadeias derivativas (por exemplo *Playboy–Hustler*)<sup>161</sup>, a configuração depositária, geológica e arqueológica que Michel Foucault aponta, ressaltando terem os discursos característica multiplicadora e reconhecimento histórico acontecimental.

---

<sup>160</sup> Fontes: reportagem sobre os 80 anos de Hugh Hefner, na Revista Veja, edição de 16 de agosto de 2006; [www.britannica.com](http://www.britannica.com) e [www.hardwarestol.pro.br](http://www.hardwarestol.pro.br).

<sup>161</sup> A revista masculina *Hustler* foi fundada em julho de 1974, por Larry Flint, um empreendedor da indústria do sexo. A revista tem exibição de mulheres nuas em posições comparadas apenas às revistas de sexo explícito.

## CAPÍTULO 5 – OS RELATÓRIOS MASTERS & JOHNSON

A pesquisa do ginecologista William Howell Masters (1915-2001) e da psicóloga Virgínia Eshelman Johnson(1925- ) iniciou-se em 1954, na Universidade de Washington, ano seguinte à publicação do relatório *Sexual Behavior in the Humam Female*, com o objetivo de preencher, segundo suas palavras, uma lacuna específica deixada por Kinsey. Masters decidiu efetuar seus estudos por julgar o relatório de seu compatriota essencialmente sociológico, e por ter deixado em aberto importantes questões de natureza fisiológica. Não obstante, Masters & Johnson confirmaram muitas descobertas de Kinsey e acrescentaram outras, como a de que o tamanho do pênis não tem nenhuma relação com o desempenho sexual e a de que não existe orgasmo vaginal em oposição ao orgasmo clitoriano (divisão sustentada pela teoria psicanalítica).

Kinsey e colaboradores apresentaram uma compilação monumental de estatísticas contendo padrões de procedimento sexual nos Estados Unidos, de 1938 a 1952. Esses relatórios de práticas sexuais humanas, obtidos através de técnicas de interrogatório direto, oferecem uma base inestimável de informação sociológica. (...) **Embora o trabalho de Kinsey tenha se tornado um marco da pesquisa sociológica, não foi projetado para interpretar a resposta fisiológica ou psicológica ao estímulo sexual.** (MASTERS & JOHNSON, 1984: 03-4) (grifos meus).

O primeiro texto, *Human Sexual Response* (A Resposta Sexual Humana), publicado em 1966 nos EUA, foi o resultado de investigações laboratoriais das reações fisiológicas e anatômicas de 694 voluntários (312 homens e 382 mulheres), após o acompanhamento de 10 mil relações sexuais em 11 anos de estudo. O segundo relatório de Masters & Johnson, *Human*

*Sexual Inadequacy* (Inadequação Sexual Humana), foi resultado de trabalhos clínicos, tendo sido publicado em 1970, 11 anos após a criação (em 1959) de um programa de pesquisa clínica especializada no tratamento de disfunções sexuais, onde 790 pessoas foram atendidas pelos serviços terapêuticos dos autores.

Muito embora o segundo texto se baseie em trabalhos clínicos, o casal Masters & Johnson utilizou-se das descobertas dos estudos laboratoriais (publicados no primeiro texto) para os tratamentos psicoterapêuticos.

Em 1964, o casal fundou o Instituto Masters & Johnson, em St. Louis, Missouri, para atividades de pesquisas e terapêuticas, sendo este fechado em 1994<sup>162</sup>.

No Brasil, os volumes foram publicados pela editora Civilização Brasileira, ambos com títulos em tradução não correspondentes: o primeiro relatório, *A Conduta Sexual Humana*, em 1969 (três anos após a edição dos EUA); e o segundo, *A Incompetência Sexual*, em 1970. Mais tarde, a editora Roca reeditou-os com títulos corretos: *A Resposta Sexual Humana*, em 1984, e *A Inadequação Sexual Humana*, em 1985.

---

<sup>162</sup> William Masters se divorciou de Virginia Johnson em 1993, e se retirou para sua residência no Arizona em 1994, aos 78 anos, quando apresentava sinais iniciais da doença de Parkinson. A evolução da doença exigiu cuidados médicos nos anos que antecederam sua morte, aos 85 anos, em fevereiro de 2001. Fonte: disponível em <<http://obits.com/masterswilliamh.html>>, acessado e baixado em 09.01.2004.

## 5.1. A Resposta Sexual Humana (1966)

O primeiro livro de Masters&Johnson, *Human Sexual Response* (A Resposta Sexual Humana), foi publicado em 1966 após 11 anos de estudos laboratoriais centrados na fisiologia e anatomia da resposta sexual masculina e feminina. A publicação está formatada com o seguinte índice:

- PESQUISA SOBRE A RESPOSTA SEXUAL
  1. O Ciclo da Resposta Sexual
  2. A População Pesquisada
- A RESPOSTA SEXUAL FEMININA
  3. Resposta Extragenital Feminina
  4. Genitália Externa Feminina – Anatomia e Fisiologia
  5. O Clitóris
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. Considerações Clínicas
  6. A vagina
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. O Papel Funcional na Reprodução
    3. A vagina Como Órgão Reprodutor
  7. A vagina Artificial – Anatomia e Fisiologia
  8. O Útero – Considerações Fisiológicas e Clínicas
  9. O Orgasmo Feminino
  10. Gravidez e Resposta Sexual
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. Considerações clínicas
- A RESPOSTA SEXUAL MASCULINA
  11. Reações Extragenitais masculina
  12. O Pênis
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. Considerações Clínicas
  13. O Escroto e os Testículos – Anatomia e Fisiologia
  14. O Orgasmo Masculino (Ejaculação)
- RESPOSTA SEXUAL GERIÁTRICA
  15. A Mulher Idosa
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. Considerações Clínicas
  16. O Homem Idoso
    1. Anatomia e Fisiologia
    2. Considerações Clínicas
- GENERALIDADES NA RESPOSTA SEXUAL
  17. Similaridades na Resposta Fisiológica
  18. A Miotonia na Resposta Sexual
  19. Amostragem Específica de Casos de Sexualidade

No prefácio do livro, Masters & Johnson fazem reconhecimento a Kinsey, pela sua contribuição e esforço inacreditável em abrir as portas da objetividade investigadora na área da sexualidade. O texto, em linguagem médica, fisiológica e anatômica, está basicamente dividido em quatro capítulos: pesquisa sobre a resposta sexual, a resposta sexual feminina, a resposta sexual masculina e a resposta sexual geriátrica. Entretanto, seguramente estão dedicadas três vezes mais atenção para as descrições das reações femininas (114 pgs) do que das reações masculinas (40 pgs.). Todas as seções contam com razoável material ilustrativo com figuras de seios, genitália, pelves em corte nas diversas fases de resposta sexual, radiografias, gráficos, e medições eletrônicas de contrações orgásmicas (ver anexos 10, 11 e 12).

Para elaborar *A Resposta Sexual Humana*, Masters & Johnson recorreram a um conjunto de procedimentos para a coleta de seus dados: interrogatórios extensos para levantamento do perfil médico, social e psicosssexual dos sujeitos pesquisados, observações minuciosas diretas com uso de filmagens a cores, e estudos laboratoriais dos aspectos físicos e fisiológicos das relações sexuais. Foram utilizados também recursos como vagina artificial e pênis de plástico transparente, para observações de coitos artificiais através de técnicas radiofísicas, de iluminação e dispositivo fotográfico miniaturizado. Este aparato sofisticado de equipamentos tecnológicos indica uma ruptura nos procedimentos de investigação da sexualidade, pois a observação se torna biológica e micrométrica, na coleta de mínimos detalhes geradores de explicações causais. Em consonância à Foucault, pode-se dizer que as descobertas científicas e invenções

tecnológicas das décadas de 40 e 50, considerados fenômenos extradiscursivos, encontraram outro campo aplicativo, para justificarem o discurso da fisiologia sexual.

Numa primeira etapa do programa de sua pesquisa, Masters efetuou uma seleção inicial de indivíduos entre 118 prostitutas e 27 homens “prostituídos” (termo de Masters), que contaram suas histórias sociossexuais, ocupacionais e médicas. Deste grupo, 8 mulheres e 3 homens foram escolhidos para um estudo anatômico e fisiológico. Os critérios de seleção foram “inteligência não abaixo do normal, experiência variada na prostituição, capacidade efetiva de expressão oral e, por certo, um grau consistentemente alto de disponibilidade de cooperação” (MASTERS & JOHNSON, 1984:10). Muito embora este pequeno grupo tenha contribuído como matéria de estudo de laboratório, os resultados dos interrogatórios e experimentos com ele(a)s não foram incluídos na pesquisa definitiva. Para William Masters:

Dois fatores influíram para essa decisão: 1) As tendências migratórias dessa população desencorajaram o registro dos padrões individuais da resposta sexual durante longos períodos de tempo; 2) Os vários graus de patologia dos órgãos de reprodução, usualmente presentes em população deste tipo, impediram a possibilidade do estabelecimento de uma linha básica segura para o estudo da normalidade anatômica. (MASTERS & JOHNSON, 1984: 10).

Masters, então, redirecionou sua amostragem populacional, desta vez com a ajuda da psicóloga Virgínia Johnson. Decidiu buscar voluntários de origem social, intelectual e econômica selecionada (“relativamente

superiores”)<sup>163</sup>, de uma comunidade metropolitana, com chamamento público. Entretanto, no decorrer da pesquisa, outras fontes de recrutamento (universidades e ambulatorios) e formas de seleção foram se incorporando, tendo sido aceitos voluntários de todas as idades, de todas as camadas sociais e de qualquer nível educacional. Mesmo assim, houve o predomínio de pessoas com origem sócio-econômica e educacional mais elevado(a)s (Masters&Johnson,1984).

A população experimental foi sucessivamente sendo alterada, alguns conservados durante alguns anos como membros ativos do grupo, outros sendo substituídos. Uma das formas de avaliação sobre a permanência no grupo experimental, foram as reações à estimulação sexual efetiva dos candidatos voluntários e a verificação de alterações frente ao ambiente artificial de laboratório. Esta artificialidade foi uma preocupação constante de Masters & Johnson, pois mesmo com cuidados de presença discreta dos observadores, era um fator preponderante para as avaliações.

O grupo experimental potencial recebia exame físico e, após aprovação médica, era incluído no grupo de cooperação ativa do programa, sendo encaminhado aos alojamentos especiais, com garantia de anonimato. De um total de 1273 pré-entrevistados, foram selecionados para as observações laboratoriais, 276 pares legalmente casados, 106 mulheres solteiras e 36 homens solteiros (ou seja, 694 pessoas, sendo 382 mulheres e 312 homens) (ver anexo 13).

---

<sup>163</sup> Lembrando que os testes de inteligência sempre foram estudados e valorizados nos EUA, sendo outro exemplo discursivo da ênfase na mensuração psicométrica, classificatória, enquadradora e hierarquizante das pessoas, conforme discutido no capítulo 3, tópico 3.3.



Importante destacar que, apesar de ter um pequeno número de negros(as), os resultados da pesquisa são reconhecidos pelos próprios pesquisadores, como atribuídos à raça<sup>164</sup> branca, tal como a pesquisa de Kinsey.

Masters & Johnson, muito embora tenham feito interrogatórios, deixam bem claro, numa diferenciação metodológica em relação a Kinsey (e também mais tarde, em relação a Shere Hite), sua opção por utilizar observações diretas:

Finalmente, e possivelmente o mais importante, é a informação recolhida em 11 anos de trabalho direto com homens e mulheres a responderem à estimulação sexual efetiva. Dever-se-ia ter constantemente no espírito que o primeiro **interesse da pesquisa** concentrou-se quase que literalmente **sobre o que o homem e a mulher fazem** em resposta á estimulação sexual efetiva, e porque o fazem, **mais do que sobre o que as pessoas dizem que fazem, ou mesmo pensam** no que poderiam ser suas reações e suas experiências sexuais. (MASTERS & JOHNSON, 1984:18) (grifos meus).

Se por um lado, os procedimentos de observação foram considerados inovadores e ousados, por outro, críticas ou objeções poderiam ser levantadas sobre a pouca espontaneidade e artificialidade provavelmente presentes nas relações sexuais programadas.

---

<sup>164</sup> O termo “raça” foi o utilizado pelo casal Masters & Johnson. As discussões sobre raça, etnia e cor fazem parte de debates nas áreas da história, biologia, antropologia e sociologia, sempre atravessado pela polêmica sobre a determinação biológica(espécie genética), determinação cultural ou relação dialética entre ambas. Quanto aos relatórios, só a título de provocação reflexiva, levanto a hipótese se, por exemplo, os resultados sobre o tamanho do pênis, no padrão norte-americano, fossem distorcidos para não serem inferiorizados pelo padrão africano, em repouso e/ou ereção, mobilizando repercussões sociais (extra-discursivas). Neste sentido, busquei contribuições do psicanalista Contardo Calligaris, em artigo sobre *Raça e Sexualidade* publicado no caderno Mais-Folha de São Paulo (edição de 04.06.1995) onde comenta que após a tragédia da escravidão restou ao negro se tornar nos EUA, um fetiche sexual, ostentar uma virilidade de carne, ser uma encarnação do desejo. “Assim, através de uma galeria de estereótipos, o homem negro só pode insistentemente reafirmar sua virilidade desprezada socialmente pelo espetáculo de sua prestança física e sexual”.(CALLIGARIS, 1995:11). Prosseguindo sua análise, afirma que os brancos americanos passaram a representar, nas artes cênicas, no cinema e na fotografia, a imagem deste negro dotado de extrema potência sexual. Não é o caso aqui, de entrar em polêmicas acerca da confirmação de dados estatísticos sobre práticas sexuais, resistências físicas ou medidas corpóreas, apenas se lançam possibilidades de localização em outros discursos, as exclusões dos negros e das negras nas pesquisas, intencional ou não, indicar uma clara parcialidade dos resultados.

A descoberta clínica significativa de M&J, com aplicações atuais convalidadas por profissionais na área da psicoterapia sexual, foi o que eles denominaram a resposta sexual masculina e feminina (ver anexo 9), na forma de quatro fases sucessivas<sup>165</sup>: 1 – fase de excitação; 2 – fase platô; 3 – fase do orgasmo e 4 – fase final ou de resolução. Estas fases são expostas em diagramas e descritas em mínimos detalhes quanto às reações vasocongestivas, musculares, contráteis e eréticas em diversas partes do corpo da mulher (seios, uretra, bexiga, reto, pequenos lábios, grandes lábios, vagina, clitóris e útero) e do homem (peito, reto, pênis, escroto, testículos). Com referência ao orgasmo feminino, M&J se colocam da seguinte maneira:

Em nossa cultura, a obtenção do orgasmo pela mulher nunca atingiu a situação indiscutível de que goza a ejaculação masculina. **Enquanto o orgasmo masculino (ejaculação) tem o papel reprodutor a sustentar a sua aceitação perpétua, está ainda para ser formulada uma referência equivalente com respeito ao orgasmo feminino.**(...) Com a fisiologia orgásmica estabelecida, a mulher tem agora uma oportunidade inegável para desenvolver realisticamente os seus próprios níveis de resposta sexual. A disseminação deste ato capacita o homem para contribuir com a sua parte no desenvolvimento dessa idéia como suporte de uma relação efetiva, **no seio da unidade conjugal.**(MASTERS&JOHNSON, 1984:113).

O relatório aborda também as generalidades e similaridades existentes nas respostas masculinas e femininas aos estímulos sexuais, como o rubor sexual, a miotonia (tensão muscular), hiperventilação, taquicardia, pressão sangüínea, e reação perspiratória (reação sudorípara).

---

<sup>165</sup> A sugestão de um modelo de fases de resposta sexual não foi pioneirismo de Masters&Johnson. Wilhelm Reich, em *O Combate Sexual da Juventude*, original de 1932, e em *A Função do Orgasmo*, de 1942, apresenta uma descrição e um diagrama mostrando as fases típicas (5) do ato sexual, onde homem e mulher são orgasticamente potentes: I-fase de controle voluntário da excitação, II-fase de contrações involuntárias, III-súbita ascensão ao clímax, IV-orgasmo, V-queda brusca de excitação. (REICH, 1986 e 1995). M&J, entretanto, não fazem alusão direta à Reich, mas o relacionam nas referências bibliográficas.

Para finalizar, o capítulo sobre a resposta sexual geriátrica (acima de 50 anos), mantém a mesma sistemática de apresentação dos resultados das fases das reações anatômicas e fisiológicas, distinguindo-se porém as mulheres pela condições etárias de estarem na menopausa.

## **5.2. A Inadequação Sexual Humana (1970)**

O segundo livro de Masters&Johnson, *Human Sexual Inadequacy* (A Inadequação Sexual Humana), foi editado em 1970, após quatro anos da publicação de *Human Sexual Response*. A publicação apresenta 15 capítulos distribuídos de acordo com o seguinte índice:

- I. Conceitos de Terapia
- II. Formas de terapia
- III. Ejaculação Prematura
- IV. Incapacidade Ejaculatória
- V. Impotência primária
- VI. A impotência secundária
- VII. O tratamento da impotência
- VIII. Disfunção orgásmica
- IX. Vaginismo
- X. Dispareunia
- XI. Tratamento da disfunção orgásmica
- XII. A insuficiência sexual do homem idoso
- XIII. Insuficiência sexual da mulher idosa
- XIV. Estatística do programa
- XV. Fracassos no tratamento

O prefácio de *A Inadequação Sexual Humana* aponta este segundo texto como sendo a aplicação clínica das disciplinas científicas da anatomia e fisiologia humanas exploradas no primeiro livro, o pré-clínico *A Resposta Sexual Humana*. Os dois livros, portanto se complementam para a prevenção de “problemas de disfunção sexual”. O casal aponta para imprecisões no seu trabalho, merecedor de afeiçoamentos futuros:

Este texto clínico tem inúmeras deficiências em conceito e conteúdo – população estatisticamente limitada e, do ponto de vista da motivação, predisposta; trabalho imperfeito de acompanhamento subsequente dos paciente durante cinco anos; alterações não comprovadas dos conceitos básicos de psicoterapia; e incapacidade de descrever precisamente as sutilezas tão vitais para o rendimento eficaz do tratamento – são alguns dos exemplos. **Não há dúvida de que este relatório terá pouco valor, a menos que o conceito e o conteúdo sejam, no futuro, fortalecidos pelo êxito de grande número de equipes masculino-femininas em várias áreas geográficas do mundo inteiro.** (MASTERS&JOHNSON, 1976:xiii) (grifos meus)

Fica evidente desta maneira, o caráter propositivo de M&J para o tratamento, com suas formulações psicoterapêuticas submetidas a avaliações confirmatórias posteriores por parte dos profissionais clínicos, especialmente os terapeutas sexuais e sexólogos.

O tratamento era realizado segundo um rigoroso programa. No início, unidades conjugais dedicavam três semanas ao programa terapêutico, com isolamento social e exposição, diária e intensa, a questões sexuais, com a realização de conferências, entrevistas, conversas, consultas, sessões, interrogatórios, avaliações de diagnóstico e prognóstico, anamneses (histórico da queixa), etc. Após o término desta fase de tratamento rápido e crítico do programa, iniciava-se um acompanhamento quinquenal.

Foram constituídas, para os tratamentos, 510 unidades conjugais (287 unidades com queixa unilateral e 223 unidades com queixas bilaterais) e 57 unidades simples (54 homens e 3 mulheres) com encaminhamentos dos pacientes promovidos por “autoridades”, consideradas estas, as funções de médico, psicólogo, assistente social e teólogo. Foram tratados 790 indivíduos

no período de controle de 11 anos, e destes, 73 % tinham curso superior completo ou incompleto.

Uma das premissas básicas desenvolvidas ao longo do texto é: “embora tanto o marido quanto a mulher, num casamento onde há disfunção sexual, devam ser tratados, a relação conjugal entre eles é que é o paciente” (MASTERS&JOHNSON, 1976:06). Ou seja, o problema é da unidade conjugal, do casal, e não um problema individual, pessoal, de um dos cônjuges.

A abordagem terapêutica da *Reproductive Biology Research Foundation*, antecessor do Instituto Masters & Johnson, tem algumas peculiaridades para a investigação clínica da insuficiência sexual, como, por exemplo, o método de co-terapia. Nele é formada uma equipe masculina-feminina de terapeuta, cada um encarregado de procedimentos e responsabilidades avaliatórios, interpretativos e representativos para o membro do sexo masculino ou feminino da unidade conjugal. Este recurso é assim justificado por M&J:

O papel de intérprete não constitui a contribuição total que um coterapeuta proporciona ao aceitar a principal responsabilidade de representação ligada ao sexo. O coterapeuta masculino pode oferecer à mulher da unidade conjugal atribulada muita informação relativa à função sexual do homem; e, o que é igualmente importante, o material de orientação feminina é melhor expressado ao marido pelo coterapeuta feminino. (...) Uma equipe masculina-feminina evita a desvantagem terapêutica potencial de se interpretar queixas do paciente baseadas em prevenção masculina e feminina. (MASTERS&JOHNSON, 1976:08)

Pode-se sintetizar a proposta de intervenção do casal M&J como biológica, educacional e behaviorista, buscando na anamnese psicossocial as informações necessárias para os procedimentos terapêuticos. O interrogatório estandarizado é estratégia fundamental para o processo de

verificação das atitudes, sentimentos, valores, expectativas e experiências do sistema sexual. Sempre lembrando a diretriz de o foco da terapia ser o casal, a unidade conjugal, M&J não desprezaram a variável cultura:

O mais desastroso falso conceito que nossa cultura deu à função sexual é a suposição, por parte de homens e mulheres, de que os homens, por orientação divina e por instinto infalível, são capazes de discernir exatamente o que uma mulher deseja sexualmente, e quando o deseja. (...) O segundo engano sexual freqüentemente encontrado, sendo por conseguinte um repressivo constante à **expressão sexual eficaz**, é a suposição, também por parte dos homens e mulheres, de que a perícia sexual é da responsabilidade do homem. Na verdade, mulher alguma pode saber a que tipo de prazer sexual ela reagirá em qualquer oportunidade determinada, até que confrontada com a ausência de um fator estimulativo particularmente desejado. (MASTERS&JOHNSON, 1976:87).  
(grifos meus)

Um outro recurso utilizado na terapêutica, bastante polêmico, é o uso de parceira(o) substituta(o) e parceira sub-rogada. Esta cooperação era sugerida preferencialmente, mas não unicamente, para homens solteiros encaminhados com disfunção sexuais. A(o) parceira(o) substituta(o) era escolhida(o) pelo paciente, trazido pelo homem ou mulher para a educação do problema de terapia clínica; a parceira sub-rogada é indicada pelos co-terapeutas, diante de não se dispôr de uma mulher escolhida pelo próprio paciente homem. M&J manifestam serem contrários à escolha de parceiro sub-rogado para a mulher sexualmente insuficiente, justificando a aparente aplicação de um duplo padrão de tratamento clínico da seguinte forma:

**Para a mulher com disfunção sexual, a segurança de uma relação criada entre o homem e mulher, identificação real com o parceiro masculino e expressão de reação emocional mútuas são de interesse vital** – primeiro, para garantir um sistema de valor sexual positivamente orientado e segundo, **na promoção de funcionamento sexual eficaz.**

Essas seguranças sociais e sexuais não podem ser criadas no curto período de tempo disponível durante a fase crítica do programa terapêutico. Por essas razões, o uso de parceiro subrogado do sexo masculino, no tratamento de mulheres solteiras com disfunção sexual, foi considerado contra-indicado. (MASTERS&JOHNSON, 1976:154) (grifos meus)

Esta não é única passagem onde o casal M&J indica a existência de um duplo essencialismo biológico: de um lado uma certa naturalização da sexualidade do homem e de outro, a emotividade feminina. Neste mesmo pensar, se em alguns trechos valoriza-se o clímax orgásmico da mulher, em outros detecta-se uma visão de mulher submissa, subserviente e passiva em relação aos interesses e problemas sexuais masculinos<sup>166</sup>, como neste longo trecho do segundo relatório:

Naturalmente, a maioria das esposas não sonharia em debater publicamente a insuficiência sexual dos seus casamentos. Por inúmeras razões, **preferem manter-se caladas. Talvez sintam que a disfunção do marido tem origem na sua própria falta de atrativo físico**, ou pelo menos seja por ela aumentada, ou que elas forcem essa insuficiência **pela própria falta de competência na função sexual**. A maioria das mulheres se identifica de todo com a insuficiência sexual do marido, e sofre com isso. **Elas sentem ternura e simpatia pelo seu evidente fracasso no leito conjugal**. Então, por inúmeras razões, a maioria das mulheres não sonharia em discutir a disfunção sexual do marido, ainda que com sua amiga mais íntima. Mas a maioria das mulheres, quer acusem publicamente ou suportem em silêncio, não compreende até onde influenciaram diretamente a insuficiência sexual do marido. (MASTERS&JOHNSON, 1976:197) (grifos meus)

Pode-se confirmar ainda, através desta passagem, a defesa do casal Masters&Johnson em prol do casamento monogâmico e a insistência na manutenção secreta das frustrações sexuais, posteriormente submetidas à

---

<sup>166</sup> Inclui-se nestas disfunções sexuais masculinos: a impotência primária definida como aquela que ocorre quando o homem não é capaz de obter/conservar uma ereção de qualidade para levar a cabo uma conexão de coito; impotência secundária como aquela ereção dissipada sem a reação ejaculatória associada. A ejaculação prematura e a incapacidade ejaculatória são também disfunções sexuais.

reversão terapêutica proposta por eles. A cumplicidade da mulher em relação ao problema sexual do marido será a chave para atribuição da disfunção sexual ao casal, como unidade conjugal.

No capítulo destinado à Disfunção Orgásmica são abordadas questões conceituais, científicas e influências dominantes inibitórias, mas M&J apontam a presença de grandes obstáculos sobre o tópico pela tendência cultural de restringir a compreensão definitiva da função sexual feminina. A disfunção orgásmica da mulher está subdividida em dois tipos: a disfunção orgásmica primária é caracterizada por uma carência de consecução orgásmica durante toda a existência e a circunstancial, no caso de a mulher ter experimentado o orgasmo pelo menos uma vez, independente de ser induzido por manipulação própria ou do cônjuge (Masters&Johnson,1976). Apesar de neste contexto, identificarem a natureza da reação sexual feminina ser alvo de inúmeras interpretações, M&J alegam por outro lado, que 95% destes estudos foram elaborados por homens, levando a tendenciosidades, defensivas e preconceitos masculinos.

É necessário um estudo separado da sexualidade feminina, primeiro porque o papel atribuído à componente funcional da identidade sexual da mulher raramente recebe o valor socialmente posto em vigor e concedido à sexualidade masculina. Embora o paralelo entre os sexos quanto à função fisiológica tenha obtido aceitação geral, o conceito de que o homem e a mulher também podem compartilhar de necessidades psicossociais quase idênticas para a função sexual efetiva provoca o protesto esperado. (MASTERS&JOHNSON,1976:216)

Na exposição do relatório, a forma como são apresentados os casos que sofreram tratamento incluem uma breve descrição de alguns problemas e suas



soluções, figuras ilustrativas de anatomia ou de posições sexuais e tabelas com os dados estatísticos.

Como registro significativo, os resultados apresentados a seguir são referentes ao índice de fracasso no tratamento da queixa, ou seja, em leitura inversa, o casal Masters & Johnson relata o potencial de sucesso de seus procedimentos terapêuticos nas unidades conjugais, após submetidas ao tratamento:

- 40,6% dos homens mantiveram impotência primária;
- 26% dos homens mantiveram impotência secundária;
- 2,7% dos homens mantiveram ejaculação prematura;
- 17,6% dos homens mantiveram incapacidade orgásmica;
- 16,6% das mulheres mantiveram disfunção orgásmica primária;
- 22,8% das mulheres mantiveram disfunção orgásmica circunstancial;
- 9,1% das mulheres mantiveram insuficiência orgásmica masturbatória;
- 19,9% das mulheres mantiveram insuficiência orgásmica no coito;
- 37,5% das mulheres mantiveram insuficiência fortuita;
- 30,3% de homens e mulheres idosos<sup>167</sup> permaneceram com suas disfunções sexuais.

No capítulo final do seu relatório, M&J fornecem a estatística do programa das suas 510 unidades conjugais e 57 unidades simples que compuseram o segmento de pesquisa clínica, representando, segundo suas palavras, uma população altamente seletiva. Mesmo estando inclusos neste grupo os resultados do acompanhamento subsequente quinquenal entre 1959

e 1964, é fornecido um sumário (ver anexo 14) do índice de fracassos com as 790 unidades conjugais originais de cobertura total do programa de 11 anos de experiência.

Contudo, vale dizer, para M&J “esse relatório é apenas um resultado objetivo sugerido, e não um resultado objetivo estatisticamente seguro” (Masters&Johnson, 1976:380). Suas considerações sobre as estatísticas específicas foram fatores de avaliação baseados apenas do ponto de vista de índices de fracassos no tratamento da disfunção sexual.

As reivindicações de **confiança estatística** no tratamento psicoterapêutico bem sucedido não podem ser feitas, e não deveriam sê-lo, sem equívocos. Pois quem está qualificado para definir com certeza o êxito clínico de qualquer empreendimento psicoterapêutico? Os terapeutas? Eles têm, inevitavelmente, preconceitos positivos. O paciente? Este tem preconceitos positivos ou negativos. O estatístico? Excesso de variáveis. (...) Com a avaliação dos critérios subjetivos apresentados nos termos mais estritos como índice de fracasso, **esse padrão pode, certamente, ser aplicado irrestritamente a programas como os representados neste relatório**. Se os índices de fracasso dessa pesquisa clínica não podem, no futuro ser reduzidos por outros programas de pesquisa objetivamente controlados, então haverá pouca evidência de progresso clínico ininterrupto no tratamento da insuficiência humana **pelas profissões médica e/ou behaviorista**. (MASTERS&JOHNSON, 1976:364).

Detecta-se nesta passagem do relatório M&J, uma preocupação com a confiança estatística, considerando a estatística do fracasso como um elemento reprodutivamente positivo. O enfoque neste sentido não é de interação entre variáveis, mas os esforços de pesquisas futuras serem para igualar ou melhorar os índices estatísticos de qualquer programa clínico similar.

---

<sup>167</sup> Masters&Johnson consideram idoso o homem ou mulher com idade acima de 50 anos.

Como último registro, nos cinco primeiros anos do programa, de 1959 a 1964, nenhum paciente pagou pelo tratamento clínico, entretanto, nos seis anos seguintes, instituiu-se uma cobrança percentual do tratamento. Como foi salientado anteriormente, Masters & Johnson afirmam que o segmento da pesquisa clínica representa uma população altamente seletiva.

Existem outros fatores sociológicos que influenciam a **nítida seletividade do encaminhamento de pacientes**. A queixa específica de disfunção sexual raramente aparece, em qualquer centro de tratamento à disposição, de pacientes de renda baixa ou de camada social inferior. Se existe número infinitamente menor de disfunção sexual nesse nível social, como outros têm sugerido, ou se ainda existe, nesse nível social, **uma hesitação masculina ou mesmo rejeição de oportunidade para buscar alívio de disfunção sexual ou permitir que seu cônjuge feminino tenha esse alívio**, ainda não ficou estabelecido. (MASTERS & JOHNSON, 1976:368-9).  
(grifos meus)

Nesta citação M&J deixam em aberto um grande flanco de vulnerabilidade de sua pesquisa, pois embora admitam a alta seletividade de sua população, pretensiosamente inferem que a queixa específica de disfunção sexual raramente acontece em camadas de baixa renda e vão além, apresentando hipóteses não confirmadas como, por exemplo, caso ocorra, seja devido à rejeição do homem em procurar ajuda psicoterapêutica para sua disfunção. Alia-se como outra hipótese, a rejeição do marido em permitir à esposa procurar alívio ou ajuda, situação de subordinação que as feministas irão incluir nas suas reivindicações pelos direitos das mulheres.

### 5.3. O que falaram sobre os relatórios Masters & Johnson

O médico William Masters e a psicóloga Virginia Johnson, talvez por suas origens de formação, pelos espaços prestigiados de onde falaram, o momento histórico (final dos anos 60) ou porque cercaram seus estudos de experimentação laboratorial científica, não foram tão atacados quanto seu antecessor (Kinsey) e a sua sucessora (Hite).

Nas referências encontradas sobre a produção de M&J, as maiores críticas foram ao caráter tipicamente técnico de suas conclusões, a uma sobrevalorização do orgasmo, e à promoção pessoal de um tratamento modelar das disfunções sexuais.

O historiador Gerard Vincent, no capítulo “O corpo e o enigma sexual”, em *História da Vida Privada – Da primeira Guerra a nossos dias – Vol 5*, da coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby, apresenta uma síntese da busca do entendimento sexual durante o século XX, focando na caçada ao orgasmo uma das práticas dos sexologistas. Para Vincent foi depois da Segunda Guerra que a sexologia se tornou um ramo legítimo das ciências humanas, mas as mudanças ocorridas partiram da mulher:

**O que é historicamente novo é o discurso feminino que expressa sua sexualidade e manifesta suas reclamações. Masters & Johnson nos relatam** que, nos anos 50, seus pacientes eram homens preocupados com seus fracassos: impotência, ejaculação precoce, etc. A partir dos anos 60, **um número crescente de mulheres passou a consultá-los pela dificuldade ou incapacidade de atingir o orgasmo**. A partir dos anos 70, ainda segundo os mesmos autores, surge uma nova ansiedade que eles definem como “a de não ter a possibilidade fisiológica da eficácia”, o que significa que, resolvidos os problemas psíquicos, resta o das capacidades sexuais muito desiguais entre os indivíduos. **O casal, agora, deve se estruturar em torno da harmonia sexual.** (VINCENT, 1992:352). (grifos meus).

Numa linha de pensamento mais crítica, André Béjin, em dois artigos, “Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos” e “O poder dos sexólogos e a democracia sexual”, ambos publicados no livro *Sexualidades Ocidentais*, discorre sobre um crescente processo de racionalização da sexualidade no século XX, em que a sexologia tenderá a ser somente uma “orgasmologia” e as terapias de sexualidade, “orgasmoterapias”. Segundo ele, põem-se de lado os “desvios” e as “aberrações” e coloca-se no centro outra norma, a norma do orgasmo ideal, a injunção da produtividade orgásmica e a regra da reciprocidade do gozo. O alvo do sexólogo, o orgasmólogo, é a disfunção. Para Béjin, as terapias de Masters & Johnson constituem o paradigma das orgasmoterapias, baseadas numa concepção nitidamente behaviorista de disfunção sexual, resultante de aprendizagens inadequadas.

[...] o orgasmólogo aparece como um *programador*. E isso em dois planos. **No plano ético: ele coloca e define uma norma simples, o imperativo orgásmico (não mais o direito ao orgasmo, mas o dever do orgasmo)**, e as condições para a aplicação desta norma, que constituem no respeito dos princípios da “democracia sexual” (contrato sexual, o toma lá-dá cá do gozo...) No plano *técnico*: ele ensina a seus pacientes a *autodisciplina orgásmica* (por exemplo, a melhor técnica tátil para se chegar a esse objetivo supremo, o orgasmo simultâneo), que deverá ser posta à prova dentro do quadro de um regime – explicam Masters e Johnson – de “liberdade vigiada”. O estabelecimento de um tal controle com finalidade pedagógica favorece um aprofundamento do domínio pedagógico. (BÉJIN, 1987a:231). (grifos meus)

Numa análise crítica semelhante, fazendo inclusive referências a Béjin, o sociólogo Michel Bozon atribui a Masters & Johnson o estabelecimento de uma sexologia terapêutica destinada a casais que tenham assimilado *scripts*

*sexuais* inadequados, fazendo com o uso desta terminologia, uma alusão à teoria dos scripts sexuais de John Gagnon e William Simon.

[...] o médico William Masters e a psicóloga Virgínia Johnson fundaram, nos anos 60, uma sexologia terapêutica que teria inúmeros adeptos, propondo uma norma mais restritiva para a seleção sexual, sem qualquer referência à reprodução. A sua originalidade foi terem-se fundamentado, inicialmente, em uma observação em laboratório das reações fisiológicas de parceiros durante relações heterossexuais capazes de levar ao orgasmo. **Sua descrição dos estágios de uma relação sexual (excitação, platô, orgasmo e resolução) tornou-se clássica e estabeleceu uma norma de funcionamento sexual**, fundamento da união do casal: para Masters e Johnson, a união através do prazer (*pleasure bond*) é a própria base do casamento. (BOZON, 2004:52) (grifos meus)

Para Bozon, se as terapias inspiradas em Masters & Johnson de um lado proporcionaram um fortalecimento do conceito de disfunção sexual, por outro fizeram surgir outro tipo de intervenção, o medicamentoso. A gradativa medicalização da sexualidade e a patologização dos distúrbios, redefiniram os conceitos e neste sentido a disfunção erétil passa a receber tratamento farmacológico oral. Segundo o autor, a comercialização do Viagra, a partir de 1998 coloca a ereção no centro da relação sexual e assim a demanda pelo produto “cria” a disfunção.

Os escritores Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut de *A Nova Desordem Amorosa* fazem coro aos críticos de Masters & Johnson por estes terem elaborado um texto técnico, com uma função técnica de avaliar o orgasmo funcional da mulher.

“Quais os meios objetivos através dos quais avaliar o gozo de um parceiro?” Sem mal-entendidos: do parceiro feminino (uma vez que o sêmen masculino é um índice sem ambigüidades). Em outras palavras: como não ser enganado pela mulher, como saber se ela não está simulando, imitando um processo que não está sentindo nem de longe? Velho, antiquíssimo desejo de clareza, de legitimidade sem lacunas. (Sabe-se que

toda a sexologia atual, e especialmente os trabalhos de Masters e Johnson, não têm outra finalidade além de satisfazer essa louca vontade de transparência.)(BRUCKNER & FINKIELKRAUT, 1981:132).

O historiador Paul Robinson, em *A modernização do sexo: ensaios sobre Ellis, Kinsey, Masters & Johnson*, publicado em 1976, faz uma análise balanceada, entre méritos e deméritos, destes três autores da sexualidade moderna, integrantes influentes de uma nova história intelectual depois de Freud: a história dos sexologistas. Em relação aos estudos de Masters & Johnson, Robinson descreve-os como totalmente de orientação matrimonial, biologicamente funcional e defensores do casal e casamento monogâmico. Acusa a população pesquisada de irrepresentativa na composição social, distribuição etária e nas tendências sexuais. Por outro lado, elogia M&J por terem tomado posições genuinamente progressistas com relação às mulheres, à masturbação feminina e à velhice. Segundo o historiador:

As feministas acolheram Masters & Johnson com o mesmo entusiasmo com que os homossexuais o fizeram com Kinsey. Seu entusiasmo não foi imerecido. *Human sexual response* e, até certo ponto, *Human sexual inadequacy* **contribuíram para acelerar a causa dos direitos sexuais das mulheres** mais do que outra obra escrita no último quarto do século. (...) Uma das indicações mais importantes do feminismo de Masters & Johnson é a **sua recusa em tratar a sexualidade feminina simplesmente como um reflexo da sexualidade masculina**. (ROBINSON, 1977:178). (grifos meus)

Pode-se extrair deste recorte, um exemplo confirmatório das relações de exterioridade entre os discursos e as práticas extradiscursivas. Discursos mobilizando movimentos, contra-movimentos e contra-discursos. Nestes domínios sem limites rígidos busca-se descrever algumas transformações das relações entre o masculino e o feminino num corte compreendido entre as décadas de 40 e 70.

## CAPÍTULO 6 – OS RELATÓRIOS HITE

Shere Hite (1942- ) se formou em História Americana e Ideologia das Ciências na Flórida e fez doutorado em História na Universidade de Columbia. É autora de diversos livros<sup>168</sup> sobre a mulher e foi fortemente influenciada pela 2ª onda do movimento feminista na década de 60 e 70. Atuou, entre 1972 e 1978, como Diretora do Projeto Feminista de Sexualidade da *National Organization for Women* (NOW), organização<sup>169</sup> ativista feminista fundada em 1966 com a finalidade de agir pela igualdade de todas as mulheres e pela eliminação da discriminação no trabalho, na escola, no sistema judiciário e outros setores da sociedade, além de lutar pelos direitos reprodutivos das mulheres e contra quaisquer formas de violência. Neste contexto histórico, especialmente o norte americano, que se situa a emergência de seus relatórios, pouco tempo posterior às produções clássicas de Betty Friedan (1921-2006) - *Mística Feminina* em 1963 , Shulamith Firestone (1945- ) - *A Dialética do Sexo* em 1970, Germaine Greer (1939- ) - *A Mulher Eunuco* em 1970, Juliet Mitchell (1940- ) - *Psicanálise e Feminismo* em 1974, e Kate Millet(1934- ) - *Políticas Sexuais* em 1970, com suas forças contestatórias, sociais e políticas.

---

<sup>168</sup> Alguns títulos em português: *Mocinhos, bandidos e outros amantes* (1989); *Mulheres e Amor: O novo Relatório Hite* (1992); *Relatório Hite sobre a Família* (1994); *Sexo e Negócios* (2001) e *Orgulho de ser mulher* (2004).

<sup>169</sup> A NOW, National Organization for Women, teve Betty Friedan como uma de suas fundadoras, ocupante da primeira presidência entre 1966 e 1970. (Fonte: [www.now.org](http://www.now.org)).



Hite organizou as respostas de mulheres com idade entre 14 e 78 anos para lançar o *The Hite Report (Relatório Hite sobre a Sexualidade Feminina)* em 1976 nos EUA. O relatório foi traduzido e lançado em dezessete países, tendo sido censurado em alguns, inclusive proibido<sup>170</sup> no Brasil até 1978. Segundo a autora, de um total de quase 100.000 (cem mil) formulários distribuídos, 3.019 (três mil e dezenove) foram devolvidos. Para editar o *The Hite Report on male sexuality (Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina)*, em 1981 nos EUA, dispôs de respostas de homens com idade entre 13 e 97 anos. Neste caso, o livro teve edição no Brasil, no ano seguinte, 1982 (período, portanto, de abertura política). Segundo Hite, de um total de 119.000 (cento e dezenove mil) foram devolvidos 7.239 formulários.

Para o *Relatório Hite sobre a Sexualidade Feminina*, foram feitas quatro distribuições de questionários com quatro versões ligeiramente diferenciadas, aplicadas em grupos heterogêneos, o que já remeteu a críticas metodológicas sobre a coleta de dados.

O questionário I, com 63 perguntas abertas, lançado em setembro 1972, foi respondido por leitoras das revistas *Oui* e *The Village Voice* e por distribuição geral feita pelo movimento feminista americano.

O questionário II, com 57 perguntas, lançado em janeiro de 1973, apresentou respostas das leitoras das revistas *Mademoiselle*, *Brides* e *Ms*<sup>171</sup>,

---

<sup>170</sup> Neste sentido nos informa Cynara Menezes, em artigo publicado na Folha de São Paulo, de 19/05/01: “Em 1977, quando Shere Hite esteve no Brasil, o governo militar invadiu a sessão de autógrafos, no Rio e recolheu todos os exemplares do Relatório Hite feminino”.

<sup>171</sup> Foi lançado em 2005, pela editora Barracuda, o livro *Ms Magazine e a promessa do feminismo popular* da pesquisadora Amy Farrel, trazendo a história da combativa revista feminista fundada por Glória Steinem em 1972, com a proposta de ser um fórum aberto para as mulheres. Deixou de ser comercializada em 1989. Fonte: Revista Istoé – 09/02/2005.

além das respostas provenientes da distribuição do movimento feminista e de boletins de igrejas.

O questionário III, com 53 perguntas, lançado em junho de 1973, obteve respostas tanto pela distribuição do movimento feminista quanto dos boletins de igreja, não tendo contribuições de revistas.

E por último, o questionário IV, com 58 perguntas, lançado em março de 1974, foi distribuído quando a tabulação dos resultados dos três primeiros já estava sendo realizada. Por conta disso, Hite publicou o livro brochura *Sexual Honesty By Women For Women*, em 1974, fornecendo unicamente algumas das respostas dos três primeiros questionários, um trabalho pioneiro<sup>172</sup> e provisório anterior ao relatório final. O projeto, ao contrário de Kinsey e Masters & Johnson não obteve nenhuma subvenção financeira de entidades, tendo apenas apoios pessoais e adiantamentos editoriais.

O *Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina* seguiu o mesmo sistema de pesquisa do relatório feminino, ou seja, respostas para longos (mais longos ainda) questionários abertos, nos termos da autora, do tipo ensaístico. Iniciado em 1974, após sete anos de trabalho (sendo cinco anos de distribuição encerradas em 1979), foi editado em 1981 nos EUA.

Foram feitas quatro distribuições, também em quatro versões (1974, 1975, 1977 e 1978), com 168 perguntas abertas no último questionário, resultando um volume de 1.305 páginas (o relatório feminino tem 456 páginas).

A primeira versão do questionário (1974) foi distribuída antes da publicação do relatório feminino, e tinha o objetivo, segundo Hite, de efetuar

uma sondagem inicial, o que ocasionou a elaboração de uma segunda versão distribuída em 1975, esta sim, com distribuição maciça para homens de todo o país, de todas as idades, de todas as classes sociais, em clubes masculinos, associações de profissionais, agremiações esportivas e organizações eclesiais. Também foram feitas distribuições através da revista *Sexology*. Uma terceira versão (1977) foi adaptada e intensificadamente distribuída após a publicação do relatório feminino, sendo também encartado na revista masculina *Penthouse*. Entretanto, para Hite, houve necessidade de uma quarta reformulação com o intuito de atender certos grupos não privilegiados nas versões anteriores, como grupos raciais e étnicos, grupos de homens com mais de 65 anos e grupo de “inválidos” (termo utilizado por Hite).

No prefácio da edição brasileira, Shere Hite destaca o caráter de anonimato do seu questionário:

Preferiu-se o questionário escrito à entrevista pessoal, uma vez que para preservar a total honestidade das respostas era necessário que os homens que respondessem a ele tivessem a proteção do anonimato total. Foi por isso que se lhes pediu que não assinassem as respostas, e que as devolvessem pelo correio. (HITE, 1982: 08).

Ainda assim, segundo Hite, houve mulheres e homens que fizeram questão de assinar o questionário, fazendo de seu depoimento uma afirmação de identidade e o anonimato, irrelevante para a oportunidade de exposição de suas práticas sexuais, sem medos de sanções ou julgamentos.

Hite procurou no relatório masculino, justificar-se das críticas recebidas pelo relatório feminino, quanto à sua metodologia. No prefácio e nos apêndices,

---

<sup>172</sup> Qual não foi minha surpresa em localizar (e adquirir) um exemplar em versão portuguesa de *Honestidade Sexual: o que as mulheres têm a dizer sobre o sexo*, publicação sem data pela Record, mas original de 1974, nos EUA..

isto fica taxativamente explícito, fazendo, neste sentido, referências às pesquisas de Kinsey e Masters & Johnson:

Esse estudo é representativo? Nenhum estudo em larga escala já produzido no campo da pesquisa sexual conseguiu ser perfeitamente representativo, devido à natureza bastante sensível das questões, incluindo os de Kinsey, Masters & Johnson e o meu próprio anterior. O melhor que se pode fazer é tentar aproximar, o máximo possível, fatores como idade, raça, etc. dos traços da população em geral. (HITE, 1981:08).

Hite reproduz em um dos apêndices, trechos de um artigo (sem autoria nominada) publicado em 1978, no *Journal of the American Society of Sex Educators, Counselors and Therapists*, volume 4, nº 2, 1978, intitulado “Rumo a uma nova metodologia das ciências sociais: O Relatório Hite é científico?”. Neste artigo, são citados autores como o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), o economista<sup>173</sup> Gunnar Myrdal (1898-1987), o sociólogo Paul Connerton<sup>174</sup> (1935- ), o economista alemão Ernst Friedrich Schumacher (1911-1977) e o historiador e filósofo inglês Stephen Toulmin (1922- ), para esclarecer questões metodológicas, de objetividade, de cientificidade e representatividade de sua produção. A partir do artigo, efetua comparações metodológicas com os relatórios Kinsey e Masters & Johnson, bem como discorre sobre as dificuldades, já conhecidas, de se estudar o ser humano, o problema da subjetividade do pesquisador, a possível tendenciosidade, a seleção de amostras, etc.

<sup>173</sup> Gunnar Myrdal foi prêmio Nobel de Economia em 1974 pela “análise penetrante da interdependência dos fatores econômicos, sociais e institucionais”. (Fonte: [www.nobelprize.org](http://www.nobelprize.org)). Myrdal foi também autor de *Asian Drama* de 1968, um estudo de engenharia social em 3 volumes sobre o controle de natalidade.

<sup>174</sup> Paul Connerton escreveu o livro *How Societies Remember* em 1989 (no Brasil; *Como as Sociedades Recordam*, em 1993). Fonte: [www.anthobase.com](http://www.anthobase.com)

Hite destaca como uma das características fundamentais de seus relatórios, o fato de apresentarem as citações e narrativas para ilustrar suas descobertas, o que, segundo ela, permite uma comunicação entre os participantes da pesquisa e os leitores, proporcionando a estes últimos, a oportunidade de terem suas próprias opiniões e efetuarem suas reflexões.

### **6.1. O Relatório Hite sobre a Sexualidade Feminina (1976)**

A primeira parte do relatório é destinada à apresentação do questionário utilizado, este dividido em cinco agrupamentos temáticos: I – Orgasmo, II – Atividades Sexuais, III – Relacionamentos, IV – Estágios da Vida e 5 – Conclusão, totalizando 58 perguntas. O sumário principal está assim distribuído:

- Questionário IV
- Quem respondeu
- Masturbação
- Orgasmo
- Coito
- Estimulação clitoridiana
- Lesbianismo
- Escravidão sexual
- A revolução sexual
- Mulheres mais velhas
- Em busca de uma nova sexualidade feminina

Shere Hite inicia seu *Relatório Hite sobre Sexualidade feminina* afirmando ser a masturbação um dos assuntos mais importantes de seu livro, uma vez constituir-se fonte fácil de orgasmos para a maioria das mulheres. A facilidade com que as mulheres têm orgasmos pela masturbação contradiz os estereótipos gerais sobre a sexualidade feminina, especificamente aqueles sobre a excitação lenta e sobre a raridade do orgasmo das mulheres. Enfatiza

que “não é a sexualidade feminina que tem um problema (uma disfunção) – é a sociedade que é problemática na sua definição de sexo e no papel subordinado que essa definição confere às próprias mulheres” (HITE, 1979:04).

Nos depoimentos, a maioria das mulheres disse ter prazer fisicamente na masturbação, mas não psicologicamente, embora outras não se permitiam ter prazer na masturbação, mesmo fisicamente. Não obstante, quase todas as mulheres foram educadas de forma a não se masturbarem. Além disso, a maioria das mulheres sentia a masturbação importante como substituto do sexo (ou do orgasmo) com o parceiro. Se para algumas a masturbação as ajudava a se relacionarem melhor sexualmente com outra pessoa, outras viam-na como uma forma de obter independência e auto-confiança. Houve uma relativa concordância de que o melhor jeito de aprender a gozar é se masturbando, sendo que algumas delas aprenderam como ter orgasmos, depois de anos de incapacidade para tal. Em contrapartida, as mulheres muitas vezes ignoram as informações sobre sua sexualidade, conservando o mito da masturbação, impedindo-as de explorar e apropriar-se do seu próprio corpo.

Hite afirma ter descoberto seis tipos básicos de masturbação e descreve também suas variações, seja através da manipulação do clitóris, vulva, tipo de posição, uso de objetos, pressão das coxas, com ou sem penetração, etc.

Apesar de o livro ser de depoimentos, Hite não se omite de posicionar-se, seja através de opiniões, de conclusões científicas de outros autores (Kinsey, Masters & Johnson, Helen Kaplan, Mary Jane Sherfey, Seymour Fisher, etc.) e, sobretudo, politicamente como feminista:

**O direito ao orgasmo tornou-se uma questão política para as mulheres.** Embora não haja nada de errado com o fato de não ter orgasmos, assim como não há nada de errado em enfatizar e compartilhar o prazer do outro, *há* alguma coisa de errado quando isto se torna um padrão, quando o homem *sempre* tem o orgasmo e a mulher não. (...) **É hora de recuperarmos nossos corpos, de começarmos a usá-los nós mesmas para o nosso próprio prazer.** (HITE, 1979:68-69). (grifos meus).

A pesquisa aponta o fato da maioria das mulheres não gozar normalmente em decorrência do coito. Para Shere Hite o orgasmo no coito consiste num ponto crucial de discussão em relação à sexualidade feminina, provocando sentimento de insegurança, frigidez, culpa, vergonha e principalmente o fortalecimento do mito orgástico vaginal, fazendo com que se instale a grande indústria da objetivação sexual na busca da “cura fora de si” (palavras suas) do tão almejado prazer.

No tocante à controvérsia orgasmo clitoral/vaginal, o exame é feito baseado nas diferenças entre o orgasmo com ou sem a presença do pênis na vagina. As depoentes se dividem em dois grupos: um grupo descreve o orgasmo clitoriano como mais intenso e concentrado e o outro define o orgasmo vaginal como mais difuso e mais distribuído pelo corpo. Mas Hite não deixa de registrar sua opinião sobre a intensidade superior e forte dos orgasmos através da masturbação (estímulo clitoral) em comparação ao proporcionado pela penetração vaginal.

O relatório explora o que a autora denomina dois grandes mitos sobre a sexualidade feminina: 1º) As mulheres interessam-se menos por sexo e orgasmo que os homens; 2º) As mulheres demoram muito mais tempo que os homens para gozar, devido à fragilidade e delicadeza feminina. Segundo Hite,

o não ter orgasmo no coito é uma adaptação dos corpos femininos, tendo em conta o coito nunca ter sido praticado de modo a estimular o orgasmo para a maioria das mulheres. Sendo assim, deve-se considerar o aumento das chances de um orgasmo durante o coito depender de um relacionamento sexual com um parceiro atento às necessidades individuais. Acrescenta ser importante para a mulher abominar a posição passiva perante o homem, fato condicionante de seu prazer aos deleites do parceiro.

A pesquisa ressalta ainda que, segundo as entrevistadas, os homens não têm o mínimo de conhecimento da anatomia e dos desejos femininos. Para Hite, “O fato de que não há uma ‘iconografia’ dos órgãos genitais femininos, enquanto os pênis são glorificados, é mais um reflexo da forma pela qual o sexo reflete a desigualdade cultural entre mulheres e homens” (HITE, 1979:263).

Em suma, Shere Hite a partir dos relatos de suas pesquisadas, conclui que as dificuldades do orgasmo feminino evidenciam a supremacia genitalizante e mecânica masculina, constituída pela ereção, penetração e orgasmo, excluindo a mulher da possibilidade de expressão e satisfação. Em suas palavras, está sacramentado o sexo ser uma atividade par, mas infelizmente com satisfação ímpar.

A análise estatística (ver anexo 15) das respostas é apresentada ao final do relatório, mas destacamos os seguintes resultados:

- Mais de 95% de todas as mulheres entrevistadas disseram que haviam sido criadas com a idéia de que sexo era “mau”;



- De 82% de mulheres que declaram se masturbar, 95% poderia ter um orgasmo facilmente e regularmente;
- 73 % das mulheres que se masturbam, manipulam a região do clitóris e da vulva com a mão, de barriga para cima;
- 30% das mulheres, apenas, podem gozar regularmente no coito – isto é – podem ter um orgasmo no coito sem um estímulo clitoral manual mais direto, ou seja, para 70%, o coito – o pênis mexendo na vagina – não leva regularmente ao orgasmo.
- 53% das mulheres ou simulam ou já fingiram o orgasmo para seus parceiros.

Em relação aos relatórios predecessores, Shere Hite faz diversas referências a Kinsey (em especial) e a Masters & Johnson, para sustentar suas conclusões. Não obstante, contradiz Kinsey quando este afirma que a maioria das mulheres, especialmente depois de um certo tempo de casamento, chega ao orgasmo, sem especificar os meios para tal. Sobre o casal Masters & Johnson, ressalta terem estes escolhido para a sua população básica de estudo somente mulheres que têm o orgasmo, rotulando a ausência de orgasmo na relação sexual como uma “inadequação orgásmica no coito”:

Um dos seus principais objetivos parece ser “tratar” as mulheres de modo que sejam capazes de ter orgasmo durante o coito. Tudo bem, só que as mulheres ficam com a impressão de que não ter orgasmo durante o coito é “doente” e “anormal” – uma disfunção. (HITE, 1979: 153)

Prosseguindo em sua crítica à glorificação do coito, alega três razões básicas para esta insistência: a explicação do prazer sexual como meio de

assegurar a reprodução, o papel do coito monogâmico na herança patrilinear e a ampla influência do modelo freudiano de psicologia feminina.

A pergunta não deveria ser: Por que as mulheres não estão tendo orgasmo no coito? mas: *Por que insistimos que as mulheres têm que ter orgasmo no coito?* E por que as mulheres acham que precisam experimentar tudo, exercícios, análises prolongadas, terapia sexual, para *ter* o orgasmo? (HITE:1979, 154).

Desta maneira, para Hite a discussão não deve se resumir à capacidade de as mulheres terem orgasmos, e muito menos implica em as mulheres necessariamente terem orgasmos no coito, mas sim as mulheres terem consciência e conhecimento do seu potencial corpóreo para o prazer, e escolherem outras maneiras de se relacionar fisicamente com outra pessoa. Em suas palavras: é preciso uma total redefinição, melhor, uma *in*-definição da sexualidade, incluindo os homens nesta expansão.

Se por um lado Shere Hite elaborou o relatório feminino em 488 páginas com a contribuição de 3.019 mulheres (de 100.000 formulários distribuídos), estendeu para 1306 páginas os depoimentos dos 7.239 homens do relatório masculino (de 119.000 formulários). Numa análise meramente estatística, os homens responderam 6% dos questionários distribuídos, em contraste aos 3% das mulheres, ou seja, 100% a mais. Um dado para múltiplas interpretações.

## 6.2. O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina (1981)

A primeira parte do relatório é destinada à apresentação do questionário utilizado, este dividido em onze agrupamentos temáticos: I – História, II – Masculinidade, III – Relacionamentos, IV – Orgasmo, V – Masturbação, VI – Seu corpo e seus sentimentos, VII – Sentimentos em relação a outros homens, VIII – Sentimentos em relação a mulheres, IX – Intercurso, X – Controle de natalidade, XI – Violência, totalizando 168 perguntas. Numa comparação superficial, verifica-se que os dois últimos temas, controle de natalidade e violência, não foram abordados com importância similar no relatório feminino.

O sumário principal está distribuído nos seguintes capítulos:

### Questionário IV

1. Ser homem
  2. Relacionamento com mulheres
  3. Intercurso e definição de sexo
  4. Outras formas de sexualidade masculina
  5. Como os homens vêem as mulheres e o sexo.
  6. Violação, sexo pago a mulheres e pornografia
  7. Amor e sexo entre os homens
  8. A sexualidade dos homens mais velhos
  9. Trinta homens falam de suas vidas
- Quem respondeu

O Relatório Hite sobre Sexualidade Masculina foi mais volumoso em número de páginas em relação ao da Sexualidade Feminina, muito provavelmente porque houve o dobro de contribuição dos homens nas respostas para um triplo de perguntas – 168 perguntas em comparação às 58 perguntas do feminino. Vale dizer que os eixos temáticos passaram de 5 no feminino, para 9 no relatório masculino.

Shere Hite dividiu em seções e sub-seções as respostas masculinas, deixando sub-entendido que os homens variaram muito mais suas respostas, resultando numa abertura do espectro temático.

No Capítulo 1 – Ser Homem – são apresentados relatos sobre o significado de ser homem, macho, masculino, e sobre as demonstrações de amizade, afeto físico e intimidade entre homens. Hite assim se refere ao constatado forte tabu de “nossa cultura” (sem especificar qual, mas provavelmente a norte-americana), contra o contato físico-afetuoso entre os homens:

Num sentido muito concreto, o que “conta” para o homem numa sociedade patriarcal são as relações entre eles próprios – muito mais do que as relações entre homens e mulheres. Os homens procuram nos outros, aprovação, aceitação, legitimação e respeito. Os homens vêem os outros homens como árbitros do que é real, como guardiães da sabedoria e detentores e controladores do poder. (...) Paradoxalmente, embora os homens se vejam uns aos outros como “aquele que é importante”, a maioria tem medo de se aproximar demais. “Sentimentos” por outros homens devem ser expressos apenas de forma casual, e não devem ultrapassar a admiração e respeito. (HITE, 1982:37).

Os capítulos 2, 3, 4 e 5 são depoimentos de homens sobre seu relacionamento com mulheres. Os assuntos envolvem monogamia, grau de satisfação com o casamento, relações extra-conjugais, divórcio, separação, questões específicas sobre o intercuro sexual e as pressões a que os homens são submetidos em relação ao desempenho sexual, tais como preliminares, ereção prolongada, carícias, etc.. Não deixam de ser exploradas as questões referentes à liberação das mulheres e ao orgasmo feminino, queixas masculinas em relação à baixa frequência de relações, falta de iniciativa, tédio

e rejeição às variações de práticas sexuais das parceiras, e as situações de desconhecimento dos homens sobre certas fisiologias e reações femininas.

No capítulo 6 estão expostos os relatos sobre a violação de mulheres, o sexo pago e a pornografia. No capítulo 7 são trabalhadas as atitudes com relação à homossexualidade masculina, onde Hite insere diversas citações de Kinsey, para fundamentar suas análises. A sexualidade dos homens mais velhos é abordada no capítulo 8, mas Hite faz em nota de rodapé uma ressalva pessoal, afirmando não haver uma definição exata de “mais velho”, pressupondo corpos e mentes envelhecerem diferentemente.

Neste relatório, Hite se reportou pouco a outros pesquisadores da sexualidade, mas por outro lado não poupou referências ao seu relatório feminino, especificamente ao prazer e orgasmo das mulheres.

Há uma grande confusão aqui da parte de muitos homens, que acham que ter intercurso até o orgasmo com uma mulher, também é dar a ela um orgasmo, ou a chance de ter um orgasmo – e conseqüentemente amor. Claro nossa cultura tem dito que assim é, ou deveria ser; no entanto, a maioria das mulheres precisa de mais estimulação clitoridiana específica para ter um orgasmo. Por outro lado, muitas mulheres têm prazer no intercurso tendo ou não orgasmo, especialmente quando têm sentimentos fortes em relação ao parceiro. (HITE, 1982:404).

Como ficou evidente nesta passagem (e em outras), tem-se uma forte impressão que o relatório masculino confirmou suas teses anteriores questionadas sobre a relação mulher-homem: as noções naturalizadas a respeito de sexo, a validação cultural e simbolização da masculinidade pela ereção e penetração, e a aceitação de um impulso ou instinto sexual masculino superior ao feminino. Shere Hite é insistentemente recorrente, e efetua

diversos comentários sobre o cenário que envolve a crença na inexistência do orgasmo feminino, sua possível relação com a ejaculação prematura, o papel e a pressão do homem “dar” um orgasmo à mulher e a pressão oposta da mulher em fingir orgasmo para atender ao orgulho masculino.

Assim, a maioria dos homens sente que é seu dever para com a mulher manter o intercurso pelo máximo de tempo, de forma que a mulher tenha uma chance de também ter orgasmo. No entanto, os resultados do *Relatório Hite* sugerem que isso é uma falácia, porque o fato de uma mulher ter um orgasmo geralmente não está ligado à duração do intercurso. Com efeito, a maioria das mulheres não tem orgasmo simplesmente em resultado do intercurso; e a minoria das mulheres que tem orgasmo assim consegue ter orgasmo não tanto pelos movimentos prolongados do pênis mas por meios individualmente criados de obter estimulação clitoridiana específica durante o intercurso. (HITE, 1982:447).

Na metade do livro, Hite destina 8 páginas com referências bibliográficas para explorar as origens da concepção de sexo como intercurso, o significado tradicional e a política do intercurso, as influências religiosas e míticas, numa breve retrospectiva histórica e geográfica, até a consolidação de um modo de praticar o intercurso como um meio para chegar ao venerado orgasmo, típico das sociedades patriarcais. Busca delinear que o intercurso foi, durante séculos, o símbolo e a glorificação da dominação do homem sobre a mulher.

Um traço marcante do relatório refere-se ao fato dos depoimentos serem apresentados de forma contrabalanceadas entre as respostas da maioria e da minoria, não excluindo as exceções. Foram selecionados as seguintes conclusões:

- A maioria dos homens respondeu que um homem deveria ser seguro, sem medo, controlado, independente e auto-suficiente (p.101);
- Os homens freqüentemente aparentavam serem os donos do corpo das mulheres, discutindo seus méritos e deméritos como se fossem um automóvel ou um aparelho de som, fornecendo uma espécie de lista de compras para o consumidor exigente (p.152);
- A grande maioria dos homens casados não eram monógamos. Setenta e dois por cento dos homens casados há dois anos ou mais, tiveram sexo fora do casamento. A maioria esmagadora não contou à mulher, pelo menos na época da traição. (p.193);
- Muitas das respostas a essa pergunta (“o que você acha da liberação das mulheres”) revelaram um grande ódio pelas mulheres ou pela própria posição dos homens na sociedade. Os homens sentem que com o movimento de mulheres e a ênfase na independência e na igualdade, eles estão sendo caluniados e mal compreendidos (p.364);
- Pouquíssimos homens haviam lido ou estudado sobre o movimento feminista (p.382);
- Para a maioria dos homens nunca havia acontecido que uma mulher se tivesse estimulado(manipulado) na frente deles (p.795);
- Algumas respostas parecem insinuar que o movimento das mulheres é alguma coisa que tem a ver simplesmente com a “auto estima” das mulheres, ao invés de ser uma crítica fundamental à sociedade e aos papéis de homens e mulheres dentro dela, uma sugestão e uma busca de novas formas de se viver – e conseqüentemente alguma

coisa à qual os homens estão diretamente relacionados, pois envolve um reajustamento básico do mundo “deles” (p.387);

A análise estatística das respostas (ver anexo 16) é apresentada ao final do relatório e, entre outros, selecionamos os seguintes resultados:

- 63% dos homens tiveram a primeira experiência sexual de masturbação /entre 11 e 14 anos;
- 43% dos homens afirmaram ter tido sexo através de masturbação com outros meninos na infância e na adolescência. (Este dado é apontado por Hite como muito próximo dos 48 % da pesquisa de Kinsey);
- 60% realizou as relações com penetração vaginal com idade entre 16 e 21 anos;
- Apesar de variações em relação ao tempo de casamento, na média 66% dos homens têm relações sexuais extraconjugais e destes 78 % afirmou que as esposas não tiveram conhecimento das ligações;
- 65% dos homens admitiram ter tido dificuldade em obter ereção pelo menos em uma ocasião;
- 76% opinou ser necessária a ereção para o orgasmo, mas o mesmo percentual de 76 % já se sentiu excitado sem ter ereção;
- 99% acha o sexo importante e 65 % ser este supervalorizado;
- 73% dos homens não atribuem ao seu próprio desempenho, a ausência de orgasmo feminino;



- 83 % dos homens levam até 5 minutos após a penetração para terem orgasmo, 10 % entre 5 e 15 minutos, e os restantes 7 % levam de 15 a 90 minutos;
- 74% expressou sua preocupação de continuar o intercurso em tempo suficiente, mantendo a ereção, ou ter um orgasmo “depressa demais”;
- 61% dos homens disseram que normalmente não sabiam dizer quando a mulher tinha orgasmo, ou não tinham certeza;
- Apenas 20% disse ter dado orgasmo à mulher por estimulação clitoridiana;
- Independente da frequência das relações sexuais com uma parceira (diariamente até raramente), em média 30 % dos homens mantêm uma frequência de masturbação entre duas a três vezes semanais;
- 52% dos homens disseram que a frequência do intercurso era de duas a três vezes por semana;
- 11% dos homens questionados declararam que estavam totalmente satisfeitos com a sua frequência sexual, poucos disseram que as mulheres desejam mais sexo do que os homens;
- 68% dos homens se sentiram obrigados a aplicar preliminares mais prolongadas do que desejavam;
- 11% dos homens que reponderam disseram que preferiam fazer sexo com outros homens.

### 6.3. O que falaram sobre os relatórios Hite

A busca por material crítico dos relatórios Hite resultou decepcionante e muito aquém das expectativas. Esperava-se, por serem publicações relativamente mais recentes (1976 e 1981), encontrar referências críticas, principalmente levando-se em conta o contexto pós segunda onda do feminismo. Não entrando em suposições suspeitas, não poderia deixar de omitir alguns comentários, e fui buscá-los justamente nas enciclopédias sexuais das décadas de 70 e 80, objetos de minha dissertação de mestrado<sup>175</sup>.

A Enciclopédia da Sexualidade de 1995, com o título de uma seção *Hoje ainda é História*, aponta o primeiro relatório (o feminino) como revolucionário, mas adverte precaução em suas conclusões.

O stress que nos invade até extremos inenarráveis permitiu novos modelos para o estudo dos transtornos do desejo sexual. Informes sociológicos como os de Hunt(1970), **Shere Hite(1976 e 1981) – estes com erros de amostra, sem análise estatística consistente e com claras propostas capciosas, mas com um fundo humanístico louvável – (...)** permitem conhecer não apenas os comportamentos sexuais como os fatores que contribuem para a mudanças. (ENCICLOPÉDIA DA SEXUALIDADE, 1995: 108). (grifos meus)

A Enciclopédia do Amor e do Sexo Vida Íntima, de 1981, de autoria do brasileiro Aldo Pereira, no capítulo sobre *Pesquisa*, além dos clássicos sexólogos, Kraft-Ebing, Havellock Ellis, Freud, Kinsey e Masters & Johnson, inclui na lista Shere Hite. Ao mencionar o trabalho de Hite, registra que os profissionais da sexologia rejeitam categoricamente todas as pesquisas de revistas e similares, cientificamente inválidas e pouco representativas.

---

<sup>175</sup> Dissertação de Mestrado em Psicologia, de 2001, intitulada “Uma análise dos discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90”, com orientação da Professora Doutora Mara Coelho de Souza Lago e co-orientação do professor Doutor Kleber Prado Filho.

Além disto, dos 100.000 questionários distribuídos voltaram 3.000 (ou foi esse o número aproveitado). Esses 3% representam decerto uma seleção de gente interessada (ou quem sabe, ansiosa) em revelar o que lhes parece uma interessante vida sexual. Se as 100.000 já constituiriam um grupo atípico, o que supor desse reduzido voluntariado? Afora isso há as imperfeições dos questionários, **com perguntas sempre sujeitas a diferentes interpretações** (por mais bem redigidas que sejam, perguntas de questionários estão sujeitas a não serem entendidas por boa parte das pessoas que as respondem). (PEREIRA, 1981:222). (grifos meus)

A Enciclopédia Amar, de 1979, de autoria dos médicos brasileiros Haruo Okawara e Rogério Barros Sawaya, aponta o relatório feminino (recém publicado em 1976) como um dos livros mais vendidos dos Estados Unidos, destacando-o nas informações originais sobre o desempenho sexual das mulheres. Para os autores, entretanto, o relatório está repleto de limitações, e sua validade está restrita à compilação de experiências íntimas das mulheres na área da sexualidade.

Apesar desta contribuição, o Hite Report (Relatório Hite) falha, entretanto, num ponto fundamental: o grupo de mulheres estudado por Shere Hite não representa a totalidade da população feminina americana. Em outras palavras, Hite utilizou o que se denomina “amostragem viciada”, e portanto, suas estatísticas não indicam de maneira fiel o comportamento sexual da mulher americana. Quando Shere Hite diz, por exemplo, que apenas 30% das mulheres atingem o orgasmo na relação sexual sem simultânea estimulação do clitóris, deve-se entender que esse dado é válido para um *grupo específico* de mulheres americanas, e não tem, portanto validade universal. Que mulheres compõem esse grupo específico? (OKAWARA & SAWAYA, 1979:72).

Vale dizer, entretanto, que os relatórios Hite, especialmente o feminino, escrito no contexto da segunda onda do feminismo, foi por ele influenciado, visibilizando o prazer da mulher como bandeira de luta. Mesmo as extensas críticas aos procedimentos metodológicos (ou à ausência destes) não

invalidaram ou anularam os questionamentos sobre as relações sexuais (e de poder) entre homens e mulheres. A repercussão dos depoimentos das mulheres contidos nos relatórios foi popularizada pelos veículos de comunicação e apropriada, por exemplo, no Brasil, por revistas de apelo público diferenciado, indo desde revistas masculinas como *EleEla* e *Playboy*, revistas femininas como *Cláudia* e *Nova*, até revistas familiares como *Pais&Filhos*, conforme aponta o estudo da historiadora Roselane Neckel, *Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*, sua tese de doutorado de 2004.

O Relatório Hite foi uma fonte de inspiração dos articulistas e redatores das revistas que pesquisamos, publicado nos Estados Unidos, em 1976, com depoimentos de mulheres americanas que mostravam a sua insatisfação em torno de seus parceiros. Seus resultados chegaram aos leitores brasileiros e suscitaram indagações inéditas nas revistas sobre o prazer feminino e a igualdade de direitos sexuais entre homens e mulheres. (NECKEL: 2004:199)

No meu entendimento, o estudo de Neckel reafirma também o poder de disseminação e força da produção discursiva americana<sup>176</sup> no território brasileiro e os possíveis enquadramentos e cultura sexual descontextualizados de nossa realidade. Não obstante esta problemática, não se pode dissociar os relatórios Hite, como acontecimento discursivo intimamente conectado aos movimentos feministas (acontecimento extradiscursivo). Com esta reiteração, retomo parte da citação do psicólogo social Alain Giami, exposta na introdução desta tese:

---

<sup>176</sup> Neckel também constata que os artigos de suas revistas continham temas tratados nos outros relatórios (Kinsey e Masters&Johnson). Observa, entretanto mais citações do trabalho de Masters&Jonhson do que do relatório Kinsey, para ela ocasionado pela importância dada à estabilidade conjugal.

Au milieu des années 1970, dans le contexte de l'émergence du mouvement féministe et de la revendication de l'autonomie sociale et sexuelle de femmes, les travaux de S. Hite ont poursuivi le mouvement de dissociation des fonctions procréatrices et érotiques de l'activité sexuelle, (...). (GIAMI, 1999:44).

Na mesma linha de pensamento de Giami e em oposição aos anteriores, Anthony Giddens, sociólogo, em *A transformação da intimidade*, despreocupando-se com a representatividade do material, destina a Shere Hite um papel significativo na ruptura do modo de realização dos estudos, através da participação direta de pessoas comuns, sem a intermediação de especialistas.

As pesquisas de Hite têm como objetivo “registrar uma revolução ideológica em andamento” mas também transmitem a consciência de que os documentos analisados contribuem diretamente para esse processo. O primeiro longo “questionário” foi distribuído em 1972-6, e seu subsequente e primeiro volume baseou-se nas respostas de 3.500 mulheres nos Estados Unidos. Uma característica notável desse estudo e dos volumes que se seguiram foi a sua ênfase em que **a sexualidade não deve ser estudada apenas através dos devaneios de “especialistas” – Kinsey, Masters&Johnson e outros – mas abordada através dos relatos feitos por pessoas comuns.** (GIDDENS, 1993:149-150) (grifos meus).

Nesta passagem, de imediato vinculável à Foucault, se de um lado Giddens crítica a elaboração de um discurso científico sobre sexualidade por parte de especialistas (no caso Kinsey e Masters&Johhson), por outro aponta o mérito de Shere Hite ter elaborado seu relatório através de relatos de pessoas comuns. Mas, em meu entendimento, Hite ao se valer da técnica do questionário para os depoimentos (segredos sexuais), também se expõe à crítica foucautiana pelo recurso da confiança espontânea para produção de livros(discursos) sobre sexualidade.

Nesta tese, os relatórios Hite, Masters&Johnson e Kinsey constituíram as camadas discursivas das quais extraí algumas amostras com a tarefa de verificar os campos e as condições de possibilidades de emergências históricas. Estes documentos foram tratados como acontecimentos discursivos e como tal, busquei descrevê-los num duplo movimento de interioridade e exterioridade, dissolvendo-os como espaços de poder-saber.

O reconhecimento destas produções se processou, seguindo pressupostos foucaultianos, no âmbito do critério histórico e não do critério de cientificidade e o questionamento permanente foi o uso da estatística como uma continuidade da epistêmê moderna. Apesar das diferenças de épocas de publicação, os três relatórios estiveram circunscritos por modelos de verdade sobre o sexo.

Os depoimentos, os relatos, os segredos e as confissões dos homens e mulheres participantes dos estudos de Kinsey, Masters&Johnson e Hite, produziram livros pretensamente científicos. As tabelas e os gráficos com as frequências estatísticas (ver anexos) se apresentaram como classificatórias e nestes “quadros enquadreadores”, os critérios quantitativos e qualitativos se articularam de tal forma e com tal força que versões descritivas convertiam-se em versões apreciativas.

## REFLEXÕES DE ACABAMENTO TEXTUAL

Mas por volta do século XVIII, nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais.

Michel Foucault, em *A vontade de Saber*

O título deste fechamento sintetiza a compreensão do final desta tese: denominar “conclusão” o que se sabe inconcluso? Chamar “considerações finais”, tomando-o apenas como um termo formalista de fechamento? Estaria me enganando se não estivesse em conformidade com meus sentimentos. Assim, optei, após indefinições, por “reflexões de acabamento textual”, constituindo-se das reflexões que precederam o encerramento da tese e a decisão de acabar o documento formal, mas jamais o pensamento, jamais as reflexões desencadeadoras e a continuidade da argumentação para poder responder à inevitável pergunta final: afinal, qual é a minha “tese”?

Efetuar o acabamento textual de uma tese implica em reconhecer alguns vícios de linguagem, vícios de estilo, admitir tropeços expositivos, inquietações, e acirrar controvérsias e polêmicas. Neste sentido, numa regra procurei ser rigoroso, metodologicamente, teoricamente e gramaticalmente: insistir na substituição do pronome interrogativo por quê? pelo advérbio interrogativo como?, intencionalmente enfatizado com sublinhado. Não foi para seguir o critério de fidelidade à escolha teórica e metodológica foucautiana, foi sim uma postura de reconhecimento de limitações de uma pesquisa em quaisquer áreas das ciências. Explicar o porquê é presunção demais para um iniciante pesquisador, é melhor se contentar em descrever o como. Os astrônomos

podem ficar tentando por séculos explicar como o Universo surgiu, mas jamais responder o porquê. Do mesmo modo, minha intenção foi descrever como os relatórios Kinsey, Masters&Johnson e Hite emergiram em determinado contexto de época e de lugar, sem a pretensão de explicar o porquê surgiram.

Durante a elaboração da tese, por diversas vezes fui indagado, em encontros e seminários, pelos motivos da realização da pesquisa documental nestes relatórios norte-americanos. Por que não livros brasileiros? Muito embora tenha apresentado justificativas acadêmicas e profissionais, senti que a insistência interrogativa esteve ligada ao fato de serem livros norte-americanos. Não houve publicações na Europa, em países como a França, a Inglaterra, ou a Alemanha, que servissem como contraponto às publicações de Kinsey, Masters&Johnson e Shere Hite?

Para responder a esta pergunta de forma objetiva, torna-se necessário compreender alguns aspectos relevantes, no meu entendimento: 1º) Os Estados Unidos foram favorecidos pelo apogeu econômico após a segunda guerra mundial, enquanto a Europa passou os anos seguintes se recuperando da destruição sofrida. Isto trouxe reflexos não apenas na produção editorial, como também deslocou os interesses da produção acadêmica científica. Como resultado dos conflitos ocorridos na Europa, os centros de pesquisa sobre a sexualidade transferiram-se para os EUA. É inegável que a nação mais beneficiada economicamente com a guerra foram os Estados Unidos. 2º) Muitos dos intelectuais europeus migraram para o continente norte-americano e foram necessárias duas décadas para o surgimento de outra geração com posturas mais contestatórias. Exemplo disto foi o efervescente ano de 1968, na



França, e os movimentos que se seguiram por todo o mundo. 3º) A influência e o peso real e simbólico norte-americanos no cenário internacional é inquestionável, e sua presença no Brasil é mais forte ainda. Em termos históricos, podem-se distinguir dois movimentos de centralismo: a ocorrência de um processo de europeização de muitas nações antes da Segunda Guerra Mundial, e após este evento, sua progressiva americanização. A crescente presença norte-americana em nosso país vai desde produtos industrializados, influências culturais, políticas educacionais e políticas econômicas até um estilo de viver: o persistente *American Way of Life* apresentado através da música, televisão e filmes estrangeiros e as suas versões copiadas e imitadas dos programas televisivos, de auditório e propagandas, seja na TV aberta ou fechada. Importamos produtos dos EUA como garantia de qualidade e bom gosto, numa extraordinária adesão e forma de satisfação inautêntica, para não dizer ilusória.

Tendo em conta estes três breves motivos, acrescentaria um quarto, muito polêmico e provocativo: nós brasileiros oscilamos entre a produção teórica européia e a norte-americana para referenciar e legitimar nossas pesquisas, mesmo em ciências humanas. Onde vamos selecionar nossas fontes teóricas e metodológicas? Quais são os critérios de escolha? No meu caso, utilizei um ferramental europeu para analisar documentos norte-americanos, ou em metáfora arqueológica: um garimpeiro brasileiro foi buscar uma pá européia para escavar em solo norte-americano. Como toda pesquisa envolve riscos, posso, ironicamente, ser incompreendido e proscrito dos três territórios “científicos”, mas conciliei isto através do entendimento de que a

produção do conhecimento não é um empreendimento autenticamente isolado, é uma construção coletiva que transcende as delimitações nacionais, é feita em múltiplas improváveis combinações de esforços paralelos. Em termos simples, os protagonistas são as idéias e não os seus formuladores.

Os relatórios emergiram nos Estados Unidos e, portanto, seus resultados refletem práticas culturais e sexuais mais em conformidade com a tradição individualista, comportamental e pragmática norte-americana, acrescentando-se um padrão de coisificação e consumismo sexual atrelado às políticas econômicas neoliberais. A história estadunidense é uma história de colonialismos e expansionismos<sup>177</sup> industrial, comercial, financeiro, econômico e militar (é a única nação que tem bases e tropas em todos os continentes).

Deslocando-me desta justificativa final, vale dizer que esta tese, como outra qualquer, tem uma amplitude, um alcance e certamente não tem uma plenitude; têm indícios arqueológicos e históricos, não indicativos científicos insofismáveis, mesmo porque isso seria uma contradição de minha parte, que tive como um dos objetivos, problematizar as verdades sobre sexo contidas nos relatórios analisados. Durante a pesquisa me vi num turbilhão de informações, eventos, acontecimentos e muitos discursos de grande potencial heurístico. Tive muitos flashes ou, em termos gestálticos, muitos insights, acompanhados com uma preocupação de fundo: o campo da interdisciplinaridade, mais arriscado e menos seguro que o campo disciplinar.

---

<sup>177</sup> Quanto à história dos Estados Unidos, além de sites e enciclopédias, foram especificamente consultados: *História dos Estados Unidos desde 1865* de Pierre Melandri(2002), *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos: de Colônia a Potência Imperial*, de Charles Sellers, Henry May e Neil MacMillen(1990), *A História da Ciência nos Estados Unidos* de L.Sprague de Camp e Catherine de Camp(1969), *Panorama da História dos Estados Unidos* de Wood Gray e Richard Hofstadter (1970), *Terra de homens livres* de Enid La Monte Meadowcroft(1963) e diversas edições do caderno Mais da Folha de São Paulo (relação nas referências jornalísticas)

Como num plano de viagem, imaginei um roteiro prévio, mas as coordenadas seguidas eliminaram outras possibilidades de percursos, atalhos e caminhos. Mantendo a metáfora, por vezes trafegava numa auto-estrada, as coisas fluíam permitindo escrita rápida e coerente; mas em outras ocasiões debruçava-me sobre livros, revistas e jornais, à procura de conexões discursivas e extradiscursivas e instalava-se em mim uma paralisia, dúvidas repentinas: para onde vou? As turvações, as angústias e as inquietações alternavam-se entre uma bricolagem confusa e um caleidoscópio dinâmico, tomado muitas vezes de criptomnésias, lembranças de algo visto, ouvido ou lido, esquecidas por um tempo e posteriormente reproduzidas, sem conhecimento ou certeza das respectivas fontes. A busca em sítios eletrônicos foi muito exaustiva e por coincidência metafórica, tão cansativa como vasculhar em sítios arqueológicos, e com os mesmos receios de inconfiabilidade das informações.

Por quatro vezes fui nocauteado por uma sensação de extemporaneidade, falta de originalidade ou de ser um oportunista casuístico: primeiro quando foi lançado o filme *Kinsey*, em 2004, exibido no Brasil em 2005; segundo, quando em uma de minhas navegações em 2006, deparei-me com um artigo de Elizabeth Grosz, publicado na *Revista Labrys – Estudos Feministas*, dezembro de 2003, abordando conexões entre conclusões de Kinsey, Masters & Johnson e Hite, Foucault, Freud, entre outros; terceiro, quando Alain Giami, estando em Florianópolis em abril de 2006, expôs em sua palestra *L'Hétérosexualité du XIX<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle – Aberration ou normalité sexuelle*, algumas co-incidências re-flexivas; e por último, o mais “traumático”,

o livro de John Gagnon, de 2006, *Uma Interpretação do Desejo*, contendo algumas de minhas supostas originais conclusões, pelo visto não tão originais assim.

Meu projeto de tese é de final de 2002, e após entrar no doutorado em março de 2003, no curto espaço de 4 (quatro) anos, ver o tema de alguma forma ser explorado, publicado e comentado, promove inevitavelmente uma frustração, um desânimo, repito, uma sensação de extemporaneidade. A superação somente ocorreu com a ajuda de minhas orientadoras Mara Lago e Miriam Grossi e com a compreensão de que, desde que não haja plágio, muitos podem estar pensando a mesma coisa, ou já pensaram e escreveram, e isto nada mais é do que predomínio de idéias de uma época que pululam em vários espaços quase simultaneamente, ou melhor, em termos foucaultianos: a *epistémê*, a configuração das relações de práticas e regularidades discursivas.

A escolha do método arqueológico como ferramenta metodológica me colocou também em impasses e questionamentos e num determinado momento da tese conclui que elaborar uma arqueologia, um diagnóstico de publicações do século XX, não poderia ser semelhante a uma arqueologia nos moldes dos arquivos e períodos selecionados por Michel Foucault. O século XX e sua avalanche de re-configurações conceituais, pela multiplicação de especialidades disciplinares e intercâmbios discursivos promovidos pelas redes de comunicação, confirmam o aparecimento de relações entre as várias formações discursivas e os domínios não discursivos, em uma dimensão incomensurável. Ouso afirmar que os acontecimentos políticos e práticas econômicas estão conectados, não apenas por tênues fios ou grossas

correntes ligadas aos discursos e práticas sexuais, mas numa metáfora intracorporal, por sinapses, por forças invisíveis. E esta relação, não sendo de causalidade, de determinação, ao contrário, sendo uma correlação em rede, rede tridimensional, multiplica exponencialmente as possibilidades de análise histórica.

Neste sentido, capturar ou selecionar alguns dos fatos ou processos do século XX e estabelecer sua interligação com os relatórios, não apenas do ponto de vista contextual, foi apontar como instituições e instâncias, concomitantemente se apropriaram e se desvencilharam dos discursos sobre a sexualidade. Procurei selecionar questões do presente, as problematizações sobre a sexualidade, como convergência de outras categorias como etnia, geração, classe e gênero, mesmo que tangencialmente.

Mas uma de minhas ponderações é, assim como se cunhou o *homo habilis*, *homo erectus* e *homo sapiens* na escala evolucionista e posteriormente surgiram uma profusão de terminologias derivativas com epítetos latinos como o *homo oeconomicus* do século XIX, *homo ludens* (Johan Huizinga em 1938), *homo faber* (Hanna Arendt e Max Frisch em 1957), *homo hierarchicus* e *homo aequalis* (Louis Dumont em 1966 e 1977), *homo academicus* (Pierre Bourdieu em 1984), *homo sacer* (Giorgio Agambem em 1998), e mais recentemente o *homo technologicus* (Yves Gingras em 2005), pode-se afirmar que o século XX consolidou indelevelmente o *homo statisticus*. O *homo statisticus*? Não! Como esta tese é centrada nos estudos de gênero, o termo latino mais apropriado talvez seja *Persona numerabilis* – pessoa numerável – homem e mulher – cravejado(a) por números estatísticos, uma produção quantitativa com

interpretação qualitativa comparativa embutida, homens e mulheres numeralizáveis em dimensões corpóreas, sexuais, comportamentais, geracionais, étnicas, laboriais, econômicas, hierárquicas e tecnológicas.

A *persona numerabilis* definirá a *persona normalis* e esta definirá a *persona sexualis*<sup>178</sup>. A sexualidade de modo geral será descrita, analisada, dissecada, interpretada, na forma de performance e desempenho: sexo a mais, sexo a menos (sexo quantificado), ou sexo melhor, sexo pior (sexo qualificado); sexualidade inibida, sexualidade descontrolada, sexualidade adjetivada pelo numérico, pelo percentual.

Admitamos ou não, há uma dominação crescente da estatística, pois gráficos, estimativas, probabilidades, possibilidades, estão presentes em todos os discursos científicos, pseudo-científicos e não científicos. Chega-se ao cúmulo de justificar qualquer hipótese no improvável (uma em um milhão) até na quase certeza (99,9999%), passando pela divisão igual das chances, 50% por 50%, ou é ou não é, ou acerto ou erro, num jogo numérico que ora apropria o ser humano ora o expropria. Estaremos literalmente ou metaforicamente num “jogo de dados”? Dados numéricos, dados estatísticos convertidos em dados normais. A questão não é, portanto, científica: a estatística não legitima a ciência, a estatística legitima a representatividade. Por este raciocínio, concordando com Foucault, como as ciências humanas continuam buscando legitimidade em números estatísticos? E acrescento, como ocorre esta insistência, se a própria estatística diz que tudo é possível e provável em condições de probabilidade e não de provas?

---

<sup>178</sup> Por coincidência, este termo fez lembrar o ensaio *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson* de Camille Paglia, de 1990, com o qual não mantém nenhuma outra relação reflexiva.

Pode parecer óbvio, mas com o vertiginoso crescimento populacional ocorrido no século XX, a análise quantitativa em termos percentuais exige uma reavaliação dos números aferidos ou, em outras palavras, a quantificação e a qualificação merecem uma relativização, ou seja, uma contextualização histórico-demográfica: 10% da população em 1950 (250 milhões) não representam em termos quantitativos (números absolutos) o mesmo número proporcional de 10% da população em 2000 (600 milhões). Numa hipotética inversão histórica, estes 10% de 2000, representariam 40% em 1950. Nesta análise anacrônica, o que está em jogo são nossos conceitos de normalidade, de “minorias”, a partir das curvas normais dos gráficos estatísticos envolvendo comportamentos, tendo em conta serem classificatórios.

O que quero apontar é que as pesquisas e os percentuais estatísticos são terrenos férteis para a manipulação, para subterfúgios e para o erro não apenas em um mesmo contexto histórico e cultural, mas para análises trans-históricas, feitas através de inferências e extrapolações perigosas, como se fosse possível e legítimo se apropriar de resultados percentuais de uma época e aplicá-las em outra.

Os relatórios se inserem na mesma lógica quantificadora que se instalou nos vários campos do conhecimento do século XX ou, numa terminologia foucaultiana, fazem parte de uma mesma configuração do saber, uma epistémê, que ainda mantém uma Mathêsis, uma ordem e uma matemática confirmatória do conhecimento produzido.

E se quiséssemos radicalizar, poderíamos argumentar que a própria matemática trabalha com inequações, com números irracionais, números

complexos e resultados inexatos. A geometria de Euclides (325ac–265ac) com seus *Elementos*, que até o século XIX era incontestável, vista como modelo matemático sinônimo de certeza e verdade, veio a sofrer um abalo com a aceitação das geometrias não euclidianas<sup>179</sup>, arrancando a matemática do pedestal de verdade absoluta, colocando-a como uma simples construção humana que permite outras construções humanas. Não existe mais um modelo de certeza para as outras ciências imitarem.

Mas a análise não é tão redutível e simplista assim “quanto se pensa”, pois uma das marcas da contemporaneidade é um triunfo do número. O que somos nós: números, um número de certidão de nascimento, um número de carteira de identidade, um registro numérico de trabalhador, uma matrícula numérica, uma dezena de senhas numa avalanche de composições numéricas que causa perplexidade estarrecedora. Se de um lado taxas numéricas de população são atribuídas numa dimensão macropolítica, as taxas numéricas do indivíduo são fixadas na dimensão da micropolítica. Portanto, avaliar nossas performances sexuais e as práticas sexuais em termos numéricos, ou melhor, em termos estatísticos, só demonstra esta ânsia pelos enquadramentos na média, dentro da média normal, dentro dos parâmetros esperados.

Lembramo-nos de uma pergunta no cap.2, p.61: as estranhezas e as discrepâncias do comportamento sexual são colocadas em relação a mim ou

---

<sup>179</sup> A geometria não euclidiana levou todo o século XIX para ser estudada e confirmada. Foram alguns de seus pesquisadores: o húngaro Johann Bolay (1802-1860), o russo Nicolai Lobatchevski (1792-1856), o alemão Georg Friedrich Bernhard Riemann (1826-1866), o italiano Eugenio Beltrami (1835-1900) e o francês Henri Poincaré (1854-1912). As geometrias não euclidianas constituem uma nova forma de entender o espaço: são os tipos de superfícies que determinam os postulados. Por exemplo, na geometria euclidiana (superfície plana), num ponto exterior a uma reta só passa uma única paralela (duas retas paralelas jamais se encontrarão); na geometria não euclidiana, se a superfície é esférica, por um ponto exterior a uma reta, não passa nenhuma paralela a essa reta (Ex: todos os meridianos se encontram nos pólos). Se a superfície for hiperbólica, por um ponto exterior a uma reta, passam infinitas paralelas a essa



aos outros? Eu sou o diferente, ou os outros? Em resumo: quem é o normal? Será que negociamos com a norma, em parâmetros quantitativos e qualitativos, e a regulamos, “ajustamos”, segundo nossos interesses e conveniências? Ou os monopólios conceituais disciplinares e científicos geram engessamentos de tal ordem, que impedem ou dificultam uma “terapêutica” conceitual?

Ao ver os percentuais num livro “científico”, o enquadramento comparativo é automático: estando nos 70% ou nos 30%, é o número que me avaliará, é um “diagnóstico estatístico”, não é um diagnóstico clínico, cuja mediação (pela média numérica!) é relatada pelos participantes das enquetes, logo, os outros. Se estiver na maioria, tudo bem, sou normal; caso contrário, tendo este (pré/pseudo)diagnóstico estatístico (científico) como referência, procurarei (se puder) um especialista para confirmação através de um diagnóstico clínico (científico). É a prática real da normalização que determina o conceito de normal. Mas é com tal preocupação que lanço a pergunta inquietante: e quando um conceito é incorporado como um preceito?

O uso do argumento da “maioria” para justificar o que alguém julga ser normal é um argumento basicamente estatístico que, numa leitura extrapolada e equivocada, converte o comportamento da maioria em certo, em verdadeiro. No máximo, podemos dizer que estes comportamentos normais são mais freqüentes ou mais comuns do que aqueles que ficam nos extremos de uma amostra populacional observada. Ainda assim, se convalidarmos o critério.

É possível equacionar ainda outros pontos desta análise: os modelos de normalidade podem se desdobrar, converter-se em sub-normalidades ou até se inverter. Exemplifico: ao romper o modelo normal da heterossexualidade, a homossexualidade pode se enquadrar como um modelo de sub-normalidade. Assim como há heterossexual anormal, quem seria o homossexual anormal? Ou o homossexual já englobaria a anormalidade? A lógica não estaria sendo subvertida, apenas reformatada.

Poder-se-ia, num primeiro momento, concluir que esta tese procurou problematizar a normalidade como critério objetivo e científico; ou, em oposição à normalidade como um critério subjetivo, o que é normal para mim não o é para o outro. O ponto nodal é a norma-verdade, um casamento entre a normalidade e a verdade, verdade não como conhecimento objetivo ou subjetivo em relação ao pensamento, mas verdade como obrigação de pensar de uma certa maneira, em uma certa época, em determinado lugar. As emergências discursivas de um período passam por utilizações ou re-utilizações discursivas de gerações subseqüentes, fazendo parte assim de uma história do presente.

As sexualidades descritivas se convertendo em sexualidades prescritivas, tornam-se sexualidades normalizadas, sexualidades verdadeiras, portanto, este é o mecanismo estrutural e funcional das sexualidades estatísticas, presentes também nas ciências humanas.

Talvez a intenção tenha sido apenas denunciar a existência de critérios normativos de normalidades gerais e de normalidades específicas: normalidades masculinas e normalidades femininas, normalidades heterossexuais e normalidades homossexuais, enfim normalidades anormais e anormalidades normais. Ou, talvez, jogar com as palavras como se joga com números para ressaltar que pessoas não são números, as pessoas não são dados de nenhuma espécie.

\*\*\*\*\*

## REFERÊNCIAS E CONSULTAS

- ABRAHAM, Tomás. *Los Senderos de Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1989.
- ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da medicina*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- AGACINSKI, Sylviane. *Política dos sexos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. “Mennochio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio”. In: *Revista Resgate*, nº 2. São Paulo: Papyrus, 1991.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz et all. *Revista Educação Especial: Foucault pensa a educação*. São Paulo: Segmento, 2007.
- ALMEIDA, Lizandra Magon. (edit). *Os 100 dias que mudaram o mundo*. Coleção Aventuras da História. São Paulo: Editora Abril, 2006.
- ANATRELLA, Tony. *O sexo esquecido*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- APA – American Psychiatric Association. *Document Reference nº 730008*. USA: APA, 1973.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BANTMAN, Béatrice. *Breve História do Sexo*. Lisboa, Portugal: Terramar, 1998.
- BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às Ciências Sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BARROS, FISCHER & Associados. *Estatística: parâmetros, variáveis, intervalos, proporções*. (série Ciências Exatas nº 13). São Paulo: BFA, 2005.

- BARRET, Michèle. “As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea”. In: *Revista de Estudos Feministas*. Vol. 7. n° 1 e 2. Florianópolis: IFCS/UFRJ- CFH/UFSC, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BÉJIN, André. “Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos”. In: ARIÉS, Philippe & BÉJIN, André (orgs). *Sexualidades Ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense:1987a.
- BÉJIN, André. “O poder dos sexólogos e a democracia sexual”. In: ARIÉS, Philippe & BÉJIN, André (orgs). *Sexualidades Ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense:1987b.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Pensamento de Direita, Hoje*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vol.1-Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vol.2-A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.
- BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla (coords). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1987.
- BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BERTOLETE, José Manoel. *Glossário de Termos de Psiquiatria e Saúde Mental da CID-10 e seus derivados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BILLOUET, Pierre.*Foucault*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. *Foucault: como o imagino*. Lisboa, Port: Relógio d' água, s/d.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador* Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2001.

- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BORDO, Susan. "O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault" In: JAGGAR, A & BORDO, S. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOUTHOU, Gaston & CARRÉRE, Renè. *O desafio da guerra: dois séculos de guerra, 1740-1974*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- BRAIDOTTI, Rosi. "A política da diferença antológica". In: BRENAN, Tereza. (org.) *Para Além do Falo*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- BRAIDOTTI, Rosi. "A ética da diferença sexual: o caso Foucault". In: BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nômades*. Barcelona, Espanha: Paidós, 2000. Texto traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <<http://www.unb.br/fe/tel/filoesco/foucault/>> acessado em 15/04/2005.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. *El mediterráneo: el espacio y la história*. México: Ed. Flammarion Paris, 1989.
- BRITZMAN, Débora. "Curiosidade, sexualidade e currículo" In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BRUCKNER, Pascal & FINKIELKRAUT, Alain. *A nova desordem amorosa*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRUNO, Fernanda. *Do sexual ao virtual*. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.
- BUTLER, Judith. "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault". In: BENHABIB, S. & CORNELL, D (coords). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". In: Cadernos Pagu. Volume 11. *Trajetórias de Gênero, masculinidades*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, Álvaro & NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CAIRE, Raymond. *A Mulher Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Relatório de Acompanhamento 2003 – Comitê Multidisciplinar*. Capes: 2003.
- CASTELO BRANCO, Guilherme & NEVES, Luiz F.B. (orgs). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- CASTELO BRANCO, Guilherme & PORTOCARRERO, Vera (orgs). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- CITRON, Suzanne. *A história dos homens*. Lisboa: Terramar, 1999
- CHAVES, Ernani. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CONNOR, Steven. *Teoria e Valor Cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- COOPER, David. *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CORDIOLI, Aristides Volpato. *Psicofármacos*. Porto Alegre, Artes Médicas:1997
- CORRÊA, Sônia. “Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar?” In PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- COSTA, Cláudia de Lima. “O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: as (in)determinações da identidade nas entrelinhas do (con)texto”. In: PEDRO, Joana Pedro & GROSSI, Miriam Pillar (ogs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CUPANI, Alberto. "Objetividade científica: noção e questionamentos" In: *Revista Manuscrito*, XIII, I (1990) pp 25-54.
- DANCEY, Christine P. & REIDY, John. *Estatística sem matemática para psicologia*. Porto Alegre, Artmed, 2006
- DAVIS, James A. *Levantamento de dados em sociologia: uma análise estatística elementar*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- DÉBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988a.
- DELEUZE, Gilles. "¿Qué es un dispositivo?". In: BALBIER et alli. *Michel Foucault Filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1988b.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DORSCH, Friedrich. *Diccionario de Psicología*. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1978.
- DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária:1995.
- DROIT, Roger-Pol. *Michel Foucault: entrevistas*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DSM-IV-TR. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. "A diferença entre as filosofias de Carnap e Popper" .In: *Cadernos História, Filosofia e Ciências Sociais*. Série 3, Vol.1, jan-jun 1991. Campinas:Unicamp, 1991
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- EIZIRIK, Marisa Faermann. *Michel Foucault: um pensador do presente*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2002.



- ENCICLOPÉDIA DA SEXUALIDADE – Vol 1. São Paulo: Editora Três, 1995.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Global, 1984.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. *O Dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- EPSTEIN, Robert. “Ser ou não ser”. In: *Revista Mente&Cérebro*, nº 165 – outubro 2006. Conteúdo Internacional Gehirn&Geist e Licença da Scientific American. São Paulo: Ediouro/DuettoEditorial, 2006.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- EWALD, François. “O fim de um mundo”. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. *O Dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- EWALD, François. *Foucault: A Norma e o Direito*. Lisboa, Portugal: Vega, 2000.
- EYSENCK, Hans Jurgen. *A desigualdade do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FLAX, Jane. “Pós-modernismo e as relações de gênero na Teoria Feminista”. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FLAX, Jane. *Psicanálisis y Feminismo. Pensamientos fragmentários*. Valência, Espanha: Ediciones Cátedra; Universitat de Valencia; Instituto de la mujer, 1995.
- FONSECA, Marcio Alves da. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- FONSECA, Marcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. “Prefácio”. In: *Herculine Barbin, o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *O Dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1984a
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b

- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990
- FOUCAULT, Michel. *Saber y Verdad*. Coléccion Genealogia del poder n° 10. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991a.
- FOUCAULT, Michel y otros autores. *Espacios de poder*. Coléccion Genealogia del poder n°6. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991b.
- FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994a.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994b
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária:1995a.
- FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o Poder”. In DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária:1995b.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996a.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.
- FOUCAULT, Michel. et alli. *O homem e o Discurso*. Comunicação/3. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996c.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FOUCAULT, Michel. “Verdade e Poder” In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998a (13ª edição).

- FOUCAULT, Michel. “Não ao Sexo Rei” In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998b (13ª edição).
- FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história” In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998c (13ª edição).
- FOUCAULT, Michel. “Sobre a história da sexualidade” In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998d (13ª edição).
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- FOUCAULT, Michel. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Coleção Ditos e Escritos. Volume I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999c.
- FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo e outros textos*. São Paulo: Landy, 2000a.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas do Pensamento*. Coleção Ditos e Escritos Volume II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Coleção Ditos e Escritos Volume III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. Coleção Ditos e Escritos Volume IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade e Política*. Coleção Ditos e Escritos Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. *Sexo, Poder e Indivíduo*. Desterro: Edições Nefelibata, 2004b.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, Michel. “Gerir os ilegalismos” In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault – Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006a.
- FOUCAULT, Michel. “Eu sou um pirotécnico” In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault – Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006b.

- FOUCAULT, Michel. *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.
- FOUCAULT, Michel. *Seguridad, território, población: Curso en el Collège de France: 1977-1978*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006d
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- FRIEDMAN, David M. *Uma mente própria: a história cultural do pênis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- FROMM, Erich. *Ter ou Ser?*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987 (4ª ed.).
- FURLANETTO, Maria Marta & SOUZA, Osmar de. (orgs.) *Foucault e a autoria*. Florianópolis: Insular, 2006.
- GABILONDO, Ángel. *El discurso en acción: Foucault y una ontología del presente*. Barcelona, Espanha: Anthropos, 1990.
- GAGNON, John & SIMON, William. *Sexual Conduct*. Chicago, USA: Aldine Publishing Company, 1974.
- GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GALLO, Silvio. "Foucault: o pensador transversal". In: *Revista Discutindo Filosofia*. Ano 1, nº 6. São Paulo: Escala Educacional, 2006
- GEDDES, Donald Porter (edit.). *An Analysis of the Kinsey Reports on Sexual Behavior in the Human Male and Female*. New York: The New American Library of World Literature, 1954
- GIAMI, Alain. "Cent ans d'hétérosexualité" In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. n. 128, juin 1999 (Sur la Séxualité). Paris: Ed. du Seuil, 1999, pp.38-45.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & sexualidade nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- GOLDANI, Ana Maria. "Demografia e feminismos: os desafios da incorporação de uma perspectiva de gênero". In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências humanas desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.
- GOLDMAN, Márcio. "Objetivação e Subjetivação no 'último Foucault'". In: CASTELO BRANCO, Guilherme & NEVES, Luiz F.B (orgs). *Michel Foucault da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- GONZALEZ, Julian Sauquillo. *Michel Foucault: una filosofia de la accion*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989.
- GORDON, Richard. *A assustadora história do sexo*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- GUÉRIN, Daniel. *Um ensaio sobre a revolução sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GREER, Germaine. *Sexo e destino: a política da fertilidade humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- GREGERSEN, Edgar. *Práticas sexuais – A história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca, 1983.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.
- GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- GROSSI, Miriam Pillar & Pedro, Joana Maria. *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade* (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998a.
- GROSSI, Miriam Pillar; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. "Entrevista com Joan Wallach Scott". In: *Revista de Estudos Feministas*, vol 6, nº 1/98. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998b.
- GROSSI, Miriam Pillar. "Estudos sobre mulheres ou de gênero? Afinal o que fazemos? (Teorias sociais e paradigmas teóricos)" In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Orgs). *Falas de Gênero. Teorias, Análises, Leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

- GROSZ, Elizabeth. “Corpos reconfigurados”. In: *Cadernos Pagu*, Volume 14, Corporificando Gênero. Campinas:UNICAMP, 2000.
- GUILLEBAUD, Jean Claude. *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- GUIRADO, Marlene. *Psicanálise e Análise do Discurso*. São Paulo: Summus, 1995.
- HACKING, Ian. “La Arqueologia de Foucault”. In: HOY, David Couzens(comp.) *Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nova Visión, 1988.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARDING, Sandra. “A instabilidade das categorias analíticas na Teoria Feminista. In: *Revista de Estudos Feministas*. Vol.1 n° 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- HEILBORN, Maria Luiza(org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.
- HÉRITIER, Françoise. *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1998.
- HITE, Shere. *Honestidade sexual: pelas mulheres para as mulheres*. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- HITE, Shere. *O Relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Difel, 1979. (4ª edição).
- HITE, Shere. *O Relatório Hite sobre a sexualidade masculina*. São Paulo: Difel, 1982.
- HITE, Shere. *Mocinhos, bandidos e outros amantes: um guia para os relacionamentos de cada mulher*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- HITE, Shere. *Mulheres e Amor: o novo relatório Hite*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- HITE, Shere. *Relatório Hite sobre a Família*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- HITE, Shere. *Sexo e Negócios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- HITE, Shere. *Orgulho de Ser Mulher*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOFFMANN, Martin. *O sexo Equívoco*. Rio de Janeiro: Biblioteca da Sabedoria, 1976.
- HOY, David Couzens (comp.). *Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.
- ISTO É. *Brasil 500 anos - Atlas Histórico*. São Paulo: Editora Três, 1998.
- ISTO É/The Times. *1000 que fizeram 100 anos de cinema*. São Paulo: Editora Três, 1996.
- ISTO É/The Times. *1000 que fizeram o século 20*. São Paulo: Editora Três, 2000.
- JALÓN, Mauricio. *El laboratorio de Foucault: descifrar y ordenar*. Barcelona, ESP: Anthopos, 1994.
- JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio (orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- KAPLAN, Helen Singer. *A Nova Terapia do Sexo: tratamento dinâmico das disfunções sexuais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- KAPLAN, Helen Singer. *O desejo Sexual*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- KAPLAN, Helen Singer. *Manual Ilustrado de Terapia Ssexual*. São Paulo: Manole, 1984.
- KAPLAN, Helen Singer. *Transtornos do Desejo Sexual: regulação disfuncional da motivação sexual*. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- KATZ, Jonathan. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, PA: W.B. Saunders, 1948. (parcial).
- KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. *Conducta sexual del Varón*. México: Editorial Interamericana, 1949.

- KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde; GEBHARD, Paul. *A Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.
- KNOWLES, Jon. "Dr. Kinsey's sex revolution" In: *Electronic Journal of Human Sexuality*, Vol. 7 – dec.2004. Disponível em <<http://www.ejhs.org>> acessado e baixado em 28.09.2006.
- KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KÖLLING, Andréas. *Perversion und Sexualität oder die Anormalität des Normalen – Zu Freuds "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie"*. Artigo de 2000, disponível em <<http://www.hausarbeiten.de>> acessado e capturado em 22.10.2006.
- KOHAN, Walter Omar & GONDRA, José. (orgs). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. "Conceituando Gênero". Texto para o Curso de Atuação Política para Mulheres. Florianópolis: Departamento de Psicologia/UFSC, 1999a.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. "Identidade: a fragmentação do conceito". In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999b.
- LAING, Donald D. *Sobre loucos e sãos*. São Paulo: Brasiliense, 1982
- LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- LECHTE, John. *Cinqüenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.



- LEIS, Hector Ricardo. "Sobre o conceito de Interdisciplinaridade". In: *Cadernos de pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, nº 73. Florianópolis: UFSC, 2005.
- LE GOFF, Jacques. "Documento Monumento". In: *História e memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.
- LE GOFF, Jacques. "Prefácio". In: BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- LINTON, Ralph. *O Homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOYOLA, Maria Andréia (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- LOYOLA, Maria Andréia. "A sexualidade como objeto de estudo nas ciências humanas". In: HEILBORN, Maria Luiza. *Sexualidade: o olhar das ciências humanas* (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. "Gênero, História e Educação: construção e desconstrução". In: *Educação e Realidade*. Vol.20, nº 2. jul/dez 1995. Porto Alegre.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes (org.). "Pedagogias da sexualidade". In: *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MACHADO, Lia Zanotta. "Gênero, um novo paradigma?" In: *Cadernos Pagu*. Vol. 11. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Graal, 1999.

- MAIA, Antonio C. "A genealogia de Foucault e as formas fundamentais de poder- saber: o inquérito e o exame". In: CASTELO BRANCO, Guilherme & NEVES, Luiz F.B (orgs). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.
- MALTHUS, Thomas. "Controle populacional". In: *O tesouro da Enciclopédia Britânica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina*. São Paulo: Manole, 1998.
- MARGOLIS, Jonathan. *A história íntima do orgasmo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- MASTERS & JOHNSON. *O vínculo do prazer*. Rio de Janeiro:Record,1975.
- MASTERS, William & JOHNSON, Virginia. *A Incompetência Sexual: suas causas seu tratamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 (2ª edição).
- MASTERS, Wiliam, JOHNSON, Virgínia. *Homossexualidade em perspectiva*. Porto Alegre: Artes Médicas: 1979.
- MASTERS, William & JOHNSON,Virginia. *A Conduta Sexual Humana*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981(4ª edição).
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia; KOLODNY, Robert. *Manual de Medicina Sexual*. São Paulo: Manole, 1982.
- MASTERS, William & JOHNSON,Virginia. *A Resposta Sexual Humana*. São Paulo: Roca, 1984.
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia; KOLODNY, Robert. *Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MARIE, Elizabeth (org.). *Aborto: um direito da mulher sobre seu próprio corpo*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- MARIGUELA, Márcio. "A Psicanálise na Arqueologia das Ciências Humanas". In: MARIGUELA, Márcio (org.). *Foucault e a destruição das evidências*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

- MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MEAD, Margareth & METRAUX, Rhoda. *Aspectos do presente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- MELANDRI, Pierre. *História dos Estados Unidos desde 1865*. Portugal: Edições 70, 2000.
- MEMÓRIA, José Maria Pompeu. *Breve História da Estatística*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004.
- MEZAN, Renato. "Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise". In: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MINELLA, Luzinete Simões. "Autodeterminação e passividade feminina e masculina no campo da saúde reprodutiva". In: *Revista de Estudos Feministas*. Vol 8, nº 1/2000. Florianópolis:CFH/UFSC, 2000.
- MOREL, Pierre. *Dicionário Biográfico PSI: psiquiatras, psicólogos, psicanalistas*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MOREY, Miguel. *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1990.
- MOUFFE, Chantal. "Feminismo, cidadania e política democrática radical". In: *O regresso do político*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2004. 264 pgs.
- NICHOLSON, Linda. "Interpretando Gênero". In: *Revistas de Estudos Feministas*. Vol. 8, nº 2. Florianópolis: UFSC, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. "A Gaia Ciência". In: *Nietzsche – breviário de citações*. São Paulo: Princípio, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral". In: *Nietzsche-Obras Incompletas*. São Paulo: Editora Nova Cultural: 1999a. Coleção Os Pensadores.
- NIETZSCHE, Friedrich. "Humano, Demasiado Humano". In: *Nietzsche – Obras Incompletas*. São Paulo: Editora Nova Cultural: 1999b. Col. Os Pensadores.

- NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de potência*. São Paulo: Escala, s/d.
- NYE, Andréa. *Teoria Feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1995.
- OKAWARA, Haruo & SAWAYA, Rogério Barros. *Amar: toda a realidade sobre a vida sexual*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- OLIVEIRA, Fátima. *Saúde da população negra: Brasil ano 2001*. Brasília: Organização Panamericana da Saúde, 2003. Disponível em <<http://www.opas.org.br>>, acessado e capturado em 05.12.2006.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PALMORE, Erdman Ballach. "Published Reactions To The Kinsey Report". In: *Social Forces*, Vol.31, n° 2 (Dez 1952) pp.165-172. Univerity of North Carolina Press. Disponível em <<http://www.jstor.org>> acessado e baixado em 04.04.2007.
- PARIS, Ginette. *O sacramento do aborto*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2000.
- PARKER, Geoffrey (Editor). *Atlas da História do Mundo*. São Paulo: Folha de São Paulo/TheTimes, 1995.
- PEDRO, Joana Maria (org.) *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
- PEREIRA, Aldo. *Vida Intima: Enciclopédia do Amor e do Sexo*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PEREIRA, Antônio. *A analítica do poder em Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica; FUMEC, 2003.

- PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, Michelle. "Michel Foucault e a história das mulheres". In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Orgs.). *O Legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: USP: Editora34, 1999.
- PINHO, Luiz Celso. "As tramas do discurso". In: CASTELO BRANCO, Guilherme & NEVES, Luiz F.B (orgs.). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- PODOLSKY, Edward (publ.) *Enciclopedia de las aberraciones*. Buenos Aires: Editorial Psique, 1959.
- POMBO, Olga. "Contribuição para um vocabulário sobre Interdisciplinaridade". Artigo disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt>> acessado em 27.01.2006.
- PONTES, Cleto Brasileiro. *Psiquiatria: Conceitos e Práticas*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.
- PRADO F°, Kleber. *Trajetórias para leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault*. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 1998.
- PRADO F°, Kleber. "Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases)". In: GUARESCHI, Neuza M.F. & HÜNING, Simone M. (orgs.). *Foucault e Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005a.
- PRADO F°, Kleber. "Uma história crítica da subjetividade no pensamento de Michel Foucault". In: FALCÃO, Luís Felipe & SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault : perspectivas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005b.
- PRADO F°, Kleber. *Michel Foucault: Uma história política da verdade*. Rio de Janeiro/Florianópolis: Achiamé/Insular, 2006a.
- PRADO F°, Kleber. "Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente". In: RAGO, Margareth & VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.
- QUEIROZ, André. *Foucault: o paradoxo das passagens*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

- QUEIROZ, André. *O presente, o intolerável...- Foucault e a História do Presente*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz & VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz & VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- REICH, Wilhelm. *O Combate Sexual da Juventude*. São Paulo: Edições Epopéia, 1986.
- REICH, Wilhelm. *A Função do Orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RELGIS, Eugen. *História Sexual da Humanidade*. Biblioteca de Estudos Sexuais, volume 16. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954.
- REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand do Brasil, 1989.
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Paulo: Claraluz, 2005.
- RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIBEIRO, Renato Janine et al. "O efeito Foucault" In: *Cult – Revista Brasileira de Cultura*. Ano VI, nº 81, junho 2004. São Paulo: Bregantini, 2004.
- ROBINSON, Paul. *A modernização do sexo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- RODRIGUES JR., Oswaldo Martins. *Objetos do desejo: das variações sexuais, perversões e desvios*. São Paulo: Iglu, 2000
- ROUDINESCO, Elisabeth; CANGUILHEM, Georges; MAJOR, René & DERRIDA, Jacques. *Foucault: Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- RUSSO, Jane Araújo. “Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sergio. *Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SARGENTINI, Vanice & NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.
- SAMUELSON, Robert. “Norteamericanos obcecados com los dados estadísticos”. In: *Jornal LaPrensa*. Edição de 26.12.2000. Disponível em <<http://archive.laprensa.com.sv>> acessado em 15.12.2004.
- SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. (orgs.). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- SCIENTIFIC AMERICAN – História nº 5. *Nascimento da Medicina Moderna*. São Paulo: Segmento-Duetto&Ediouro, 2006
- SCIENTIFIC AMERICAN – História nº 6. *Os grandes erros da ciência*. São Paulo: Segmento-Duetto&Ediouro, 2006.
- SCIENTIFIC AMERICAN – *Gênios da Ciência: Matemática*. São Paulo: Segmento-Duetto&Ediouro, 2006.
- SCHELSKY, Helmut. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS v.20.nº2, 1995.
- SENA, Tito. “Uma análise dos discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90”. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Florianópolis: UFSC, 2001.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SILLAMY, Norbert. *Dicionário de Psicologia Larousse/ArtMed*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. “Um perverso compilador de casos”. In: *Caderno Mais*. Folha de São Paulo: 18/01/1998.

- SOROKIN, Pitirim. *A Revolução Sexual Americana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- SOUZA, Pedro de. & FALCÃO, Luís Felipe (orgs.). *Michel Foucault: perspectivas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- STANFIELD, Rochelle. "A miscigenação nos Estados Unidos". In: *Sociedade e Valores dos EUA*. Revista Eletrônica da USIA (United States Information Agency), Vol.4, nº2, junho de 1999.
- SWAIN, Tânia Navarro. "Quem tem medo de Foucault" In: CASTELO BRANCO, Guilherme & PORTOCARRERO, Vera.(orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- SZASZ, Thomas. *A fabricação da Loucura*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.
- TAVRIS, Carol & SADD, Susan. *The Redbook Report on Female Sexuality*. New York: Dell Publishing Co., 1978.
- TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed UCG, 1998.
- TÉTART, Plilippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- TRONCA, Ítalo A (org.). *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987.
- USSEL, Jos Van. *Repressão Sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- VALENTINI, Norberto & MEGLIO, Clara di. *Sexo no confessionário*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.
- VALERO, Pedro M. Hurtado. *Michel Foucault*. Madri, Espanha: Agora, 1991.
- VANCE, Carole. "A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico". In: *Physis – Revista de Saúde Coletiva*. Volume 5 - número 1 – 1995.
- VASÍLCHENKO, Gennady (dir). *Sexopatologia General*. Moscú, Madri: Editorial Mir, 1986.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UnB, 1982.



- VIEIRA, Sonia. *Introdução à Bio-Estatística*. São Paulo: Campus, 1991.
- VINCENT, Gerard. “Uma História do segredo?”. In: PROST, Antoine & VINCENT, Gerard. *História da Vida Privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- WADA, Ronaldo & VIEIRA, Sônia. *O que é Estatística*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WALLACE, Irving & WALLECHINSKY, David. *Almanaque para Todos*. 2ª parte. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- WATTENBERG, Ben. *The First Measured Century*. Seções do livro disponível em <<http://www.pbs.org/fmc/book>> acessado e capturado em 23/05/2006.
- WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, Política e Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998

---

### Artigos de Jornais

- ALAMBERT, Francisco. “O sonho pragmático”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 de outubro de 2001. Caderno Mais!
- ANGIER, Natalie. “Um mundo das mulheres”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de outubro de 2000. Caderno Mais!Especial: a nova onda do feminismo.
- CALLIGARIS, Contardo. “A encarnação do desejo”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 04 de junho de 1995. Caderno Mais!
- CALLIGARIS, Contardo. “Pedagogia do Amor”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 de abril de 1998. Caderno Mais!
- COSTA, Jurandir Freire. “Sexo e Gênero à moda americana”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de outubro de 2000. Caderno Mais!Especial: a nova onda do feminismo.
- DARNTON, Robert. “Inferno – da Biblioteca Nacional de Paris”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 09 de julho de 1995. Caderno Mais!

- FERRO, Marc. “A cor da infâmia”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 de fevereiro de 2005. Caderno Mais! (entrevista).
- FOLHA de São Paulo. “Ciência Nova”. São Paulo, 24 de novembro de 2002. Caderno Mais.
- FOLHA de São Paulo. “O Relatório Folha da Sexualidade Brasileira”. São Paulo, 18 de janeiro de 1998. Caderno Especial.
- FOLHA de São Paulo. “Família”. São Paulo, 20 de setembro de 1998. Caderno Especial.
- FOLHA de São Paulo. “Mais Velhos”. São Paulo, 26 de setembro de 1999. Caderno Especial.
- FOLHA de São Paulo. “Adullescência”. São Paulo, 20 de setembro de 1998. Caderno Mais!.
- FOLHA de São Paulo. “Império”. São Paulo, 24 de setembro de 2004. Caderno Especial.
- FOLHA de São Paulo. “A última utopia”. São Paulo, 10 de maio de 1998. Caderno Mais!
- FUREDI, Frank. “Não quero ser grande”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 de julho de 2004. Caderno Mais!
- GALISI FILHO, José. “Europa, ano zero”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 06 de julho de 2003. Caderno Mais!
- GIDDENS, Antony & HUNTINGTON, Samuel. “O cisma do ocidente”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 07 de março de 2004. Caderno Mais! (entrevista)
- KNIBIEHLER, Yvonne. “Quem cuida das crianças”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 04 de março de 2007. Caderno Mais! (entrevista).
- KURZ, Robert. “O ocaso da juventude dourada”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 06 de julho de 2003. Caderno Mais!
- LIEVEN, Dominic. “Império, uma história”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 06 de julho de 2003. Caderno Mais!
- MAILLER, Norman. “A construção do império mundial pela guerra”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 de fevereiro de 2003. Caderno Mais!

- MILLOT, Chaterine. “Felicidade e tirania do sexo”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 10 de janeiro de 1999. Caderno Mais! (entrevista).
- MITCHELL, Juliet. “A luta permanente”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de outubro de 2000. Caderno Mais!Especial: a nova onda do feminismo.
- NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. “A nova soberania”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 de setembro de 2000. Caderno Mais! (entrevista)
- PELBART, Peter Pál. “Os limites da transgressão”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 30 de janeiro de 2000. Caderno Mais!
- RAGO, Margareth. “O sexo plural”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 de fevereiro de 2006. Caderno Mais!
- RANCIÈRE, Jacques. “A história em pedaços”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 11 de novembro de 2001. Caderno Mais!
- ROCHA, Patrícia. “Vamos falar sobre sexo”. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 03 de abril de 2005. Caderno Donna DC (reportagem sobre Kinsey).
- RORTHY, Richard. “Orgulho americano, vergonha americana”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 de fevereiro de 2003. Caderno Mais!
- ROTH, Philip. “A velocidade da América e a tradição da impermanência”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 de fevereiro de 2003. Caderno Mais!
- SANTOS, Laymert Garcia dos. “A solução final capitalista”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 de setembro de 2000. Caderno Mais!
- SARDE, Michèle. “A rebelião feminina”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 08 de novembro de 1998. Caderno Mais! (entrevista).
- SCLIAR, Moacyr. “A bomba demográfica”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de novembro de 1998. Caderno Mais!
- SEVCENKO, Nicolau. “O dever da discórdia”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 de outubro de 2001. Caderno Mais!
- SINGER, André. “O império contra-ataca”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 de setembro de 2000. Caderno Mais!
- SOUZA, Pedro de. “Michel Foucault: é preciso contradizer”. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 18 de setembro de 2004. Seção Cultura.

- THE NEW YORK TIMES, March 31, 1948. Disponível em <<http://www.pbs.org/wgbh/amex/kinsey>> acessado e capturado em 17.07.2006.
- ZIZEK, Slavoj. "Um empreendimento pré-marxista". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 de setembro de 2000. Caderno Mais!
- ZIZEK, Slavoj. "Senhores e Servos". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 11 de novembro de 2001. Caderno Mais!
- ZIZEK, Slavoj. "A fortaleza América". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 07 de novembro de 2004. Caderno Mais!

## Dicionários

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário de termos eróticos e afins*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- CABRAL, Álvaro & NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- Dicionário Enciclopédico Ilustrado Sexo Amor e Vida. São Paulo: Formação Cultural Editora, s/d.
- DORSCH, Friedrich. *Diccionario de Psicología*. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOLDENSON, Robert & ANDERSON, Kenneth. *Dicionário de Sexo*. São Paulo: Atica, 1989.
- GOMES, Luiz Lugani. *Inglês Proibido: Dicionário do Sexual Vulgar (inglês-português)*. São Paulo: Pioneira, 1996.
- HOUAISS, Antonio.(Editor). *Novo Dicionário Folha Webster's*. São Paulo: Publifolha, 1997.
- KNOLL, Ludwig & KNOLL, Jaekel. *Léxico do Erótico*. Lisboa, Portugal: Bertrand, 1977.
- MILEA, Antonino Paolo. *Pequeno Dicionário de Sexo e Amor*. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1978.

- MOREL, Pierre. *Dicionário Biográfico PSI: psiquiatras, psicólogos, psicanalistas*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NODIN, Nuno. *Dicionário de Sexualidade Comentado*. São Paulo: Expressão&Arte, 2001.
- PEREIRA, Aldo. *Dicionário da Vida Sexual*. São Paulo: Abril, 1981.
- QUEIROZ, Otávio A.P. *Dicionário Latim-Português*. São Paulo: Editora LEP S.A, 1960.
- RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.
- SILLAMY, Norbert. *Dicionário de Psicologia Larousse/ArtMed*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SILVA, Francisco C.T; MEDEIROS, Sabrina E.; VIANNA, Alexander M. (orgs.). *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita: Idéias, Instituições e Personagens*. Rio de Janeiro: PAPERJ: Mauad, 2000.

### **Enciclopédias**

- Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- BOLSANELLO, Aurélio. *Enciclopédia Pedagógica da Educação Sexual*. Curitiba: Editoria Educacional Brasileira, 1985 (17<sup>a</sup> edição).
- COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jaqueline; TORDJMAN, Gilbert & VERDOUX, Christine. *Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia*. São Paulo: Abril, Círculo do Livro, 1990.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse/NovaCultural, 1998.
- Enciclopédia da Sexualidade – para o casal moderno. São Paulo: Editora Três, 1995.
- Nova Enciclopédia de Amor e Sexo. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- LOVE, Brenda. *Enciclopédia de Práticas Sexuais*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1997.
- PEREIRA, Aldo. *Enciclopédia do Amor e do Sexo - Vida Íntima*. São Paulo: Abril, 1981.

- PEREIRA, Flávio A. *Moderna Enciclopédia Sexual*. São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1966.
- PODOLSKI, Edward. *Enciclopédia de las aberraciones*. Buenos Aires: Editorial Psique, 1959.

## Revistas

- CULT - Revista Brasileira de Cultura. Ano VI, nº 81, junho 2004. São Paulo: Bregantini, 2004.
- Discutindo FILOSOFIA. Ano 1. nº 6. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- EDUCAÇÃO Especial: Biblioteca do professor. nº 3. *Foucault pensa a educação*. São Paulo: Editora Segmento, 2006
- ISTO É. *100 fatos que marcaram o século*. Edição Especial nº 1578 de 29.12.1999. São Paulo: Editora Três, 1999.
- PSIQUE – Ciência e Vida. Ano I e II – nº 1 a 18. São Paulo: Editora Escala, 2005/2006.
- SCIENTIFIC AMERICAN – História nº 6. *Os grandes erros da ciência*. São Paulo: Segmento-Duetto&Ediouro, 2006.
- SCIENTIFIC AMERICAN – *Gênios da Ciência: Matemática*. São Paulo: Segmento-Duetto&Ediouro, 2006.

## Filmes

- KINSEY. Produção de Gail Mutrux. Direção de Bill Gordon. Alemanha/EUA, 2004. DVD (118 min). Color, Inglês.
- O SÉCULO DO SEXO. Co-produção de Carlton Television (Inglaterra) e HistoryTV (Suíça). Filadélfia:TW-Vídeo, 2000. Videocassete (250 min). VHS, Color. Português. Gravado em 20/08/2000.
- O EINSTEIN DO SEXO. Produção: Rosa Von Praunheim/Filme Board Berlin. Bradenburg, Alemanha, 1999. DVD (98 min). Color. Alemão. Filme sobre a vida de Magnus Hirschfeld.
- O POVO CONTRA LARRY FLINT. Produção de Oliver Stone. Co-produção IXTLAN. Califórnia, 1996. Videocassete(128 min). VHS, Color. Inglês.
- 100 ANOS DE EROTISMO NO CINEMA. Produção da Sétima Editora. Rio de Janeiro, 1997. Videocassere (135min). VHS. P&B. Curtas. Mudo.

## Sítios Eletrônicos

- <<http://www.indiana.edu/kinsey>>
- <<http://www.kinseyinstitute.org>>
- <<http://www.hiteresearchfoundation.org>>
- <<http://www.mastersandjohnson.com>>
- <<http://www.writing.upenn.edu>>
- <<http://www.encyclopedia.com>>
- <<http://www.anthrobase.com>>
- <<http://www.caderbooks.com>>
- <<http://www.drjudithreismann.org>>
- <<http://www.encyclopédiabritannica.com>>
- <<http://www.elmundosand.es>>
- <<http://www.obits.com>>
- <<http://www.incontinet.com>>
- <<http://www.ifeminists.com>>
- <<http://www.indexmundi.com>>
- <<http://www.time.com>>
- <<http://www.britannica.com>>
- <<http://www.nobelprize.org>>
- <<http://www.rockfound.org>>
- <<http://www.schumacher.org.uk>>
- <<http://www.alibris.com>>
- <<http://www.questia.com>>
- <<http://www.amazon.com>>
- <<http://www.hiperhistory.com>>
- <<http://www.backdrop.net>>
- <<http://www.ac.wvu.edu>>
- <<http://www.sabbatini.com>>
- <<http://www.scielo.br>>
- <<http://www.revistaciênciaeprofissão.com.br>>
- <<http://www.ibge.gov.br>>

- <<http://www.biography.com>>
- <<http://www.onu-brasil.org.br>>
- <<http://www.whitehouse.gov>>
- <<http://www.embaixada-americana.org.br>>
- <<http://www.odci.gov/cia/publications/factboo>>
- <<http://www.state.gov>>
- <<http://www.census.gov>>
- <<http://www.cicred.org>>
- <<http://www.ined.fr>>
- <<http://www.providafamilia.org.br>>
- <<http://www.sigmasociety.com>>
- <<http://www.ccet.ufrn.br>>
- <<http://www.unicamp.br>>
- <<http://www.ufmg.br>>
- <<http://www.ufrj.br>>
- <<http://www.pucsp.br>>
- <<http://www.ufrgs.br>>
- <<http://www.ufpr.br>>
- <<http://www.usp.br>>
- <<http://www.ufsc.br>>
- <<http://www.cnpq.br>>
- <<http://www.comciencia.br>>
- <<http://www.backdrop.net>>
- <<http://www.logosmagazine.uk>>
- <<http://www.hyperhistory.com>>
- <<http://www.folha.com.br>>
- <<http://www.timelineindex.com>>
- <<http://www.gale.com>>
- <<http://www.teacheroz.com>>
- <<http://www.web.mel.org>>
- <<http://www.ponteiro.com>>



- <<http://www.reference.com/willi>>
- <<http://www.historiadasexualidade.com>>
- <<http://www.sexualorientation.info>>
- <<http://www.socsci.aau.dk>>
- <<http://www.rspv.org>>
- <<http://www.kadi.myweb.uga.edu>>
- <<http://www.psych.org/edu>>
- <<http://www.eroticabibliophile.com>>
- <<http://www.muelerscience.com>>
- <<http://www.lawcornell.edu>>
- <<http://www.psiqueweb.med.br>>
- <<http://www.worldsexology.org>>
- <<http://www.sbrash.org.br>>
- <<http://www.gwu.edu>>
- <<http://www.onpointradio.org>>
- <<http://www.cityjournal.org>>
- <<http://www.biogs.com>>
- <<http://www.cityjournal.org>>
- <<http://www.tracas.com.br>>
- <<http://www.sebovirtual.com.br>>
- <<http://www.exlibris.com.br>>
- <<http://www.sebol.com.br>>
- <<http://www.estantevirtual.com.br>>
- <<http://www.sebofigaro.com.br>>
- <<http://www.raridade.com>>
- <<http://www.seboalternativa.com.br>>
- <<http://www.sebopapirus.com.br>>
- <<http://www.amigosdolivro.com.br>>
- <<http://www.livrariasebo.com.br>>
- <<http://www.livronet.com.br>>
- <<http://www.reler.com.br>>

## **ANEXOS**

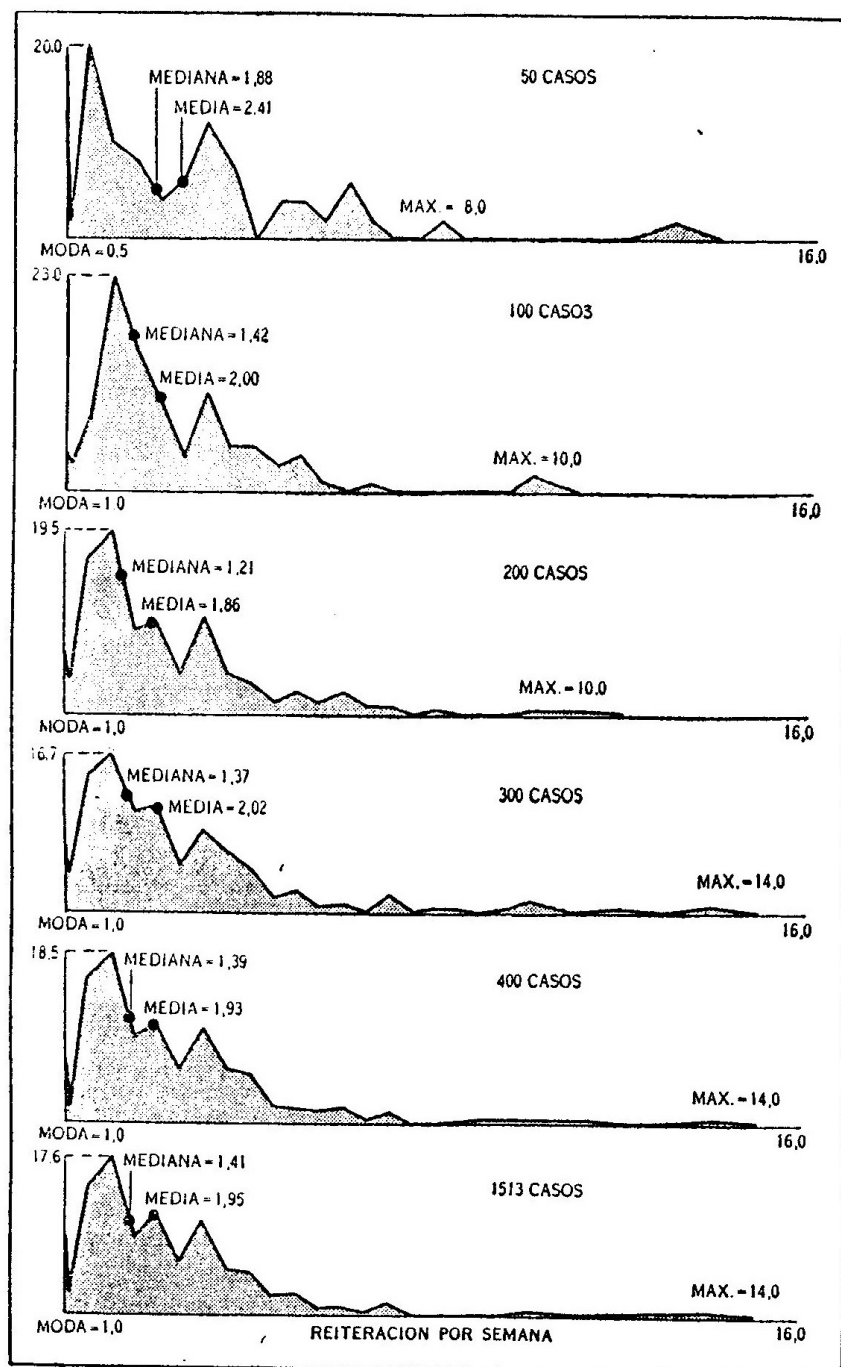


Figura 7. Relación entre el volumen de la muestra y la forma de la curva de reiteración

Representa las distribuciones de reiteración para la masturbación. Basada en los varones solteros, que pertenecen al grupo de edad 16-20, de nivel universitario (13+) y protestantes inactivos.

#### ANEXO 1: FIGURA em "LA CONDUCTA SEXUAL DEL VARON" (RELATÓRIO KINSEY MASCULINO)

**GRUPOS 100 POR 100 Y GRUPOS PARCIALES**  
**VARONES SOLTEROS DE RAZA BLANCA DE NIVEL UNIVERSITARIO**

GRUPO	Grupo	Población total		Población activa		
		Reiteración media	Reiteración mediana	Frecuencia por 100	Reiteración media	Reiteración mediana
EDAD: ADOL. - 15						
Total de orgasmos	100 por 100	2,62 ± 0,11	1,96	95,6	2,74 ± 0,11	2,07
	Parcial	2,89 ± 0,06	2,28	95,8	3,02 ± 0,06	2,40
Masturbación	100 por 100	2,12 ± 0,09	1,52	82,7	2,56 ± 0,10	1,94
	Parcial	2,25 ± 0,06	1,64	82,2	2,74 ± 0,06	2,11
Poluciones nocturnas	100 por 100	0,30 ± 0,02	0,08	67,2	0,45 ± 0,03	0,26
	Parcial	0,35 ± 0,02	0,11	70,7	0,49 ± 0,02	0,28
Coitos prematrimoniales	100 por 100	0,05 ± 0,02	0,00	9,5	0,56 ± 0,24	0,17
	Parcial	0,08 ± 0,01	0,00	9,3	0,90 ± 0,11	0,30
Contactos homosexuales	100 por 100	0,06 ± 0,01	0,00	17,9	0,32 ± 0,05	0,08
	Parcial	0,10 ± 0,01	0,00	22,6	0,43 ± 0,04	0,09
EDAD: 16-20						
Total de orgasmos	100 por 100	2,38 ± 0,08	1,85	99,7	2,38 ± 0,08	1,85
	Parcial	2,80 ± 0,05	2,20	99,8	2,81 ± 0,05	2,21
Masturbación	100 por 100	1,61 ± 0,07	1,03	88,9	1,81 ± 0,07	1,29
	Parcial	1,84 ± 0,05	1,24	88,5	2,08 ± 0,05	1,56
Poluciones nocturnas	100 por 100	0,42 ± 0,02	0,24	91,3	0,46 ± 0,03	0,28
	Parcial	0,42 ± 0,01	0,25	91,3	0,47 ± 0,01	0,29
Coitos prematrimoniales	100 por 100	0,18 ± 0,02	0,00	36,1	0,50 ± 0,05	0,23
	Parcial	0,27 ± 0,02	0,00	39,6	0,67 ± 0,04	0,21
Contactos homosexuales	100 por 100	0,03 ± 0,01	0,00	12,3	0,25 ± 0,04	0,08
	Parcial	0,08 ± 0,01	0,00	17,1	0,44 ± 0,05	0,09
EDAD: 21-25						
Total de orgasmos	100 por 100	2,14 ± 0,09	1,64	100,0	2,14 ± 0,09	1,64
	Parcial	2,57 ± 0,06	1,93	99,8	2,58 ± 0,06	1,94
Masturbación	100 por 100	1,15 ± 0,07	0,66	88,8	1,30 ± 0,07	0,80
	Parcial	1,34 ± 0,05	0,69	86,5	1,55 ± 0,05	0,88
Poluciones nocturnas	100 por 100	0,40 ± 0,03	0,23	86,4	0,47 ± 0,04	0,30
	Parcial	0,38 ± 0,02	0,22	87,2	0,43 ± 0,02	0,28
Coitos prematrimoniales	100 por 100	0,36 ± 0,05	0,01	52,3	0,68 ± 0,08	0,30
	Parcial	0,47 ± 0,03	0,03	55,2	0,86 ± 0,05	0,31
Contactos homosexuales	100 por 100	0,03 ± 0,01	0,00	5,7	0,57 ± 0,17	0,23
	Parcial	0,10 ± 0,02	0,00	10,4	1,01 ± 0,12	0,32

**CUADRO 3. Comparaciones de grupos 100 por 100 y parciales**

Los "grupos parciales" incluyen los grupos 100 por 100 y los voluntarios obtenidos aparte de aquéllos. Sobre esta base se han hecho las comparaciones para que estos "grupos parciales" correspondan a los grupos en que se han basado todos los cálculos del presente volumen. El volumen de población de los grupos 100 por 100, en los tres grupos de edad, es de 665, 664 y 367, respectivamente; y para las muestras parciales de 2 144, 2 197 y 1 531, respectivamente.

**ANEXO 2: QUADRO em "LA CONDUCTA SEXUAL DEL VARON"**  
**(RELATÓRIO KINSEY MASCULINO)**

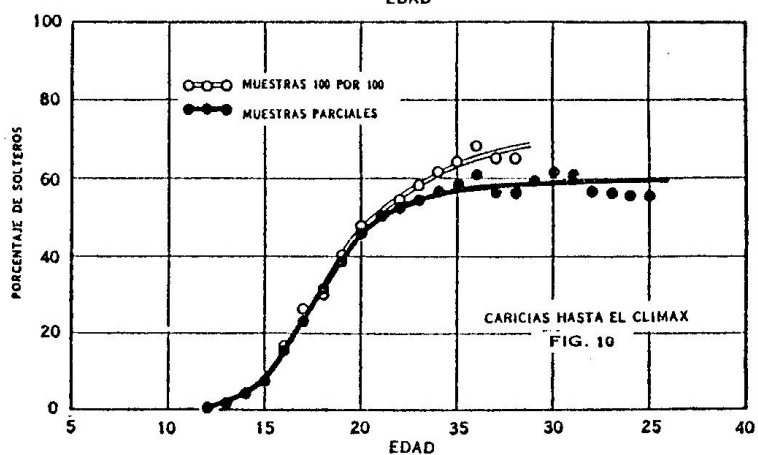
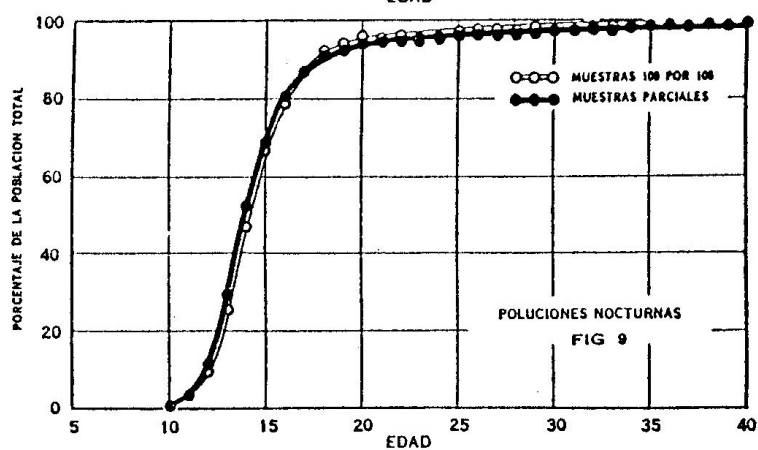
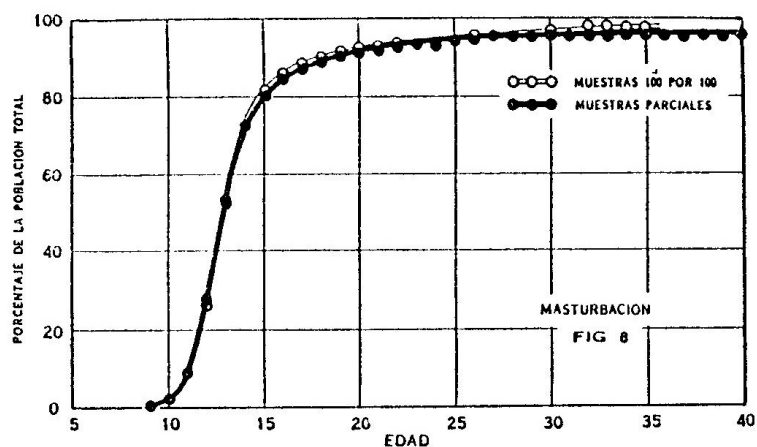
**DATOS DE FRECUENCIA ACUMULATIVA: COITOS CON PROSTITUTAS  
VARONES DE RAZA BLANCA, DE NIVEL UNIVERSITARIO**

EDAD	*1 Edad de la primera experiencia	2 Σ de 1	*3 Edad al informar, individuos experimentados	4 Σ de 3 edades no alcanzadas	5 2-4 Reiteración	*6 Edad al informar, individuos no experimentados	7 3+6 Población total	8 Σ de 7 o más años implicados	9 5/8 Curva por 100	10 Incremento
13	3	3			3			2816	0,1	
14	19	22			22			2816	0,8	+0,7
15	42	64			64	1	1	2816	2,3	+1,5
16	72	136			136	2	2	2815	4,8	+2,5
17	119	255	8		255	68	76	2813	9,1	+4,3
18	125	380	25	8	372	139	164	2737	13,6	+4,5
19	100	480	44	33	447	191	235	2573	17,4	+3,8
20	78	558	70	77	481	236	306	2338	20,6	+3,2
21	41	599	74	147	452	286	360	2032	22,2	+1,6
22	38	637	78	221	416	197	275	1672	24,9	+2,7
23	21	658	64	299	359	181	245	1397	25,7	+0,8
24	12	670	31	363	307	119	150	1152	26,6	+0,9
25	11	681	36	394	287	82	118	1002	28,6	+2,0
26	9	690	29	430	260	81	110	884	29,4	+0,8
27	5	695	18	459	236	57	75	774	30,5	+1,1
28	6	701	23	477	224	42	65	699	32,0	+1,5
29	2	703	17	500	203	44	61	634	32,0	+0,0
30	4	707	10	517	190	34	44	573	33,2	+1,2
31		707	16	527	180	21	37	529	34,0	+0,8
32	2	709	18	543	166	26	44	492	33,7	-0,3
33	1	710	11	561	149	25	36	448	33,3	-0,4
34	1	711	12	572	139	18	30	412	33,7	+0,4
35	5	716	8	584	132	18	26	382	34,6	+0,9
36	3	719	14	592	127	19	33	356	35,7	+1,1
37	2	721	5	606	115	11	16	323	35,6	-0,1
38	1	722	9	611	111	18	27	307	36,2	+0,6
39		722	9	620	102	14	23	280	36,4	+0,2
40	1	723	6	629	94	13	19	257	36,6	+0,2
41		723	10	635	88	7	17	238	37,0	+0,4
42		723	12	645	78	17	29	221	35,3	-1,7
43		723	2	657	66	13	15	192	34,4	-0,9
44		723	2	659	64	14	16	177	36,2	+1,8
45		723	3	661	62	7	10	161	38,5	+2,3
46		723	3	664	59	7	10	151	39,1	+0,6
47		723	11	667	56	14	25	141	39,7	+0,6
48		723	3	678	45	3	6	116	38,8	-0,9
49		723	1	681	42	12	13	110	38,2	-0,6
50+	1	724	42	682	42	55	97	97	43,3	+5,1
Total	724		724	724		2092	2816			

Cuadro 12. Forma de calcular una curva de frecuencia acumulativa

Las columnas con asteriscos (\*) se han deducido de las tarjetas perforadas; las demás columnas se han calculado a base de las primeras. La curva derivada de este cuadro está representada en la fig. 114.

**ANEXO 3: QUADRO em "LA CONDUCTA SEXUAL DEL VARON"  
(RELATÓRIO KINSEY MASCULINO)**



Figuras 8-10. Comparaciones de las curvas de frecuencia acumulativa basadas en grupos 100 por 100 y parciales

Para los varones de nivel universitario (13 +)

#### ANEXO 4: FIGURA em "LA CONDUCTA SEXUAL DEL VARON" (RELATÓRIO KINSEY MASCULINO)

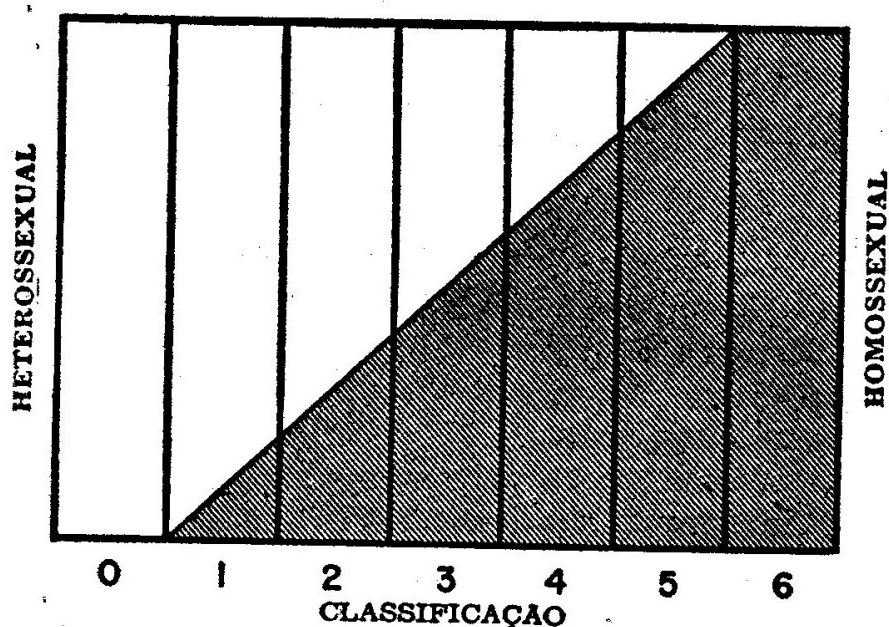


Fig. 93 — Escala heterosexual-homossexual.

Definições das classificações são as seguintes: 0 = inteiramente heterossexual; 1 = em grande parte heterossexual, mas com história homossexual casual; 2 = grande parte heterossexual, mas com nítida história homossexual; 3 = igualmente heterossexual e homossexual; 4 = em grande parte homossexual, mas com nítidas histórias heterossexuais; 5 = em grande parte homossexual mas com história heterossexual casual; 6 = inteiramente homossexual.

**ANEXO 5: FIGURA presente em ambos os RELATÓRIOS KINSEY  
(ESCALA Heterossexual - Homossexual)**

# Conduta Sexual da Mulher

ANTÔNIO DE AMERADE  
Psicólogo - CRP 07/0800

*Pelos membros do Instituto de Pesquisas  
Sexuais, Universidade de Indiana*

ALFRED C. KINSEY  
CLYDE E. MARTIN

WARDELL B. POMEROY  
PAUL H. GEBHARD

*Pesquisadores*

JEAN M. BROWN  
CORNELIA V. CHRISTENSON

Assistente de pesquisa, Biblioteca  
Assistente de pesquisa, encarrega-  
da de pesquisa de referência  
Assistente de pesquisa, Calculador  
estatístico

DOROTHY COLLINS

Pesquisador, Estudos legais  
Assistente de pesquisa, Estudos  
fotográficos

RITCHIE G. DAVIS  
WILLIAM DELLENBACK

Pesquisadora, Estudos legais  
Assistente de Pesquisa, Tradutor  
Tradutor especial

ALICE W. FIELD  
HEDWIG G. LESER  
HENRY H. REMAK  
ELEANOR L. ROEHR

Assistente de pesquisa, Secretária

TRADUÇÃO DE:

**Dr. ANTÔNIO VESPASIANO RAMOS**

Livre-Doente da cadeira de gineco-  
logia da Fac. Nacional de Medicina



Rua Senador Dantas, 56-58  
RIO DE JANEIRO  
----- 1 9 5 4 -----

**ANEXO 6: Frontispício de "A CONDUTA SEXUAL DA MULHER"  
(RELATÓRIO KINSEY FEMININO)}**



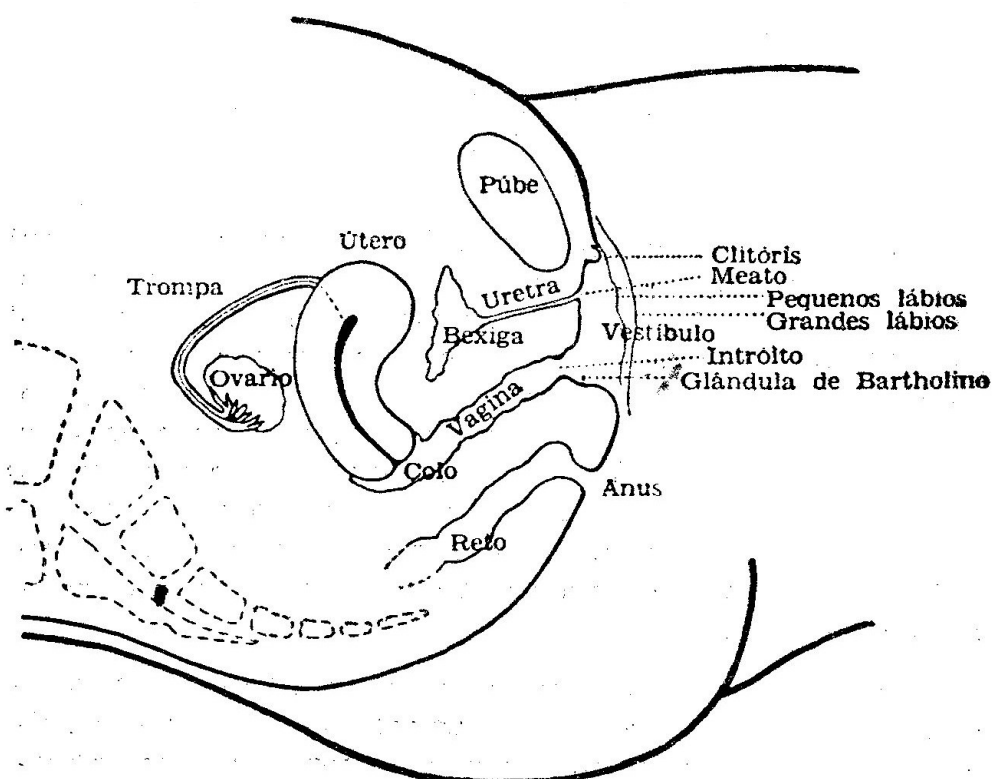


Figura 118 — Órgãos genitais da mulher.

**ANEXO 7: FIGURA em “A CONDUTA SEXUAL DA MULHER”  
(RELATÓRIO KINSEY FEMININO)}**

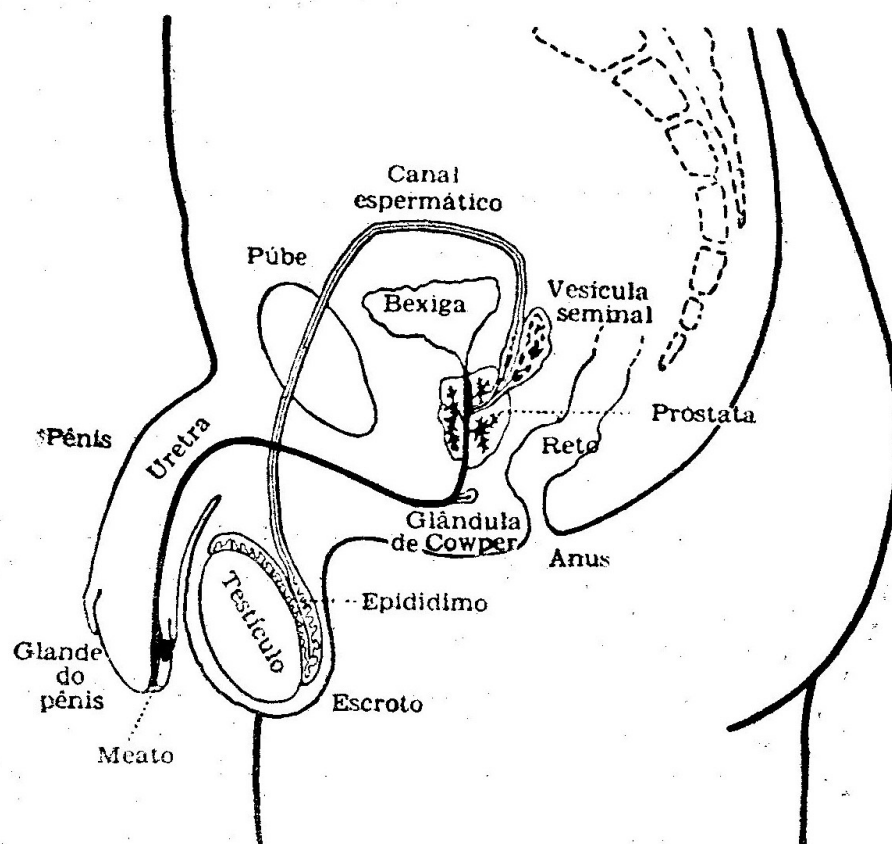


Figura 119 — Anatomia dos órgãos genitais do homem.

**ANEXO 8: FIGURA em “A CONDUTA SEXUAL DA MULHER”  
(RELATÓRIO KINSEY FEMININO)}**

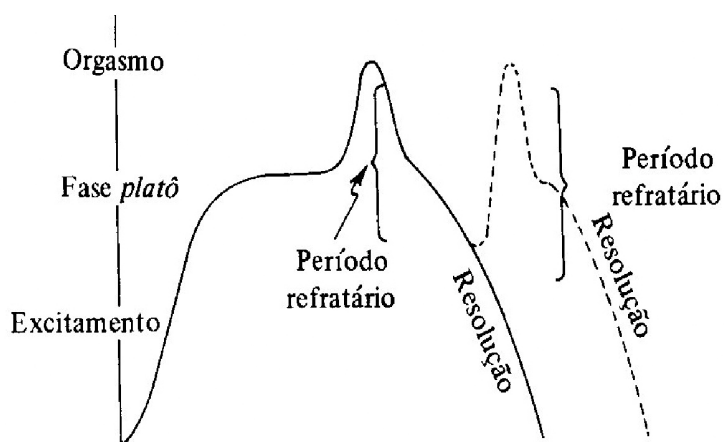


Fig. 1-1  
O ciclo da resposta sexual masculina.

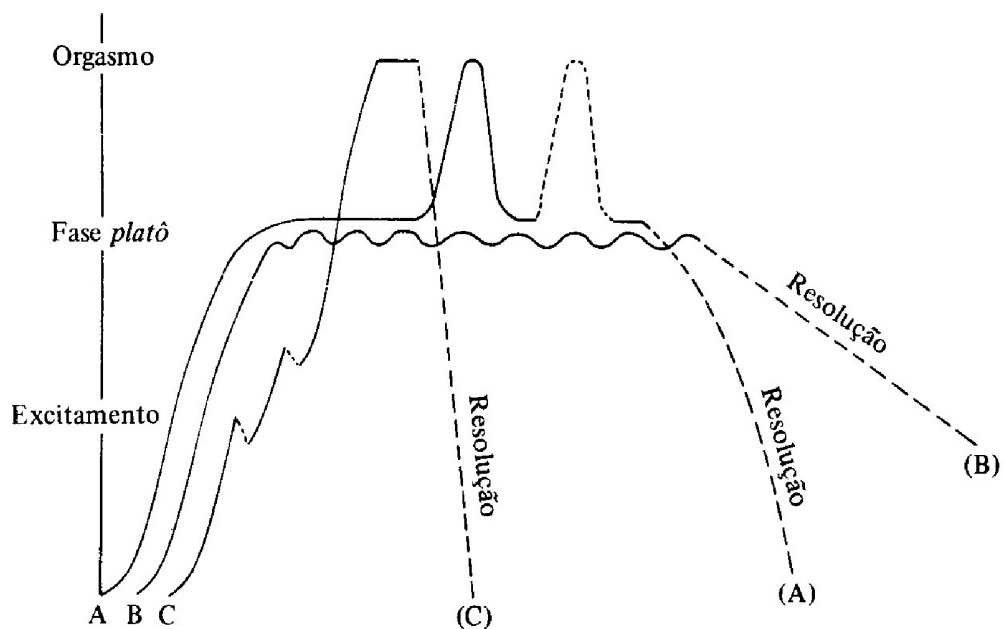


Fig. 1-2  
O ciclo da resposta sexual feminina.

**ANEXO 9: FIGURA em “A RESPOSTA SEXUAL HUMANA”**  
**(Ciclo de resposta sexual do homem e da mulher)**  
**Primeiro Relatório Masters & Johnson**

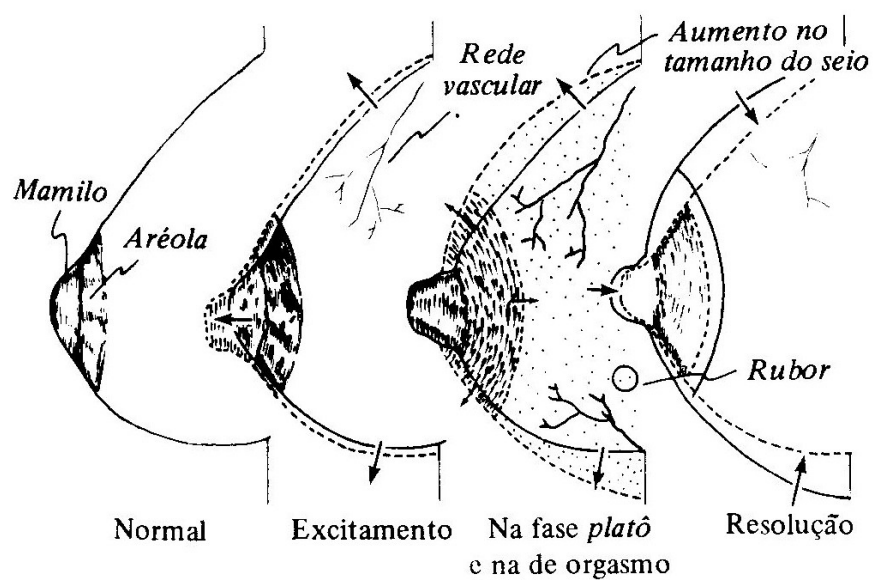


Fig. 3-1

Os seios no ciclo da resposta sexual feminina.

**ANEXO 10: FIGURA em “A RESPOSTA SEXUAL HUMANA”  
Primeiro Relatório Masters & Johnson**

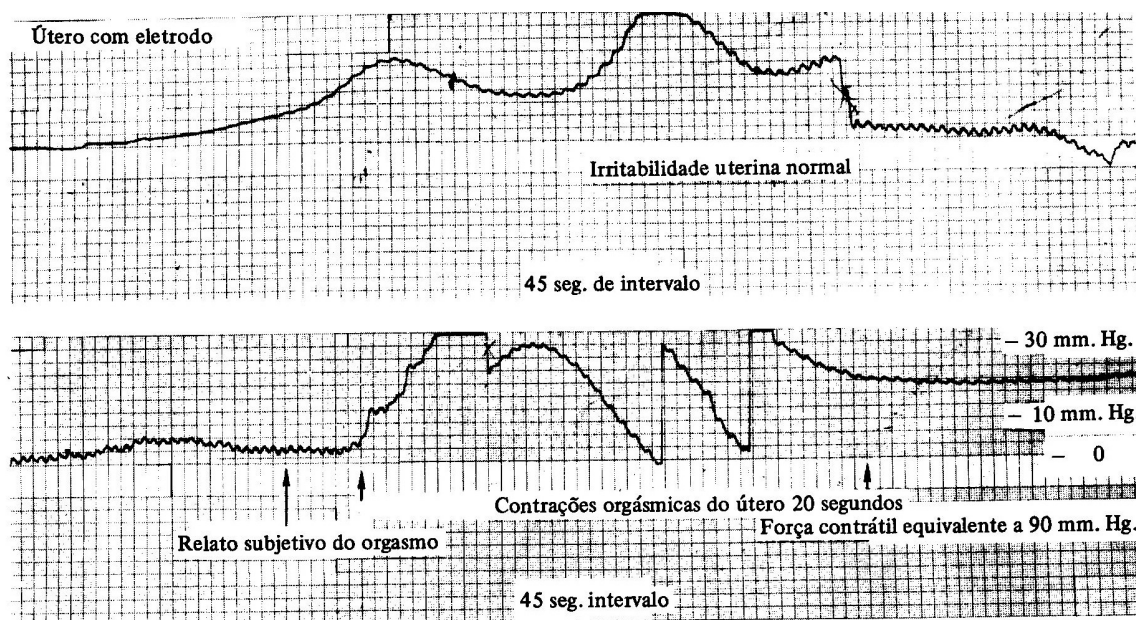


Fig. 8-2  
Contração uterina no orgasmo (elétrodo intra-uterino).

**ANEXO 11: FIGURA em “A RESPOSTA SEXUAL HUMANA”  
Primeiro Relatório Masters & Johnson**

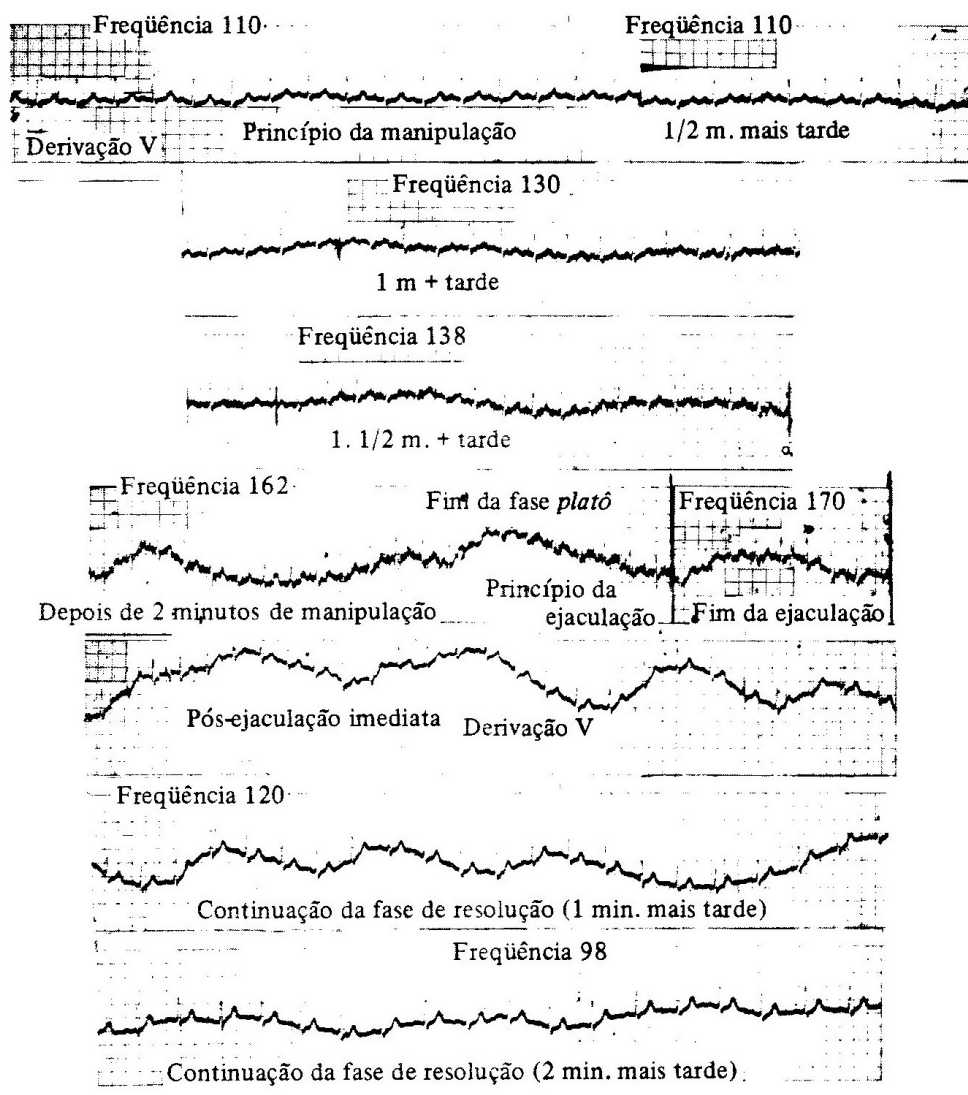


Fig. 11-1

eletrocardiograma de um voluntário (Derivação V): frequências cardíacas durante a estimulação sexual.

## ANEXO 12: FIGURA em “A RESPOSTA SEXUAL HUMANA” Primeiro Relatório Masters & Johnson

TABELA 12

*Sumário do Índice de Fracassos*

Queixa	N	F	IFI (%)	TR	IGF (%)
Impotência primária	32	13	40,6	0	40,6
Impotência secundária	213	56	26,2	10	30,9
Ejaculação prematura	186	4	2,2	1	2,7
Incapacidade ejaculatória	17	3	17,6	0	17,6
Totais masculinos	448	76	16,9	11	19,4
Disfunção orgásmica primária	193	32	16,6	2	17,6
Disfunção orgásmica circunstancial	149	34	22,8	3	24,8
Totais femininos	342	66	19,3	5	20,8
Totais masculinos e femininos	790	142	18,9	16	20,0

N = unidades conjugais encaminhadas para tratamento.  
 F = fracasso de tratamento imediato.  
 IFI = índice de fracasso inicial.  
 TR = tratamento de reversão.  
 IGF = índice geral de fracasso.

**ANEXO 13: TABELA em "A INADEQUAÇÃO SEXUAL HUMANA"**  
**Segundo Relatório Masters & Johnson**

**QUADRO 2-1**  
*Distribuição por idade, de 382 indivíduos femininos do grupo pesquisado\**

IDADE	NÚMERO SELECIONADO	Nº ENTREVISTADO
18 – 20	2	2
21 – 30	182	
31 – 40	137	460
41 – 50	27	
	} – 346	
51 – 60	23	
61 – 70	8	157
71 – 80	3	
	} – 34	
<b>TOTAIS</b>	<b>382</b>	<b>619</b>

\* Não foram incluídos os dados colhidos entre prostitutas.

Embora até o presente momento da população pesquisada seja feminina, 312 homens cooperaram com o programa, pelo menos em uma ocasião (Quadro 2-2).

**QUADRO 2-2**  
*Distribuição, por idade, de 312 indivíduos masculinos do grupo pesquisado\**

IDADE	NÚMERO SELECIONADO	Nº ENTREVISTADO
21 – 30	120	
31 – 40	111	409
41 – 50	42	
	} – 273	
51 – 60	19	
61 – 70	14	245
71 – 80	4	
81 – 90	2	
	} – 39	
<b>TOTAIS</b>	<b>312</b>	<b>654</b>

\* Não figuram dados referentes a prostituídos.

#### ANEXO 14: QUADRO em “A INADEQUAÇÃO SEXUAL HUMANA” Segundo Relatório Masters & Johnson



## Análise Estatística das Respostas (por capítulo)

### MASTURBAÇÃO

*Quantas mulheres se masturbam neste estudo\**

	TOTAL DA POPULAÇÃO	SE MASTURBAM	NÃO RESPONDERAM (PODEM SE MASTURBAR OU NÃO)	NÃO SE MASTURBAM
Q.I :	690	562 (81%)	23 (4%)	106 (15%)
Q.II :	919	743 (81%)	31 (3%)	145 (16%)
Q.III:	235	200 (85%)	11 (5%)	24 (10%)
	1.844	1.505 (82%)	64 (3%)	275 (15%)

\* Só foram analisados estatisticamente respostas aos questionários I, II e III (total de 1844 mulheres), embora também tenham sido incluídas no texto citações das respostas ao questionário IV, perfazendo um total de 3000 mulheres. O Questionário IV foi distribuído quando ainda estava sendo feita a tabulação dos resultados. Além disso, não foram incluídas nas estatísticas respostas de mulheres que haviam lido *Sexual Honesty*, já que poderiam ter sido influenciadas pelo que as outras mulheres haviam dito, mas às vezes foram incluídas no texto citações dessas respostas.

*Quantas mulheres chegam ao orgasmo durante a masturbação*

	GOZAM DURANTE A MASTUR- BAÇÃO	NÃO GOZAM DURANTE A MASTUR- BAÇÃO	NÃO RESPONDERAM	TOTAL DA POPULAÇÃO QUE SE MASTURBA
Q.I :	542	1	19	562
Q.II :	714	5	24	743
Q.III:	193	2	5	200
Totais	1.449	8	48	1.505
				454

*Análise estatística dos dados obtidos* 1277

**Amostragens especiais**

Leram o *Relatório Hite*

Anônimos					
16%	32%	4%	5%	4%	16%
2%	5%	3%	4%	5%	4%
Não-anônimos					
20%	35%	3%	0%	1%	11%
1%	3%	9%	5%	5%	7%
Revistas para homens					
Anônimos					
26%	41%	9%	1%	6%	2%
1%	6%	1%	2%	4%	1%
Não-anônimos					
31%	44%	5%	0%	5%	4%
1%	4%	0%	3%	1%	2%

---

**“Quando faz amor, você não gosta de fazer todo o ‘trabalho’ ou gosta de liderar?”**

---

**Amostragem geral**

Anônimos

Não-anônimos

<i>Preferem a liderança</i>	<i>É legal de qualquer jeito</i>	<i>O trabalho deveria ser dividido igualmente</i>	<i>Não gosto</i>	<i>Preferem a liderança</i>	<i>É legal de qualquer jeito</i>	<i>O trabalho deveria ser dividido igualmente</i>	<i>Não gosto</i>
26%	3%	47%	24%	28%	1%	42%	29%

**Amostragens especiais**

Responderam a outro homem

30%	12%	43%	15%	27%	15%	48%	10%
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

---

**“Você quer sempre fazer intercuro, ou às vezes você faz porque lhe parece que é o que a outra pessoa está esperando?”**

---

**Amostragem geral**

Anônimos

Não-anônimos

<i>Quero sempre</i>	<i>Às vezes, porque é o que esperam de mim</i>	<i>Quero sempre</i>	<i>Às vezes, porque é o que esperam de mim</i>
71%	29%	68%	32%

**Amostragens especiais**

Responderam a outro homem

75% 25%

Leram o *Relatório Hite*

80% 20%

84% 16%

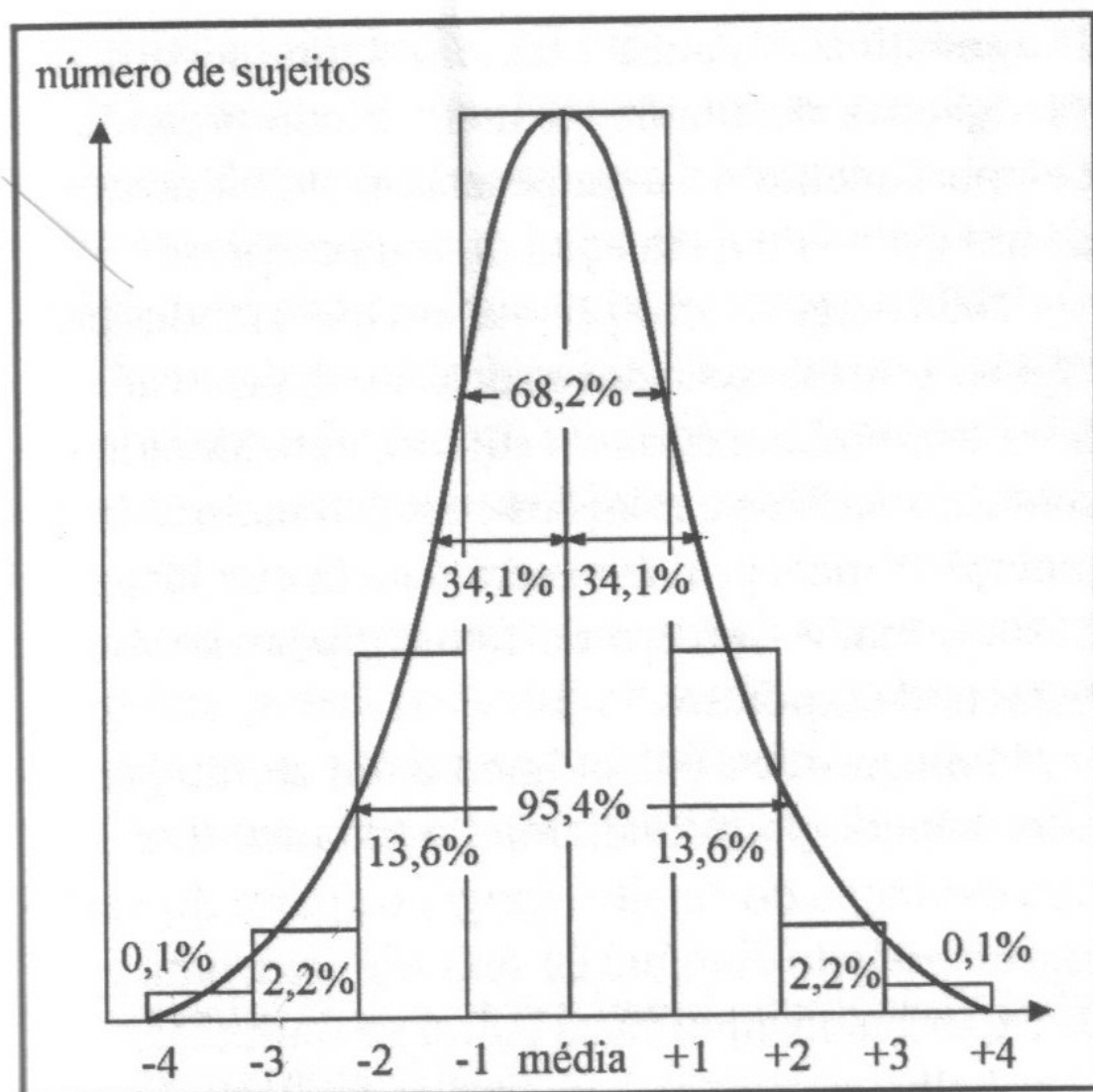
Militares

74% 26%

Revistas para homens

57% 43%

**ANEXO 16: TABELAS em “O RELATÓRIO HITE de Sexualidade Masculina”**



*O desvio-padrão está representado na figura pela distância que separa o ponto de inflexão da curva em sino de seu eixo de simetria.*

#### ANEXO 17: Curva de distribuição normal